

UNIVERSIDADE FEEVALE
PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS
DOUTORADO EM PROCESSOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS
LINHA DE PESQUISA EM LINGUAGENS E PROCESSOS COMUNICACIONAIS

POLIANA SOARES

**CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE SOCIAL E CULTURAL DA
TRADUÇÃO**

Novo Hamburgo

2023

POLIANA SOARES

**CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE SOCIAL E CULTURAL DA
TRADUÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais como requisito para a obtenção do título de Doutora em Processos e Manifestações Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Ernani Mügge

Coorientador: Prof. Dr. Gerson Neumann

Novo Hamburgo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Soares, Poliana

Carolina Maria de Jesus: uma análise social e cultural da tradução / Poliana Soares – 2023.

207 f. : il. ; 30 cm

Orientador: Prof. Dr. Ernani Mügge

Coorientador: Prof. Dr. Gerson Neumann

Tese (Doutorado) – Universidade Feevale – Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais, Novo Hamburgo, 2023.

1. Carolina Maria de Jesus. 2. Cultura. 3. Literatura Comparada. 4. Meu Estranho Diário. 5. Tradução. Crítica do Discurso. I. Mügge, Ernani, orient. II. Neumann, Gerson, coorient. III. Título.

CDU 659.3

CDD 302.2

Bibliotecária responsável
Lizete Flores da Silva CRB10/2724

POLIANA SOARES

Tese de título CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE SOCIAL E CULTURAL DA TRADUÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais como requisito para a obtenção do título de Doutora em Processos e Manifestações Culturais.

Aprovado em 27 de fevereiro de 2023.

Componentes da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ernani Mügge
Universidade Feevale

Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Juracy Ignez Assmann Saraiva
Universidade Feevale

Prof. Dra. Márcia Moura da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Raffaella Andréa Fernandez
Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA

Dedicatória

Dora, Isaura, Emilia, Teresinha e Marina...

Ana, Rita, Joana, Iracema e Carolina...

Laura, Lígia, Luma, Lucineide, Luciana...

Ernestina, Dorcelíria, Edith, Aurora, Glanir...

Janete, Marilene, Deise, Clarita e Yonah ...

AGRADECIMENTOS

Agradeço as mulheres de minha família que são sinônimos de coragem e determinação desde a ancestralidade.

Agradeço aos meus professores e professoras desde meu ensino básico até o presente momento, pois sem eles eu não teria despertado para a leitura, para a literatura e para as línguas.

Agradeço a Universidade Feevale pelo apoio financeiro, pelas oportunidades e pela confiança a mim depositadas nesses anos de pós-graduação. Agradeço a todos os pesquisadores do PPG em Processos e Manifestações Culturais pela troca de saberes. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, pelo qual também sou grata.

Agradeço a Profa. Dra. Elzira Divina Perpétua que prontamente me acolheu por e-mail e me presenteou com seu livro, na época, esgotado. Ao receber um exemplar com dedicatória de uma das pesquisas pioneiras sobre Carolina Maria de Jesus, pude me certificar acerca de minhas escolhas acadêmicas.

Agradeço à Biblioteca da Universidade de Miami, pela digitalização e pelo envio dos materiais doados pela família do brasilianista Robert M. Levine (*in memoriam*), que corroboraram a base desta pesquisa.

Agradeço a profa. Dra. Raffaella Andréa Fernandez pelo acolhimento caloroso, pelo compartilhamento das ideias, eventos, livros, materiais etc. Pelo entusiasmo contagiante sobre Carolina Maria de Jesus e por ser uma ponte entre os pesquisadores e pesquisadoras Carolinianos, dos quais muitos também auxiliaram na construção desta tese, bem como me permitiram participar da elaboração de suas pesquisas, traduzindo em ações o efeito Carolina de ser. Por essas experiências também agradeço.

Agradeço, em especial, ao prof. Dr. Ernani Mügge e a profa. Dra. Marinês Andrea Kunz, meus orientadores, pelo apoio na construção de minhas ideias, pelas leituras e suporte em todos os momentos. Agradeço, na mesma medida, ao meu coorientador Gerson Roberto Neumann, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, pela disposição de participar de minha formação e pelas contribuições.

Agradeço, sem medidas, a minha família, Yonah e Mateus.

Agradeço a vida! Muito obrigada! *Thank you so much!*

*“Ninguém vai apagar as palavras que
escrevi.”*

Carolina Maria de Jesus

*“Na avenida deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar*

*Quebrei a cara e me livreí do resto dessa vida
Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar”*

Elza Soares

RESUMO

A pesquisa se insere na área dos estudos da cultura, através do programa interdisciplinar de pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais. O tema é a relação entre os estudos da Cultura e da Tradução no âmbito literário e nas linguagens comunicacionais à luz dos estudos de Bassnett (1998, 2014) e Lefevere (1982, 2016). A tese desenvolvida é de que as traduções para a língua inglesa dos diários de Carolina Maria de Jesus, quais sejam, *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e *Meu Estranho Diário*, são parte fundamental dos fatores responsáveis pela visibilidade e promoção das obras e da autora, alterando o lugar de fala e a identidade da autora-personagem através de uma nova enunciação. Tais manobras comprovam o súbito sucesso mundial da época e o despertar atual, porém, sob perspectivas opostas, dados os contextos sociopolíticos. O objetivo é demonstrar, através da literatura comparada, que as traduções expressam e preservam diferentes estratégias de tradução. Para tal, a tese investiga paratextos, reportagens nacionais e internacionais dos principais periódicos impressos brasileiros e estrangeiros; relaciona e atualiza a lista de traduções das obras da autora; e analisa as três traduções, *Child of the Dark*; *I'm Going to Have a Little House* e *The Unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*, comparando as estratégias e escolhas tradutórias, com ênfase analítica na tradução de *Meu Estranho Diário* sob a ótica dos estudos da cultura. Os resultados abrem espaço para a discussão de novas estratégias de tradução e convergem para o entendimento das versões como adequadas aos objetivos escolhidos pelos tradutores, além de corresponsáveis pela construção de diferentes representações da autora no Brasil e no Exterior.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Cultura. Literatura Comparada. Meu Estranho Diário. Tradução.

ABSTRACT

The research is part of the area of cultural studies, through the interdisciplinary graduate program in Processes and Cultural Manifestations. The theme is the relationship between Culture and Translation studies in the literary field and in communication languages through Bassnett's studies (1998, 2014) e Lefevere (1982, 2016). The thesis developed is that the translations into English of Carolina Maria de Jesus' diaries, namely, *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* and *Meu Estranho Diário*, are a fundamental part of the factors responsible for the visibility and promotion of the works and the author, changing the place of speech and the identity of the author-character through a new enunciation. Such movements prove the sudden worldwide success of the time and the current awakening, however, from opposite perspectives, given the sociopolitical contexts. The aim is to demonstrate, through comparative literature, that translations express and preserve different translation strategies. To this end, the thesis investigates paratexts, the national and international reports of the main Brazilian and foreign printed periodicals; it lists and updates the list of translations of the author's works, and analyzes the three translations, *Child of the Dark*; *I'm Going to Have a Little House* and *The Unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*, comparing translation strategies and choices, with an analytical emphasis on the translation of *Meu Estranho Diário* from the perspective of cultural studies. The results open space for the discussion of new translation strategies and converge to the understanding of the versions as adequate to the objectives chosen by the translators, in addition to being co-responsible for the construction of different representations of the author in Brazil and abroad.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Culture. Comparative Literature. The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus. Translation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Traduções das Obras de Carolina Maria de Jesus	84
Quadro 2: Manchetes sobre Quarto de Despejo	96
Quadro 3: Resultado da Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.....	100
Quadro 4: Resultado da Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional – São Paulo.....	105
Quadro 5: Resultado da Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Minas Gerais	108
Quadro 6: Datas de publicação no Brasil e nos EUA.....	111
Quadro 7: Adaptação das estruturas sintáticas e do léxico.....	147
Quadro 8: Explicações em colchetes	150
Quadro 9: Termos do Glossário de The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus	151
Quadro 10: Diferentes traduções para a mesma palavra	155
Quadro 11: Entradas dos Diários editadas em The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus.....	159
Quadro 12: Equívocos de Tradução	163

SUMÁRIO

1 MEU SONHO É ESCREVER... (INTRODUÇÃO).....	11
2 MUITO BEM, CAROLINA!.....	31
2.1 CAROLINA É BITITA.....	33
2.2 CAROLINA MARIA É POETISA.....	54
2.3 CAROLINA MARIA DE JESUS É ESCRITORA NA “ÍNCLITA” SÃO PAULO.....	76
3 OS DIÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS PELA CRÍTICA NACIONAL E ESTRANGEIRA.....	82
3.1 A HEMEROTECA DIGITAL E O ACERVO INTERNACIONAL.....	98
3.2 AS TRADUÇÕES EM LÍNGUA INGLESA: CONTEXTOS E INFLUÊNCIAS.....	109
3.2.1 <i>Quarto de Despejo: diário de uma favelada e Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus.....</i>	<i>112</i>
3.2.2 <i>Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada e I’m going to have a little house.....</i>	<i>126</i>
3.2.3 <i>Meu Estranho Diário e The Unedited diaries of Carolina Maria de Jesus.....</i>	<i>129</i>
4 TRADUÇÃO - ANÁLISE E ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS EM <i>THE UNEDITED DIARIES OF CAROLINA MARIA DE JESUS</i>.....	135
4.1 OS PARATEXTOS: ALIADOS DA RECEPÇÃO E DA TRADUÇÃO.....	139
4.2 AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO E TRAIÇÃO DO TEXTO.....	142
4.2.1 <i>Manter-se fiel aos originais?.....</i>	<i>142</i>
4.2.2 <i>Adaptação das estruturas sintáticas e do léxico.....</i>	<i>147</i>
4.2.3 <i>A explicação ou complementação entre colchetes [] e glossário.....</i>	<i>150</i>
4.3 ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO E REESCRITA.....	153
4.3.1 <i>Diferentes traduções para a mesma palavra.....</i>	<i>154</i>
4.3.2 <i>Supressões, omissões e escolhas editoriais.....</i>	<i>158</i>
4.3.3 <i>Equívocos.....</i>	<i>163</i>
4.3.4 <i>A reescrita dos poemas de Carolina Maria de Jesus.....</i>	<i>165</i>
5 OS PÁSSAROS CANTAM NA LINGUAGEM CERTA.....	171
REFERÊNCIAS.....	178
ANEXO A – REPORTAGENS SOBRE CAROLINA MARIA DE JESUS E SUA VIDA EM PARELHEIROS.....	191
ANEXO B – REPORTAGENS SOBRE O LIVRO DE MEMÓRIAS.....	193
ANEXO C – REPORTAGEM, DE 1960, NA QUAL CAROLINA MARIA DE JESUS COMENTA QUE A MÃE QUEIMOU SEU PRIMEIRO CADERNO.....	195

ANEXO D – PRIMEIRA REPORTAGEM E PUBLICAÇÃO DE CAROLINA MARIA DE JESUS - 1940	196
ANEXO E – SEGUNDA REPORTAGEM E PUBLICAÇÃO DE CAROLINA MARIA DE JESUS – 1942.....	197
ANEXO F – REPORTAGENS A PARTIR DE 1950 A 1955 – PUBLICAÇÃO DE POEMAS	198
ANEXO G – REPORTAGEM TIME, DE DAVID SAINT-CLAIR.....	200
ANEXO H – CAROLINA DE JESUS PROCESSARÁ “TIMES”	201
ANEXO I – CRÍTICA NO THE NEW YORK TIMES.....	202
ANEXO J – CRÍTICA NO THE TIMES, LONDRES.....	203
APÊNDICE A – DIÁRIO DE 1966 – TRADUÇÃO.....	204

1 MEU SONHO É ESCREVER...

“Ah! Comigo o mundo vai modificar-se,
não gosto do mundo como ele é.”

Carolina Maria de Jesus

“- Eu também não, Carolina! Não gosto do mundo como ele é, e te digo que, nos últimos anos, tua franqueza e teu olhar crítico sobre nossa sociedade, nossa política, saúde e gestão socioeconômica nos faz falta. Por isso, quando te conheci, senti que havia em mim um dever moral de dizer a verdade, mesmo sabendo que minhas palavras não teriam o mesmo impacto das tuas. E, depois de longos anos de preparo, enfim, achei que era o momento. E que momento!”

Com a licença poética, permito-me iniciar a tese com um de tantos diálogos que travei com Carolina Maria de Jesus em meus pensamentos, neste processo de pesquisa, tentando compreendê-la e fazer jus às suas produções e contribuir com sua fortuna crítica, de modo significativo.

Grandes nomes da literatura brasileira, para citar as mulheres, como, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Teles, Cecília Meireles, por exemplo, acompanham o desenvolvimento de crianças e adolescentes durante o período da formação de novos leitores, pois têm sua obra difundida e institucionalizada. Carolina Maria de Jesus ainda segue uma via oposta, sendo descoberta por acaso, ou por uma busca específica, sem ainda pertencer naturalmente a essa lista necessária de renomadas escritoras. Para problematizar, faço breve comparação de alguns aspectos entre as escritoras Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, reservadas as particularidades dos estilos: ambas nascidas na década de 1920, iniciaram as escritas literárias cedo, em fevereiro de 1940, Carolina Maria era notícia no jornal *Folha da Manhã*, junto a um de seus poemas, *O Colono e o Fazendeiro*¹, e, em maio do mesmo ano, Clarice também fazia a primeira colaboração na imprensa, publicando o conto *Triunfo*, na revista *PAN*²; ambas publicaram livros nos anos de 1960³ e 1961⁴, pela mesma editora, a Francisco Alves, inclusive participaram dos lançamentos uma da outra, e, fatidicamente faleceram em 1977. Não

¹ AURELI, Willy. Carolina Maria, poetiza preta. *Folha da Manhã*. a. XV, n. 4.898, p. III, fev. 1940. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=21600&anchor=141712&origem=busca&originURL=&pd=e3b5eb6743993cece51b74eeb39b5ff6>>. Acesso em: out. 2021.

² O exemplar foi doado ao acervo do IMS, em 2015, pelo filho da escritora, Paulo Gurgel Valente. Disponível em: <<https://ims.com.br/por-dentro-acervos/triunfo-a-estrela-de-clarice-na-imprensa/>>. Acesso em: jan. 2022.

³ *Quarto de Despejo* e *Laços de Família*, Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector, respectivamente.

⁴ *Casa de Alvenaria* e *A Maçã no Escuro*, Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector, respectivamente.

bastassem as datas coincidentes, existe nelas a mesma necessidade de escrever e atribuição nos pensamentos⁵, a mesma figura que destoa do ambiente pelo olhar marcante, além da necessidade de experimentar a arte para além da literatura⁶.

Na revista *Manchete*, em 5 de agosto de 1961, o jornalista Paulo Mendes Campos eternizou a relação entre as escritoras, através da transcrição de um “esplêndido diálogo” (CAMPOS, 1961, p. 43), o qual teria originado o icônico registro fotográfico (Figura 1), ocorridos na ocasião da publicação de *Quarto de Despejo*, quase um ano antes dessa reportagem, conforme seguem:

A autora de “Quarto de Despejo” autografou um livro seu para Clarice com a seguinte dedicatória”:

“À ilustrada e culta escritora Clarice Lispector desejo felicidades na vida.”

– Ah, muito obrigada. Gostei da dedicatória.

– Botei felicidades porque é isso que importa pra gente, não é?

Clarisse é fã de Carolina. Tiraram juntas uma fotografia. Carolina:

– Tive olhando o seu livro: como você escreve elegante!

– E como você escreve verdadeiro, Carolina! (CAMPOS, 1961, p. 43).

Para ilustrar esse momento, segue o registro fotográfico:

Figura 1 – Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus



Fonte: Acervo IMS (1960).

⁵ Em entrevista, Clarice Lispector revela que, assim como Carolina Maria de Jesus, os versos lhe ocorriam a qualquer momento: “[...] de tarde no trabalho ou na faculdade, me ocorriam ideias e eu dizia: ‘Tá bem, amanhã de manhã eu escrevo.’[...] Já vem a frase feita. E assim, enquanto eu deixava ‘para amanhã’, continuava o desespero toda manhã diante do papel em branco. E a ideia? Não tinha mais. Então, eu resolvi tomar nota de tudo o que me ocorria. E contei ao Lúcio Cardoso, que então eu conheci, que eu estava com um montão de notas assim, separadas, para um romance. Ele disse: ‘Depois faz sentido, uma está ligada a outra.’ Aí eu fiz. Estas folhas ‘soltas’ deram *Perto do Coração Selvagem*” (LISPECTOR, 2015, p. 109-10, grifo meu).

⁶ Carolina Maria de Jesus experimentou a arte circense e a música, enquanto Clarice Lispector escolheu a pintura entre os anos de 1975 e 1976.

Nos dias de hoje, novamente, elas dividiram o espaço no Instituto Moreira Sales - IMS, na cidade de São Paulo, com exposições simultâneas sobre suas carreiras e obras. Nesse sentido, Clarice Lispector praticamente dispensa apresentação, mas por que, então, Carolina Maria de Jesus ainda é pouco lida e (re)conhecida? De imediato, possíveis repostas ecoam nos pensamentos, mas, por enquanto, esta é a intenção ao indagar sem, todavia, alcançar respostas. Não há explicação que sozinha se baste, mas há um caminho que leva à compreensão e ao desejo de mudança e reparação destas constatações.

Para exemplificar essa distância entre Carolina Maria de Jesus e os leitores, relato minha experiência: considero que a conheci tardiamente, no último ano da Graduação em Letras (2014), quando recebi o compartilhamento das obras para o *download* em uma rede social. Acessei o ambiente, li rapidamente alguns trechos e fiquei muito intrigada com os materiais, os conteúdos dos diários, as inúmeras traduções, a estética, tudo tão revolucionário, principalmente para a época.

Ao me colocar a par sobre o tema, percebi os pequenos gatilhos que nos apartaram e que a distanciaram da sociedade brasileira em geral, entre eles, o estilo da escrita, o gênero, a raça e a condição social, questões que respondem parcialmente a pergunta anterior. Também fui dissuadida e até boicotada no meio acadêmico por pesquisar literatura marginal e popular, chegando ao ponto de questionar minhas aptidões para tratar do assunto. Mas o *best-seller* da escritora fez com que, a cada nova leitura, eu compreendesse a gênese, o sucesso, o esquecimento e o tão necessário retorno. Afinal, o que nos separou, na mesma medida, dividiu milhares de opiniões mundo afora e, paradoxalmente, são os mesmos motivos que me fizeram resistir e insistir nesta pesquisa: a literatura, a mulher, a negra e a periferia.

Carolina Maria de Jesus é autora de diversas obras, mais conhecida na academia pelo primeiro livro publicado, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), alvo de críticas e elogios, após ser “descoberta” pelo repórter Audálio Dantas (1929 - 2018). Diversas teses buscaram nas obras e nos manuscritos a presença da literariedade para afirmá-la como escritora, e, nesta constante busca, foi-se muito além da descoberta de relatos sociais, denúncias, escrita autobiográfica. Encontraram faces de uma mesma Carolina Maria de Jesus fragmentada em meio à escrita criativa e ao processo literário sutilmente representadas em cada linha, verso ou estrofe das milhares de folhas manuscritas que resistem à ação do desgaste do tempo, do esquecimento e da falta de respeito à memória e à história do país, que se esvai, literalmente,

em pó, a cada incêndio, a cada naufrágio, a cada desabamento do patrimônio histórico, artístico e cultural do Brasil⁷.

O sucesso repentino e a tradução de textos para aproximadamente 19 línguas não estão somente atrelados à qualidade ou peculiaridade da escrita. A curiosidade pelo desconhecido à margem, pelo diferente e exótico possibilitou que a realização do sonho de ser escritora alcançasse uma proporção mundial e, depois, a nulidade.

Mais de sessenta anos após a primeira edição de *Quarto de Despejo*, o livro e a inquietante artista são novamente repatriados, trazidos de volta para os holofotes das mídias e despertam o interesse das editoras. Este processo de retorno literário e artístico às prateleiras das livrarias, agora, virtuais, e aos corredores das universidades do país – nos quais pouco circulou quando em vida –, está associado aos motes que a afastaram de tudo isso na década de 1960: o contexto sociopolítico e cultural que o Brasil atravessou e atravessa nas últimas décadas. Em um cenário de crise econômica e sanitária, de desigualdades sem fim, de abismos entre as classes sociais, ignorado pelos governos descontroladamente corruptos e conservadores, acentuam-se os movimentos e as organizações em prol da dignidade, do respeito, da sobrevivência e da resistência. É em meio a esse panorama que Carolina Maria de Jesus, assim como Conceição Evaristo, Jeferson Tenório, Dijamila Ribeiro, Ryane Leão, e outros tantos artistas e escritores negros ou populares, volta a protagonizar a literatura, pois sua obra é uma alegoria de nossa sociedade atual.

Ao olhar para trás, nesse sentido, percebo a década de 1960 marcada por diversos acontecimentos no país e no mundo. Movimentos de esquerda começaram a ganhar força, assim como movimentos culturais e sociais ligados aos grupos minoritários como, negros e mulheres. A capital federal, Brasília, é inaugurada e o país vive um período de industrialização que vai auxiliar não apenas o desenvolvimento econômico, mas também o aumento de migrações para as grandes capitais, o crescimento da população desamparada e que passa a viver nas margens, dando início às favelas na cidade São Paulo, realidade que, desde então, agrava-se na capital mais rica do país.

Nesse período, identificou-se que 10,7% das famílias eram chefiadas por mulheres, entre as quais, 8,5% eram mulheres negras e, quase a totalidade, na configuração monoparental

⁷ Em 2018, no Rio de Janeiro, o Museu Nacional foi completamente destruído por um incêndio. E, em 2022, prédios e casarões históricos em Minas Gerais desapareceram após deslizamentos de terras; e a Canoa de Tolda Luzitânia, tombada pelo IPHAN, naufragou nas águas do Rio São Francisco – SE, sem apoio financeiro para resgate e restauração. Fatalidades previstas há anos que não receberam atenção e respeito e enterraram as memórias brasileiras.

(GOLDANI, 2005). Entre essas estatísticas, inserir-se-ia Carolina Maria de Jesus, no entanto, em 1960, ela estava para além da linha da pobreza, e os recenseamentos não especificavam com clareza o perfil dos entrevistados, mas certamente não incluíram os trabalhadores e trabalhadoras da periferia.

As pesquisas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA confirmam o contínuo crescimento desses índices, pois 40,5% dos lares brasileiros eram chefiados por mulheres e 41,1% por mulheres negras (BRASIL, 2015). Os indicadores de desigualdade e as configurações das famílias mudaram, e esses números, hoje, podem representar um saldo positivo na participação das mulheres, principalmente das mulheres negras, na economia e na sociedade brasileira. Por outro lado, o aumento da população de rua, principalmente na capital paulista, em recente recenseamento, mostra que “do total de pessoas em situação de rua na capital paulista, 70,8% são pretas ou pardas” e “16,6% são mulheres” (ALBUQUERQUE, 2022, *on-line*), dados que tornam flagrante a atualidade de Carolina Maria de Jesus.

A escritora, nesse viés, representa a resistência feminina e negra em um país de raízes fortemente sustentadas pelo patriarcalismo, pelo colonialismo e pela misoginia, herdados das práticas segregacionistas perpetuadas pelos costumes da Família Real que aqui desembarcou. O tempo transcorrido entre a chegada dos europeus e o dia de hoje não foi suficiente para que a cultura e a identidade que alimentaram a caricatura do patriotismo brasileiro, da nação sem preconceitos, do país da liberdade fossem destituídas. Da mesma maneira, as diligências para restabelecer práticas sociais e políticas públicas que devolvam à sociedade a dignidade da pessoa humana se multiplicam diariamente. E é por meio das práticas culturais que as comunidades carentes iniciam o caminho da transformação. Por isso, a representatividade de Carolina Maria de Jesus é necessária, pois permite que a maior parte da população do país, as mulheres, passe a reconstruir-se em um novo contexto social, econômico e político, pela identificação e pelo pertencimento, contribuindo com o desenvolvimento dessas instâncias, inclusive pela literatura.

Nascida no interior do estado de Minas Gerais, na cidade de Sacramento, em 14 de março de 1914⁸, sua vida e suas obras nas últimas décadas têm recuperado o interesse dos pesquisadores do Brasil e intensificado as publicações e pesquisas também no exterior.

⁸ Esta é a data que consta em seu Registro Civil de Nascimento, já na Certidão de Batismo da Paróquia Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento, a data é 6 de outubro de 1915. Em suas memórias de infância, a autora comenta ter seis anos em 1927, quando o avô faleceu. Reportagens citam o ano de 1913. Não se sabe a

Para situar este estudo no universo da recepção e da tradução, pesquisei sobre sua fortuna crítica e o estado de sua arte em dois momentos: para a formulação do projeto de tese e, depois, para atualizar as informações encontradas após passados dois anos de pesquisa e estudo. Em recente busca no banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), utilizando para pesquisa o termo “Carolina Maria de Jesus”, o resultado foi de vinte e sete teses compreendidas entre o período de 2000 a 2021. Entre as temáticas abordadas, temos a representação do imaginário; o estudo de obras não publicadas; a abordagem racial; a análise do processo criativo; a estética literária; a escrita de si; a violência; a exclusão; bem como a literatura periférica e, em menor incidência, a tradução e a recepção. Sobre os últimos temas, resultaram apenas duas pesquisas: a primeira tese realizou uma análise da representação da identidade afrodescendente correlacionada aos Estudos de Tradução Intercultural, mas infelizmente não está autorizada a divulgação (PONTES, 2015). E, a segunda tese, publicada em livro no centésimo aniversário de Carolina Maria de Jesus, analisou as obras da autora “com o objetivo de mostrar e comparar as motivações da apresentação do diário de Carolina em outras culturas” (PERPÉTTUA, 2014, p. 33), utilizando como objeto de pesquisa os paratextos das traduções do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, discorre sobre a recepção e a imagem que se transmitiu da autora-personagem no estrangeiro.

Em uma busca livre no *site* de pesquisas *Google*, utilizando os termos “Carolina Maria de Jesus + tradução” e “Carolina Maria de Jesus + recepção + tradução”, o resultado é limitado e se direciona para artigos das mesmas autoras de dissertações e teses aqui citadas. No entanto, ressalto o artigo *A tradução francesa da linguagem compósita de Carolina Maria de Jesus*, que estuda “os textos de acompanhamento e a verbalização da linguagem compósita de Carolina Maria de Jesus em francês” (SOUSA, 2011, p. 121) e analisa as estratégias tradutórias.

Em contrapartida, atualizando os resultados obtidos em minha primeira pesquisa, percebi que, desde 2019, quando iniciei a tese, houve um aumento de artigos acadêmicos, entrevistas e artigos de opinião, além de trabalhos de conclusão de cursos voltados para o eixo Carolina Maria de Jesus e tradução. Entre as recentes contribuições, é importante citar o artigo da professora Dra. Ana Cláudia dos Santos São Bernardo, da Universidade de Minnesota, nos EUA, sob o título *A construção do outro nas edições e traduções da obra de Carolina Maria de Jesus*. A crítica debate sobre o poder da representação e a manipulação

data ao certo, lembrando que o seu registro de nascimento em cartório foi feito já na vida adulta, em 1934, visto que tal ofício só foi implementado no Brasil em 1916, pelo Código Civil, provavelmente, chegando a sua cidade de nascimento muitos anos depois (CASTRO, 2007).

no processo de publicação a partir da comparação entre as estratégias de tradução das edições de Quarto de Despejo (1960); *Child of the dark* (2003 [1962]), traduzido por David Saint-Clair; Meu estranho diário (1996) e *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (1999), traduzido por Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrtens (BERNARDO, 2019). Parte dos objetivos desse artigo vão ao encontro desta tese.

Destaco, ainda, o recente artigo publicado pelo sociólogo e pesquisador francês, Christophe Brochier, da *Univesité Paris 8: Traduire Carolina Maria de Jesus*. Sua linha de pesquisa é voltada para o estudo da sociologia do trabalho e classes populares no Brasil e para a história intelectual brasileira⁹. O artigo analisa as traduções em francês e em inglês da referida obra, e “examina certas características das traduções publicadas na década de 1960, oferecendo uma crítica e alternativas de tradução a partir da consideração da dimensão pessoal da obra” (BROCHIER, 2021, p. 136).

E, pensando em estratégias de tradução, em abril de 2022, participantes e organizadores do SELCS¹⁰ Brazilian Translation Club, da *University College London*, no Reino Unido, em parceria com a pesquisadora Raffaella Andréa Fernandez, da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), desenvolveram *workshops* e eventos na área da tradução, no eixo português-inglês, e uma das propostas desenvolvidas se relacionava ao desenvolvimento de estratégias de tradução para a crônica *Favela* (JESUS, 2014a). O resultado foi publicado no artigo *Demystifying the Stigma in the Writings of Carolina Maria de Jesus: Translation strategies in translating “Favela”* (SILVA; ULIANA; FERNANDEZ, 2022), no qual os autores, além do contexto histórico e literário, apresentam uma tradução do texto para o inglês.

A nível de graduação, chama a atenção, pela escolha do tema, o trabalho de conclusão de curso *Traduzindo culturas? O olhar estrangeiro sobre o Quarto de Despejo*, da bacharela em Letras - Tradução, Luísa Arantes Bahia, que “tem como objetivo analisar as escolhas tradutórias presentes na versão para o inglês da obra *Quarto de Despejo*” (BAHIA, 2019, p. 10).

Muitas das teses dos últimos quinze anos foram publicadas em livros, devido à insuficiência de fontes de informação sobre a escritora e suas obras. Elas são pioneiras em estudos sobre as temáticas analisadas e corroboram a produção de material de pesquisa e

⁹ Conforme informações no *site*: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/christophe-brochier-discutira-o-nascimento-da-sociologia-brasileira-no-aniversario-de-85-anos-da-fespsp,b47807b155a5574443f253f886b6ace07ocn3zgu.html>>. Acesso em: ago. 2021.

¹⁰ *School of European Languages, Culture and Society*.

conhecimento. Os livros são a principal referência sobre Carolina Maria de Jesus e, alguns deles, como não poderia ser diferente, estão presentes nesta tese, sendo facilmente localizados na lista de referências.

Porém, por questões compreensíveis e justificáveis, os trabalhos apresentam informações similares no que tange ao contexto da vida da escritora, que está diretamente relacionado à produção dos diários, e, muitas vezes, não levaram em consideração a influência de aspectos históricos, ou desconheciam, na época, fatos sobre o processo de edição dos livros, e tomaram por verdade absoluta o que estava superficialmente na mídia, mantendo a posição de Carolina Maria de Jesus como uma revolucionária que denunciava as atrocidades do mundo suburbano da miséria em prol do coletivo.

Sua individualidade, seus reais motivos para escrever, sua *persona* dominante e as injustiças e preconceitos que sofreu durante toda a vida, muitas vezes, foram abordados sem grandes aprofundamentos nos estudos voltados para a tradução. Talvez pelo receio de desmistificar a imagem pré-concebida de “escritora negra favelada” e, com isso, diminuir o valor agregado à sua escrita, ou pela dificuldade de acesso a materiais. Contudo, o período atual favorece justamente à regeneração da identidade frente à crítica internacional e nacional, de retirar, mais uma vez, e por definitivo, Carolina Maria de Jesus do quarto de despejo da literatura brasileira.

Toda história tem um começo, todos os trabalhos anteriores, atuais e futuros são bem-vindos e necessários para que o conhecimento a respeito da autora e das obras se torne cada vez mais acurado. E não é objetivo desta tese criticar produções antecessoras, apenas sinalizar que há uma linha tênue entre o senso comum e a pesquisa científica no campo literário, muito difícil de não cruzar, pois sabemos que não há estudo imparcial e que todo posicionamento tem a postura ideológica do investigador. O desafio proposto é justamente demonstrar como essa linha foi cruzada diversas vezes, antes, durante e depois do primeiro sucesso de Carolina Maria de Jesus, através das traduções.

No âmbito de publicações não acadêmicas, registro a produção de duas biografias no ano de 2018. A primeira é a biografia escrita pelo jornalista, professor e biógrafo Tom Farias, *Carolina – uma biografia*, que narra a história antes do lançamento do diário até o dia do falecimento da autora. Essa produção é composta por detalhes associados à história geral, os quais preenchem as lacunas com suposições sobre os momentos vivenciados por ela. No entanto, corrobora aspectos relevantes e auxilia na busca por fontes primárias que comprovam que Carolina Maria de Jesus sempre teve o ideal de escrever e publicar, mesmo antes do

fortuito encontro com Audálio Dantas, conseguindo até espaço nas páginas de alguns periódicos da década de 1950.

Por outro lado, é importante ressaltar que há contestações no meio acadêmico sobre esta biografia quanto à veracidade das informações entre outros aspectos. No entanto, a partir do princípio da humildade científica, entendo que “precisamos ouvir com respeito a todos, sem por isso deixar de exprimir juízos de valor ou saber que aquele autor pensa de modo diferente do nosso e está ideologicamente distante de nós” (ECO, 2009, p. 113), motivos pelos quais há espaço para esta publicação nesta tese.

No mesmo ano, Rita Ciotta Neves publicou, pela Editora Alpes de Roma, a biografia Carolina Maria de Jesus - *Una biografia ai margini della Letteratura*¹¹, em italiano, que, posteriormente, em 2020, foi traduzida e publicada pela editora portuguesa Colibri, intitulada *Carolina Maria de Jesus – uma biografia nas margens da Literatura*. De acordo com a descrição de venda, o livro percorre sobre a produção literária da autora ao mesmo tempo que intenta retratar os momentos históricos do Brasil, “desde o período colonial até a sua afirmação como país moderno e a primeira industrialização nos anos 50, quando começam as grandes urbanizações e surgem as primeiras favelas”¹². A partir da nova biografia, Rita Ciotta Neves se lançou ao desafio de retraduzir *Quarto de Despejo* para o italiano, utilizando diferentes estratégias adotadas pelo tradutor anterior, iniciando pela alteração do título, *La stanza dei rifiuti*.

O que observo por meio dessa amostragem da fortuna crítica e do estado da arte de Carolina Maria de Jesus é a ratificação da convergência do interesse de áreas de estudos distintas da História e da Antropologia – as quais iniciaram as pesquisas sobre seus diários, indo além do entendimento como testemunho e documento sociológico, mas ainda se apoiando nessas bases. Em uma caminhada silenciosa e tímida, assim como foi o início do percurso da escritora nas letras, a Literatura, aliada aos Estudos da Cultura¹³, abraçou os diários e todas as demais produções artísticas. Com isso, outro aspecto revelado por este

¹¹ Uma prévia da biografia em italiano pode ser visualizada no *site*: <https://issuu.com/alpesitalia/docs/preliminari_47fb37a6fbdef5> Acesso em: ago. 2021.

¹² Descrição do livro em português disponível em: <<https://www.livrosnet.com/literatura/biografias/carolina-maria-de-jesus/>>. Acesso em: ago. 2021. Em função da pandemia, até o presente, o livro ainda não havia sido lançado ou comercializado.

¹³ Optei pelo uso da expressão *Estudos da Cultura*, pois percebo como duas vertentes da mesma origem, mas que se ramificam para objetos de estudos distintos, sendo necessária a diferenciação entre uma e outra. Desta forma, entendo que no âmbito interdisciplinar e no programa ao qual a tese está vinculada, o estudo da Cultura envolve a relação de elementos históricos e estéticos que são construídos e fundamentados através da linguagem e da comunicação, as quais, por consequência, são constituintes das identidades coletivas e individuais, enquanto os estudos culturais analisam a produção e a difusão dessa cultura.

levantamento bibliográfico é o crescente interesse das áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística, que firmam importância entre os pesquisadores brasileiros e estrangeiros, pois toda a obra, incluindo textos inéditos, está sob constante pesquisa e desenvolvimento literário, acadêmico e social em diversos países. A tendência é disseminar-se, visto que, após iniciado este estudo, chegou a meu conhecimento outra tese, recém defendida, que se projeta na tradução e na recepção, a pesquisa de Raquel Alves dos Santos Nascimento (2022) intitulada *Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus na Alemanha: Mesma Tradução, Diferentes Leituras - Uma Análise a partir dos Paratextos das Diversas Edições sob a Ótica da Linguística de Corpus* e que analisa os paratextos das edições traduzidas naquele país.

A diversidade de temáticas e áreas envolvidas, portanto, é a expressão da polivalência do legado da autora, que, em pouco tempo, mas com um desejo maior que seus impedimentos, conseguiu marcar a história de literatura Brasileira. Este panorama incentivou a elaboração desta pesquisa, considerando aspectos possivelmente ainda não abordados e pelo viés interdisciplinar. O meu entusiasmo sobre novas propostas, não apenas de teses, mas também dissertações, exposições e cursos, deve-se ao fato de que essas ações estão frequentemente divulgando a obra e a autora, além de promoverem outras perspectivas de análises e de estudos para além do documento sociológico ou do estereótipo que tem emoldurado e eternizado uma imagem turva e distorcida da escritora e de sua obra.

A pesquisa interdisciplinar aqui proposta insere-se na linha de pesquisa de Linguagens e Processos Comunicacionais, na temática da Literatura Periférica e dos Estudos da Cultura e da Tradução, associada às demais áreas necessárias para uma compreensão universalizada. O tema é delimitado ao estudo da manipulação e das estratégias de tradução nos diários de Carolina Maria de Jesus traduzidos para a língua inglesa.

A partir desta inquietação em desvendar a escritora e seu universo, a tese surge no intento de explorar as traduções e revelar as relações culturais e as estratégias que levaram a escritora negra para fora do país como símbolo e representação da pobreza e crise dos países subdesenvolvidos, ao passo que foi consumida como objeto exótico das sociedades brasileira e estrangeira à época, em detrimento de sua identidade e dos aspectos literários de suas produções.

O estudo justifica-se pelo momento estético vivenciado pela literatura brasileira: a emergência de vozes da margem, o que permite a visibilidade no âmbito literário, uma vez que ele resgata enunciados, ressignifica discursos e os atualiza na contemporaneidade. O atual *status* da globalização, a integração das relações sociais, culturais e econômicas contribuíram com boa

parcela do aumento no interesse e na realização de pesquisas sobre Carolina Maria de Jesus e seu legado. Hoje, com a sociedade em rede e a *internet*, facilitou o acesso a documentos e referências e a disseminação da produção literária e da história da escritora. Por outro lado, os modos de veicular estas informações, por vezes, também distorcem a imagem, assim como ocorreu na mídia impressa de 1960 e com as traduções, por exemplo.

O interesse da tese também se originou de minha curiosidade enquanto professora de língua inglesa da educação básica de ensino bilíngue, pois essa profissão exige muito conhecimento da cultura e da sociedade da língua estrangeira alvo, para que, de fato, se alcance ou se aproxime do resultado que se entende por bilinguismo. Muitas vezes, deparo-me com situações de tradução, diante da dificuldade de fazer escolhas de léxicos para contextualizar a fala e possibilitar a compreensão dos alunos e alunas que ainda não conhecem a outra cultura a ponto de compreender expressões ou certas construções gramaticais. Ação que não se distancia do trabalho do tradutor do texto escrito, por isso, percebi, na tradução de uma obra brasileira muito peculiar, a possibilidade de contribuir com a multidisciplinaridade do saber.

Portanto, é mister destacar a contribuição desta pesquisa para a sociedade por meio do legado sócio-histórico e literário de uma escritora à margem da sociedade, o qual continuará a existir e resistir até que se consolide como parte fundamental de nossa representação identitária, além de agregar e complementar as pesquisas já realizadas. Firma-se um melhor e amplo entendimento do processo de identidade, cultura e literatura que nos constitui enquanto sociedade e abre novas possibilidades de desenvolvimentos sociais a partir da literatura. Analisando a tradução e o texto de partida, proponho relacionar literatura, cultura e tradução, utilizando o aporte dos contextos sócio-históricos e culturais, quando necessário.

O conjunto de textos e de documentos que compõem o conteúdo de apoio à análise já foi, em sua grande maioria, acessado, referenciado, estudado, mas em contextos analíticos divergentes do que proponho, e não se mostra esgotado. A inovação e o ineditismo que possam estar contidos nestas páginas, devem-se ao foco na tradução para língua inglesa, na combinação das análises e comparações, mas principalmente pela visão crítica apresentada, a partir do que o texto revela, sobre as estratégias de tradução possivelmente aplicadas.

Para isso, parto da tese de que as traduções para a língua inglesa de *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e *Meu Estranho Diário* são parte fundamental dos fatores responsáveis pela visibilidade e promoção da obra e da autora, por retratar no exterior um cenário que diverge da malha discursiva do texto original, relativizando temas sociais e polêmicos, como a pobreza e

a vida nas favelas, alterando o lugar de fala individual e a identidade da autora-personagem através de uma nova enunciação¹⁴; transformando-as de diário a testemunho documental e sociológico coletivo que corresponde às populações pobres de países subdesenvolvidos, principalmente nas Américas Central e Latina. Tais manobras comprovam o súbito sucesso mundial da época e o despertar atual, porém, sob perspectivas opostas, dados os contextos sociopolíticos.

Tendo em vista as singularidades da linguagem literária de Carolina Maria de Jesus e as abordagens polêmicas nos diários, questiono a manipulação das traduções sobre os efeitos gerados no repentino e efêmero momento de visibilidade e sobre o atual (re)surgimento desses textos. Lanço-me, dessa forma, à seguinte questão norteadora: em que medida as traduções em língua inglesa representam o contexto da autora-personagem e as características identitárias e culturais expressas na malha discursiva do enunciado original e, assim, contribuíram com a recepção da obra no Brasil e nos Estados Unidos (e outros países) em distintos momentos da história?

O objetivo é demonstrar que as traduções de *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e *Meu Estranho Diário* são corresponsáveis pelo reconhecimento mundial da obra e pela construção de uma representação da autora-personagem em um *locus* de enunciação divergente do espaço de onde sua escrita se originou. E comprovar que elas expressam e preservam o desenvolvimento de diferentes estratégias de tradução, visto que o processo tradutório é complexo e inventaria aspectos culturais, pois transcende as línguas e linguagens aqui estudadas.

No entanto, para delimitar o *corpus*, em face do tempo disponível para realização do estudo e a relevância e contribuição acadêmica, optei por analisar a publicação *Meu Estranho Diário* (JESUS, 1996) e a respectiva tradução para a língua inglesa, *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (1999), que serão analisadas em sua totalidade.

Assim, para alcançar esses resultados, estabeleci objetivos específicos correspondentes às etapas de desenvolvimento da pesquisa, quais sejam:

- a) Entender a formação identitária da autora a partir das memórias, entrevistas e reportagens, com ênfase no ideal da escrita, comprovando que o desejo de escrever também era uma de suas necessidades básicas, inata, refutando a ideia de que ela foi uma escritora do acaso;

¹⁴ Entende-se por enunciação a instância de mediação entre a língua e a fala, produtora de sentido pelo ato de comunicação interdiscursivo, seja ele oral ou escrito (SOARES, KUNZ, 2021).

- b) Analisar criticamente os processos de criação, organização e produção dos diários em língua portuguesa e língua inglesa, pois estão relacionados aos objetivos da recepção a serem alcançados na publicação nacional e na tradução;
- c) Cotejar as narrativas em língua portuguesa e as narrativas em língua inglesa, uma vez que os textos de partida apresentam a escrita particular da autora, não se adaptando à norma padrão da língua portuguesa, o que não acontece na versão traduzida;
- d) Identificar e analisar as estratégias de tradução empregadas nos textos para compreender a recepção, o ressurgimento dos diários e a relação identitária construída pela subjetividade dos discursos das obras;
- e) Contribuir com os estudos da Literatura Marginal Brasileira e os Estudos da Cultura e da Tradução.

A realização deste estudo de natureza qualitativa dá-se através de métodos de pesquisa bibliográfica e exploratória, assimilando conteúdos, desenvolvendo conceitos e propostas de compreensão para os objetos de pesquisa, assim como pela comparação entre os resultados obtidos pela análise textual, buscando convergências e divergências no discurso e no sentido.

Por se tratar de um estudo interdisciplinar, utiliza-se de métodos e teorias dos Estudos da Tradução e da Cultura para a abordagem dos conteúdos, a fim de atender aos objetivos propostos de maneira sólida e científica. Os procedimentos metodológicos dividem-se em três etapas principais, que, ao final, são complementares e cíclicas para a compreensão e sucesso dos objetivos da tese.

O primeiro momento, de caráter exploratório e descritivo, consiste no levantamento e seleção de bibliografias acerca das principais vertentes teóricas, estabelecendo conceitos e linhas de pesquisa que corroborem a proposta. Na sequência, realizo a leitura atenta e sistematizada das obras em tela, comparando-as a partir dos referenciais bibliográficos já sintetizados. Também realizo uma investigação nos materiais que compõem o *corpus* sobre a recepção dos diários publicados, selecionando artigos, reportagens e notícias com base em palavras-chave, critérios por mim estabelecidos a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Em posse da sistematização dos objetos de pesquisa em dados capazes de exemplificar e representar o que foi teorizado, prossigo para o terceiro momento, através da interpretação e análise crítica dos resultados obtidos nas demais etapas, e, a partir deles, proponho estratégias para uma atualização ou nova tradução.

As principais vertentes teóricas deste estudo, em face das questões expostas, estão relacionadas aos aspectos da identidade, da memória, da cultura dos estudos da tradução dentro do âmbito da Literatura, e por mais evidente que essa relação possa parecer, é necessário apresentar aos leitores em quais parâmetros e medidas proponho esta multiplicidade de conceitos, para não correr o risco da generalização, enfraquecendo os significados.

Dessa forma, inicio pelo conceito de Literatura, que, nas últimas décadas, tem se mostrado amplo e versátil, adequando-se a cada contexto cultural que lhe exija um posicionamento frente às diversidades. E, para esta pesquisa, entendo que “Literatura é Literatura” (COMPAGNON, 1999, p. 45). Acredito que ela é qualquer forma de manifestação relacionada à comunicação, é produto cultural de uma sociedade que compreende, “[...] de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, [...] até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 2011, p. 176). Portanto, estando relacionada à cultura, estudar o contexto social e histórico no qual foi consumida e se tornou Literatura é uma das possibilidades que o texto literário nos oferece na contemporaneidade dos estudos interdisciplinares, em consonância à reflexão provocativa que percebe a Literatura por todos os seus vieses práticos na sociedade e a compreende como “uma realidade complexa, heterogênea, mutável!” (COMPAGNON, 1999, p. 44). Por isso, analisar obras e suas traduções vai ao encontro dos processos e manifestações culturais das sociedades, uma vez que “a literatura sofre todas as consequências do contexto econômico [e social] no qual ela surge e pelo qual ela circula” (LAJOLO, 2020, recurso de vídeo).

Ainda sobre literatura, não questiono a literariedade de *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, *Casa de Alvenaria: o diário de uma ex-favelada* e *Meu estranho Diário* quando entendo que ela não está atrelada apenas ao uso particular dos elementos da língua, mas à reordenação desses elementos convencionais (COMPAGNON, 1999), como na escrita de um diário, por exemplo, capaz de oferecer ao público leitor e à sociedade subsídios para a compreensão de si e dos outros. Neste sentido, os textos selecionados, enquanto Literatura, pertencem ao gênero discursivo diário, apresentam uma escrita subjetiva e crítica de si mesmo, que traz a repetitividade por meio dos atos do cotidiano e, muitas vezes, aproxima-se da linguagem oral, apesar de mesclar um vocabulário requintado, mas obsoleto, ao mesmo tempo que é capaz de transitar entre os estilos dos textos autobiográficos (LEJEUNE, 2008) e dos biografemas (BARTHES, 1984), constituindo um diário híbrido do ponto de vista da escrita de si.

A pesquisa, na mesma medida, cogita examinar as identidades da personagem-narradora e da autora, enunciadoras dos textos, pois compreende que a identificação está relacionada à temporalidade, constituindo-se inconscientemente por meio das vivências sociais, estando em contínuo processo de formação (HALL, 2001; 2014). Os posicionamentos das enunciações em relação aos lugares de fala, possivelmente, diferem pelo espaço-tempo e pelas subjetividades expressas na tessitura dos discursos, pois “para a consciência humana, nada é simplesmente apresentado, mas tudo é representado” (DURAND, 2000, p. 54-55). Assim, a Carolina-escritora-favelada criou representações para suportar as intempéries da vida desafortunada desde a infância e moldou uma Carolina-autora tempos antes da publicação dos escritos, o que é, ainda, pouco conhecido a seu respeito. Nesse sentido, as traduções e escolhas editoriais a moldaram de acordo com objetivos, planos e estratégias definidos pelo poder exercido sobre a escritora por meio destas instituições de patronagem¹⁵ (LEFEVERE, 2007). Os resultados dessas escolhas editoriais divulgaram para públicos diversos outras representações de Carolina, mas todas por meio de sua escrevivência (EVARISTO, 2009) nos diários.

Ao escrever sobre si, a autora utiliza as dificuldades cotidianas, como a fome, as precárias condições de vida na favela e a situação política dos períodos, de pano de fundo para seu protagonismo. No entanto, a sinceridade e a transparência dos registros se sobressaem à personagem enunciativa e, juntos, tornam-se a expressão dos sem palavra. Entre os relatos reincidentes do dia a dia – acordar, buscar água e se alimentar, há críticas e observações ambíguas, que por ora se aproximam e, às vezes, se afastam do lugar de fala da autora a cada nova enunciação. Esse movimento através da linguagem é uma reação à condição social estática na qual a Carolina Maria de Jesus vivia antes, durante e depois de lançar o primeiro diário, é por meio da escrita que ela consegue transitar em diferentes espaços sociais e políticos, se distanciar ou se aproximar dos espaços que narra.

Portanto, apontá-la como uma escritora favelada não condiz com a identidade, uma vez que ela demonstra sentimentos de não pertencimento ao espaço marginal; um dos motivos que, talvez, possibilitaram seu olhar crítico sobre o meio social, visto que é fundamental se posicionar fora do espaço que se deseja analisar a fim de percebê-lo ao máximo. Logo, é no exílio dos pensamentos e das ideias que ocorrem as ponderações sobre a margem e seus habitantes, sobre a “sala de visita” e seus moradores, visto que entre a habilidade de escrever e compreender com uma percepção única e improvável para alguém com suas qualificações,

¹⁵ Patronagem ou Mecenato é a ação desenvolvida por pessoas, grupos ou instituições que financiam economicamente e/ou influenciam por meio da ideologia e/ou prestígio a tradução e publicação de determinada obra ou autor(a). (Ver nota de rodapé n. 75).

Carolina Maria de Jesus me parece ter igualmente a habilidade de reparar no mundo ao seu redor a partir do lugar de observadora externa, apesar de inserida no contexto, sua precisão é, sem dúvida, de alguém que observa de longe.

Em seus manuscritos, ela explicita que escrever era uma necessidade, muitas vezes, substituindo a falta das refeições diárias. Outra característica relacionada com sua identidade é a ambiguidade entre a moção e acinesia. Seu corpo manteve-se em movimento por muitos anos, em consonância com as ideias. Essa desacomodação, além de símbolo de resistência, é oposição à imobilidade no estrato social, escrever era um alívio e lhe fornecia a sensação de liberdade e de pertencimento a um espaço diferente do que o da favela.

Nas entrelinhas de sua narrativa, também é perceptível uma construção sobre a memória e identidade coletiva da favela (HALBWACHS, 1990), pois ao narrar-se, acaba por narrar sobre o Outro também. Dessa forma, apreendo a memória como “*um elemento constituinte do sentimento de identidade, [...] um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si*” (POLLAK, 1992, p. 205, grifos no original). À vista disso, os registros dos diários, em certa medida, representam uma parte da memória, da identidade e da história da cultura do país ao apresentar o posicionamento social e político de uma mulher negra por meio de uma manifestação cultural comum à alta sociedade: a escrita autobiográfica. “Escrever e publicar a narrativa da própria vida foi [...], e ainda continua sendo, [...] um privilégio reservado aos membros das classes dominantes. O ‘silêncio’ das outras classes parece totalmente natural: a autobiografia não faz parte da cultura dos pobres” (LEJEUNE, 2008, p. 113), paradigma rompido por Carolina Maria de Jesus.

Literatura, registro sociológico e histórico, memórias e identidades, de tudo isso sua escrita é constituída e, na mesma intensidade, proporciona o conhecimento sobre o passado que nos faz refletir sobre o futuro através da história vista e contada de baixo (SHARPE, 1992), e, neste caso, narrada diariamente de dentro da favela, mas com um olhar de fora dela, um olhar subalternizado (SPIVAK, 2012), mesmo quando ela já residia em bairros de classe média e no sítio de Parelheiros.

A permanência das obras carolinianas nos dias de hoje deve-se aos conteúdos memorialístico, social e de denúncia que, ao ser apresentados para outro público receptor, passam a atualizar o discurso, assumindo lugar de importância dentro do sistema literário brasileiro, o que talvez não coincida com o posicionamento à época de lançamento e à época das traduções. Mas, em contrapartida, no Brasil, sabemos que o público foi previamente

preparado para receber as obras pelo menos dois anos antes. A personagem Escritora-Favelada foi sutilmente elaborada, apresentada e entregue na versão impressa, potencializando a romantização nos textos veiculados no exterior e nas próprias traduções. Neste contexto, “há obras que, no momento de sua publicação, não podem ser relacionadas a nenhum público específico, mas rompem tão completamente o horizonte conhecido de expectativas literárias que seu público somente começa a formar-se aos poucos” (JAUSS, 1994, p. 33), o que presumo ser uma das respostas para o atual interesse nos textos de Carolina Maria de Jesus.

A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade (JAUSS, 1994, p. 8), e este é o caminho que pretendo explorar nesta pesquisa.

A recepção dos textos é importante para que seja possível averiguar a relação com as estratégias de tradução do texto, pois pensar no público e na sociedade na qual a obra será consumida é um dos requisitos da tradução, mas não é algo que necessariamente acontece. Por se tratar de uma nova enunciação, muitas vezes a obra traduzida pode receber um reconhecimento e atingir seu público com mais eficácia do que o próprio texto original possa ter alcançado. Assim, “uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu; muitas vezes, sua importância cresce ou diminui no tempo, determinando a revisão das épocas passadas em relação à percepção suscitada por ela no presente” (ZILBERMAN, 1989, p. 37).

Essa mudança de percepção sobre uma obra faz referência ao que Jauss (1994, p. 31) denomina como “horizonte de expectativa”, definido como a maneira pela qual podemos analisar e compreender, no momento histórico da aparição, se encanta ou se decepciona o público. É a distância entre este horizonte de expectativas e as experiências já vivenciadas que vai determinar uma mudança, ou não, neste horizonte, resultando na aceitação da obra. Assim, quanto mais próximo estão estes horizontes e experiências entre si, menor a probabilidade de haver algum interesse do público.

Carolina Maria de Jesus ascendeu momentaneamente no sistema literário brasileiro, em grande parte pela sua personalidade destoante dos registros de seu diário do que pelas suas críticas e comentários sobre a condição de miséria, pois criticava os moradores e os políticos, mas ela mesma nunca demonstrou mudança em suas atitudes, bem como não demonstrou interesse em continuar escrevendo sobre questões de denúncias social ou racial (LEVINE,

1994). Por outro lado, as traduções e o atual sucesso são manifestações que se opõem à representação ambígua inicialmente projetada para as sociedades, o que instiga o estudo nessa linha de pesquisa. O processo de tradução dos diários para as diversas línguas, em compensação, adotou o discurso político, social e ideológico subentendido nos registros diários, lançando a versão de mártir da favela que rompeu os limites entre a cidade grande e a pobreza em prol dos “sem voz” como estratégia de publicação e promoção para os leitores.

Ao adentrar na temática da tradução, reflito se as impressões socioculturais que percebemos nos textos são transpostas para a língua inglesa sem deturpação ideológica, social e literária das condições apresentadas e representadas nos textos originais. Porém, a partir da perspectiva de Bassnett (1998), entendo que a tradução é uma das vertentes dos estudos da cultura e precisa ser adaptada ao seu contexto de chegada. Traduzir “significa sempre ‘cortar’ algumas das consequências que o termo original implicava. Nesse sentido, ao traduzir *não se diz nunca a mesma coisa*” (ECO, 2007, p. 107, grifos no original), mas será possível mensurarmos o tamanho do desvio do discurso? Neste entendimento, traduzir é reescrever e “não acontece entre sistemas, mas entre textos” (ECO, 2007, p. 41), vai muito além do que encontrar uma palavra que corresponda exatamente (ou aproximadamente) ao termo na língua do original. Lefevere (2007, p. 11) coaduna com o entendimento de que modificações são necessárias à tradução, pois “toda a reescritura, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada”.

Se, de fato, as traduções das obras em tela deram-se nesses moldes, em que medida elas podem ser consideradas uma violação dos aspectos socioculturais tanto da escrita como do que esta representa? É possível que as traduções tenham buscado atender aos aspectos culturais ligados às obras originais ou elas priorizaram estabelecer construções socioculturais que se relacionassem às necessidades e preferências da sociedade na qual seriam consumidas? Com base nas assertivas, pressuponho que o sucesso no exterior da obra de Carolina Maria de Jesus está vinculado ao êxito na escolha das estratégias de traduções, se considerar que o objetivo da tradução estava relacionado à criação um produto que interessasse aos leitores idealizados da cultura local e para os parâmetros ideológicos vigentes na época.

Certamente ao se reescrever um texto, ele passa pela análise interpretativa e pela manipulação do tradutor. Mas o que, então, buscaram tradutores e/ou editores quando traduziram o diário de Carolina? A tradução é uma tarefa árdua, que exige muito além dos conhecimentos linguísticos para que se obtenha um efetivo sucesso na recepção. E a definição

de sucesso que compreendo está vinculada à fama e permanência da obra no sistema literário em questão, independente do discurso que ela venha a produzir nos leitores.

A repercussão das obras de Carolina Maria de Jesus despertou o interesse mundial em conhecer um pouco mais sobre a pessoa que rompeu com padrões de uma época na qual predominavam as literaturas romanceadas, o que justifica as diversas traduções no período, pois, “para leitores que não podem checar a tradução com o original, a tradução, simplesmente, é o original” (LEFEVERE, 2007, p. 177, grifo no original).

Os ensaios de Ricoeur (2011), no livro “Sobre a Tradução”, harmonizam com as perspectivas de Lefevere (2007) e Eco (2007), pois discutem a tradução a partir da hermenêutica e sugerem que não existe uma tradução perfeita, mas sim uma vontade de traduzir que supera as impossibilidades de tal ação. O que pretendo, todavia, é conhecer o processo de tradução para a língua inglesa e analisar os aspectos que foram ou não levados em consideração para (re)construir a imagem da autora e dos aspectos sociais, históricos e culturais do Brasil, visto que, ao reescrever um texto, projetamos “imagens da obra original, do autor, da literatura, ou da cultura, que sempre impactam muito mais os leitores do que o original o faz” (LEFEVERE, 2007, p. 178).

Portanto, ao incluir os estudos da tradução dentro do campo da interpretação e da recriação de parâmetros culturais por meio da re-escritura, “a invenção da cultura” (WAGNER, 2012) vai ao encontro das asseverações da reinvenção de um texto traduzido, em função da recepção, assim como a própria cultura igualmente é recriada, e ambas são manipuladas para se manterem na sociedade e para sustentarem o próprio conceito de sociocultural.

Frente às bases teóricas expostas nesta introdução, que apresenta a tese e as implicações teóricas e metodológicas, além de justificar e encaixar o tema no universo das pesquisas sobre linguagem e comunicação, apresento, na sequência, a organização das demais seções da tese. O capítulo 2, *Muito bem, Carolina!*, é necessário para introduzir a escritora, na intenção de manter uma linha sequencial de compreensão da pesquisa como um todo. A história pessoal e a carreira de Carolina Maria de Jesus são indissociáveis, assim, discorro sobre ambas as trajetórias a partir do próprio ideal de vida da autora: escrever e publicar. Transitando por três fases de sua “escrevivência” (EVARISTO, 2009), a infância e adolescência, o início da vida adulta e o amadurecimento, a imagem e representação de uma escritora nata é construída a partir de sua percepção individual e das vozes de pessoas que com ela conviveram. Suas primeiras publicações antes da fama, também compõem o escopo. Em seguida, o capítulo 3, *Os*

Diários de Carolina Maria de Jesus pela crítica nacional e estrangeira, contextualiza os períodos de produção e de publicação dos três diários analisados e expõe, a partir de uma análise crítica de reportagens e notícias publicadas por alguns periódicos selecionados e outros textos relevantes, a recepção dos diários e das respectivas traduções nos momentos de lançamento. Além de ilustrar o conteúdo dos textos e as críticas das mídias, investigo a relação entre as recepções no Brasil e no exterior associadas aos fatores sócio-político-culturais envolvidos. Já no capítulo 4, *Tradução - Análise e Estratégias Tradutórias em The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, apresento as metodologias, as análises e os resultados da comparação entre os textos em português e as traduções, a partir dos preceitos dos Estudos da Cultura e da Tradução, identificando as similaridades e as distinções e demonstrando as relações entre a recepção das obras e as escolhas tradutórias. À guisa de conclusão, o último capítulo, *Os Pássaros Cantam na Linguagem Certa...*, reserva uma síntese da tese e expressa as Considerações Finais desta pesquisa, que são breves, pois as conclusões já foram surgindo ao longo do texto. E no fim, estão as referências e alguns anexos que julguei importante para ilustrar o texto.

Portanto, o percurso de pesquisa trilhado até este momento foi desafiador. Muitas foram as dúvidas e os embates teóricos e metodológicos para delimitar caminhos e objetivos para contribuir com a fortuna crítica da autora e dos estudos da cultura e da tradução. Diversos percalços que o devir da vida impôs durante este período também exigiram a busca por outras formas de entender os objetos de pesquisa. Assim, acredito que minhas catarses são parte do meu processo de amadurecimento e do de minha tese, a qual paulatinamente se mostra relevante ao ratificar a importância dos estudos inter e multidisciplinares do Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais.

2 MUITO BEM, CAROLINA!

*“Quem não conhece a fome há de dizer: ‘Quem escreve isto é louco.’
Mas quem passa fome há de dizer:- Muito bem, Carolina!”*

As produções acadêmicas sobre Carolina Maria de Jesus e sua bibliografia, quase sempre, iniciam pela contextualização da escritora – quem foi, de onde veio, por onde andou, ou pelo sucesso do ano de 1960, com o lançamento de seu livro, o que, talvez, seja inevitável, pois é impossível apartar a Carolina-autora da Carolina-personagem quando se trata de seus diários, mas “a história de sua vida permaneceu cercada de mistérios” (CASTRO, 2007, p. 11). Apesar da existência de algumas biografias e diversos livros que tentaram desvendá-la ou conhecê-la com propriedade, as melhores fontes ainda são os diários que não podem ser compreendidos como uma verdade absoluta em função do contexto de sua criação e os desencontros de informações entre datas, dados, fatos, pois também são permeados de ficcionalidade.

Contextualizá-la nas décadas posteriores ao seu falecimento era como abrir caminho para justificar o estranho que se colocava diante da análise literária sem permissão, era pedir a aceitação do inusitado objeto de pesquisa e utilizar adjetivos estereotipados para defini-la. Hoje, não descrever o contexto, por outro lado, pressupõe-se que ela já estaria superada, integrada e difundida na história e na memória da sociedade brasileira, o que está em vias de concretização. Logo, apresentá-la é expor um panorama sobre a dimensão do alcance de sua escrita e de sua imagem, com ênfase na sua condição de escritora e poetisa, como sempre foi o seu desejo, e com vistas para sua contribuição social e literária.

Durante esses últimos sessenta e dois anos, contados a partir do lançamento de seu consagrado diário, percebi que houve muitos momentos que trouxeram (ou tentaram trazer) para linha de frente das mídias a “escritora ex-favelada”, mas sem grandes interesses em suas produções literárias. Nestes momentos de ressurgimento, sua história de vida antes de sua exitosa fama se fazia cada vez mais necessária para entendê-la. Das tentativas de conhecer ou de especular sobre as origens e sobre a vida privada da autora, teve êxito a pesquisa acadêmica em 1990, coordenada pelo interesse e pela insistência do professor brasilianista americano Robert M. Levine (1941- 2003) que contou com o apoio do sociólogo brasileiro José Carlos Sebe Bom Meihy (1943 -), além de um grupo de pesquisadores, os quais, através da metodologia da história oral, realizaram um importante trabalho entrevistando personalidades relevantes para obterem respostas sobre a parte oculta da vida de Carolina Maria de Jesus. Audálio Dantas, o “descobridor”; José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima, os filhos

da escritora; Dona Maria Puerta, uma amiga da favela; e Marta Terezinha Godinho, a assistente social que acompanhou a família Jesus quando residiu no Canindé, formam o grupo de entrevistados, mas, mesmo assim, os resultados contemplam uma fração da história. Haja vista, o fato de Carolina Maria de Jesus ter falecido na cidade de Parelheiros, em São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1977, sem ter deixado outros registros concretos, além dos diários, pistas sobre a vida em sua cidade natal, ou sobre depois da queda de sua popularidade, dificulta, até hoje, para que se possa elaborar uma narrativa satisfatória e com o menor número de brechas.

Anos mais tarde, resultado de outro projeto acadêmico, também foram entrevistadas as tradutoras, editoras e organizadoras de seu livro autobiográfico, *Journal de Bitita* (JESUS, 1982), que auxiliaram a compreender este mistério no entorno da jovem personagem Carolina Maria de Jesus.

Passados todos esses anos, a maioria dos tradutores, editores, jornalistas e pessoas envolvidas diretamente com a artista, infelizmente e seguindo o curso natural da vida, não estão mais entre nós, por isso, minha atenção no cotejamento dos materiais analisados e sintetizados está voltada para o que os textos dizem e como dizem.

Tem-se, dessa forma, os relatos de pessoas que conviveram com a escritora nos mais diversos períodos de sua vida pós *Quarto de Despejo*, mas registrados após sua morte. Este fato deve ser considerado, pois, a exposição à mídia após longos anos e o desejo de reparação à autora, apesar de se mostrarem atitudes nobres, também direcionam as narrativas para a construção de memórias coletivas que se alimentam dos interesses dos relatores, não somente de fatos. De qualquer maneira, a unicidade dos depoimentos expressa o desejo de afirmação da autenticidade, da criatividade, do talento e do merecido reconhecimento da autora pelas suas produções literárias frente às adversidades que a vida lhe impôs. Por si só, os discursos somam-se e representam o interesse em visibilizar Carolina Maria de Jesus para a história do país e para a história da literatura brasileira.

Apresento neste capítulo, portanto, o texto caroliniano que narra sobre sua juventude, pois revela características da escrita e do processo criativo da autora, bem como desvela a imagem que a própria desejou construir para si, uma projeção identitária, que busca justificar as atitudes do passado associando a uma lembrança pitoresca ou fantástica, onde há espaço para a voz da Bitita criança, da moça filha da Cota, e da Carolina poetisa, todas narradas pela polifonia da voz da Carolina adulta que parece ainda estar em busca de concretizar a realização de seu grande ideal de vida, ser reconhecida como escritora. E junto a este entendimento de si

mesma, contraponho a impressão dos que a viram do lugar de espectador, de fora de seu universo.

Portanto, optei por outra forma de introduzi-la, com ênfase no olhar da escritora em si mesma e em aspectos-chave dos momentos que considere emblemáticos em sua trajetória de vida até a chegada na misteriosa cidade de São Paulo, pois a partir deste momento, os diários em análise serão os responsáveis por narrar os acontecimentos dos próximos anos até seus últimos dias, e sua escrita e vida passam, então, para uma fase uníssona.

Esta contextualização biográfica se baseia nos detalhes da autobiografia, *Diário de Bitita* (JESUS, 1986), e da biografia *Muito Bem, Carolina!* (CASTRO, 2007) e *Carolina – uma Biografia* (FARIAS, 2017), além dos relatos citados das pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com ela ou entrevistá-la. As primeiras publicações das produções literárias da autora também compõem os documentos analisados para reconstruir esta trajetória de “escrevivência”.

2.1 CAROLINA É BITITA

Apesar do título da autobiografia conter a palavra “diário”, o material constitui-se de uma coletânea de textos de caráter memorialístico, organizados pelas editoras em capítulos que revelam o tema predominante em cada seção. É importante compreender a gênese da autora para auxiliar no entendimento da constituição de suas características identitárias enquanto sujeito e escritora-poetisa. Embora não seja objeto de pesquisa da tese, a autobiografia de Carolina Maria de Jesus é a única e influente fonte de dados sobre os anos iniciais de sua vida e um registro do processo de fragmentação e de construção de sua identidade, pois ao reviver o passado através das reminiscências, nos revela os ideais do momento presente da escrita, além do período lembrado.

Journal de Bitita (JESUS, 1982), na sua primeira edição, foi publicado na França em um contexto similar ao dos demais diários. Nos anos de 1970, a jornalista brasileira Clélia Pisa, acompanhada da francesa Maryvonne Lapouge e da tradutora, também francesa, Régine Valbert, partiu da França rumo ao Brasil com um projeto literário a ser executado – entrevistar algumas mulheres sobre o que era a condição feminina no país, resultando no livro *Brasileiras: Voix Écrites du Brésil*¹⁶ (LAPOUGE, PISA, 1977) – e entrevistou, entre outras personalidades, Carolina Maria de Jesus, em seu sítio, na cidade de Parelheiros – São Paulo. Naquele período,

¹⁶ *Brasileiras: vozes escritas do Brasil* (tradução literal) é um livro sem tradução em língua portuguesa, no qual foram entrevistadas 26 brasileiras, entre elas, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Rosemarie Muraro, Heloisa Buarque de Holanda, Marilena Chauí, Nélide Piñon, Norma Bengel e Odete Lara (CASTRO, 2007).

a França, então, estava no auge do movimento de libertação da mulher e no Brasil este era também o ano inaugural de uma série de novas afirmações feministas. A ideia de publicar um livro de entrevistas com mulheres brasileiras interessou uma nova editora que fora fundada nessa época em Paris, editora que dispunha de meios financeiros importantes, que usufruía um grande prestígio na imprensa e em relação aos leitores e que publicava o que se ligasse à mulher (PISA, 1987, p. 175).

Foi este o fértil contexto social e político que os manuscritos da história de vida de Carolina Maria de Jesus encontraram para germinar, contrastando, mais uma vez, com a sua realidade. “Tinha muita pobreza. Terra. Uma casinha. Era falta de dinheiro absoluto. Era vazio, muito vazio, poucos móveis, quase nada, um banco, nós sentamos. Ela estava fora, capinando” (FERNANDEZ, 2014, p. 300). A imagem retratada por Clélia Pisa em entrevista concedida à Rafaella Fernandez, em 2013, descreve o retrato final da vida da escritora e, também, o ambiente de produção e de revisão de suas memórias. Apesar da visível e pungente precariedade observada no excerto, o lugar se tornou o *ethos* perfeito para gestar, criar, recriar e aprimorar as reminiscências de uma outra Carolina que nunca havia sido apresentada ao Brasil e ao mundo, pois “ela queria se salvar. Ela tinha vontade de ser publicada ainda. Era o sonho da vida dela” (FERNANDEZ, 2014, p. 303). Residindo em sua propriedade, que é resultado de seu trabalho como escritora, plantando para sobreviver e longe do ritmo das cidades grandes que lhe confundiam as ideias, a poetisa registrou e revisou a parte, até então, oculta de sua história, antes de vir a falecer sem a chance de ver publicadas em livros suas duas contribuições às jornalistas: a entrevista e os manuscritos que se tornariam a autobiografia da juventude.

Ao fazer o balanço de sua experiência de vida, o saldo não era negativo, apesar das críticas em jornais que insistiam em continuar a vender a ideia desgastada da ex-favelada. Durante algum tempo, Carolina Maria de Jesus protagonizou reportagens que, como de costume, buscavam por meio de notícias sensacionalistas obter altos lucros a partir da venda das edições impressas com fofocas, tabloides e especulações diversas, temas responsáveis pela popularidade dos veículos de imprensa. Entre 1967 e 1973, mídias, como os jornais *O Globo*, *Notícias Populares* e a revista *Manchete*, do Rio de Janeiro, publicaram reportagens similares em seu conteúdo e estrutura ([ANEXO A](#)). Os textos focaram seu retorno para a miséria, descrevendo o espaço físico e ironizando as contradições nos depoimentos de Carolina Maria de Jesus. Também destacavam o nome da autora nas manchetes e tinham fotos que ilustravam e remetiam à primeira imagem estereotipada da “escritora favelada”: o semblante abatido, suas vestimentas simples e o turbante na cabeça. A autora não gostava de lembrar do passado de sucesso, sentia-se arrependida, mas, em contrapartida, entre uma declaração e outra, mostrava

manuscritos, comentava sobre a criação de novos textos e sempre afirmava que continuava dedicando-se à escrita.

Na ocasião daquela entrevista para Pisa, que provavelmente ocorreu em um período após uma destas reportagens, Carolina Maria de Jesus manteve a tradição de um velho hábito: entregar seus manuscritos para qualquer pessoa que julgasse capaz de publicá-los¹⁷. Assim, colocou nas mãos e aos cuidados das redatoras dois cadernos “contendo relatos sobre sua infância e alguns poemas” (CASTRO, 2007, p. 15), dizendo: “Veja se vocês podem fazer alguma coisa com isso!” (FERNANDEZ, 2014, p. 301), com a sua história, que nem ela nem as entrevistadoras poderiam imaginar que seria seu último manuscrito. Folhas redigidas à mão e outras datilografadas, as quais já haviam sido apresentadas por ela para outros jornalistas e repórteres que as desconsideraram. Eles escolheram martirizá-la e ignorar a insistente indagação: “Será que isso dá um livro?” (RICOSTI, 1973, p. 36), ridicularizando nas mídias o persistente desejo de continuar a publicar, mas revelando para os leitores a intimidade da tristeza e do ostracismo no qual vivia, de novo, a “ex-favelada”. Além disso, essas notícias mantiveram a mesma escolha editorial e comercial utilizada para lançar os primeiros diários, colocando em segundo plano a Carolina-escritora, enfatizando a fragilidade e a inconstância, mas de maneira fragmentada, não permitindo, novamente, que a Carolina-autora-personagem que protagonizou os diários revelasse sua identidade interior, sua essência complexa.

Em 2013, Pisa afirmou ter recebido dois cadernos manuscritos de Carolina Maria de Jesus. Estes cadernos, hoje, encontram-se no acervo do Instituto Moreira Sales – IMS, em São Paulo. Em contrapartida, Vera Eunice de Jesus Lima, filha mais nova da escritora, revelou que o material levado pela Editora Métailié teria sido uma cópia, datilografada por ela e pelo irmão, do caderno que leva o título de *Um Brasil para Brasileiros* (BARCELLOS, 2015), frase atribuída a Rui Barbosa e que é retomada em diversos contextos dentro da narrativa, em meio aos quais a autora cria o seu próprio sentido e significado para a expressão.

A jornalista também afirma ter convidado Anne-Marie Métailié, da editora francesa, para auxiliar no processo de preparação dos manuscritos, focando o público francês, e esta comenta que fez fotocópia do material recebido para edição, o qual era composto por duas partes, possivelmente os manuscritos em cadernos e “o texto datilografado” (FERNANDEZ, 2014a, p. 293), corroborando o relato de Vera Eunice de Jesus Lima. O cotejo dessas informações, do ponto de vista analítico, revela o quanto a memória da escritora é frágil

¹⁷ Conforme registrou o historiador Sérgio Barcellos em conversa com Vera Eunice de Jesus Lima (BARCELLOS, 2015).

e fragmentada, necessitando de atenção e balanço nas análises para que estas sejam justas e fiéis com a história, dentro do melhor cenário possível. Em compensação, também revela que o propósito maior da autora nunca deixou de existir em seu íntimo, e que ela conseguiu, mais uma vez, fazer com que suas palavras fossem publicadas. A publicação de parte dos manuscritos de *Um Brasil para brasileiros*, que originou o livro autobiográfico, possibilitou, sem dúvida, que a escritora não fosse esquecida ou superada, como ela mesma chegou a cogitar em entrevista.

Por mérito próprio de Carolina Maria de Jesus, o que se conhece sobre a sua vida na cidade de Sacramento e seus arredores são, portanto, especulações e informações retiradas do livro *Journal de Bitita* (JESUS, 1982), elaborado e, talvez, reescrito durante muitos anos de sua vida, retraduzido para o português por meio da edição francesa, em 1986, pela Editora Nova Fronteira – dois anos após a publicação em espanhol, em 1984, pela editora Alfaguara.

A autobiografia de Carolina Maria de Jesus, em uma visão geral, fornece elementos sobre a autora selecionados, primeiro, por ela, quando escreveu os manuscritos e se transformou em personagem protagonista de histórias diversas. E, posteriormente, selecionado pelas editoras. Dessa forma, o projeto inicial da publicação idealizava um livro que trouxesse para o público leitor de Carolina Maria de Jesus, uma versão divertida, que pudesse servir de exemplo para pessoas com histórias similares, que, de alguma maneira, se identificassem com ela. Esta era a intenção da autora durante o período de produção dos textos que originaram a obra, expressa em diversas reportagens, nas quais enfatizava o conteúdo e o estilo de escrita, implicitamente, comparando a nova produção com o tom e o conteúdo dos diários já publicados, pois ela não compreendia nem aprovava a escrita e publicação desses diários, mas os fez a pedido de Audálio Dantas.

A história de vida na cidade natal também está registrada nos manuscritos conservados, além do livro editado, nos quais igualmente há as percepções sobre “a distância entre ricos e pobres, a presença de coronéis, a figura benfazeja de Rui Barbosa, os colonos, fazendeiros, migrantes italianos, portugueses e espanhóis (CASTRO, 2007, p. 15)”, e, como ela advertiu em entrevistas, o texto contém “coisas do meu tempo de menina, lá em Sacramento. Mas esse vai ser um livro humorístico, que quase nada tem de dramático. Atos pitorescos que eu vivi, lembranças de meu avô – ele punha ordem na casa – de sua morte e a família se dissolvendo” (CAROLINA MARIA, 1972, p. 17), e, ainda, “– Isso são as coisas que o vovô dizia e eu escrevia. São coisas escritas no meu estilo desajustado” (RICOSTI, 1973, p. 37). É importante retomar a impressão que a autora tinha em relação ao

conteúdo do atual *Diário de Bitita*, pois nos auxilia a entender o processo criativo “desajustado”, e, também, cotejar suas expectativas de publicação com o livro editado. O resultado dessa contraposição nos leva a concluir que suas memórias narram além de sua mocidade. A saudosa e bem-humorada escrita das reminiscências traz o relato memorial de experiências da infância e da juventude permeadas pela imaginação e projeção de uma adulta que revisita o passado e projeta-se sobre si mesma. Esse movimento criativo, identitário e memorialístico revela as características ideológicas que permeiam os escritos e viabiliza o entendimento deste fenômeno da literatura brasileira que volta para o foco, mas, desta vez, pela perspectiva da real produção literária atemporal e indispensável.

As lembranças da escritora foram selecionadas, editadas e organizadas para publicação, por isso, levam títulos que contextualizam a temática e organiza os fatos narrados de forma cronológica. Porém, a falta de datas, o desencontro de informações, por exemplo, conferem ao texto características do anacronismo. Por outro lado, percebe-se que, apesar da falta de instrução formal, existe uma preocupação com a estética e com a escrita, pois a autora se utiliza de recursos variados da linguagem para estabelecer diferenciações no texto, como, por exemplo, quando ela narra memórias infantis, lembranças do período de adolescente e quando está mais velha e calejada pelas experiências da vida sofrida, de decepções, pobreza e injustiça. É como se quanto mais ela se aproximasse da cidade de São Paulo, mais concretos seus sentimentos se manifestavam ao invocar a memória, mais precisa se tornava a escrita e maior a convicção nas palavras. Esse processo é típico de uma escrita autobiográfica pautada na memória e na identidade de um adulto que olha para o seu eu quando criança (HALBWACHS, 1990).

A história desta escritora, portanto, iniciou pelo seu nome composto, herdado de sua mãe, já evidenciando a autenticidade, pois ele não foi igual ao da matriarca, Maria Carolina, ou apenas Maria, nem, o carinhoso Carol. Entre tantos atos de violência presenciados ou protagonizados por ela, a violação de sua identidade através de seu nome é sutilmente inquirida nas diversas publicações em jornais, revistas, artigos, livros, como alvo de omissões ou trocas, seja pelo desconhecimento ou pela necessidade de colocar tudo em uma ordem pré-estabelecida. Assim, já foi Maria, Maria Carolina, e outras tantas, mas foi batizada pela imponente graça de Carolina Maria de Jesus. Segundo o Dicionário de Nomes Próprios, Carolina significa “mulher do povo”, “mulher doce”, enquanto Maria significa “mulher soberana” e seu sobrenome remete à salvação (DICIONÁRIO, 2021; 2021a, n. p.), apesar de revelar uma herança colonial, quando os negros recebiam o sobrenome de seus patrões, por

exemplo. Por ironia do destino, ou simples falta de sorte, ela simbolizou por muitos anos, no Brasil, justamente o oposto do que seu nome anunciava.

Carolina Maria de Jesus ouviu o nome completo, pela primeira vez, no Colégio Espírita Allan Kardec, ao ser repreendida pela professora, pois, até entrar na escola, era conhecida e se reconhecia por Bitita¹⁸. E pode ter sido neste momento que nasceu a escritora, visto a importância que o nome próprio simbolicamente exerce na personalidade e na vida dos sujeitos sociais, pois ele “é uma forma de controle social da alteridade ontológica, o nome é sempre uma questão identitária e memorial” (CANDAUI, 2014, p. 68-9) e é uma peça-chave na identidade da autora e uma recorrente nos seus registros. Em suas memórias, a escritora revela a transição de Bitita para Carolina, e, mais tarde, entra em conflito com o que seu nome representa, buscando na negação do nome que a consagrou como escritora uma saída para amenizar as amarguras de seu passado. Em 13 de agosto de 1960, dias antes do lançamento de seu maior sucesso, a escritora revelou que “– O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor. E li o meu nome na capa do livro. [...] Fiquei emocionada” (JESUS, 1961, p. 33). Em reportagem, na revista *Manchete*, assinada por Neide Ricosti, após treze anos do sucesso, a autora relembra e reforça o desejo de se tornar conhecida, mas, agora, já com uma nuance de melancolia ou até de arrependimento, acreditando que tudo não tenha passado de um engodo justificado pela sua imaturidade, e declara: “Meu sonho era ver meu nome num livro. Quando vi, gostei. Ilusão da mocidade” (RICOSTI, 1973, p. 36). Por outro lado, ao revisitar seu passado para redigir as memórias, na inconstância dos sentimentos desencadeados pelo nome nas capas dos livros publicados e lembrando de toda a confusão que lhe causaram, julga os resultados de suas autorias, projeta na infância a predestinação de um nome amaldiçoado: “Eu não gostava do meu nome, pensando que este nome ia atrapalhar a minha vida” (JESUS, 1986, p. 134), explica. Nessa ocasião, a autora narra a cena na qual a mãe lhe apresenta para uma nova patroa como “Carolina”, mas a jovem pede que seja referenciada pelo apelido Bitita, pois sente que a sua graça lhe causaria problemas. Nota-se, aqui, a projeção da adulta sobre a criança, é a manifestação das lembranças e sentimentos da Carolina madura posicionando-se nas reminiscências da Carolina jovem, após ter vivido as experiências da fama e do esquecimento, alertando a personagem juvenil que teria sido melhor manter-se como Bitita. Mesmo sabendo que não é possível reverter os acontecimentos desgostosos da vida, o registro da perspectiva da infância narrada pelo sujeito adulto induz

¹⁸ Segundo narra a autora, em seu livro póstumo *Diário de Bitita*, quando pequena, era conhecida e se conhecia por Bitita, diminutivo de “cabrita”, pois, aos 7 anos, ainda mamava no peito (JESUS, 1986).

ao uso de inferências que explicam, justificam e/ou inclusive melhoram o aspecto do momento presente em que é narrado. Característica fortemente presente nos registros memorialísticos de Carolina Maria de Jesus.

Nos seus dois anos escolares incompletos, Bitita despertou para a leitura, assim como para sua identidade, e o poder que essas instâncias exerceram sobre ela resultou nos seus valores e ideais de vida, nas obras e nas manifestações artísticas, perpetuando-se no devir da adolescência e vida adulta, pois, ao que tudo indica, ela era

autodidata, muito esforçada no rumo do seu saber, pois lia rotineiramente toda a sorte de literatura e tinha curiosidade sobre coisas e a realidade ao seu redor, Carolina aprendia por viver perguntando ou por simplesmente ouvir os outros falarem, dentro ou fora do ambiente familiar. Também lia de tudo, mesmo que sofregamente, todo tipo de livros ou jornais, mesmo velhos, e muitas vezes, por falta de opção, os relia como se fosse pela primeira vez (FARIAS, 2017, p. 70).

Em entrevista concedida na década de 1970, Carolina Maria de Jesus comenta as dificuldades encontradas para poder escrever tranquilamente, pois passados todos esses anos, ela “melhorou o português” e “já tinha condições” de escrever melhor, pois havia “evoluído bastante” (segundo sua própria crítica) (CAROLINA PEDE..., 1970, p. 3).

Nascida em uma família numerosa e muito pobre, ela relata na autobiografia as relações familiares embasada em personagens emblemáticas da parentela, às quais julgou importante retratar em suas memórias, como a mãe, de apelido Cota; as madrinhas, o avô materno, que “representou a figura paterna, [e] talvez por isso [é] tão presente e enaltecido pela escritora” (CASTRO, 2007, p. 16), o irmão, as tias, os tios, as primas e os primos.

Dessas relações, também há questões fundamentais para a construção de sua identidade, como a relação de cor e a posição que ocupava dentro do seio familiar no que tange ao quesito do conhecimento e da inteligência. As condições de vida de todos da família, conforme ela relatou, eram similares e guiadas pela sombra da escravidão, que não oportunizava alternativas de moradia, trabalho, diversão e os afastava da educação e das possibilidades de uma vida digna. Realizar o trabalho árduo no campo com qualidade e cuidar dos afazeres domésticos eram as primordiais qualidades que os homens e mulheres negros, independente da idade, precisavam ter para conseguir trabalhos estáveis que proporcionassem comida e um teto para morar – e, muitas vezes, nem isso era garantido, realidade não muito distante das condições de sobrevivência do período da escravidão, ou da realidade na favela.

Durante os vinte e três anos que Carolina Maria de Jesus narrou em sua autobiografia antes de chegar a São Paulo, ela construiu uma personagem que tentava se encaixar nesses

parâmetros de “boa empregada preta” para se sustentar e ajudar a mãe ao mesmo tempo que tecia uma segunda vertente do destino que a levaria para o sentido oposto ao que se enveredavam os familiares: a cultura do distante mundo letrado.

As memórias pueris são sugestionadas em idades entre quatro e dez anos, associadas a comportamentos cognitivos muito distantes da realidade de uma criança da época, principalmente na condição de negligência na qual viveu. Quando é repreendida pela mãe e lhe responde com suposta sapiência, ela sorri e exclama: “– Que menina inteligente. E está com quatro anos (JESUS, 1986, p. 8)”, o trecho exemplifica uma lacuna entre a realidade e a lembrança, pois uma criança, principalmente naquele tempo e com aquela idade, dificilmente teria conhecimento suficiente para argumentar com tamanha sapiência. Com isso, a escritora busca incitar no leitor uma predestinação ao conhecimento e à inteligência, muitas vezes confirmada pelos membros de sua família, em sua narrativa.

Sobre a memória, sabemos que ela se diferencia da história em diversos aspectos, mas o principal, é que a primeira é vivida no presente e não é fiel ao passado, apesar de promover as condições para refazê-lo. A memória “é representação afetiva, em evolução permanente, aberta à dialética entre recordação e esquecimento, inconsciente das suas deformações e vulnerável a todas as manipulações [...]” (CATROGA, 2001, p. 53). Cada indivíduo é responsável por criar a própria memória a partir de suas experiências, sob a orientação das representações afetivas, dos esquecimentos, por vezes, conscientes, e do preenchimento de vazios ou de lacunas com projeções de desejos fantasiosos para que possa seguir com a história ou simplesmente torná-la mais atrativa, e é isso que Carolina Maria de Jesus fez em suas recordações da infância e juventude.

Quando se fala em texto autobiográfico, tem-se a manifestação da memória de um *eu* que narra sobre si, sobre sua existência enquanto sujeito e apresenta aos leitores verdades incompletas, mas que julga verdadeiras e inteiras. As questões de autonarração/escrita de si são compreendidas por Philippe Lejeune (2008), que afirma que um diário é um meio de construir e guardar a memória de uma pessoa ou de um coletivo, sendo que aquilo que nele é contado sobrevive através da representação simbólica da escrita. Neste viés, Carolina Maria de Jesus é a fonte sobre si mesma, sua materialidade escrita revela traços de sua experiência de vida em todas as obras publicadas, ao passo que a representação de sua individualidade acabou por se tornar a representação do coletivo, independente de seus objetivos primários ao escrever.

O processo da autobiografia caroliniana deixa evidente uma escrita fragmentada, não apenas no quesito gramatical e/ou lexical, mas na organização das ideias e sequencialidade, já

constatado no estudo de Fernandez (2018). A pesquisadora, em imersão nas obras e manuscritos comprovou que havia um processo criativo original e singular no modo como Carolina Maria de Jesus desenvolvia sua produção literária, uma das principais características observadas foi a autocorreção e a revisão de seus textos e inclusive de reportagens a seu respeito. Às margens dos cadernos, nos espaços entrelinhas, ou sobre os recortes dos periódicos que a reportavam na sociedade, Fernandez (2018) identificou substituição de palavras, mudanças na composição da escrita e breves comentários críticos redigidos pela autora, contrariando e desaprovando as notícias veiculadas.

No entanto, no que tange às alterações de edição, as ideias e marcos temporais se mostram confusos e, em alguns momentos, romantizados e idealizados, apesar de a obra ter sido organizada em títulos pelas editoras, a fim de facilitar a compreensão dos leitores franceses, porém,

o mais interessante é que a percepção de Carolina para a vida dos seus familiares e da sociedade local é bastante precisa. Ou seja, ela anotava de memória nomes e fatos, com precisão de detalhes, como narrado em muitos de seus textos autobiográficos. Os erros – ou lapsos de memória, não do português, mas dos fatos narrados – são pontuais (FARIAS, 2017, p. 38).

O fato observado pelo historiador e escritor Tom Farias corrobora a tese de Fernandez ao mesmo tempo que direciona para equívocos pontuais na narrativa, como por exemplo, a dificuldade de referenciar datas, às quais, frequentemente, não condizem com os fatos. Tal prática, longe de ser intencional, comprova a dificuldade de acesso a fontes, à precária situação na qual os manuscritos foram gerados e a manipulação e reescrita por parte da autora e de editores, ao mesmo tempo, revela um processo de escrita particular baseado em um mosaico de ideias que até hoje se busca solucionar.

Já se sabe que seus meios de escrita e de produção não se assemelham aos de outras escritoras ou outros escritores consagrados na literatura, diferentemente de grande parte desses, seu processo criativo era orgânico e inato. Escrever, apesar de contrário ao seu desejo e entendimento, nunca foi um trabalho, mas um mecanismo de subsistência e resistência. Seguiu uma linha de criação, mesmo que à revelia, no caos das miscelâneas entre poemas, músicas, peças teatrais, romances e diários. Carolina Maria de Jesus também tinha o hábito de fazer cópias de seus manuscritos, à mão, como se esperasse pela oportunidade de entregá-las para outros benfeitores capazes de levar sua palavra adiante, assim como aconteceu com seu primeiro diário e se repetiu com sua autobiografia. Dessa forma, não é possível estimar quantas

versões ou cópias de suas produções foram entregues para desconhecidos ou renomados (entre brasileiros e estrangeiros); manuscritos que se perderam, que estão esquecidos, talvez confinados, aguardando um momento especial de vir à público ou, ainda, evitando as duras críticas e disputas intelectuais que cresceram proporcional ao atual sucesso.

A tese citada aponta e analisa a existência de mais versões de alguns de seus textos e denomina o processo criativo de “poética de resíduos”; pois nos manuscritos analisados, foram identificadas alterações como supressões, rasuras, acréscimos e mudanças na forma e conteúdo realizados pela própria escritora (FERNANDEZ, 2014, 2018). Se analisado conforme os padrões pré-estabelecidos pela crítica literária, pode parecer que não havia um método justificável ou efetivo em sua produção, mas, sabidamente, é esta suposta falta de rigor e a espontaneidade que são as marcas da escrita e elas coadunam a valorização da estética e do conteúdo.

Dessa forma, “a descrição que faz de sua infância, procurando no passado o sentido da vida, quer mostrar que, na realidade, Carolina era predestinada a se tornar poetisa e escritora” (CASTRO, 2007, p. 20). Por isso, é sabido que na autobiografia existem manipulações na reconstituição dos fatos, pois é natural no processo de rememoração aliviar ou embelezar aspectos que possam trazer à tona sentimentos de angústia, dor e tristeza. Mas isso não impediu que junto às projeções idealizadas de si e da família, a autora relatasse momentos de preconceito e injustiças sociais.

“Eu era insuportável” (JESUS, 1986, p. 12), assumiu. Destoava de seus pares pelas atitudes provocativas e um tom de superioridade por saber ler e escrever, aspectos que deveriam lhe oferecer alguma vantagem em relação aos demais, mas que parecem ter feito pouca ou quase nenhuma diferença no período que trabalhou para as famílias ricas e para os fazendeiros em Minas Gerais.

Em *Diário de Bitita* (JESUS, 1986), no entanto, a autora apresenta uma criança muito curiosa sobre todas as instâncias da vida adulta, que encontrou dificuldades em se encaixar no contexto escolar por desconhecer o que era ser criança. Bitita também parece ter vindo ao mundo pela teimosia e sobrevivido às mazelas da vida precária da população negra no Brasil, alimentando seu espírito e intelecto com questionamentos e com uma atitude observadora. A partir daí, construiu sozinha seu entendimento de mundo, conscientizando-se da sua existência enquanto sujeito. E é esta organicidade, a parte humana, e, portanto, imperfeita, que busco apresentar nestas páginas.

Assim, os relatos compilados a seguir, não são mais sobre a menina Bitita, mas sobre as fases da escritora na vida adulta. A relação e a similaridade entre o temperamento e o comportamento na infância em Minas Gerais e na vida adulta em São Paulo reforça a ideia de que as lembranças foram construídas a partir de um olhar maduro que busca encontrar no passado a resposta para o resultado do presente. O que também ratifica essa ideia é o consenso expresso pelos filhos a esse respeito.

Sobre as peculiaridades que constituíram a identidade de Carolina Maria de Jesus, ressalto que ela própria se definiu no passado como “insuportável”, contudo, nos relatos da filha Vera Eunice de Jesus Lima e do filho mais velho José Carlos de Jesus, foi esta conduta ativa que a destacou dentro e fora da favela. A percepção dos filhos sobre seu jeito de ser baseia-se nos anos de convívio com a mãe, ao passo que ela lhes contava histórias do passado, as quais auxiliaram a compor um imaginário sobre sua personalidade. Ambos os filhos a descrevem como orgulhosa e muito batalhadora, mas José Carlos de Jesus exalta as atitudes firmes e irredutíveis da mãe em uma visão poética para diminuir o sofrimento causado pelas escolhas de se manter honesta e afastada das imoralidades que cercavam os pobres, para ele, sua atitude era de uma “guerreira africana” (JESUS, 2015a, p. 101) que todos respeitavam. Já a filha reconhece que “ela era uma pessoa difícil de se conviver, temperamental” (LIMA, 2015, p. 72), mas disposta a qualquer sacrifício em benefício do bem-estar e da segurança dos filhos, corroborando a fala do irmão.

Em vista disso, também é natural que os herdeiros do espólio de Carolina Maria de Jesus se sintam no dever de honrar a história da mãe (MEIHY; LEVINE, 2015). Assisti e li muitas entrevistas realizadas com Vera Eunice de Jesus Lima, atualmente, a única filha viva da autora, e percebi uma recorrente nos discursos da entrevistada. Independentemente das perguntas ou do estilo das entrevistas, seus relatos sempre são os mesmos, quase que ensaiados ou decorados para não dar chance às mídias de contradizerem ou criticá-la de alguma forma. A filha caçula mantém o posicionamento de cuidar da memória da escritora e poetisa, cumprindo o desejo da artista, registrado em carta. Talvez a filha tenha guardado algum rancor da imprensa, mas precisou superar e aprender a transitar neste meio que, em certa medida, foi responsável pelo desfecho da ascensão e da queda da mãe. Entretanto as mídias ainda são necessárias, ou indispensáveis, para que o retorno de Carolina Maria de Jesus seja definitivo para o rol literário brasileiro.

Ainda sobre as características identitárias da autora, Audálio Dantas, sob outra perspectiva, sempre escolheu bem as palavras que usou para definir o comportamento

imprevisível de Carolina Maria de Jesus, as apresentações dos diários assinadas por ele são um exemplo. Em 1º de dezembro de 1976, em depoimento para o jornal *Folha de São Paulo*, ele afirma “que não se perturba com as súbitas mudanças de opinião de Carolina. [...] começa dizendo que Carolina ‘é mesmo uma pessoa de altos e baixos’, [...] que estas oscilações resultam de ‘um processo de loucura, de exacerbação mental, ocasionado por toda a miséria que ela passou’” (PENTEADO, 1976, p. 31). Em entrevista para a pesquisadora Elzira Divina Perpétua, em 4 abril de 1995, o repórter ratifica sua opinião a respeito do comportamento da autora e completa que “evidentemente ela tinha um problema de natureza psicológica que eu [Audálio Dantas] não posso precisar, não sou um profissional da área” (PERPÉTUA, 2014, p. 334). Nas décadas de 1960 e 1970, é flagrante o veio jornalístico pelo qual foram conduzidas as reportagens e matérias veiculadas sobre Carolina Maria de Jesus. Apesar do primeiro diário ter sido recebido pela sociedade como relato social da pobreza e da fome, as poesias, os romances, os provérbios etc. eram percebidos com menor valor estético, pois associavam a condição intelectual e social da escritora à qualidade e validade das produções. Para muitos críticos, e talvez para os próprios leitores, *Quarto Despejo* era um livro de ocasião, considerando que o segundo diário não teve a mesma recepção. Logo, toda a produção que se destoasse da imagem da “escritora favelada” não passava de especulação da mídia. Sobre isso, Audálio Dantas desabafou na entrevista que “as pessoas sempre achavam que a Carolina ou era uma pobre vítima, uma pobrezinha, uma miserável esfarrapada que por um golpe de sorte da vida descobriu uma América qualquer, ou então era uma mulher vítima de espertalhões, e um dos espertalhões seria eu” (PERPÉTUA, 2014, p. 335). O repórter ainda expõe que foi muito criticado por fatos como esses, o que o deixava muito chateado. Na ocasião da entrevista, também afirmou que Carolina Maria de Jesus lhe entregou com satisfação dois cadernos que figuravam o diário de 1955 e mais um caderno de poesias no primeiro dia que se conheceram, o que para ele demonstra o quanto ela já tinha internamente o desejo premente de se projetar.

Além disso, o que percebo ao reler e analisar a entrevista de Audálio Dantas é que ele tentou proteger a imagem da “escritora favelada” criada por ele e pela mídia, à medida que conservou consigo os manuscritos por muitos anos e gradativamente, em cada entrevista concedida, fez questão de revelar o quão a autora era ciente das situações que experienciava em função da fama, assim como era cônica de seus desejos de ascensão e fama. Dessa forma, sua instabilidade emocional, à qual podemos atribuir diversos fatores responsáveis, foi decisiva na relação com o sucesso e com o esquecimento.

Nesse sentido, quando me volto para compreender sua juventude pelo aspecto psicoemocional, suponho que a distância que a apartou da família tenha sido causada pela personalidade difícil, pela inconstância dos sentimentos e pelas habilidades de leitura e questionamento, as mesmas atribuições que a colocaram sob os holofotes dos anos de 1960.

Os filhos e o repórter foram as pessoas de convívio mais próximo no período de triunfo do primeiro diário, logo, seus depoimentos se assemelham. Eles participaram ativamente das vicissitudes na vida da autora, como o processo de elaboração dos manuscritos, o lançamento, as entrevistas, as viagens, as compras e a instabilidade de todo esse cenário.

Com uma assimilação diferente em relação às atitudes de Carolina Maria de Jesus, a vizinha e parteira da favela, Maria Puerta, em único depoimento, registrado no livro *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (MEIHY; LEVINE, 2015), revela detalhes que desvendam a *persona* que observou, refletiu e registrou a realidade de sobrevivência diária na Favela do Canindé, às margens do rio Tietê. Para ela, Carolina Maria de Jesus foi uma mulher muito batalhadora, honesta, “bastante calma” e “diferente de todo mundo” (PUERTA, 2015, p. 131), pois prevalecia o desejo e a atitude de evitar, quando possível, o convívio intimista com outros moradores do local, na tentativa de não ser associada aos estereótipos e alcunhas que eram direcionados aos favelados e pelos favelados. Por ter acompanhado de perto o drama da vida da escritora, o depoimento da parteira revela uma fala de admiração e respeito pela antiga vizinha e, também, ressalta as boas atitudes e o comportamento regrado da amiga escritora. No entanto, Maria Puerta e Carolina Maria de Jesus não tiveram a chance de se despedir, pois a parteira precisou deixar a favela às pressas para fugir das enchentes e nunca mais retornou, porém, mais tarde, soube do lançamento do diário.

Seguindo as impressões de Maria Puerta, a assistente social Marta Teresinha Godinho, também madrinha de Vera Eunice de Jesus Lima, vai além em seus depoimentos e nos apresenta uma visão profissional do perfil social e psicológico de Carolina Maria de Jesus. Para ela, a autora “era uma pessoa muito inteligente [...]. Era capaz de pensar e analisar no campo das ideias, coisas que não era do interesse do favelado comum. [...] Por isso, sua personalidade, apesar de discreta, era muito tensa” (GODINHO, 2015, p. 136). Apesar de ter aceitado o convite para ser madrinha da filha caçula da autora, o que implicaria em uma certa relação de convivência mais afetiva e próxima, Marta Teresinha Godinho disse que a relação entre elas foi muito restrita pelo fato de a escritora ser muito reservada.

O que percebe até aqui é um conflito de identidades ao confrontar os depoimentos. Carolina Maria de Jesus, para alguns, era comedida, regrada, e, para outros, intensa e muito difícil de lidar. Por outro lado, as *personas* retratadas nos depoimentos existiram, cada qual, quando foi exigida ou necessária, colocou-se em ação nas situações de socialização, e, assim, construía a complexa identidade da escritora e poetisa. Os depoimentos também revelam a capacidade de resiliência e de mutação de Carolina Maria de Jesus para se adaptar a cada contexto social, permitindo que transitasse entre espaços e grupos socioeconômicos distintos, destacando-se em todos eles pela intensidade da postura e das palavras. Por não se encaixar totalmente em nenhum destes ambientes, viveu na terceira margem, à deriva.

Outra questão relacionada à personalidade e identidade é não se ter a presença da família em seus diários editados, o que parece justificável pelos tensionamentos durante o período de convívio antes do sucesso, ou pelo próprio tempo que a escritora viveu na favela, em São Paulo, à própria sorte, sem contato com os parentes, visto que sua mãe faleceu quando ela tinha 14 anos¹⁹, e então, ela vai para Franca, e anos depois, para a “ínculta” capital. A distância, as dificuldades de sobrevivência e até a precariedade de comunicação certamente colaboraram com o afastamento paulatino durante quinze longos anos de estadia na favela paulista.

Como visto, pouco se sabe com precisão sobre sua vida até a chegada a capital São Paulo, sua relação com os familiares se perdeu ainda em Sacramento, muito pelo contexto da desorganização familiar e pela conturbada ou pouca relação que teve. A rejeição provocada pela cor de sua pele, pelas feridas nas pernas e a irreverente habilidade de ler e escrever, também podem ter contribuído com este afastamento. Da mesma forma, após a fama, também não há registros de parentes que a tenham procurado ou se manifestado em relação ao seu sucesso e oportunidades. Porém, no ano de 2021, quatro mulheres organizaram um perfil na rede social *Instagram*, com o nome @netascarolinadejesus, reivindicando o reconhecimento e os direitos como parte do espólio de Carolina Maria de Jesus, pois são filhas de José Carlos de Jesus, falecido em 2016.

Ao mesmo tempo, é importante salientar que analiso os textos publicados por editoras, os quais, sem exceção, foram manipulados/editados ao gosto do público receptor. Assim, é

¹⁹ A informação é fornecida pela escritora em reportagem para o jornal vespertino *A Noite*, do RJ, em 1942. Em contrapartida, em *Diário de Bitita*, a narração das memórias e a própria edição induzem a concluir que a partida para São Paulo estava relacionada ao falecimento da mãe. No texto *Prólogo* (JESUS, 2015), sua ida para a capital teria ocorrido em 1937, aos 23 anos. No entanto, nesta reportagem, sem precisão de data, Carolina Maria de Jesus comenta que anos depois de ficar órfã, foi para Franca; com 25 anos, mudou-se para São Paulo, e, aos 27, estava no Rio de Janeiro. Claramente temos um impasse entre as datas e ordenação da ocorrência dos fatos.

possível que os processos de preparação e edição de seus textos tenham suprimido ou simplesmente ignorado as passagens que referenciavam, de algum modo, sua parentela. Os motivos, entre muitos possíveis, remetem aos contextos políticos e sociais da época. Os indícios que me levam a crer nessa possibilidade são os resultados dos estudos de Perpétua (2014) e Fernandez (2018). Ambas as pesquisas revelam, cada uma em sua individualidade, as alterações e omissões que os manuscritos da autora sofreram para ser publicados²⁰, ações que poderiam ter apagado intencionalmente passagens que fornecessem informações sobre sua família²¹.

Analisando o processo criativo dos diários sobre a vida de favelada, e por orientação de seu “descobridor”, também se compreende que o foco da escrita era a vida que levava naquele momento, mas, em anos anteriores, ela escreveu em outro contexto e em outros cadernos as recordações de sua infância, mas essas lembranças, podemos dizer, tardiamente reveladas, estiveram sempre presentes e passaram décadas em gestação até se tornarem um livro.

Em grande parte das notícias de jornais e de revistas que abordam Carolina Maria de Jesus, podemos perceber que a autora aproveitava as oportunidades de estar em contato com jornalistas e repórteres, os quais considerava colegas, para revelar que produzia outros tipos de textos literários. Nas publicações anteriores a 1960, ela já se autodenominava poetisa, e eram os poemas e o entusiasmo com que adentrava as redações que lhe rendiam algum espaço nas páginas dos periódicos. Entretanto, é após o lançamento dos diários que se torna flagrante as tentativas de publicação de romances, livros de antologias poéticas e o próprio texto de memórias.

Em 6 de novembro de 1962, um pequeno destaque nas páginas do jornal carioca *Última Hora* informava aos leitores que a autora de *Quarto de Despejo* estava com os originais de um novo livro prontos para serem entregues na editora (OS PRIMEIROS, 1962). O tema era sua juventude e vida em Minas Gerais e o título sugerido era “Reminiscências”. Dias depois, o jornal *A Tribuna da Imprensa*, também do Rio de Janeiro, noticiava as mesmas informações (AS MEMÓRIAS, 1962). De acordo com a descrição sumariada nas notícias, os manuscritos referiam-se ao conteúdo do livro *Diário de Bitita*, uma vez que o enredo iniciava

²⁰ Para registro, em 2020, a editora Companhia das Letras lançou um projeto que tem como objetivo “restituir a voz autêntica dessa grande escritora, trazendo ao público seu projeto literário por completo” (CAROLINA MARIA, 2020, n. p.) resgatado dos manuscritos espalhados pelos acervos, com exceção do diário *Quarto de Despejo* e *Diário de Bitita*. Em 2021, foram lançados dois volumes, na íntegra, de *Casa de Alvenaria*.

²¹ Entretanto, até a realização desta tese, não encontrei, nessas ou em outras pesquisas que analisam os manuscritos, qualquer indício desse apagamento por parte da editoração.

com a história de seus 4 anos de idade e o epílogo era a chegada à capital paulista ([ANEXO B](#)). A informação parece ter sido fornecida pela própria Editora Francisco Alves, a mesma de *Quarto de Despejo*. No entanto, considerando que Carolina estava de visita ao Rio de Janeiro, tanto ela quanto algum correspondente da editora poderiam ter fornecido esta declaração aos periódicos. Anos mais tarde, em outras reportagens entre as décadas de 1960 e 1970, verifiquei que a ideia de escrever as memórias, além de outros projetos, seguiam com a escritora, como exhibe a notícia *Longe de tudo e de todos Carolina Maria de Jesus escreve dramas*, do jornal *Notícias Populares*, em 1967:

para arranjar dinheiro, ela vai fazer uma coisa que nunca mais gostaria de fazer: publicar um livro – “Antologias”, ou recordações de família – [...] E é com entusiasmo que fala e escreve de seu avô ‘um preto velho analfabeto, mas que em Sacramento, lá em Minas Gerais, era chamado de Sócrates Negro’ (LONGE DE TUDO..., n. p., 1967).

Essas reportagens, escolhidas para representar o escopo em relação às memórias de Carolina Maria de Jesus, direcionam para o período em que foram redigidas e auxiliam na compreensão de quem era a autora nesse momento, que experiências estava vivendo e como isso influenciou suas lembranças. Por outro lado, também revela a persistência da escritora em preservá-las e em publicá-las.

Sua história e memória também se mantiveram vivas nas palavras narradas para os filhos por meio das histórias, conforme relatam Vera Eunice de Jesus Lima e José Carlos de Jesus:

Conheci minha mãe mais do que ninguém. Acompanhei a vida dela até sua morte, no final da década de 70. Ela costumava contar muitas histórias para a gente, coisas de sua infância em Minas. Falava da mãe, do avô, contava sobre pessoas de quem ela gostava muito (LIMA, 2015, p. 74).

Sua infância em Sacramento, conforme ela nos contava, foi dedicada a poucas pessoas: a mãe e o avô, principalmente (JESUS, 2015a, p. 105).

Além do avô, por quem teve muita estima e admiração pelo seu conhecimento, na autobiografia também se mostrava preocupada em ajudar a mãe. Estavam sempre juntas, ou próximas, e a filha parecia disposta a fazer o possível para agradá-la, mesmo que isso significasse ir para longe. Ao retornar para Sacramento por estar preocupada com a mãe e por querer dividir as conquistas do pouco que recebeu do último emprego, sua presença provocou ciúmes, inveja e desconfiança entre as primas e tias. Seu hábito de ler fez com que ela e a mãe fossem presas, acusadas de feitiçaria. Cansada dos aborrecimentos causados pela

presença e pelas atitudes pouco convencionais da filha, a mãe desabafa: “– Quando você chega, eu já sei que vou ter aborrecimentos. Eu já não lhe disse para você ficar por lá?” (JESUS, 1986, p. 176) – exemplificando um dos momentos de desprezo por parte da família. Em suas lembranças, a autora justifica que o pedido da mãe era para seu próprio bem, pois a mãe não aguentava vê-la sofrer.

Dona Cota, quando grávida de Carolina Maria de Jesus, tentou abortá-la sem sucesso, visto que a criança era resultado de um relacionamento fora do casamento e lhe traria complicações. O tom ao qual ela se refere à mãe é sempre saudosista, buscando compensar o sofrimento, que ambas foram acometidas, como se a culpa fosse sempre resultante de suas atitudes inapropriadas ou irreverentes. Percebe-se o respeito pela mãe, mesmo ciente de que ela a “espancava todos os dias” (JESUS, 1986, p. 25) e não escondia a preferência pelo filho homem, seu irmão, como rememora no diálogo: “– A senhora protege o Jerônimo porque ele é filho legítimo. E eu sou bastarda” (JESUS, 1986, p. 83). “Carolina em nenhum momento fala da presença do irmão Jerônimo nesse convívio, daí a suposição de que ele possa ter ficado em Sacramento. Mas é, porém, apenas suposição. Carolina não gostava do irmão, tinha ciúmes dele, pode ter ocultado maliciosamente no relato de suas memórias” (FARIAS, 2017, p. 58). Não suficiente a predileção, também a cor da pele era motivo de injustiças dentro da família, pois a matriarca tratava o filho “com todo o carinho, porque ele é mulato”, e gritava, xingava e maldizia a menina porque ela era “negrinha” (JESUS, 1986, p. 81).

A impressão dos filhos de Carolina Maria de Jesus sobre a relação dela com a mãe é voltada para a afetuosidade, visto que ouviam histórias sobre a avó. José Carlos de Jesus lembra que a mãe parecia “[...] uma abelha rainha protegendo seus familiares e a colmeia com todas as forças que tinha. Foi assim com os filhos e, antes, com sua mãe” (JESUS, 2015a, p. 105). Esta declaração ratifica a intensidade do relacionamento entre Carolina Maria de Jesus e a mãe, descrita na autobiografia.

A questão racial é muito presente em toda a obra da escritora, que, por vezes, é contraditória em seus posicionamentos, os quais se modificam de acordo com a situação que lhe favorece. No caso de sua infância, sente-se deixada de lado pela mãe e familiares por ter a pele mais escura que os demais integrantes da família, mas busca a afirmação da importância de sua existência na correspondência entre a cor da pele de uma das madrinhas de batismo, e confessa: “Eu pensava que era importante porque a minha madrinha era branca” (JESUS, 1986, p. 12). A cor da pele é uma incógnita na personalidade da escritora. Em sua autobiografia, relata muitos abusos e discriminação por ser negra, inclusive praticados por

peessoas próximas e por empregadores. Suas atitudes e seus posicionamentos nos diários, já em outra fase de sua vida, também preenchem muitos trechos nos quais denuncia situações de racismo e preconceito, assim como em suas reflexões sobre a vida e sociedade, nas quais consegue perceber os motivos de tanta diferença entre os brancos e negros, ricos e pobres.

Por outro lado, o que a torna uma figura instigante são, igualmente, passagens dos diários que incitam o leitor a identificar o preconceito racial, social e xenofóbico por parte da escritora. Esta é uma discussão que permeia sua obra e sua identidade desde o início, e vou retomá-la nos capítulos seguintes, ao analisar a tradução e recepção de seus diários.

Retornando à relação entre a autora e sua mãe, o discurso construído na autobiografia busca uma explicação para situações de destrato que se baseia na personalidade e nos atos da jovem Bitita. Por ter sido uma criança questionadora, à qual muitos apontavam como inteligente ou louca, e por parecer viver em um mundo de faz de contas, a escritora busca justificar em seu passado atitudes que considerou inadequadas em algum momento de sua vida, e transformou seus dissabores em prosa pungente. Um exemplo é a reprodução de uma das falas de sua mãe: “O que preocupava minha mãe era minha mentalidade. Se alguém lhe perguntava: – A tua filha é louca? Ela respondia: – A aparência é de louca. Mas não é” (JESUS, 1986, p. 21). A relevância deste excerto reside no fato de Carolina Maria de Jesus usar o arquétipo da loucura desde a infância para dar sentido a esta constatação na vida adulta. O ponto de referência do texto autobiográfico é um passado distante, precisamente, do início de sua vida, mas há marcas na escrita de que busca justificar um pretérito recente, aquele que lhe concedeu o sucesso e o esquecimento. Exemplos desta constatação estão alocados desde a ideia de que ela (não) era louca, apesar de ter recebido o prêmio *A ordem dos desparafusados (Orden Caballero Del Tornillo)*, na Argentina, em 1961, até o tema central da autobiografia que gira em torno da aprendizagem e de como ela estaria predestinada a ser uma escritora.

Portanto, visivelmente, o processo criativo da autobiografia fez uso do aparato da memória para, de forma simultânea, trazer à tona boas lembranças de pessoas queridas e explicar o seu ideal, como uma escrita de redenção que lhe permitiu narrar a si mesma e encerrar o ciclo, curar feridas que foram abertas com as palavras que usaram para rotulá-la e descontinuí-la. Vivendo em condições precárias e sofrendo abusos e provocações, não é possível imaginar a extensão do transtorno psicológico ao qual ela e a família foram expostos, tão pouco, dimensionar os danos causados nas relações sociais e na maneira de encarar a vida. No entanto, com base nas pistas do texto, suponho as motivações e os desejos que a levaram

a esta e não a outra forma de lidar com sua história de vida por meio da escrita, o que explico na seção seguinte. Foi com uma forma orgânica de escrever que Carolina Maria de Jesus deixou um pouco de si mesma sob sua própria perspectiva.

Na literatura e nas artes em geral, a verdade dos fatos, a essência do conteúdo, é costumeiramente revelada pela personagem que recebe o menor prestígio da audiência. A realidade vem na graça das brincadeiras e palhaçadas, nos devaneios da loucura ou na insensatez da voz embriagada. Rememorar tempos mais difíceis do que os anos de escassez no Canindé foi um trabalho árduo para uma mente incompreendida e cansada de não ser levada a sério. Por isso, seguindo esta linha dos desajustados, a autora revela a infância no tom ora pueril e engraçado, ora baseando-se na loucura ou na inteligência como dons predestinados ao nascer.

José Carlos de Jesus, baseado em senso comum, frisa, diversas vezes, no seu relato que as atitudes irreverentes da mãe estavam relacionadas e eram justificadas pelo fato de ela ser uma artista, e “como qualquer artista, foi uma revolucionária. Pablo Neruda, Che Guevara, Picasso tinham vários parafusos a menos [assim como ela]. Só assim percebe-se o mundo real, o mundo do lixo, para extrair a indignação de si e cravá-la na sua arte” (JESUS, 2015a, p. 102-3). Desta forma, ela encontrou um meio mais do que poético e literário de revelar partes de sua origem, sem perder de vista a visão crítica que a consagrou como escritora e exemplo de resistência, não necessariamente nesta ordem. Assim, Carolina Maria de Jesus construiu em suas memórias as lembranças ideais que explicam a escritora daquele momento e revelam apenas as frações que lhe incumbem participação ativa, na qual seu protagonismo é fundamental para ratificar sua identidade e sua excentricidade, ignorando outras tantas partes que jamais nos serão reveladas, pois se foram com ela.

Era uma mulher de princípios, que não renunciava aos seus desejos, uma vez estabelecidos. Por vezes, orgulhosa, o que também nunca escondeu: “prefiro pedir esmolas do que trabalhar para os fazendeiros” (JESUS, 1986, p. 147), admitiu após expor os anos trabalhados nas casas de famílias e nas fazendas, sendo ludibriada e explorada, visto que, pedir esmolas era a situação mais degradante e humilhante para ela, pois as pessoas a xingavam e a maltratavam. Por outro lado, que era uma pessoa difícil de lidar e de compreender nunca foi novidade na vida pública ou privada da autora, fatos confirmados pelas declarações dos entrevistados que conviveram com ela.

Algumas passagens do livro *Diário de Bitita* também corroboram esta percepção, como, por exemplo, no capítulo *O cofre*, que inicia com as seguintes afirmações: “Eu era uma

revoltada. Comecei a viajar, procurando tratar-me. Sarei. Que alegria! Minha mãe sorria” (JESUS, 1986, p. 182). O trecho resume como vivia e quais as principais necessidades de Carolina Maria de Jesus. Ela atesta ser “revoltada”, mas não fornece detalhes da origem desta constatação nem quais os motivos que a levaram a esta conclusão e ao descontentamento. Entretanto, as demais obras fornecem subsídios para as conjecturas, pois seu aspecto reservado, na maturidade, seria resultante de experiências negativas na juventude, mas que não a fizeram perder o seu ideal de escrever nem de se impor pelo que achava correto. A amargura era sinal de decepção e desconfiança.

As viagens que fez durante um tempo, foram pautadas pela necessidade da cura para as feridas das pernas, no entanto, a procura era, também, por aceitação e autoconhecimento. Ela não tinha valor para os outros ou para si mesma por estar doente, por não ter uma boa aparência, por não ter habilidades como cozinheira. Além disso, “saía de um emprego e entrava em outro, e não era apenas por causa do serviço ou das leituras que fazia no horário de trabalho, mas por uma revolta social, inata nela, que a acompanharia até o final da vida” (FARIAS, 2017, p. 81). Perambular entre cidades e serviços, além da necessidade de sobrevivência, era uma metáfora pela busca do significado de sua existência. Precisava haver algo maior e mais significativo para se chamar de vida do que as rotinas de trabalho infinitas e malogradas. Mas ela também via nesta sociedade o desejo de usufruir das benfeitorias da vida, afinal, era uma pessoa honesta, culta, com sonhos e vontades como qualquer uma e “queria um serviço de mais movimento. E ficar sentada com uma criança nos braços o dia todo foi cansando-me. [...] Cansei daquela vida estagnada. Uma vida sem um amanhã promissor. Sentia um descontentamento tremendo” (JESUS, 1986, p. 190). Era preciso entender a si mesmo para poder continuar a sua saga. A autora pensou que a saúde fosse o motivo da rebeldia e falta de sorte para achar bons serviços, mas, sem sucesso, narra que “pensava que se readquirisse a saúde, ia viver como fidalga. Enganei-me. Os dias para mim ainda eram funestos e trágicos. Os meus sonhos não se concretizavam” (JESUS, 1986, p. 185).

O modo de pensar e agir de Carolina Maria de Jesus é resultado das experiências positivas, mas, principalmente, das negativas. A partir delas, foi construindo seus valores morais com base no senso comum da sociedade que ainda era regido pelas ideias da população branca. Por desconhecer outras possibilidades, ela valorizava e seguia as premissas morais e conservadoras do espaço social e econômico ao qual pertencia na condição de sujeito passivo. Almejava fazer parte, de algum modo, da sala de visitas, e agir com dignidade e respeito para

com todos que da mesma forma a tratassem. E ainda, querendo provar seu valor e sua inteligência, em certa ocasião, revela para um patrão esquecido que ela ouvira a senha do cofre novo e diz, entusiasmada: “Que alegria que senti. Puxa, os brancos comentando que sou inteligente! Isto para mim é uma honra. Então eles falavam de mim lá fora” (JESUS, 1986, p. 184). O desfecho deste ocorrido leva a autora para o olho da rua e amargamente lhe é imposta outra lição de vida que a relembra que não havia lugar para ela naquele espaço, pelo menos, por enquanto, pois ela não deixou de insistir.

Sua tramitação entre dois mundos distintos nos dilemas sociais e morais, ora favorecendo as pessoas brancas, ora favorecendo os negros e os pobres, é um fator influenciador muito forte na construção da identidade da autora, que, apesar de entender o que se passava ao seu redor e não se conformar com que lhe tolhessem sua liberdade de ir e vir e de se expressar, buscava constantemente repetir hábitos sociais e reproduzir ideias moralizantes comuns à alta sociedade que era majoritariamente branca.

A identidade e a personalidade da escritora são formadas por um caleidoscópio de qualidades e defeitos das pessoas com as quais ela conviveu: padrões, patroas, família, políticos etc., mas, acima de tudo, por pessoas que ela admirou, que defenderam a cultura, a educação, as atitudes de benfeitorias em relação ao próximo, quer tenham sido essas pessoas brancas ou negras. Esta base resultou na irreverente e única Carolina Maria de Jesus, propositalmente incompreendida, na medida em que se tornou mais fácil e lucrativo para os meios midiáticos da época expor e criticar o lado mais fraco, do que ter a humildade de reconhecer seus excessos e injustiças, nada muito distante dos preceitos que ainda persistem.

As conjecturas históricas e sociais recuperadas pelas lembranças explicam e justificam, portanto, a peregrinação da futura escritora por tantas cidades entre São Paulo e Minas Gerais, como Sacramento, Uberaba, Conquista, Orlândia, Ribeirão Preto, Franca, São Paulo e mais tarde, Parelheiros. Troca de padrões, busca por melhores condições de subsistência, tratamentos médicos, seu ideal, ou o simples desejo de modificar o *status quo* da existência pelo constante movimento e pela frequente mudança são fatores responsáveis por sua moção e identidade. Esse movimento e essa construção identitária serão explorados na seção seguinte, a partir do caminho trilhado e registrado pela própria escritora para tornar-se poetisa.

2.2 CAROLINA MARIA É POETISA

Por que Carolina Maria de Jesus tinha uma necessidade premente de escrever? Esta é uma pergunta complexa e que está sempre latente nas pesquisas. Muitas são as possíveis respostas, mas a principal direciona para outra pergunta: Afinal, o que leva alguém a escrever? O verbo “escrever” aqui é entendido como a ação de expressar-se por meio da escrita em sua mais ampla definição literária.

Para refletir sobre tais questionamentos, refaço, nesta seção, o caminho de aprendizagem da leitura e da escrita e aponto motivos ou eventos que entendo como responsáveis por incentivar a produção literária da autora. Mas chamo atenção do leitor e da leitora de que não há necessidade de justificar o desejo de escrever expresso pela escritora, pois ela escreveu pelos mesmos motivos que qualquer outra pessoa escreve: motivos pessoais, a simples vontade, a inspiração e/ou o talento, dentre outras tantas possibilidades.

Em contrapartida, a própria Carolina Maria de Jesus tornou esta temática presente e recorrente em sua obra que é difícil não abordar o tema, mas o faço na intenção de mostrar que a dúvida que pairava sob ela, não deveria ter existido.

Outro fator importante para abordar o tema, é o fato de que a relação de aprendizagem da leitura e da escrita com a ação criativa de escrever foram fundamentais para que a autora se percebesse como uma poetisa ou como uma escritora, embora esta percepção tenha ocorrido de fora para dentro, por intermédio de conhecidos e de repórteres que foram nomeando seu exercício de escrever à medida que divulgava os manuscritos.

Assim, este subcapítulo revela o processo catártico da escritora em se aceitar enquanto autora, escritora, poetisa e artista, pois sua concepção de literatura sempre divergiu do gênero textual que lhe trouxe a fama e reconhecimento. E, talvez, por isso, Carolina Maria de Jesus fez um apanhado em suas memórias para convencer a si mesma da capacidade literata. Mas outros tempos eram aqueles, e, hoje, ela já está consagrada no meio acadêmico, salvo eventuais divergências.

Deste modo, após me aproximar da história e das obras, inclusive de alguns textos inéditos, percebi que desde muito jovem ela escolheu para si uma razão para continuar a batalha diária de vida. Um motivo para seguir em frente, apesar das incalculáveis ciladas às quais era submetida pelo preconceito social ou pelo próprio destino. Mesmo sofrendo, elegeu um propósito para continuar a existir, algo que justificasse as dificuldades, mas que pelas quais

seria recompensada, afinal, a saga diária da inóspita existência não poderia ser em vão, haveria de ter uma explicação para tudo aquilo, mesmo que fantástica ou idealizada.

Carolina Maria de Jesus estabelece, portanto, um ideal de vida que é escrever, muito antes do despontar de *Quarto de Despejo*. O que muitos ainda desconhecem é que ela já escrevia, publicava, rimava e declamava poemas antes mesmo de residir na favela, o que refuta as sugestivas de que ela foi descoberta ao acaso e de que não tinha a intenção de publicar ou ser reconhecida pelas produções, como já percebido pelo depoimento de Audálio Dantas. Além disso, apesar de ter acessado dicionários, livros e outros suportes e gêneros textuais, ela escolheu a palavra “ideal” para definir o propósito da escrita. Esta palavra revela o sentimento íntimo de busca por um modelo, uma projeção de ideia perfeita, talvez, inalcançável, algo que só existia em seus pensamentos, ou na redundância de sua idealização. Se a autora acreditasse que algum dia seria reconhecida como parte do mundo literário, seu ideal tonar-se-ia um objetivo, algo a ser concretizado, e deixaria de existir apenas no campo das ideias. No entanto, para uma jovem, negra, semianalfabeta, que chegava a uma cidade em pleno desenvolvimento, a projeção de sonhos na terra das oportunidades era mais do que aceitável, era inevitável. A escritora tinha noção da distância entre o caminho que formulava e alimentava o seu ideal e o caminho que levava à realização, à concretude deste. As condições social e econômica eram-lhe completamente desfavoráveis ante este cenário de possibilidades inatingíveis, por isso, conforme muitas vezes registrou, ela possuía um ideal, e não um objetivo.

Mas o que ela teria de diferente em relação à multidão que observara, atenta, assustada e curiosa, no dia chuvoso de sua chegada a São Paulo? Em relação à maioria, a noção de leitura e de escrita, mas naquele tempo, ainda não tinha ideia de que o que produzia eram versos e poemas, tampouco, literatura.

Apesar de ter alcançado o ideal, ele não se concretizou nos moldes projetados, justamente pela falta de conhecimento sobre o universo literário e pela falta de sensibilidade que a imprensa demonstrou em relação ao tratamento e à fama da escritora, com certeza ela não estava preparada para tudo o que lhe ocorreu em tão breve espaço de tempo. Antes de seguir com a trajetória do ideal de escrever, relembro que estou compreendendo e interpretando Carolina Maria de Jesus por meio dela mesma, pelas obras, que muito contam das experiências vivenciadas, ou por intermédio dos depoimentos em entrevistas e reportagens, em grande parte, também protagonizados por ela.

Assim, organizando cronologicamente os fatos que construíram o ideal de escrever da autora (e sua trajetória de aprendizagem e aprimoramento da escrita), mantenho a análise em

sua autobiografia *Diário de Bitita*, pois é nela que se constrói a perspectiva idealizada da escritora-poetisa com mais ênfase. O livro, portanto, elaborado como um documento de escrita de si, contempla as características do gênero autobiográfico, como a narração em primeira pessoa, colocando a autora como personagem principal, e emitindo sua opinião e seu julgamento sobre sua própria história. Mas vai além do gênero autobiográfico, uma vez que foi acrescentado o tom humorístico, moralizante e um pouco profético, por parte da escritora, para amenizar as agruras das histórias.

Sobre o despertar para o mundo das letras, há registros importantes na autobiografia, no capítulo *A escola*, além de inserções ao longo da narrativa que auxiliam na construção da personagem Carolina-escritora-poetisa. É importante lembrar que Fernandez (2014) constatou que o texto deste capítulo é semelhante ao texto de outras produções encontradas em alguns dos cadernos manuscritos, para os quais a escritora escolheu o título de “Prólogo”. Um desses textos foi publicado como capítulo no livro de Meihy e Levine (2015), nomeado de *Minha vida... Prólogo*, e contempla a integralidade dos manuscritos, como era o propósito do projeto. Nessa versão, o parágrafo de entrada é decisivo para a análise que proponho sobre o desenvolvimento do processo de escrita, pois é a própria autora que intenta mostrar aos leitores que sua escrita veio de um processo criativo e evolutivo, conforme segue: “Nesta primeira obra poética que apresento, desejo relatar aos ilustres leitores como foi que percebi minhas aptidões para a poesia” (JESUS, 2015, p. 198). Nesse sentido, ao comparar as versões dos “Prólogos” entre si, a pesquisadora constatou, de fato, a existência de uma escritora preocupada com a produção literária e que, ao transcrever seus textos, fez algumas modificações de ordem estética e gramatical, com um olhar crítico sobre si mesma. Essas alterações confirmam a preocupação em melhorar o resultado das produções e sugerem a existência de um processo de criação e de aperfeiçoamento da escrita que teve como ponto de referência os próprios diários, os quais não foram considerados literatura, inclusive pela própria autora, como mencionei.

A noção de Carolina Maria de Jesus sobre o conceito de literatura estava arraigada às produções literárias às quais teve acesso durante sua formação como leitora e estas incluem, entre outras obras já mencionadas, escritores dos períodos Barroco e Romantismo. A influência é, inclusive, percebida nas características das demais produções literárias da autora, nos romances, contos e poesias, e não apenas no seu ideal de Literatura:

Barracão

Eu nasci para sofrer
 Seu eu morrer não levo saudade
 Na terra o negro não pode ter personalidade

Eu nasci aqui no Brasil
 Mas sofri
 Fui infeliz
 Gritei e não consegui
 Realizar o que eu quis

Pedi: Me dê felicidade
 Quero campo e não cidade
 Mas foi tudo em vão

Por isso eu arrependi
 Porque fui tola e saí
 Do meu barracão

Minha renda é tão precária
 Que às vezes passo provação
 Com fala de milionária
 Sem nenhum tostão

Se eu pudesse me suicidar
 E deixar a terra ingrata
 Ia para o espaço habitar
 Na lua cor de prata.

(JESUS, 2019, p. 45)

Portanto, apesar do surgimento de grandes movimentos culturais no início dos anos de 1960 e de a Literatura Brasileira estar na fase pós-modernista – fato que favoreceu o sucesso da escrita de Carolina Maria de Jesus –, para ela, seus diários destoavam do estilo de escrita da literatura de qualidade. No entanto, eles eram um meio para, mais adiante, consagrar as almeçadas publicações dos outros textos, e, por isso, era importante revisá-los e reescrevê-los para atingir seus próprios parâmetros literários.

Então, se ser escritora ou poetisa está diretamente relacionado ao exercício da escrita, o método praticamente autodidata e pouco convencional desenvolvido pela autora, demonstrado pelos estudos de Fernandez (2014), concede-lhe não apenas o direito de se identificar com este segmento criativo, como também de ser pioneira no desenvolvimento de uma escrita autobiográfica que trata do cotidiano e de mazelas da sociedade em que viveu, a partir de um lugar de fala, recentemente colocado em evidência: a fala do mais vulnerável, à margem social. Carolina Maria de Jesus, apesar de não concordar na época, inovou a partir de uma escrita até então compreendida apenas como documento de relato social, mas que

hoje é conhecida, reconhecida e disseminada como Literatura Periférica²², entre outros sinônimos.

De todo modo, a literatura é “uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza” (CANDIDO, 2011, p. 188). Logo, é fundamental entender o processo de criação da poética, pois corrobora a compreensão das obras e desmistifica a imagem criada pelas mídias na década de lançamento dos primeiros livros. Assim, vamos gradualmente nos aproximando da intimidade das obras e tecendo, por meio de estudos e pesquisas acadêmicas, rotas de entendimento sobre esta complexa artista.

No que tange à vocação intelectual, encontramos na narrativa autobiográfica trechos que remetem a uma Carolina criança muito atenta e curiosa pelas coisas ao seu redor, ansiosa para descobrir as maravilhas do conhecimento e da cultura, como exemplifica o seguinte excerto: “Quando será que hei de saber tudo que há no mundo?” (JESUS, 1986, p. 21). Ela também já se destacava em meio à sociedade na qual convivia. Em função destes atributos, a jovem travava pequenas disputas argumentativas, expondo sua opinião para pessoas que se manifestassem opressoras, preconceituosas e injustas, e, em momentos assim, os que presenciavam sua audácia comentavam: “– Que menina inteligente, nos defendeu!” (JESUS, 1986, p. 30), registrou a autora.

Outra característica importante para entender a relação autora-escrita são as formas de aprendizagem utilizadas por Carolina Maria de Jesus para desenvolver os conhecimentos sobre a linguagem falada e escrita. Visto que seu “cérebro anotava tudo que ouvia sem esforço” (JESUS, 1986, p. 32), ser uma observadora atenta e possuir um senso crítico foram importantes para seu autodesenvolvimento.

A sua forma de escrever é similar aos escritos da fase inicial do processo de alfabetização, no qual percebemos a escrita das palavras pautadas pela sua sonoridade, popularmente conhecida como um processo no qual “se escreve como se fala”. Há também a falta de algumas consoantes e vogais, talvez por não conseguir assimilar os grafemas aos fonemas produzidos no ato da fala. A marca da oralidade é uma recorrente, a qual também é

²² Literatura Periférica, ou Literatura Marginal, é um termo cunhado nos movimentos culturais dos anos de 1970, mas, principalmente a partir dos anos 2000, seu uso criou outras possibilidades de significação, aproximando-se do que entendemos hoje como a literatura produzida por pessoas das periferias das cidades brasileiras ou que discorre sobre temas relativos a elas, além de ser uma literatura que também figura às margens do cânone literário, pois segue as próprias regras estilísticas.

acentuada pelo seu sotaque mineiro, representado na grafia das palavras por meio de acentuações em excesso para representar a entonação de sua fala (FERNANDEZ, 2014).

Em contraste com esta rudimentar forma de escrever, vemos palavras rebuscadas e em desuso que, na concepção literária da escritora, enriquecem sua escrita e a tornam mais “poética”, mais próxima de “pronunciar o clássico”, distanciando-se das características da linguagem dos populares da Favela, como por exemplo, as palavras “abluir”, “atribulada”, “indolente”, “fétidos” e “impropérios”, algumas, usadas com certa frequência. Essas palavras chamam a atenção, causam estranheza à primeira vista e despertam a curiosidade dos leitores sobre de qual maneira e em quais circunstâncias uma pessoa com pouca, ou quase nenhuma, frequência escolar produziria um texto que é simultaneamente frágil e incomum pela ótica da norma culta da linguagem, mas complexo pelo ponto de vista da literatura enquanto expressão criativa e manifestação cultural.

Não destoando dos métodos que construíram a identidade de Carolina Maria de Jesus e todas as faces da personagem homônima, a formação de vocabulário e o acesso a leituras são resultantes de outro encadeamento de experiências e oportunidades, conjunto que origina sua peculiar forma de escrever. Deste modo, a autora relata ter lido livros de autores clássicos na época de sua juventude, os primeiros, emprestados pela professora, como *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães; além de livros de conhecimentos gerais, como *História Sagrada*; *História Universal* e a *Bíblia*. Ao que a narrativa indica, as leituras realizadas nas horas vagas entre as atividades da lavoura ou domésticas lhe possibilitaram conhecer parte da história do país através de importantes nomes como Henrique Dias²³, Luiz Gama²⁴ e José Joaquim da Silva Xavier²⁵ (O Tiradentes), por exemplo (JESUS, 1986). Assim, presume-se que as ideias de relações econômicas, sociais e políticas expressas nos diários e outros textos de Carolina Maria de Jesus também foram influenciadas, em alguma medida, pelas leituras, pois o romance de Guimarães e as trajetórias destas personalidades brasileiras estão

²³ Henrique Dias foi uma liderança negra de posicionamento ambíguo. Pernambucano, negro liberto, comandou homens livres e escravos na guerra contra os holandeses no Nordeste, inclusive nas decisivas Batalhas de Guararapes, ao mesmo tempo que caçou escravos fugidos para as autoridades portuguesas. Pelos seus feitos, recebeu título de fidalgo e pediu a liberdade para seus soldados. Dizem que foi o primeiro negro letrado do Brasil e teria escrito cartas ao rei de Portugal (BRASIL, [20--?]).

²⁴ “Luiz Gama, poeta, jornalista e advogado, foi responsável pela libertação de muitos escravizados, antes de a escravidão ser abolida no Brasil. [...] Publicou, em 1859, uma coletânea de poemas satíricos, ‘Primeiras Trovas Burlescas’, onde faz uma crítica social e política da sociedade brasileira, denunciando as questões raciais do ponto de vista negro, na primeira pessoa” (BRASIL, 2020, n. p.).

²⁵ “Joaquim José da Silva Xavier foi militar, comerciante, ativista político e dentista, ofício que lhe rendeu a alcunha de Tiradentes. Nascido em Minas Gerais, em 1746, se tornou símbolo da Inconfidência Mineira, movimento separatista que ocorreu na então capitania de Minas Gerais, e que, dentre outras bandeiras, lutou contra o domínio português e a cobrança de tributos” (BRASIL, 2020a, n. p.).

intimamente relacionadas aos temas abolicionistas, separatistas ou democráticos que almejavam para a população brasileira melhores condições de vida ao final do período colonial e no início da primeira república, anos antes do nascimento da escritora. Anos mais tarde, já na capital São Paulo, ela enfrenta novos movimentos sociais, passando a conviver com outras ideias sociopolíticas e econômicas lançadas e disseminadas em diferentes campanhas governamentais, agora, do período da República, entre os quais cito: A Era Vargas, com o Governo Provisório (1930-1934), O Governo Constitucional (1934-1937) e o Estado Novo (1937-1945); a República Populista (1954-1964) e a Ditadura Civil-Militar (1964-1985)²⁶. Nesses períodos, seu conhecimento de mundo chega por intermédio de jornais e revistas impressos, programas de rádio e, principalmente, dos livros encontrados nas lixeiras, quando trabalhava recolhendo e vendendo papéis para a sobrevivência da família. Após o lançamento do *best-seller*, adquire uma coleção de enciclopédias e outras obras da literatura clássica, conforme descreveram alguns jornalistas sobre sua discreta estante de livros na fazenda de Parelheiros, em meados dos anos 1970.

Retomando ao mote de influências e sobre o desenvolvimento da escrita, a escritora manteve consigo, também, no início de seu caminho literário, o *Diccionario Prosodico de Portugal e Brazil* (CARVALHO; DEUS, 1895), o qual “um dia, remexendo nos caixotes” encontrou junto de outros livros e “era a primeira vez que via um dicionário” (JESUS, 1986, p. 175). Logo descobriu como o livro funcionava, e, a partir de então, o mundo passou a ser mais fácil de entender e, por que não, de descrever. É peculiar que justamente este livro lhe tenha chamado a atenção e que dele tenha feito sua fiel companhia de leitura, haja vista a intencionalidade da publicação do dicionário. Nas páginas iniciais, que leva o título *Cumprimentos ao Público*, os autores justificam a publicação de tal livro muito necessária e afirmam também que é voltada “a todos os que desejam falar sem erros de pronúncia, tão vulgares entre as pessoas ainda razoavelmente instruídas” e “ao público em geral e em especial aos que estudam nas escolas a língua portuguesa” (CARVALHO; DEUS, 1895, p. v). Da mesma forma, outros dicionários, enciclopédias, romances e outros livros foram agregados à pequena biblioteca particular da autora, e à imensa biblioteca intangível de seu conhecimento autodidata ao longo dos anos. Foi a estes materiais que ela recorreu para aprimorar sua escrita, além da ajuda dos filhos e de outros poucos conhecidos.

²⁶ Mais informações sobre os períodos disponíveis em: <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/a1-republica.html>>. Acesso em: dez. 2021.

Nesse viés, a jornalista Pisa também esclareceu a necessidade de se ter perspectivas únicas para compreender a autora e as obras: “Então como te disse, não procure entender a Carolina seguindo o que teoricamente se faz com um autor, cuja profissão é escrever. A profissão de Carolina era viver. E naquela vida terrível, difícil e horrível, ela conseguiu escrever e muito bem” (FERNANDEZ, 2014, p. 297). A fala da jornalista enfatiza a característica da relação intrínseca entre a vida e a escrita da poetisa, pois, por mais que se analise os gêneros literários e composições artísticas pelas instâncias literárias, é necessário compreender e conhecer os contextos sociais, políticos e históricos nos quais foram gerados, e, também, a própria trajetória de vida pública e pessoal da autora, como mencionado anteriormente.

Ter frequentado a escola nos anos primários por aproximadamente dois anos foi decisivo para desenvolver o respeito e o hábito pela leitura, pelos livros e pelo mundo letrado de maneira geral. No novo livro *Casa de Alvenaria – volume 1: Osasco* (JESUS, 2021), que traz o texto integral e fiel aos manuscritos, é revelado que a fonte influenciadora da insaciável leitura e escrita da autora foi a professora Dona Lanita, e, sobre ela, Carolina Maria de Jesus comenta com orgulho durante entrevista aos estudantes da Faculdade de Direito, em 6 de setembro de 1960, que:

A minha saudosa professora **era preta**. Dona Lanita Salvina. Ela não permitia que os alunos faltassem. [...] Ela dizia:
- Quando você não tiver o que fazer envez de ficar nas esquinas procuram um livro para ler. Envez de dançar leia. Você lucrará mais. A lêitura nos favorece na vida. Eu obedecia a minha professora (JESUS, 2021, p. 45, grifo meu).

Nesta declaração, que vai ao encontro do conteúdo dos textos *Prólogo* e *A escola*, percebemos a importância de sua professora, que também era negra, para mudar o rumo da vida ainda na infância. Naquele período, nos anos de 1920, estava-se distante de discutir no país sobre a representação e a identidade, no entanto, o que aconteceu com a escritora, no curto espaço de tempo que conviveu no meio educacional, foi justamente parte de um processo de identificação. Carolina Maria de Jesus se projetou em sua professora, não apenas pela representação racial, mas por ser mulher, correta, exigente e valorizar o conhecimento, afinal, não era comum pessoas negras frequentarem a escola ou ocuparem posições sociais de valor intelectual. No entanto, a relevância e a pele negra da professora foram omitidas na primeira publicação de *Casa de Alvenaria*, livro no qual, pelas datas das entradas diárias, deveria constar tal afirmação, que, igualmente, é pouco mencionada em pesquisas e publicações, visto que

constava nos manuscritos, até o lançamento dos diários de texto integral da escritora no ano de 2021.

Em outro manuscrito, que está no acervo do Museu Afro-Brasileiro, em São Paulo, o qual leva o título de “Diário 20”, a autora fez o primeiro registro de apreço pela professora preta:

27 de abril de 1960:

Eu tive uma professora bôa

- Ela podia se chamar bondade, Inteligência e santa.

Que mulher! Eu achava ela tão bonita. Ela era preta. Dona Lanita Eu achava a lêtra d ela bonita e procurava imita-la. Quando os alunos faltava a aula ela ia busca-los em casa e dizia: se você faltar a aula eu vou mandar uma carta para o expetor vir aqui êle te espêta no garfo. Ele tem um garfo dêste tamanho. Ela abria os braços. Eu ficava com mêdo. Não faltav as aulas. Ela dava livros para eu ler. A moreninha. Inocência Escrava Isaura Dêpois tinha que explicar a historia do livro E foi por intermédio da minha ilustre e saudosa professôra que eu aprendi escrever versos e cóntós e a gostar de lêr. (MAB, “Caderno 20”, F. s/ n *apud* FERNANDEZ, 2018, p. 138).

Não era apenas a aparência da professora, mas também a personalidade e a letra que marcaram as lembranças da pequena Bitita e, possivelmente, contribuíram para o estabelecimento do ideal de Carolina Maria de Jesus, que, mesmo aprendendo a ler e escrever por métodos inusitados, conseguiu relembrar esses momentos com satisfação.

Durante esta pesquisa, associei o fato da pouca ou nenhuma menção à professora negra à falta de conhecimento sobre o fato, mas localizei a mesma informação em uma publicação periódica da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, de agosto de 1960. Divulgada pela revista mensal *Alterosa*²⁷ (ANEXO C), a publicação ocorreu antes do lançamento do diário *best-seller*. Com o texto e fotografias assinados por Walter José Faé, a extensa reportagem conta com mais de 3 páginas inteiras, relata a ocasião da assinatura do contrato para edição e publicação de *Quarto de Despejo* (JESUS, 1960), reproduz trechos do diário e do livro de provérbios, além de ser uma das primeiras revistas a revelar os demais títulos e gêneros textuais já escritos pela autora. Prevendo o sucesso da futura publicação, o jornalista entrevista Carolina Maria de Jesus e inicia a reportagem falando sobre sua origem e sobre seus primeiros escritos: “Estudou [...]. Só até o segundo ano. Depois a família foi para a roça. **Mas a professora, também de côr, d.**

²⁷ “Alterosa foi uma revista ilustrada lançada em 20 de agosto de 1939, em Belo Horizonte, pelo jornalista Olímpio de Miranda e Castro. De caráter literário e noticioso e com frequência mensal, entre suas seções figuravam principalmente contos e crônicas, entremeados por reportagens econômicas, políticas e sociais sobre o estado de Minas Gerais, além de notas sociais, poesia, anúncios publicitários e outros” (ARRUDA DE BARROS; FORTES, 2021, p. 187). O periódico era ricamente ilustrado, teve a colaboração de diversos intelectuais, inclusive Machado de Assis, Fernando Sabino e Rubem Braga. A partir de 1950, também passou a ter assinantes na Europa e nas Américas. Encerrou suas atividades em 1964 (ARRUDA DE BARROS; FORTES, 2021).

Lanita Salvina, já morta, ‘era divina e ensinava tantas coisas, que nem precisei estudar mais; ela era uma santa’, relembra Carolina, emocionada” (FAÉ, 1960, p. 65, grifos meus).

A leitura e a escrita são, de fato, as melhores heranças deste passado saudosista que se presentifica por meio da materialidade poética dos manuscritos e diários da autora, a qual tinha a letra firme, grande, retilínea, muitas vezes elogiada ou destacada em reportagens, traços cursivos que talvez tenham tomado sua forma a partir de tantas tentativas de copiar a letra de Dona Lanita. É seguindo os métodos da professora que também leu autores como Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant e Harriet Beecher Stowe, entre outros citados nos manuscritos, com uma visão crítica sobre as produções, associando sua história de vida à de outros poetas, bem como associando a condição da miséria à própria condição de poeta.

Além do acesso aos livros e do contato com uma professora negra, a possibilidade de estudar também surgiu a partir do trabalho realizado pelo Colégio Allan Kardec, que oferecia educação para crianças órfãs, ou sem condições de pagar pela educação, baseado nas premissas do educador Pestalozzi²⁸ que valorizava o desenvolvimento dos valores e das habilidades dos alunos. No entanto, as reminiscências da escritora nos mostram que seu aprendizado também ocorreu através do que hoje conhecemos por ações de violência psicológica. E, aliado ao que a escritora ouvia e observava na vida confortável dos patrões e patroas, construiu um ideal para melhorar a condição de sua existência, focando no diferencial frente a outras pessoas negras, que, concomitantemente, aproximava-a das pessoas brancas: a leitura e a escrita. Estas foram as armas escolhidas para enfrentar a desigualdade, pois tomou por verdade que a leitura lhe daria privilégios, e, de certa forma, foi assim que se sucedeu.

Utilizando-se da memória, a autora também profetiza o futuro através da crença de ser predestinada, desde criança, a ser poetisa. Para dar veracidade às palavras, ela se vale da personagem do médium Eurípedes Barsanulfo, o qual teria alertado sua mãe sobre o futuro da menina Bitita: “O senhor Eurípedes Barsanulfo disse-me que ela é poetisa!” (JESUS, 1986, p. 13). Em outra passagem da autobiografia, relata uma situação na qual precisou dos atendimentos do referido médium por ter sido acidentalmente embriagada quando criança, e, desta situação, ela constrói e fortalece o imaginário acerca do futuro:

Minha mãe queixou-se que eu chorava o dia e noite. Ele [Eurípedes Barsanulfo] disse-lhe que meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar os miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que, até aos vinte e

²⁸ Conforme o documentário produzido, em 2007, pela Fundação Espírita Brasileira, em comemoração ao centenário do Colégio Allan Kardec: *Eurípedes Barsanulfo - educador e médium*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Iz0pdNNYrnM>>. Acesso em: dez. 2021.

um anos, eu ia viver como se estivesse sonhando, que a minha vida ia ser atabalhoada. Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa. E sorriu (JESUS, 1986, p. 71).

Este trecho é permeado de informações que revelam como Carolina Maria de Jesus via a si mesma na maturidade e como assimilou as desventuras cotidianas. Deste modo, o excerto reforça a questão da criação de elementos idealizados para explicar ou justificar a vida que levou. Utilizando o artifício da narrativa, a autora inclui a figura de Eurípedes Barsanulfo, reconhecido pelos seus ensinamentos e doutrinação espírita. Além de educar crianças e ensinar o evangelho segundo o espiritismo, ele era conhecido por exercer o fenômeno da bicorporeidade, manifestando-se em outros lugares, simultaneamente, através de seu espírito. Desta forma, a escritora nos remete à compreensão de que a confirmação das habilidades de poeta teria sido revelada por intermédio do plano espiritual, algo já definido desde o nascimento. Carolina Maria de Jesus era predestinada a ser poetisa.

Portanto, a produção cuidadosa das memórias funcionou como uma catarse gerada a partir da própria história: as dores na cabeça que não comportavam o tamanho do cérebro conotam uma capacidade intelectual incomum; a idade de 21 anos é um marco temporal relevante em sua trajetória, pois é nesta época que a escritora se muda para a capital São Paulo e sua vida entra em um *continuum* de intensas modificações. Ao mesmo tempo, a passagem do texto explica que até esta idade ela viveria como se estivesse sonhando, talvez por ter sido um período de muitas andanças entre diferentes cidades, obedecendo e cumprindo ordens sem questionar, pois não tinha consciência da própria existência como ser humano. Porém, considerando a complexidade da autora, o sentido alegórico empregado na palavra “sonho” é amplo. O termo também pode referenciar o lado positivo da vida no campo, visto que, muitas vezes, ela escreveu que, além do ideal de escrever, buscava conquistar um pedaço de terra para viver em paz até o final de seus dias. E este último, de fato, se realizou. Nesse sentido, a busca por este lugar físico e simbólico iniciou na infância, conforme relatou: “Dêsde os meus sete anos que estou procurando um local para estacionar e dizer: ‘aqui estou bem!’” (JESUS, 2021a, p. 86). Ainda sobre o fragmento do texto, há uma contraposição entre ser poetisa e o sofrimento, pois, na concepção de Carolina Maria de Jesus, para “adorar tudo que é belo”, é preciso ter uma vida confusa e com provações por meio de martírios, visto que, em sua perspectiva, o poeta é miserável e sofre. Esta noção equivocada sobre o que é ser poeta também está presente em grande parte do discurso dos cadernos manuscritos que compõem o diário *Quarto de Despejo*, como segue:

29 de julho de 1958

Dêixei o lêito as 6 e mêia. Estava preocupada pórque não tinha nada em casa. O dinheiro que se ganha não da para mais nada. Dizem que os poetas acabam loucos. E eu, estou na imenencia de enlouquecer (JESUS, 1958 *apud* PERPÉTUA, 2014, p. 227).

Novamente vemos a loucura atrelada à condição de poeta e de privações, o que não é incomum, pois Carolina Maria de Jesus foi apontada como louca ao caminhar com seus cadernos embaixo dos braços, retirados do lixo, para, na eventualidade de os versos lhe ocorrerem nas ideias, estar preparada para registrá-los. Foi ridicularizada por escrever e por alimentar esperanças de publicação, mas deixou muitos extasiados e outros revoltados com a divulgação dos escritos. A palavra “louca” foi escolhida pela imprensa e preencheu a manchete de uma reportagem que ainda ignorava a capacidade literária da “escritora favelada” e as pretensões de se manter produtiva e almejando publicações²⁹. A matéria, assinada pela jornalista Regina Penteado, que ocupa uma página inteira do periódico *Folha de São Paulo*, foi realizada em decorrência da reedição do livro *Quarto de Despejo*, em 1976, (apesar de a autora da reportagem dizer que não estava a par desta situação), e, além de fazer uma retrospectiva dos últimos 16 anos desde a primeira edição do livro, também expõe a escritora como uma pessoa em desequilíbrio. Essa ideia de “louca” é corroborada pelas fotos reproduzidas junto ao texto, que mostram apenas o rosto da escritora, cansado, com os olhos saltando-lhe a face. A matéria é contraditória, pois apresenta trechos do diário, informa o dia e local do lançamento da obra ao mesmo tempo que confronta informações fornecidas pela escritora com a declaração dos filhos e de Audálio Dantas, tornando evidente a intenção de polemizar a imagem de Carolina Maria de Jesus. Além desta notícia, existem outros artigos em periódicos diversos, em sua grande maioria sem autoria, que denotam a mesma intenção frente à imagem veiculada da escritora. Depois de ser exposta e caricaturada pelas mídias, é possível que Carolina Maria de Jesus tenha escolhido publicar sua versão de si mesma, pelo texto *Um Brasil para os Brasileiros*, lançado como *Diário de Bitita*. Por isso, também, a suposição de que o caráter idílico das reminiscências busca dar sentido a sua trajetória.

A trajetória da escritora, conforme ela mesma nos conta, iniciou com um primeiro verso surgido antes mesmo da chegada à capital paulista, ao escrever uma pequena mensagem

²⁹ PENTEADO, Regina. Carolina: vítima ou louca? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 31, 1 dez. 1976. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6051&keyword=Carolina%2CJesus&anchor=4269735&origem=busca&originURL=&pd=5d1ad3e63b8a85a71804652b6ab9a72f>>. Acesso em jun. 2021.

para uma freira, quando trabalhava na Santa Casa, já em Franca, conforme descrito no trecho que segue:

Quando viajou para São Paulo, freira por quem eu tinha profunda admiração, eu não podia deixar os meus afazeres para ir despedir-me dela, peguei um lapis e um papel para lhe escrever qualquer coisa amável:

‘Nas minhas orações peço à Jesus com muita fé para ter breve regresso: a irmã Maria José’

Escrevi apressadamente, porque estava fritando os bifés para os doentes do pavilhão.

A mensageira voltou sorrindo:

‘Bonito verso Carolina’.

A irmã gostou e agradece a sua amabilidade.

Verso: repeti mentalmente

Verso: o que será isto?

Sorri; meu objetivo era agradar a irmã (JESUS, 2015, p. 215, grifos meus).

Ao contemplar o passado por suas reminiscências, a autora percebe sua aptidão com as palavras antes do surgimento de seu ideal. No excerto em destaque, também desvela a ingenuidade perante o significado da palavra “verso”, mas compreende sua função como parte de um texto poético que proporciona melodia e rima. O pequeno verso cumpre, então, o objetivo de agradar a freira viajante e é desprezioso de classificação literária. Surgia, assim, a partir da naturalidade das palavras, a Carolina-poetisa, ou, a poetisa negra, como passou a se apresentar nas redações de jornais e revistas das cidades.

Contestando as memórias da autora a partir de suas próprias palavras, resgato a mesma reportagem da revista *Alterosa*, anteriormente citada, a qual expõe alguns fatos no mínimo curiosos sobre o início da escrita criativa de Carolina Maria de Jesus:

Meu pai era poeta, não tinha cultura, mas possuía uma facilidade de rima e uma perfeita metrificação nos seus versos. Eu era menina e ficava horas e horas ao redor dêle vendo êle escrever. Quando fiquei mais moça, comecei a escrever o meu próprio diário. Nessa época papai havia falecido. Minha mãe ficou, como se diz, uma viúva moça e bonita. Começaram a surgir os candidatos. Eu então registrava tudo isso no meu diário, dando um toque literário ao que registrava. O primeiro caderno já estava pronto. Isso em 1937. Um dia minha mãe, abrindo a mala, deu com os escritos e lá viu registrados os seus namoricos de viúva. Quando cheguei em casa, à tarde, ela me disse: ‘Acendi o fogo para o jantar com o teu livro’. Nesse mesmo ano, isto é, 1937, mudei-me para S. Paulo, onde vivo até hoje na Favela do Canindé, Rua C, n. 9” (FAÉ, 1960, p. 65).

Essa declaração de Carolina Maria de Jesus suscita muitas dúvidas e ao mesmo tempo confirma fatos importantes sobre sua trajetória. As dúvidas são da ordem da curiosidade, como, por exemplo, se dona Cota sabia ler ou se queimou o diário no intuito de inibir as ideias criativas de leitura e escrita da filha, para que se aquietasse, tomasse juízo, se fixasse em um

emprego. Teria sido este o motivo da partida para São Paulo? Se, sim, as consequências da destruição do “primeiro diário” foram avessas ao previsto. O desejo de escrever era maior do que qualquer impedimento. De qualquer forma, esta declaração afirma o ano de início de uma nova fase na vida de Carolina Maria de Jesus, e não deixa dúvidas quanto a sua ligação com a cultura, arte e poesia desde o início de sua vida.

Neste sentido, as memórias aventureiras e proféticas buscam uma contextualização da leitura e da escrita de Carolina Maria de Jesus nas primeiras décadas de vida, na imanência de conectar as versões da mesma pessoa, ligar o início ao fim, para se tornar uma. No entanto, existe um marco na produção literária que é a chegada no estado de São Paulo, período a partir do qual as ideias passam a ser mais insistentes e fluentes nos pensamentos da escritora, como ela afirma em um de seus textos: “No ano de 1940, manifestou-se em mim as ideias literárias. Fiquei apreensiva com aquela fusão mental” (JESUS, 2015, p. 216). Em reportagem, no período de lançamento de *Quarto de Despejo*, a autora reforça esta declaração:

- Logo que cheguei a São Paulo, vinda do interior, fiquei confusa com a agitação da cidade grande. Comecei a forçar o pensamento e me nasceram umas idéias esquisitas, tanto que pensei estar ficando doida. Então, consultei um médico do Hospital de Clínicas (era um médico psicopata) e ele me disse que eu era normal. Fui para casa comecei a escrever tudo o que pensava e senti que escrevendo fazia sumir a confusão na minha cabeça. Mostrei os meus escritos a um moço e fiquei sabendo que aquilo era poesia. Aí eu pensei: agora descobri a doença que tenho, é verso.

[...]

- O meu pensamento literário se manifestou no dia 31 de janeiro de 1937. A gente no interior tem aquela vida apática; quando cheguei a São Paulo em 1937 (e lá a gente é obrigada pensar com intensidade, pois tem de guardar nome de ruas, telefones e tanta coisa mais) tive que fazer trabalhar minha cabeça (CAROLINA NO RIO, 1960, p. 5).

Na mesma reportagem, a escritora também relata entender que seus versos eram uma enfermidade, tamanha confusão eles causavam em seus pensamentos. Escrevê-los foi o meio que encontrou de aliviar esta angústia mental. Apesar de não traduzir em palavras explícitas, o exercício da escrita como recurso de fuga ou de organização de ideias acumuladas passa a se tornar uma necessidade iminente, pois é por meio da expressão de si mesma, pela representação da vida cotidiana em histórias verossímeis, ou por meio de quadras e poemas musicalizados, que os sofrimentos intensos foram canalizados e transformados em memória, manifestação, literatura e arte. A ação de narrar colocou Carolina Maria de Jesus em

movimento, trouxe um sentido à sua existência, e, paulatinamente, começou a colocá-la em evidência.

Sua obra, hoje, conta com milhares de páginas manuscritas, das quais boa parte ainda está inédita, e que compõem romances, contos, poesias, peças teatrais e trechos não publicados dos diários³⁰. A maioria dos manuscritos, com exceção dos diários, não possui datas, o que dificulta a organização do acervo e, também, um mapeamento cronológico para auxiliar no entendimento do processo criativo e dos conteúdos textuais. E, ao reescrever suas produções, Carolina Maria de Jesus passou, então, a datar as cópias, no entanto, as datas referem-se ao momento do processo de reescrita e não, necessariamente, à primeira versão do texto. Assim, é difícil afirmar por meio da pesquisa nos acervos qual ou quais foram os primeiros textos de sua jornada literária, ou quando foi que ela começou a escrever, mas podemos estabelecer alguns períodos ao confrontar as memórias da autora com os fatos relatados em algumas das reportagens de mídias impressa que publicaram seus poemas. Portanto, a certeza é de que ela já escrevia pelo menos duas décadas antes de ser desvelada.

Entre o período de 1937 e 1955, estão compreendidos acontecimentos como a chegada à capital paulista, as publicações na *Folha da manhã* (SP), em 1940, no jornal *A Noite* (RJ), em 1942. Na sequência, percebemos uma lacuna espaço-temporal de anos em que não se tem ou não se encontrou publicações da escritora. Neste ínterim, nasceram seus filhos, o que pode ter dificultado as peregrinações às redações em busca de publicação. Em 1945, ela perde a primeira filha que nasceu sem vida; três anos depois, em 1948, muda-se para a favela do Canindé e constrói o primeiro barraco, para, no ano seguinte, dar à luz ao primogênito, João José de Jesus. Em 1950, colabora com o periódico *O Defensor*, no mesmo ano no qual nasce José Carlos de Jesus. E após cinco anos residindo na favela, nasce Vera Eunice, em 1953. Mas é somente em 1955 que escreve as primeiras impressões da vida na favela, um dos cadernos que originaria a primeira grande publicação editorial, pois, até este ano, sua escrita estava concentrada nos demais gêneros textuais. É provável que boa parte dos romances, peças teatrais e poemas que compõem o espólio já estavam escritos, visto que, Audálio Dantas, na apresentação de *Quarto de Despejo*, salienta que “fazia tempo que ela pensava em publicar algumas poesias” (DANTAS, 1960, p. 10). O repórter também relatou em uma série de entrevistas posteriores que havia dezenas de cadernos no barraco de Carolina Maria de

³⁰ Mais informações sobre a organização e localização em acervos dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus são detalhadas no livro *Vida por Escrito - Guia do Acervo de Carolina Maria de Jesus* (BARCELLOS, 2015) e no livro *A Poética de Resíduos de Carolina Maria de Jesus* (FERNANDEZ, 2018).

Jesus naquela ocasião, e que, dos primeiros lidos, apenas dois pertenciam ao ano de 1955, “o resto eram outras coisas, romance, conto, poesia, provérbios” (PERPÉTUA, 2014, p. 332).

Na mesma linha, na apresentação de *Casa de Alvenaria*, o repórter relembra essas outras produções e sugere que a autora “guarde aquelas poesias, aqueles contos e aqueles romances que você escreveu” (DANTAS, 1961, p. 10). Portanto, antes de se tornar diarista, a autora já havia escrito outros gêneros textuais e, conseqüentemente, havia nela o desejo de ser lida e reconhecida pela publicação desses textos. Mas com a divulgação dos diários sempre houve uma sensação de insegurança quanto à aceitação pela crítica que era baseada em seu entendimento de literatura.

Com vistas para essa breve linha do tempo sobre seus escritos, a própria escritora é quem cria o marco temporal nos anos de 1940, justamente por já ter, àquela época, divulgado alguns poemas em jornais da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, como visto. Desta forma, um jovem ao qual ela chama de Luiz Capatano leu o que ela escreveu e sugeriu que ela mostrasse a um jornalista, que este talvez pudesse lhe orientar. Ele e outras pessoas, segunda a autora, passam a insistir que ela apresente seus cadernos para os “intelectuais”. Inicia, assim, a peregrinação de porta em porta nas editoras e redações na tentativa de publicar os versos.

Todavia, as duas primeiras reportagens são cruciais para compreender a “poetisa-negra” e o processo de divulgação antecessor à *Quarto de Despejo*. Desta forma, o que pôde ser apurado das notícias é que ambas se assemelham na maneira de apresentá-la e descrevê-la, desvelando o senso comum da sociedade à época sobre os negros e sobre o próprio fazer literário.

A primeira reportagem da qual se tem registro foi veiculada no periódico *Folha da Manhã*, do estado de São Paulo, integrante da tríade jornalística *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*. Pertencente ao atual Grupo Folha, originado em 1921, passou por diversas fases de reformulações estruturais, administrativas e ideológicas que acompanharam a história política, social e econômica do país, fatos e escolhas que influenciaram diretamente na circulação e nas publicações. Em 1931, o jornal *Folha da Manhã* volta a circular após empastelamento por ter apoiado a candidatura de Júlio Prestes à presidência e, então, sob a direção de Octaviano Alves de Lima,

fazendeiro e comerciante de café, os assuntos relativos à agricultura e à exportação passaram a ser acompanhados de perto [...]. Ao defender a vocação agrária do país e criticar as medidas governamentais voltadas à industrialização, o público-alvo

deixaria de se constituir principalmente de setores da classe média: o jornal voltava-se à elite (PIRES, 2008, p. 16).

A publicação de Carolina Maria de Jesus data de 1940, estando centralizada entre o período no qual o jornal foi veiculado para as elites e o período no qual se inicia a decadência do Estado Novo e o aumento da industrialização, principalmente no estado de São Paulo. É nesse contexto que a poetiza negra é publicada, em uma reportagem que mistura os preconceitos raciais e de classe com críticas à industrialização e exaltação aos fazendeiros.

Assinado pelo repórter Willy Aureli, o texto é contraditório em relação aos aspectos que o levaram a ser publicado. Willy Aureli³¹ foi jornalista, escritor e sertanista, tendo publicado dezenas de livros sobre suas expedições ao interior dos sertões do país, iniciadas em 1937, como chefe da Bandeira Piratininga³². O gosto do repórter pelo desbravamento do Outro, do desconhecido, que na época era compreendido como exótico ou bizarro, conferiu-lhe na redação da *Folha da Manhã* a oportunidade de entrevistar Carolina Maria de Jesus, tarefa que inicia com desconfiança, julgamentos, finaliza em tom profético, mas deixa dúvidas sobre a ironia³³ em relação à poetisa e aos seus versos.

Carolina Maria, poetiza preta ([ANEXO D](#)) é o título da primeira aparição da escritora nas mídias, em 25 de fevereiro 1940, no referido jornal. Além do texto que a descreve, também há uma imagem que registrou o momento de encontro entre ela e o repórter, e inclui a transcrição editada e incompleta do poema *o Colono e o Fazendeiro* (JESUS, 1961).

A segunda reportagem de que se tem registros, *Poesias, Fogões e Panelas...* ([ANEXO E](#)), foi divulgada em 9 de janeiro de 1942, no jornal vespertino *A Noite*, na cidade do Rio de Janeiro. Muito similar à primeira, esta reportagem é relevante não apenas por confirmar mais uma publicação de Carolina Maria de Jesus, mas por também ter sido noticiada antes da fama do primeiro livro e por se tratar de um veículo de imprensa no estado carioca. Assim, entre fevereiro de 1940 e janeiro de 1942, certamente ela teve a experiência de viver na cidade do Rio de Janeiro e, por lá, da mesma forma, continuou em busca dos ideais de publicar poemas, bem como se manteve na luta diária pela sobrevivência. Os motivos que a levaram até a cidade do Rio de Janeiro são explicados na reportagem: “- Quis

³¹ Mais informações sobre William Aureli disponíveis em:

<<http://www.saovicentealternativa.com.br/publico/noticia.php?codigo=221>>. Acesso em: fev. 2022.

³² A Bandeira Piratininga foi um grupo de exploração fundado por William Aureli que se aventurou pelo estado do Mato Grosso, desbravando os sertões dos vales do Rio Araguaia e do Rio das Mortes entre 1937 a 1953.

³³ Ironia é uma figura de linguagem que consiste no emprego de um termo no sentido oposto ao usual, obtendo-se o efeito crítico ou humorístico. Ela costuma ser sutil, por isso, exige-se uma análise do texto, contexto e do entendimento do interlocutor para ser percebida (TERRA, 2017).

conhecer a ‘Cidade Maravilhosa’, centro de maior cultura e campo amplo para quem tem aspirações como eu. – Ah! Meu bem! Quanta desilusão me esperava aqui...” (POESIAS, 1942, p. 5).

O periódico *A Noite*, pioneiro no Rio de Janeiro na popularização das notícias, com circulação diária, preços baixos e grandes tiragens, assim como a *Folha da Manhã*, teve diversos administradores e fases, sendo os melhores anos compreendidos entre 1920 e 1930. Abordava principalmente a política nacional e questões sobre a cidade, também foi um dos primeiros a valorizar fatos do cotidiano ao gosto das massas urbanas.

A partir de 1940, o jornal passou a ser administrado por Luís Carlos da Costa Neto³⁴ e, “apesar do respaldo do governo³⁵, o jornal entrou em grave crise ocasionada por problemas administrativos, baixa receita, empreguismo e perda de leitores, cada vez menos atraídos por um órgão sob controle oficial” (BRASIL, 2014, n. p.). Nesse viés, apesar de publicada, as características sociopolíticas dos jornais não permitiram, já naquela época, sua projeção para o mundo literário.

Devidamente contextualizadas, percebo nessas reportagens algumas divergências e similaridades que são justificadas pelas ideologias e público-alvo de cada mídia. No jornal *Folha da Manhã*, Willy Aureli através da escrita texto-legenda, explica brevemente o encontro inusitado e exótico com a “poetisa preta”, descreve-a fisicamente e destaca alguns dos trejeitos. Revela a cidade natal e um pouco da trajetória de vida da jovem, também divulga trechos da conversa nos quais Carolina Maria de Jesus tenta explicar a origem dos versos.

A linha política e social que o jornal seguia, muito provavelmente, influenciou na escolha e divulgação do poema *O Colono e o Fazendeiro*, em meio a tantas outras produções. O que chama a atenção é que ao cotejar as versões deste poema em outras publicações³⁶, percebe-se que as três últimas estrofes do poema foram suprimidas, e não por falta de espaço, mas por interesse ideológico, conforme seguem:

³⁴ Coronel Luís Carlos da Costa Neto era superintendente das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União no governo de Getúlio Vargas.

³⁵ “No dia 8 de março de 1940, o Decreto-Lei nº 2.073 legalizou o controle do governo sobre a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, passando à União todas as empresas a ela filiadas a esta, entre as quais o jornal *A Noite* e a *Rádio Nacional*, que assim passaram a pertencer às denominadas Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional. Iniciava-se a quarta fase do vespertino” (BRASIL, 2014, n. p.).

³⁶ O poema *O Colono e o Fazendeiro* também foi publicado no diário *Casa de Alvenaria* (JESUS, 1961, p. 92-3) sem as duas últimas estrofes. Na publicação do periódico *Folha da Manhã*, a escrita e a pontuação também sofreram alterações. Além dos manuscritos, o poema pode ser lido na íntegra na nova edição de *Casa de Alvenaria Volume 1: Osasco* (JESUS, 2021, p. 162-4) e no livro *Clíris* (JESUS, 2019, p. 50-52), coletânea de um dos cadernos de poemas, no entanto, a versão desse livro é mais extensa e possui algumas estrofes diferentes, visto que há duas versões dos manuscritos de poemas. A versão extensa foi publicada inicialmente na *Antologia Pessoal* (JESUS, 1996a, p. 147-9).

[...]
 Se o fazendeiro falar:
 Não fique na minha fazenda
 Colono tem que mudar
 Pôis não ha quem o defenda

Organisa um sindicato
 Para o infausto colono
 Que passa a vida no matto
 Sem recurso no abandono

Colono quer estudar
 Adimira o saber do patrão
 Que deve lhe estimular
 Dando-lhe instrução.
 (JESUS, 2021, p. 164).

Os versos das estrofes que encerram o poema incitam críticas diretas aos fazendeiros e ao modo injusto do qual se valiam para com os colonos nas relações de trabalho, deixando subentendido que os proprietários das terras eram responsáveis pelas condições de vida dos trabalhadores rurais, sejam elas precárias ou estáveis. Nesse sentido, o jornal escolhe não publicar todo o poema, para não ir de encontro aos seus leitores da elite. Pensando nesta mesma linha de análise, a publicação sobre a poetisa certamente foi recebida pelos leitores com ironia e descaso.

Da mesma estratégia de estilo de texto e de escolha dos poemas se valeu o repórter do jornal *A Noite*, no entanto, o que se publicou de poemas foram os declamados durante a conversa com a “poetisa negra”. Por abranger um público popular e abordar questões políticas e de interesse da cidade, os motes estavam relacionados aos negros, à própria condição de poetisa e a Getúlio Vargas.

Ambas as reportagens trazem uma imagem de Carolina Maria de Jesus ao lado de seus entrevistadores. Junto de Willy Aureli, a figura que os leitores veem é uma jovem sorridente e satisfeita, assim como a figura interessada e concentrada na reportagem do jornal carioca, tendo os repórteres como expectadores. E as palavras escolhidas por eles para descrever as fotos e a poetisa negra também muito se assemelham:

Dois olhos rutilando nas órbitas brancas, duas genuínas jabuticabas irrequietas a nadar no leite dos bulbos. Mais abaixo, dentro de um negror profundo, um sorriso alvar, um traço claro numa noite escura: os dentes níveos numa boca jovem. Em suma, um belo espécime de mulher negra. Boa estatura, elegante mesmo, porte rainha Sabá, assim como a descreve Haggard... (AURELI, 1940, p. III).

Alta, esguia, cor de pixe, mostrava ao sorrir uma fila de dentes sólidos e alvos. Os olhos de Carolina Maria teem o brilho singular e sintomático das pessoas de espírito inquieto e perscrutador (POESIAS, 1942, p. 5).

É intrigante como o modo de referenciar as informações de e sobre a poetisa negra possa ser tão similar, considerando a lacuna de espaço e tempo, e levando em consideração que, para os dois jornalistas, Carolina Maria era mais uma pessoa ordinária, entre tantas outras que chegavam diariamente às redações, buscando publicar poemas e outros textos. Essa aproximação, de modo geral, corrobora a identidade assumida pela autora, quando assumiu seu ideal de escrita. Mas também nos revela a percepção do homem branco sobre o corpo e a função da mulher negra, a transforma em objeto exótico, que contém as características perfeitas para ser consumido, pois é agradável aos olhos. A objetificação da jovem Carolina Maria de Jesus apaga o brilho de sua literatura.

Nesse sentido, a contradição que reside nesses textos é semelhante e está na ambiguidade dos sentidos expressos pelos discursos de valoração e de ironia, refletidos sobre a *persona* tanto quanto sobre as produções poéticas. Exemplos disso são o uso de expressões como “caso exótico”, “palestra pitoresca”, “estranha criatura” utilizados para descrever a figura da autora. Parece importante saber quem era e de onde veio esta distinta personalidade, além de julgarem seus versos “sofríveis” e “ingênuos”, apesar de “sinceros” e “que falam ao coração dos humildes”.

Os desfechos das matérias também ressoam ironia: “é possível ainda que se torne célebre...” (AURELI, 1940, p. III), destaca. As impressões do encontro do repórter da *Folha da Manhã* com Carolina Maria de Jesus narradas pela perspectiva dele são um tanto quanto diferentes das impressões que a jovem poetiza registou em seus cadernos, pois o intelectual que ela buscou para lhe orientar sobre os escritos e quem lhe disse que era poetisa foi Willy Aureli, a quem ela demonstrou eterna gratidão, ao passo que ele não imaginava ter influenciado na idealização do devir da escrita da “poetisa preta”. No texto *Prólogo*, ela escreveu:

No fundo do meu coração eu agradeço ao saudoso e ilustre sr. Vili Aureli por dizer-me que sou poetisa, porque, com dois anos de grupo escolar eu não ia perceber. Eu pensava que as coisas que brotavam na minha cabeça eram provenientes dos meus dentes. Procurei um dentista, solicitando um exame, êle não quis extrai-los. Eu não olvidava o sr. Vili Aureli. Era a primeira vez que eu falava com um homem agustadissimo e super-educado (JESUS, 2015, p. 218).

Assim, as similaridades entre as reportagens igualmente revelam uma imagem caricaturada e já pré-estabelecida pelas editoras de jornais e revistas, que, mais tarde, ganha força com a fama literária e o estereótipo criado para Carolina Maria de Jesus. Os principais aspectos comparados e analisados nas notícias relacionam-se com a forma de apresentar ao público leitor a nova poetisa.

Ao analisar as reportagens, tendo o conhecimento do ponto de vista da entrevistada, concluo que Carolina Maria de Jesus demonstrou sinceridade quando escreveu sobre eles e que os encontros com os repórteres foram momentos importantes para que seguisse em busca de seu ideal. E pelo fato de ter se sentido muito à vontade entre os que considerava colegas de profissão, também expôs seus projetos literários, como a publicação do livro de poesia “Clíris” – que mais tarde tenta publicar através de Audálio Dantas –, deixando flagrante a consolidação de um ideal que visava a escrita e o reconhecimento, talvez o sucesso.

A ironia frente a este ideal é mais intensa na reportagem do jornal carioca, que finaliza o texto com um ditado popular: “Mas será o Benedito!” (POESIAS, 1942, p. 5). As inferências da intertextualidade desta frase de encerramento abrem uma possibilidade imensa de interpretações. Desde uma simples exclamação que expressa o sentimento de surpresa, pelo fato de Carolina Maria de Jesus, mulher negra e pobre, além de ter a intenção de publicar um livro que tem por título uma palavra inexistente no vocabulário da língua portuguesa, também se aventura a desejar um emprego na redação do jornal, longe dos espaços socialmente designados para pessoas com seus estigmas. Essa relação entre a literatura e a condição social já está pré-estabelecida na manchete da matéria *Poesia, fogão e panelas...*

A escolha da expressão “Mas será o Benedito!” também está vinculada à cor da pele do santo invocado. São Benedito é um santo católico negro, muito procurado pela fama de suas orações e seus milagres, conhecido, entre outras atribuições e qualidades, por ter sido filho de escravos, pobre, analfabeto - e procurado por teólogos para transmitir seus ensinamentos, pois era muito virtuoso. Também é o santo protetor da cozinha, dos cozinheiros, contra a fome e a falta de alimentos (SANTOS, 2021).

As semelhanças entre o santo e as atribuições da jovem poetisa não são coincidência, assim, a expressão que encerra a reportagem também ironiza os ideias e aspirações ao sugerir que apenas um milagre do santo específico, que cuida da cozinha, poderia tornar realidade os desejos expressos pela entrevistada. Profetas ou milagreiros, sinceros ou irônicos, os repórteres conseguiram influenciar o futuro da poetisa negra, pois foi esta confiança e sinceridade transmitida pelas imagens das notícias, além do texto, que incitaram Carolina

Maria de Jesus pela busca de seu ideal. Ela teve dúvidas, mas insistiu no que lhe permitiria colher bons frutos.

Destarte, não descarto a possibilidade de que editoras, jornais e revistas de menor circulação possam ter publicado outros textos entre o período de 1937 e 1955, visto que a própria autora comenta já ter publicado em muitos jornais como no *Última Hora*, em 27 de agosto de 1953³⁷, no “Época”, em 27 maio de 1950; “O Dia”, “O Defensor”³⁸, em 17 de junho de 1950 (JESUS, 2014, p. 30-8). Devido ao tempo transcorrido, à baixa popularidade dos impressos e até à dificuldade de se manter acervos físicos ou digitais na cultura política do país, não consegui localizar todos esses periódicos, ou deles não sobraram vestígios.

Assim, em vias de encerrar a discussão sobre o processo de construção da versão Carolina-poetisa, e de ponderar sobre como e onde surgiu a necessidade da escrita, exponho mais uma importante notícia, veiculada no Jornal *O Defensor*, em 17 de junho de 1950 ([ANEXO F](#)). No acervo da *Coleção Vera Eunice de Jesus Lima*, disponível no site *Vida por escrito*, há uma cópia digitalizada e pouco legível do periódico, dirigido por Jorge Correia, um getulista. Nesta edição, a autora publica um texto em prosa sobre Getúlio Vargas e o mesmo poema publicado em 1942, mas com algumas variações nos versos (GETÚLIO..., 1950).

O conteúdo da notícia certamente é relevante para o momento histórico e para contextualizar Carolina Maria de Jesus – que até então era referenciada como Carolina Maria – dentro do processo criativo da escrita, pois o texto publicado foi transcrito na hora, em frente aos redatores do jornal, como ocorre com a redação da própria notícia. Segundo registrou a autora em seus diários, ela passou, a partir daí, a colaborar periodicamente com as publicações do jornal, mas sua participação se estende até o nascimento do segundo filho, José Carlos de Jesus, em 6 de agosto de 1950. Como não consegui registros de outras publicações do mesmo jornal, baseada na data da reportagem em tela e na data do nascimento da criança, há a hipótese de que esta parceria de escrita tenha durado apenas alguns meses do ano de 1950.

Carolina Maria de Jesus também foi notícia do periódico a *Última Hora*, em 27 de maio de 1952, a matéria, que ocupou quase uma página do jornal, expôs fotos da escritora

³⁷ Carolina Maria de Jesus escreve no Diário de Bitita o ano de 1943, mas o ano correto é 1953, conforme a publicação.

³⁸ Especula-se que “[...] esses jornais, de certa forma, estavam ligados ao político Adhemar de Barros, o que nos direciona a pensar que Carolina Maria, adhemarista de carteirinha, [teria] aproveitado sua recente relação com o político para tentar a carreira literária” (FARIAS, 2017, p. 126).

com seus dois primeiros filhos ainda pequenos, além de diversos excertos de seus poemas. *Carolina Maria, Poetisa negra do Canindé* (PACHECO, 1952) é a publicação com a maior divulgação dos manuscritos antes de *Quarto de Despejo* que tomei conhecimento. O texto não revela o nome completo da protagonista, mas narra que ela foi até a redação do jornal e deixou seu endereço para contato. Os jornalistas foram até o barraco número 9 para conhecer um pouco mais da história. “Vocês querem saber minha vida? Pois eu tenho tudo escrito numa espécie de diário ou romance autobiográfico. Veja...” (PACHECO, 1952, n. p.), revelou Carolina Maria de Jesus.

Portanto, a partir das primeiras publicações e dos relatos da autobiografia, nesta seção, foi possível entender o nascimento da Carolina poetisa, seu processo inicial de escrita, que teve início com os poemas cadenciados, por vezes, memorizados para declamações nas redações dos jornais, além de reafirmar a frase de Audálio Dantas, de que ele não descobriu Carolina. Carolina se descobriu poetisa: “o homem olhou-me nos olhos e eu tranpirei por saber que eu era poetisa e não tinha cultura e era semi-alfabetizada” (JESUS, 2015, p. 217). Ela sentiu medo, tristeza, alegria, buscou se informar sobre o que era e o que fazia uma poetisa, e chegou a duvidar de si mesma por não preencher os padrões estabelecidos pela cultura da época para ser poeta ou intelectual. Lutou contra seus pensamentos poéticos, mas eles eram mais insistentes e ela se descobriu nem alegre, nem triste, mas poeta³⁹.

2.3 CAROLINA MARIA DE JESUS É ESCRITORA NA “ÍNCLITA” SÃO PAULO

Como visto, o período compreendido entre 1914, ano de nascimento de Carolina Maria de Jesus, até 1937, ano da chegada a cidade de São Paulo, abrange características importantes que subsidiam a identidade da jovem mineira. Nascida no ano do início da primeira Guerra Mundial e alguns anos após a abolição da escravidão, sua vida antecessora à *Quarto de Despejo* foi como a vida de outros tantos negros e negras na cidadezinha de Sacramento, na qual essas pessoas eram vistas apenas como mão de obra barata, relegadas ao esquecimento e à margem social, sem amparo dos poderes públicos, vítimas de violência, abuso e descaso, sobrevivendo em condições sub-humanas.

³⁹ No texto *Prólogo* (JESUS, 2015, p. 198), a escritora fez uma construção de frase, que parafraseia um célebre poema de Cecília Meireles (1901 – 1964), intitulado *Motivo*, publicado pela primeira vez no livro de poesia *Viagem*, em 1939: “Eu canto porque o instante existe / e a minha vida está completa. / Não sou alegre nem sou triste: / sou poeta. [...]”. Assim como ela conheceu os poemas de Casimiro de Abreu no dia em que se reconheceu como poetisa, é possível que tenha lido Cecília Meireles, apesar de não a citar.

Já na grande capital de cimento, Carolina Maria de Jesus manteve o interesse pelos livros, pelo conhecimento e pelo saber, ao qual ela denominava cultura. Mesmo sem entender o que a mantinha inquieta, seguiu em busca de um algo mais para sua vida. À medida que lia e ouvia, foi construindo um imaginário acerca das oportunidades na cidade. “Comecei a fazer projetos ‘Vou ficar boa. Hei de conhecer a cidade de São Paulo’. O povo dizia que era a cidade do favo de mel. Em São Paulo tem um bairro que se chama Paraíso. E a cidade de São Paulo é o paraíso para os pobres” (JESUS, 1986, p. 177). Qualquer lugar lhe parecia melhor do que Sacramento, onde mãe e filha foram presas e espancadas, onde não encontravam trabalho e patrões honestos e precisavam pedir esmolas para sobreviver após o incidente da prisão.

Em Franca, no interior de São Paulo, Carolina Maria de Jesus consegue emprego de cozinheira na Santa Casa, como já mencionado. Neste emprego, ficou até curar as feridas que tinha nas pernas e às quais sempre atribuía a dificuldade de conseguir trabalho. Porém, segundo registrou na autobiografia, trabalhava demais e não tinha tempo de aproveitar o dinheiro que ganhava. “Para ser sincera, comecei a sentir falta das diversões, então decidi sair. Poderia ganhar menos em outra casa, mas poderia sair aos domingos, ir ao cinema, e passear. Pedi a conta. Depois que deixei o emprego, compreendi a minha insensatez...” (JESUS, 1986, p. 200). Depois de se dar conta de que desperdiçou uma boa oportunidade, volta a peregrinar de casa em casa, trocando de empregos, nos quais é novamente explorada, e toma a decisão de sair do interior. E assim, narra sua partida:

Indicaram-me uma professora que estava procurando uma criada para vir para São Paulo. Fui procurá-la, ela aceitou-me. Que alegria! Voltei correndo, fui preparar as minhas roupas. [...]

Até que enfim, eu ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam como se fossem para o céu.

No dia da viagem, não dormi para não perder o horário. O trem saía às sete horas, mas eu cheguei na estação às cinco horas. Que alegria quando embarquei!

Quando cheguei à capital, gostei da cidade porque São Paulo é o eixo do Brasil. E a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. [...]

Rezava agradecendo a Deus e pedindo-lhe proteção. Quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranqüilidade... (JESUS, 1986, p. 202-3).

Segundo os registros, ela chegou na capital paulista dia 31 de janeiro 1937, de trem, acompanhada dos novos patrões, “descendentes e ajustadíssimos para conversar” (JESUS, 2015, p. 213). Apesar das tentativas de se encaixar nos serviços domésticos, Carolina Maria de Jesus reconheceu diversas vezes que não tinha aptidões para essas tarefas, talvez pelo

desgosto de ser destrutada ou ludibriada na maioria das casas em que trabalhou; por não ter a oportunidade de aprender antes de que lhe exigissem o cumprimento das tarefas; ou simplesmente pela fusão dos pensamentos em sua cabeça que prevaleciam desde a infância. Não diferente da história que trilhou em Minas Gerais, ela não permanece muito tempo trabalhando para o casal que lhe trouxe para São Paulo e chega a empregar-se em uma fábrica, antes de ir residir na favela, e é muito provável que neste período tenha residido em albergues ou cortiços da grande cidade.

A escritora morou e trabalhou nas residências de muitas famílias paulistanas, sendo algumas influentes e que fizeram história na cidade e no país. Nesses espaços de convívio e trabalho, aprimorou a retórica e a leitura, pois acessava jornais, rádios, televisão e até bibliotecas de alguns dos patrões, e travava boas conversas sobre diversos assuntos com eles. Porém, não houve mais espaço nas casas das famílias quando Carolina Maria de Jesus engravida do primeiro filho, João José de Jesus, e, assim, passa a perambular pelas ruas, catando para sobreviver. Sua dignidade não lhe permitia pedir esmolas, pois compartilhava das ideias de senso comum sobre as pessoas que mendigavam, bebiam e não trabalhavam. Conforme mencionei, para ela, toda a forma de atividade que lhe provesse sustento e fosse considerada dentro dos padrões da moral e dos bons costumes da época era muito mais digna do que apenas pedir. Pedir era um ato de desespero e humilhação, era o fundo do poço.

A experiência negativa de já ter dado à luz a uma filha que não resistiu ao pesado labor e às dificuldades da vida motivou a buscar melhores condições de sobrevivência do que morar nas ruas sem um abrigo. Muitas foram as mães que perderam os filhos ao relento, sem amparo, e ela não suportava a ideia de que este poderia ser o destino do filho, então “ressolvi ir no patromonio pedir um lugar aqui na favela eu ia ser mãe. [...] Fui feliz. Ganhei” (JESUS, 2014, p. 25). As histórias de como ergueu seu barraco, duas vezes, e de como seus três filhos nasceram na favela, entre outras informações, estão registradas em diversos de seus textos, como o diário *Quarto de Despejo* (1960), a crônica *Favela*, parte integrante do livro *Onde estaes felicidade?* (2014), entre outros trechos esparsos.

Não há como falar de seu legado literário sem falar de sua história, e vice e versa, dado que ambos insistem em transpassar um pelo outro quando trilhados caminhos isolados. Assim como Carolina Maria de Jesus, tudo que vem dela, ou é produzido sobre ela, é único, autêntico, e escapa das regras e padrões pré-estabelecidos, o que exige de estudiosos e pesquisadores coragem, fôlego, insistência para ler nas entrelinhas, compreender e desvendar os mistérios desta artista ímpar.

Nesse viés, um dos objetivos desta tese é entender a formação identitária da autora a partir das memórias, entrevistas e reportagens, com ênfase no ideal da escrita, comprovando que o desejo de escrever também era uma de suas necessidades básicas, refutando a ideia de que ela foi uma escritora do acaso. Assim, reuni e analisei os recortes de fatos da história de vida de Carolina Maria de Jesus que mostram o desenvolvimento do fazer literário a partir da sua própria visão e compilei informações que comprovam a fragmentação da identidade da escritora, ao mesmo tempo em que se reconstruiu através da diferença em relação ao outro, pelo desejo de pertencimento (HALL, 2001).

Todavia, o ponto de ruptura dessa identidade, que até então estava relacionada às origens e à família, que se resumia à sua mãe, dá início quando as expectativas do imaginário de Carolina Maria de Jesus sobre a cidade de São Paulo não correspondem às realidades captadas logo na chegada. O amanhecer chuvoso e a multidão de pessoas que circulavam apressadas pela Estação da Luz lhe causaram a “impressão de estar transferindo-me de um planêta para outro. Não senti a sensação almejada. Contemplava tudo com indiferença, sentia profundo pavêr da cidade industrial. Porquê? Não sei” (JESUS, 2015, p. 214).

A agitação da cidade grande em processo de industrialização, a indiferença e os contrastes a deixaram insegura e provocaram todas as emoções dentro de seus pensamentos e sentimentos em uma avalanche de sensações que

só no interior eu era tranqüxxa; mas percebi que o meu pensamento ia modificando-se. Era uma transição que não me era possível domina-la. Que desordem mental tremenda. Sentia ideas que eu desconhecia como se fosse alguem ditando algo na minha mente.

Um dia apoderou-se de mim um desejo de escrever: escrevi (JESUS, 2015, p. 214).

Até este momento, seus maiores companheiros eram os livros e o hábito da leitura. A escrita parece ter surgido na mocidade, mas também se intensificou pelos bilhetes que escrevera durante os trabalhos domésticos, até arriscando algumas rimas. Mas é a fluência da vida e a possibilidade das oportunidades que guiaram seus pensamentos para o papel e, assim, surgem os primeiros versos, como ela mesma afirma: “Desde êse dia eu comecei a fazer versos. É que as pessoas que residem em São Paulo, pensam com mais intensidade. Por isso éque o meu cérebro, desenvolveu-se” (JESUS, 2015, p. 215). A cidade também se desenvolvia, e em uma velocidade que não permitiu que mulheres como ela, emigrantes e pobres, acompanhassem o progresso.

Com o quase nada que tinha, Carolina Maria de Jesus inicia uma jornada de vida em busca do ideal de ser uma poetisa reconhecida. Após as primeiras publicações nos periódicos, estava decidida a batalhar pela realização de seu ideal, publicar livros, viver da escrita e colher desta atividade os louros para ter uma casa e viver o resto dos dias sossegada, lidando na terra e dela retirando o sustento, como desejou no primeiro encontro com a capital paulista. Entretanto, havia uma longa estrada que a separava da possibilidade de realização.

As fotos das notícias estrepentes mostram uma jovem alegre, com borboletas na cabeça, com muita disposição e desenvoltura para falar. Mas o tempo e a sofreguidão paulatinamente sufocaram esta Carolina-poetisa e cederam lugar à luta pela sobrevivência, potencializando sentimentos e atitudes de autodefesa e sobrevivência.

Em oposição às ideias proféticas de *Diário de Bitita*, Carolina Maria de Jesus relata que ignorava as suas “qualidades poéticas. Quando percebi: que medo! Fiquei apavorada. Para mim foi surpresa. Nunca pensei que um dia me tornasse poetisa” (JESUS, 2015, p. 215). Apesar de parecer distante o ideal de ser uma intelectual, durante os quinze anos que viveu em São Paulo até lançar o primeiro diário, ela escreveu poesias e outros textos, publicou algumas das produções e sempre se manteve em busca de outras oportunidades, independentemente das dificuldades que encontrava para sobreviver e manter os três filhos. O que me parece é que a falta de credo na possibilidade de se tornar reconhecida não residia na escritora, mas nas críticas, comentários, olhares e preconceitos que recebia em cada redação ou de cada jornalista e repórter que liam os versos e ouviam sua história. Se ela realmente não acreditasse nessa possibilidade, não teria ido além da primeira tentativa, mas sua personalidade excêntrica e determinada colaborou com as iniciativas.

São Paulo pode não ter oferecido tudo o que a autora almejou ao deixar o interior, ainda muito jovem, no entanto, “diziam que nas grandes cidades é que os pobres poderiam elevar-se um pouco. A longevidade para o pobre só se consegue no estado de São Paulo, onde o pobre tem possibilidade de comer todos os dias” (JESUS, 1986, p. 159-60). Era da cidade que vinha o sustento diário, mas “ao passar de doméstica a catadora de papel, perdeu o salário fixo e sujeitou-se à inconstância e ao ganho financeiro insignificante; de pobre, passou a miserável; de emigrante, passou a excluída social” (CASTRO, 2007, p. 35). Essa fase de sua vida, desde muito, esteve sob a ameaça contínua do medo, da violência física e psicológica, da fome, do sentimento de não pertencimento, de exclusão, de incompletude, mas principalmente da perda. O que Carolina Maria de Jesus tinha a perder nesse período não eram bens materiais ou empregos, o receio era perder os filhos e a dignidade, por isso, trabalhar honestamente catando

papel, ferro, madeiras e o que mais lhe fosse valioso e útil foi o meio que encontrou de ser vista pela sociedade como um ser humano que merecia respeito, que tinha direitos e deveres, a despeito da origem ou da classe social. Nessa perspectiva, as características da menina Bitita de Sacramento vão se fragmentando, a ingenuidade é substituída pela astúcia, a curiosidade toma o lugar da observação atenta não participante, o sorriso da poetisa negra de olhos inquietos é encoberto pela sombra da fome que pesa no corpo, os olhos perdem o brilho do fascínio pela vida e, agora, encaram de baixo para cima, desconfiados, contudo,

não foi [apenas] São Paulo que fez tão geniosa e instável. Esses atributos já haviam viajado com ela. A cidade não lhe ofereceu um oriente, sua figura tão fragmentada nunca chegou a formar um todo consciente. Dela se disse que era calma, mas também inquieta, explosiva, nervosa. Que era recatada, mas também petulante, atrevida, arrogante, vaidosa. Que era discreta, mas também sedenta de fama, glória e projeção social. Descreveram-na como alegre e como profundamente triste; como ousada, corajosa e brava e, também, como rebelde, transgressora, difícil. Foi dita trabalhadora, honesta e terna; solitária, arredia e distante. Era alguém que pendia para o lado da ordem estabelecida, mas também alguém capaz de questionar e desafiar as autoridades (CASTRO, 2007, p. 27).

Carolina Maria de Jesus chegou a pensar em suicídio: “Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que êle ficou de mal comigo?” (JESUS, 1960, p. 166). Este desespero é relato do dia 16 de junho de 1959, já fazia mais de um ano que Audálio Dantas e a escritora haviam se encontrado na favela. Até o lançamento de seu diário foram mais de dois anos de sofrimento aliado ao dever de escrever com uma promessa de redenção ao final da espera. Muitos vizinhos e conhecidos chamaram-lhe a atenção para não alimentar falsas esperanças, mas se manteve firme em seu ideal, visto que a escrita e a leitura desde muito antes, como vimos, já eram parte de sua vida. Além disso, a escrita era seu refúgio, pois “quando fico nervosa, não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias escrevo” (JESUS, 1960, p. 24), afirma no diário. Escrever também era um exercício de esperança: “é que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (JESUS, 1960, p. 28). Este livro e os diários subsequentes serão apresentados no próximo capítulo, a partir da análise crítica de reportagens, artigos, entrevistas e textos em geral que corroboram o estudo a partir da recepção das obra.

3 OS DIÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS PELA CRÍTICA NACIONAL E ESTRANGEIRA

“Falavam que eu tenho sorte. Eu disse-lhes que eu tenho audácia.”
Carolina Maria de Jesus

Dona de um acervo relativamente extenso e ainda pouco estudado, Carolina Maria de Jesus ficou conhecida pela polêmica publicação de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* e por todo o cenário de curiosidade, desconfiança, pobreza, sucesso e decadência que serviu de pano de fundo para seu lançamento, permanência e esquecimento na mídia e nas academias brasileiras, mas surtiu efeito inversamente proporcional no exterior (PERPÉTTUA, 2014).

Em decorrência desta instabilidade é que Carolina Maria de Jesus e seus escritos persistiram no tempo, permitindo a tardia valorização e o reconhecimento literário, mas que, de certa forma, ocorrem(ram) nos momentos histórico e social necessários. Os motivos socioculturais que a trouxeram para a linha de frente da imprensa, academia e literatura brasileira e internacional são distintos: I) a necessidade de chamar a atenção das demais camadas sociais da população brasileira para a real situação política e econômica do país; II) a valorização da história social e da literatura narrada por pessoas da margem e III) a reparação histórica e o reconhecimento da escritora como literatura afro-brasileira são alguns deles.

Nesse sentido, quem conhece a escrita dos diários sabe o quão ela é peculiar, pois apresenta uma realidade da vida de misérias na favela e, concomitantemente, remete aos dias atuais, e é nesta catarse que se percebe a importância para a cultura, memória e identidade da literatura feminina afro-brasileira e marginal, visto que sua contribuição como registro sociológico é eminente.

Até o momento, o intuito foi introduzir aspectos da trajetória de Carolina Maria de Jesus relacionados ao ideal de vida de escrever e de publicar, por isso, a ratificação de algumas informações ao longo da tese se deve ao fato do entrelaçamento da escrita com a biografia. Entender como a autora via a si mesma subsidia o entendimento dos processos de edição, tradução e publicação dos livros, que, por mais que se deseje igualar em termos literários à trajetórias de outras escritoras, é impossível.

É impossível porque Carolina Maria de Jesus não foi uma escritora que seguiu os trâmites convencionais da época para atingir a fama e o reconhecimento. Refleti muito sobre como abordá-la e abordar sua produção literária sem realizar julgamentos que reforçassem o estereótipo que, hoje, tento desfazer. Porém, o que faz dela uma artista e escritora que precisa

ser mais estudada, publicada e apreciada é justamente aquilo que a difere dos demais escritores e escritoras de seu tempo e da atualidade.

Ao me concentrar na temática da tradução para a língua inglesa, precisei compreender como esta imagem de si mesma, idealizada pela escritora, sustentada pelas pessoas de seu círculo de convivência íntimo, transformou-se nas mídias nacionais ao mesmo tempo em que tentava ser resgatada através das críticas internacionais, as quais são carregadas de subjetivismo e superioridade em relação ao posicionamento da crítica brasileira e pretendo mostrar como isto influenciou no teor das mais variadas traduções, em especial, as versões em língua inglesa.

Carolina Maria de Jesus escreveu em cadernos retirados do lixo trechos de seu dia a dia, na favela do Canindé, às margens do rio Tietê, na cidade de São Paulo, lugar, hoje, extinto – consequência da publicação do *best-seller*, mas que teve a sua população diluída para outras localidades. Pela falta de oportunidade do privilégio de receber educação, sua escrita é um misto de palavras rebuscadas da Língua Portuguesa, às vezes ultrapassadas, e de desvios ortográficos, mas não por isso deixa de entregar a mensagem pretendida. Em vista desta escrita tão particular, é curioso pensar que seu primeiro livro foi traduzido para 16 idiomas, nos anos de 1960, publicado em, pelo menos, vinte países e circulou por outros tantos. E, então, surgem os questionamentos sobre como, por que, em que termos e circunstâncias históricas, sociais e culturais estas traduções ocorreram?

Uma das primeiras análises sobre a recepção das obras de Carolina Maria de Jesus no estrangeiro foi realizada pela pesquisadora Elzira Divina Perpétua (2014; 2000). Apesar de o livro ter sido lançado no ano de centenário da escritora, a pesquisa já estava sendo realizada desde 1990 e a defesa da tese ocorreu em 2000. Isso significa que, nestas últimas décadas, muito já foi revelado sobre aspectos e dados contidos no referido estudo, por isso, a importância de retomar os questionamentos e retificar dados e análises que, porventura, possam ter permanecidos inconclusivos ou incompletos.

Desta forma, a pesquisa de Perpétua (2014) é importante para minha tese na medida em que analisa os paratextos de muitas versões de diversos idiomas para o qual o diário *Quarto de Despejo* fora traduzido e mostra como foi preparada a recepção da autora e obra pelo público-alvo de cada versão. Entre outros resultados, é indispensável saber que o *best-seller* fora traduzido para outros idiomas antes de ser traduzido para a língua inglesa, visto que é considerado o idioma principal do sistema literário, a partir do qual outras obras geralmente são traduzidas, mas muito pouco se traduz para o inglês. Segundo Perpétua (2014), a primeira tradução foi publicada na Dinamarca, seguida pela Holanda e, depois, na Argentina, já em 1961.

No ano seguinte, em 1962, a quarta tradução foi publicada na França, e, a partir de então, surgem as demais versões⁴⁰, incluindo a tradução em língua inglesa, publicada nos Estados Unidos, em Nova York, e, no mesmo mês, na Inglaterra, em Londres. No *ranking* das traduções, de acordo com o levantamento de Perpétua (2014) e relacionando-o às reportagens nacionais, que frequentemente citavam as publicações de obras brasileiras no exterior, estimo que as versões em inglês tenham sido publicadas entre a 7ª e 10ª colocação⁴¹, pois há diversas publicações no mesmo ano, mas não consegui especificar qual delas surgiu primeiro.

Visando a atualização e contribuição, reelaborei o quadro de edições traduzidas, iniciado por Perpétua (2014, p. 89), incluindo os títulos que estavam no levantamento bibliográfico de Carolina Maria de Jesus listado pelo pesquisador Sérgio Barcellos (2015) e colaboradores. Assim, as informações coletadas foram unificadas, conforme o Quadro 1. Além disso, o cotejamento das publicações em periódicos nacionais e internacionais forneceram elementos que permitiram estimar datas aproximadas dos lançamentos de edições que não estavam incluídas nestes levantamentos.

Quadro 1: Traduções das Obras de Carolina Maria de Jesus

(Continua)

Referências	País	Idioma	QD 1ª ed.	Reedições*	Outras Obras**
Título: Lossepladsen Trad. Borge Hansen Local e Editora: Copenhagem, Fremad	1. Dinamarca	Dinamarquês	1961		
Título: Barak nr.9: Dagboek van een Brazilianse negerin Trad. J. Van Den Besselaar e Van Der Kallen Local e Editora: Arnhem, Van Loghum Slaterus	2. Holanda	Holandês	1961		
Título: Quarto de despejo: diário de una mujer que tenía hambre Trad. Beatriz Broide de Sahovaler Local e Editora: Buenos Aires, Editorial Abraxas	3. Argentina	Espanhol	1961	2ª ed. 1961 4ª ed. 1962 (?) ed. 1963	CA 1963

⁴⁰ A ordem de registro de surgimento das traduções sugerida por Perpétua foi elaborada a partir da combinação de dados textuais e extratextuais que forneceram subsídios para ordenar cronologicamente as publicações: datas nas edições e registros nos diários, por exemplo (Ver PERPÉTUA, 2014, p. 88-9).

⁴¹ Com base no levantamento realizado na Hemeroteca Digital, ratifiquei a ordem das publicações desenvolvida por Perpétua (2014) no panorama geral. No entanto, sobre as publicações em língua inglesa, é provável que tenham sido lançadas no mesmo período de 1962, visto que as edições são constituídas pela mesma tradução e tradutor. Nesse sentido, o Jornal do Brasil publicou, em 7 de outubro de 1962, nota sobre o lançamento de *Child of the Dark*, e, logo na sequência, em 21 de outubro de 1962, nota sobre o lançamento de *Beyond all Pity*.

Quadro1: Traduções das Obras de Carolina Maria de Jesus

(Continua)

Referências	País	Idioma	QD 1ª ed.	Reedições*	Outras Obras**
Título: Le dépôtair Trad. Violante do Canto Local e Editora: Paris, Stock	4. França	Francês	1962	(?) ed. 1963 2ª ed. 1965	CA 1964 DB 1982
Título: Tagebuch der Armut: Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin Trad. Johannes Gerold Local e Editora: Hamburgo, Christian Wegner	5. Alemanha Ocid.	Alemão	1962	(?) ed. 1963 (?) ed. 1964 + Fretz & Wasmuth (?) ed. 1965 Deutsche Buchgemein schaft (DBG) (?) ed. 1966 Editora Philipp Reclam (?) ed. 1968 (?) ed. 1970 Editora Fischer 2ª ed. 1979 Editora Philipp Reclam ed. bolso: 1ª ed. 1983 2ª ed. 1984 3ª ed. 1986 4ª ed. 1988 5ª ed. 1989 (?) ed. 1990 6ª ed. 1991 7ª ed. 1993 Editora Lamuv	CA 1984
Título: Skräpkammaren: Dagboksanteckningar av Carolina Maria de Jesus Trad. Bengt Kyhle Local e Editora: Estocolmo, Tidens	6. Suécia	Sueco	1962		

Quadro 1: Traduções das Obras de Carolina Maria de Jesus

(Continua)

Referências	País	Idioma	QD 1ª ed.	Reedições*	Outras Obras**
Título: Quarto de despejo Trad. Lidia Roccavilla Local e Editora: Milão, Casa Ed. Valentino Bompiani	7. Itália	Italiano	1962	2021	
Título: La stanza dei rifiuti e altre opere Trad./Editora Rita Ciotta Neves Local e Editora: Roma, Alpes Italia					
Título: Smetiste: Deník zeny z favely Trad. Vlasta Havlínová Local e Editora: Praga: Nakladatelství Politické Literatury	8. Checoslováquia	Checo	1962	2ª ed. 1964	
Título: São Paulo, Strada A, nr. 9 Trad. Romulu Vulpescu Local e Editora: Bucareste, Editura Pentru Literatura Universala	9. Romênia	Romeno	1962		
Título: Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus; the story of slum life in São Paulo that explodes as a vivid and terrifying social document Trad. David St. Clair Local e Editora: Londres, A Four Square Book	10. Inglaterra (Grã-Bretanha)	Inglês	1962	ed. bolso: (?) ed. 1962 (?) ed. 1964 (?) ed. 1970 Ed. Panther Modern Society 3ª ed. 1990 Ed. Earthscan Ltda (?) ed. 2005 Ed. Souvenir Press	
Título: Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus Trad. David St. Clair Local e Editora: Nova York, New American Library	11. Estados Unidos	Inglês	1962	ed. bolso: 1ª a 6ª ed. 1962 Editora E. P. Dutton & CO. 4ª ed. 1963 10ª ed. 2003 Editora Signet 2003 Editora New American Library	CA 1997 DB 1998 MED 1998 MED 1999

Quadro 1: Traduções das Obras de Carolina Maria de Jesus

(Continua)

Referências	País	Idioma	QD 1ª ed.	Reedições*	Outras Obras**
Título: Karonina nikki Trad. Nabuo Hamaguchi Local e Editora: Tóquio, Kawade Shobo Shinsha	12. Japão	Japonês	1962	3ª ed. 1964	
(?)	14. URSS	(?)	196(?)		
Título: Sąšlavynas. Dienoraštis. Trad. Linas Valbasys Local e Editora: Local não especificado, Valstybinė grožinės (Valstyb Groz)	13. Lituânia	Lituano	1962		
Título: Życie na Smietniku Trad. Helena Czajka Local e Editora: Varsóvia, Czytelnik	15. Polônia	Polonês	1963		
Título: Els mals endreços: Diari d'una dona de les barraques Trad. Francesc Vallverdú Local e Editora: Barcelona, Fontanella	16. Espanha	Catalão	1963		DB 1984
Título: Çöplük. Trad. Betül Öztropak / Hüsamettin Aydın (2002) Local e Editora: Istambul, Nil Yayınevi	17. Turquia	Turco	1963	(?) ed. 1964 (?) ed. 1965 (?) ed. 1967 8ª ed. [197- ?] (?) ed. 1976 15ª ed. 1981 15ª ed. 1984 1ª ed. 2002 2003 Editora Armoni	
(?)	18. Israel	Hebraico (?)	(?)		
(?)	19. Noruega	(?)	(?)		
(?)	20.	Grego	(?)		
Título: Aki átment a szivárvány alatt: Egy barakkalakó naplója Trad. Hargitai Gyögy Local e Editora: Budapeste, Kossuth Könyvkiadó	21. Hungria	Húngaro	1964		
Título: La favela: casa de desahogo Trad. (?) Local e Editora: Havana, Casa de las Americas.	22. Cuba	Espanhol	1965	2ª ed. 1989	
Título: Barak nr.9: Dagboek van een Brazilianse negerin Trad. J. Van Den Besselaar e Van Der Kallen (?) Local e Editora: Bruxelas, DAP-Reinaert	23. Bélgica	Holandês	1965		

Quadro 1: Traduções das Obras de Carolina Maria de Jesus

(Conclusão)

Referências	País	Idioma	QD 1ª ed.	Reedições*	Outras Obras* *
<p>Título: آشغالدون (Lixo)⁴² Trad. کریم کشاورز (Karim Keshavarz) Local e Editora: Local não especificado [Teerã], N.I.L</p> <hr/> <p>Título: Farzande tariki (فرزنده تاریکی) Trad. Simin Dakht Tcheharegasha Local e Editora: S. Chihrih-Gushā, [Teerã], Local não especificado.</p>	24. Irã	Persa	1ª ed 1972 ou [1351]	3ª ed. 1975 ou [1354] ⁴³ 4ª ed. 1985 ou [1364] 1ª ed. 1990 ou [1369] traduzida do inglês (?) ed. 1999	
<p>Título: Quarto de Despejo Editora e Local: Vasco Santos Editora, Portugal.</p>	25. Portugal	Português ⁴⁴	2021		
<p>Título: Kālokhācī leka (काळोखाची लेख) Trad. Saritā. Padakī Local e Editora: Pune, Mehata Pabliśiṅga Hāūas.</p>	26. Índia	Marata	1ª ed. 1986	2 ed. 2003	

Fonte: elaborado pela autora (2022), com base em Perpétua (2014), Barcellos (2015) e Nascimento (2022).

*Algumas das reedições possuem tradutores e editoras diferentes das primeiras traduções. O símbolo entre parênteses (?) significa que não consegui a informação.

**Legenda: QD – Quarto de Despejo; CA – Casa de Alvenaria; DB – Diário de Bitita e MED – Meu Estranho Diário.

É importante ressaltar que os dados disponibilizados no Quadro 1 foram conferidos e cruzados com as edições físicas, e na falta destas, utilizei dados acessíveis em *sites* de livrarias nacionais e internacionais de livros novos e usados, além do catálogo mundial virtual de bibliotecas públicas e privadas, conhecido como *WorldCat*⁴⁵. Esta busca através do ambiente

⁴² Tradução livre realizada pela ferramenta Google Tradutor.

⁴³ Ano de publicação pelo calendário Persa [].

⁴⁴ A edição portuguesa foi incluída no quadro de traduções por ter sido publicada fora do Brasil e por conter paratextos que vão auxiliar no entendimento do processo de circulação, publicação e tradução das obras. Porém, por se tratar do mesmo idioma (reservadas as particularidades), é possível que o texto seja o mesmo da primeira edição brasileira. Até a conclusão da tese, não foi possível confirmar a informação, o que é segundo motivo de incluir o título no levantamento de edições e traduções.

⁴⁵ Criado em 1971, “é um catálogo gerido pelo Online Computer Library Center (OCLC) e considerado o maior catálogo em linha do mundo, alberga dados registos e fichas de mais de 71000 bibliotecas públicas e privadas de todo mundo. [...] Em 2009, a cifra de registos bibliográficos atingia os 150 milhões em 470 idiomas” (WIKIPÉDIA, n. p., 2022). Para mais informações: <https://www.worldcat.org/pt/about>.

virtual agregou novas edições, tradutores, dados editoriais, entre outras informações relevantes. O termo utilizado para consulta foi o título do diário, uma vez que as primeiras traduções iniciaram por esta primeira publicação, assim, o resultado da pesquisa no catálogo mundial resultou em 116 resultados para “*Quarto de Despejo*”, em diversos idiomas. Refinando os resultados, encontrei 150 exemplares físicos (impressos), 15 *ebooks* e 1 microfilme. O número de exemplares é maior do que o número do resultado da busca, pois esta não considera exemplares repetidos.

Assim, associando este resultado aos objetivos da tese, pondero que as versões catalogadas como *ebook* e microfilme são, em sua maioria, produções que se originaram dos mais diversos projetos de preservação da literatura latina, negra e feminina nos mais diversos países. Essas edições digitalizadas compreendem o período de 2003 a 2016, em anos intercalados, com forte presença a partir de 2010, o que novamente corrobora a importância da tradução na manutenção, na permanência, no reconhecimento e no sucesso de Carolina Maria de Jesus e suas obras.

Sistematizando o Quadro 1, é possível inferir que a publicação estrangeira ocorreu em aproximadamente 24 países, dividindo-se em 19 idiomas oficiais de cada território. A edição publicada na Rússia (antiga URSS à época) é citada pela própria escritora no livro *Meu Estranho Diário* (JESUS, 1996), mas não localizei o exemplar físico nem informações sobre este ou qualquer outro exemplar soviético, à exceção de uma nota de jornal que informava a tradução na Lituânia⁴⁶, em 1963 (LITERÁRIA, 1963). Portanto, ao comparar a data do registro de Carolina Maria de Jesus em seu diário (9/12/1962) com a data da notícia do periódico (1963), é possível que estejam se referindo ao mesmo exemplar. Em 1968, um artigo sobre a literatura brasileira traduzida para o russo aponta que, até aquele momento, *Quarto de Despejo* “infelizmente ainda não havia sido traduzido ao russo na íntegra, mas trechos seus foram publicados numa revista soviética tão popular quanto ‘Robótnitsa’ (‘A Operária’)” (TEMAS..., 1968, p. 9). A existência da publicação da revista é comentada no diário de Carolina Maria de Jesus (1996, p. 267-8), em 9 de dezembro de 1963, à qual se refere pelo título “Oganiok”⁴⁷, além de informar as pessoas que seu livro estaria sendo traduzido para o russo.

E diversas notícias, de diferentes periódicos, citam as publicações em Israel, na Grécia e Noruega que, assim como a edição soviética, não há maiores informações, mas optei por mantê-las no quadro para que este possa ser atualizado futuramente. Também levanto a hipótese

⁴⁶ A Lituânia, na década de 1960, era um país integrante da União Socialista das Repúblicas Soviéticas – URSS.

⁴⁷ Ogonyok (Ogonek ou Огонёк ou *Spark*) foi uma das revistas semanais mais antiga da Rússia. (OGONEK..., 2023, *site*).

de que os exemplares que (e se) circularam nesses países podem ter sido traduções distribuídas por meio da edição de países que compartilhavam algum idioma já vertido.

Do total de traduções listadas, praticamente todas elas foram publicadas no período entre 1961 e 1965, o que indica celeridade no processo ao se levar em consideração às condições de comunicação entre esses países e seus correspondentes, bem como o processo de tradução em si naquele período.

Em suma, a pesquisa por traduções revelou novidades em termos de resultados de pesquisa, entre elas, a descoberta de novas edições, a confirmação de versões em novos idiomas e a localização de exemplares físicos em bibliotecas, livrarias e lojas de livros usados.

Seguindo a análise pela ordem dos exemplares no Quadro 1, incluí uma edição da versão em espanhol, lançada na Argentina, e uma em francês, ambas publicadas em 1963, mas não consegui identificar o número da edição, porém, elas mantêm os mesmos dados editoriais, o que sugere a sequencialização das edições se considerar os anos de publicação.

A tradução para o alemão possui um número significativo de edições que contam com diversas editoras, porém, todas as publicações são formadas pelo mesmo texto e foram traduzidas apenas por Johannes Gerold (NASCIMENTO, 2022). Assim, no levantamento, incluí os anos e as editoras dos exemplares encontrados. Mais informações sobre a tradução germânica podem ser encontradas na tese de Raquel Nascimento (2022), citada na introdução.

O livro italiano, em 2021, recebeu uma nova edição, editado e traduzido por Rita Ciotta Neves, foi lançado com novo título – *La stanza dei rifiuti e altre opere* (JESUS, 2021b), diferente da primeira edição que preservou o título original. Em depoimento sobre seu trabalho de tradução Neves (2020, n. p.) relata que Alberto Moravia, prefaciador da edição de 1962, “ficou tão impressionado com a força literária da obra que a fez editar com o título *Il Ripostiglio*”. Ainda, segundo a tradutora, esta palavra significa “uma parte da casa onde guarda coisas velhas”, e não representa a expressão original, que se refere a algo que é descartado ou jogado no lixo, por isso, escolheu alterar o título para a palavra *rifiuti*, que, literalmente, significa “lixo” (NEVES, 2020, n. p.). Sob o título sugerido por Alberto Moravia, não localizei nenhuma edição da tradução na pesquisa digital, no entanto, em diversos *sites* o título em português acompanha a tradução italiana entre parênteses (*Il Ripostiglio. Diario di un’abitante delle favelas*), portanto, é possível que haja outra edição com título diferente. Mas o curioso é que a primeira versão italiana já traz na capa a expressão *la stanza dei rifiuti* como subtítulo. Desta forma, ter mantido esta expressão no idioma italiano não representa uma escolha da nova tradutora, mas, sim, ratifica e qualifica a primeira decisão editorial. Em se tratando do conteúdo

da nova versão italiana, além de conter a obra *Quarto de Despejo* (JESUS, 1962) reformulada, no que compete às características de tradução, os textos, inéditos no idioma italiano, *Favela e Onde Estaes Felicidade?* também compõem a edição de 2021. Neves (2020, n. p.) comenta, ainda, que sua versão leva em conta os aspectos culturais, que optou por manter alguns termos sem tradução e ressalta a importância dos estudos pós-coloniais em traduções deste porte. Fica a sugestão da realização de um estudo mais aprofundado sobre essas obras.

Já sobre a versão Checa, localizei em *site*⁴⁸ de vendas de livros usados, na Checoslováquia, a segunda edição do ano de 1964 que preserva os mesmos dados do primeiro lançamento. Ainda sobre o primeiro exemplar de que se tem conhecimento publicado na Lituânia, também foi localizado em ambiente virtual de comercialização de livros usados⁴⁹, e a data de publicação (1962) coincide com o período de maior volume de traduções, por isso, creio ser esta a primeira edição. Outro aspecto interessante é que os periódicos brasileiros divulgaram a data de publicação no ano de 1963, e os jornais *Correio da Manhã* (RJ) e *Diário da Noite* (RJ) publicaram que a tradução lituânica de *Quarto de Despejo* foi realizada pelo “Sr. Baliuliné” (LITERÁRIA, 1963, p, 12). Não há mais detalhes sobre a edição ou o tradutor, visto que o nome do tradutor não é o mesmo da edição de 1962, listada pelo *site* de vendas, presumo que haja uma segunda edição ou algum equívoco por parte das mídias, pois A. Baliuliné traduziu outras obras brasileiras no mesmo período, mas o texto destas referidas traduções foi vertido do idioma russo, porque o tradutor não conhecia a língua portuguesa (CONDÉ, 1963). Isto posto, fica a expectativa de que haja mais uma edição em lituano e de que a edição russa, de fato, tenha sido publicada, para, então, originar a versão na Lituânia. Mas temos aqui o impasse da reportagem de 1968, anteriormente citada.

A edição lançada na Espanha, em 1963, não entrou no levantamento de Perpétua (2014), mas houve uma suposição de sua existência já nos estudos de Levine e Meihy (1995). Porém, ao contrário do que se especulou sobre a possibilidade de que traduções em língua espanhola editadas em outros países teriam circulado na Espanha, deparei-me com uma versão em catalão. O catalão⁵⁰ também é língua oficial do país, no entanto, possui maior incidência em regiões próximas à Catalunha, como na França, na Itália e em Andorra. A Catalunha é uma comunidade

⁴⁸ 2ª Edição Checa, 1964 - *Trh knih* (Mercado de Livros, traduzido pela ferramenta Google Tradutor). Disponível em: <<https://www.trhknih.cz/kniha/1auo84up1k>>. Acesso em dez. 2022.

⁴⁹ 1ª Edição da Lituânia, 1962 - KEISTOTEKA. Disponível em: <<https://www.keistoteka.lt/saslavynas-dienorastis-karolina-marija-de-zezus-carolina-marija-de-jesus-8599-1>>. Acesso em: dez. 2022.

⁵⁰ Sobre o idioma Catalão – Disponível em: <<http://www.aprender-catalao.com/idioma-catalao.html>>. Acesso em: dez. 2022.

autônoma formada por quatro províncias espanholas: Girona, Lérida, Tarragona e Barcelona, capital da região e local da edição do livro de Carolina Maria de Jesus.

A escolha da língua permite que a obra alcance mais culturas do que apenas as originárias das traduções. Considerando que muitas das línguas oficiais são utilizadas por falantes de outras localidades (como foi o caso do inglês, espanhol, catalão, holandês e lituano, por exemplo) estima-se que o número de países que conheceram e receberam as obras da autora “ultrapassem 40 países” (VOGT, 1983, p. 205). A importância de realizar um levantamento como este fortalece a base literária das obras de Carolina Maria de Jesus que já se consolidaram mundo a fora como testemunho e documento social.

Continuando a análise das traduções, foi adicionado ao Quadro 1 de traduções a versão para o idioma turco, que dispõe de inúmeras publicações. Não diferente dos livros anteriores, a primeira publicação também ocorreu nos anos seguintes ao lançamento no Brasil (1963). Em 1984, identifiquei a 15ª edição, até então, sempre impressa pela mesma editora e com o mesmo tradutor, mas, em 2003, a publicação passa a ter outra editora e outro tradutor. Chama a atenção que há um número significativo de exemplares disponíveis para comercialização em sebos e livrarias *online*, inclusive de edições novas⁵¹. A edição turca, a possível publicação de Israel, as versões do Irã e da Índia aumentam a noção da circulação no continente Asiático, antes, estabelecida apenas pelas versões do Japão e da União Soviética.

Outra edição adicionada a lista, é a versão em holandês que foi publicada na Bélgica. De acordo com minha pesquisa, o exemplar está no acervo da biblioteca da instituição *Erfgoedhuis: Zusters van Liefde JM*⁵² (Casa Patrimonial: Irmãs da Caridade Jesus Maria, tradução minha).

Passando para os lançamentos da década de 1970, relacionei duas versões das publicações do Irã. A primeira tradução iraniana que localizei data de 1972⁵³ e consta como sendo a primeira edição, a qual foi seguida por mais três publicações até o ano de 1985. Já na década de 1990, outra editora publicou novas edições que possivelmente apresentem diferença no texto, visto que se trata de outro tradutor e que o título também foi substituído. Sobre a escolha dos títulos, observo que a primeira edição se relaciona com os títulos de versões de

⁵¹ *Çöplük* – Edição turca. Disponível em: <<https://www.amazon.co.uk/%C3%87%C3%B6pl%C3%BCK-Carolina-Maria-Jesus/dp/9758523228>> ou <<https://www.nadirkitap.com/copluk-carolina-maria-de-jesus-kitap12487011.html>>. Acesso em: dez. 2022.

⁵² O exemplar foi localizado pelos catálogos *WorldCat* e *CaGeWeb* (Catálogo de Bibliotecas Científicas de Gehnt, na Bélgica). Para mais informações acessar: <<http://www.cageweb.be/catalog/cgw01:000866924>>. Acesso em: dez. 2022.

⁵³ Edição Iraniana, 1972: Disponível em: <<http://www.ketabshahin.ir/product-740>>. Acesso em: dez. 2022.

países que utilizam expressões associadas ao lixo, descarte e à ideia de aterros, por exemplo. É difícil precisar a partir de qual versão a obra foi publicada no Irã em 1972, ou se ela foi vertida diretamente do português, sem acessar o exemplar físico e por causa das barreiras entre os idiomas que não domino. Porém, a edição do Irã revela mais um traço da importância da tradução e dos estudos da cultura, na medida em que as edições da década de 1990 possuem o mesmo título da versão em língua inglesa estadunidense, sendo assim, constato que ela foi versada a partir de uma outra tradução, e não do original em português. O argumento de que estas traduções tenham sido versadas a partir de outras também explica o lançamento tardio se comparado aos outros países. Principalmente pelo fato de haver uma versão originada de *Child of the Dark*, edição estadunidense que continuou sendo reimpressa desde a década de 1960 e se destacou no período de 1990, justamente no mesmo período em que ocorreu a nova publicação iraniana. Neste sentido, aproveito para mencionar a edição indiana⁵⁴, que também foi traduzida já nos anos 1990, pela poeta e escritora Sarita Padki (1928 – 2015). Neste caso, conhecer a tradutora e sua trajetória revela aspectos da tradução, uma vez que, nascida em Maharashtra – Índia, Sarita Padki, assim como Carolina Maria de Jesus, iniciou escrevendo poemas ainda criança, circulou por diversos gêneros da escrita e recebeu do governo indiano pelo menos sete prêmios de literatura durante a vasta carreira (VIVEK, 2015, n. p.). Mestre em sânscrito, idioma que influencia o vocabulário da língua Marata (*Marathi*), assim como o persa, o inglês e o português, Sarita Padki também foi professora universitária na Índia, e, por motivos de saúde, mudou-se para os Estados Unidos, onde é possível que tenha conhecido a obra de Carolina Maria de Jesus.

Portanto, apesar de não ter acessado ao livro físico⁵⁵ editado na Índia, as barreiras linguísticas podem me induzir a equívocos, mas, com auxílio da ferramenta Google de tradução e após buscas pelo ambiente virtual, acredito que a versão indiana, redigida em marata, também surgiu a partir da publicação em língua inglesa, pois o título, da mesma forma que a versão em persa, remete à escuridão - *काळोखाची लेख - Kāḷokhācī leka* (O Relato da Escuridão ou o Lago da Escuridão, tradução livre), e também por existir uma relação da tradutora com os Estados Unidos e o idioma inglês.

A mais curiosa das edições é o recente lançamento em Portugal, em 2021. Ao que tudo indica, a publicação estava prevista para ocorrer em 2020, entretanto, a pandemia acabou

⁵⁴ Edição Indiana, 1986: Disponível em: < <https://librarywala.com/books/139312908148--marathi->>. Acesso em: dez. 2022.

⁵⁵ O livro encontra-se na Biblioteca de Pública de Cleveland - Ohio, nos Estados Unidos. Entrei em contato com a instituição para acessar a obra, mas, até a finalização da tese, não recebi retorno.

adiando o tão esperado lançamento, gestado desde 1960. Entre tantas questões intrigantes a respeito de Carolina Maria de Jesus e sua literatura, a demora no lançamento no país que possui forte ligação histórica e colonial com o Brasil é algo que merece um estudo à parte. Em 1960, durante o período Salazarista⁵⁶, o lançamento do *best-seller* brasileiro foi barrado pela ditadura, promovendo a devolução dos exemplares e o repúdio da escritora pela decisão, conforme notícias (CAROLINA RECLAMA..., 1961, p. 6; SALAZAR PROIBIU..., 1961, p.11).

O poeta e ensaísta Pádua Fernandes, em seu *blog*, no dia 29 de maio de 2021, comenta sobre o lançamento da edição Portuguesa: “A apresentação, escrita por Fernanda R. Miranda, explica que Salazar havia proibido a edição do livro [...]. No texto, lemos também que ela [a edição em português] nunca foi publicada, até hoje, nos países africanos lusófonos” (FERNANDES, 2021, n. p.). De certa forma, podemos pensar que algumas das inúmeras edições publicadas no Brasil possam ter circulado em Portugal durante estes sessenta e dois anos de espera pois compartilhamos o idioma. No entanto, as diferenças linguísticas e as desavenças políticas impediram não apenas a circulação no país português, mas a disseminação de uma literatura e de um documento de extrema importância para os países africanos falantes da língua portuguesa. Os motivos desta demora e desta espera talvez não sejam mais possíveis de se afirmar, mas é uma questão de tempo que, finalmente Carolina Maria de Jesus atinja estas comunidades.

Ainda no que tange às questões relacionadas aos Estudos da Cultura, no mesmo artigo, Fernandes (2021) faz breve comentário sobre sua colaboração na edição das notas de rodapé da edição lusófona: “Preparei 91 [notas], número adequado, levando em consideração muitas referências à política e à história do Brasil que certamente seriam ignoradas pelo público estrangeiro. A edição corrente da *Ática*, para brasileiros, já apresentava 49 notas” (FERNANDES, 2021, n. p.). Logo, percebo que há uma preocupação em contextualizar o público leitor sobre a cultura e história do país de origem da obra, o que ao mesmo tempo é irônico considerando o relacionamento entre colônia e metrópole, e desperta a curiosidade sobre como *Quarto de Despejo* está sendo apresentado para este público. Pois, mesmo que não seja necessária a tradução ou a adequação para o idioma português de Portugal, a transposição da obra para uma cultura estrangeira também gera a necessidade de preparar a recepção do texto, e o posicionamento ideológico do tradutor e da editora são fundamentais para que a obra seja bem recebida ou não. Talvez, mais importante ainda seja contextualizar a partir do olhar de um

⁵⁶ O Salazarismo (1933 – 1974) foi um regime ditatorial em Portugal caracterizado pelo alto conservadorismo, principalmente religioso, por ser antidemocrático, contrário às ideias liberais e por apoiar o colonialismo.

brasileiro, como é o caso de Fernandes, se levar em conta a relação entre Brasil e Portugal. Na mesma medida, quanto às questões literárias da obra, Fernandes (2021, n. p., grifos meus) expressa a valoração do texto quando comenta que teve “a preocupação de manter as notas em tamanho econômico para não distrair o leitor *do impacto do texto de Carolina Maria de Jesus*”, além de reafirmar o sucesso que a obra exerceu e ainda exerce no Brasil e no mundo.

A busca referente às edições publicadas na Dinamarca, Holanda, Suécia, Romênia, Polônia e no Japão obteve os mesmos resultados elaborados por Perpétua (2014), por isso, optei por não dissertar sobre elas, mas os dados foram ratificados e mantidos no levantamento.

Por fim, enfatizei a análise nos objetos de pesquisa deste estudo, as traduções para o idioma inglês. Nos próximos subcapítulos, discorro sobre a elaboração destas traduções com mais detalhes, por hora, basta observar que, apesar de possuírem títulos bem distintos, o tradutor é o mesmo e os textos também são iguais. Com a primeira edição lançada no mesmo ano, mas com diferença de meses, ambas tiveram um número significativo de reedições, em períodos similares, sendo possível adquirir, atualmente, exemplares novos da última edição do ano de 2003.

Analisados os contextos das traduções, verifiquei que as reedições ocorreram na Argentina, França, Alemanha, Itália, Checoslováquia, Inglaterra, nos Estados Unidos, no Japão, na Turquia, em Cuba, no Irã e na Índia. À exceção de Cuba, Itália e Índia, todos esses países realizaram, pelo menos, duas reedições sucessivas, ou mais, ainda na mesma década do lançamento, muitas delas, edições de bolso, mais econômicas e, por consequência, mais acessíveis ao público.

Entre as múltiplas edições e reedições, destacam-se em número e continuidade as publicações da Alemanha, da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Turquia e do Irã. Com o auxílio da *internet*, identifiquei em lojas de livros usados⁵⁷ a existência de uma gama de edições na Turquia, chegando até a 15ª, sendo que a mais recente é do ano de 2003. Novamente, a tradução se revela um mecanismo de auxílio importante na divulgação e perpetuação da obra e da cultura que esta representa. Os motivos que envolvem estas produções estão pautados nos aspectos políticos, sociais e culturais, por isso, Perpétua fez uma leitura baseada nos aspectos econômicos de cada região do mundo que traduziu Carolina Maria de Jesus, e constatou que,

⁵⁷ Edições turcas consultadas em: <https://www.nadirkitap.com/kitapara.php?ara=kitapdetay&tip=kitap&kitap_Adi=%C7%D6PL%DCK&yazar=CAROLINA+MARIA+DE+JESUS&siralama=fiyatartan>. Acesso em: dez. 2022.

na Europa, as edições se multiplicaram, nos anos seguintes, em cinco países do bloco capitalista, e em três deles encontramos várias reedições do primeiro diário: na França, foi reimpresso em 1965; na Alemanha Ocidental, consta uma reimpressão em 1968 e mais sete edições de bolso sucessivas entre 1983 e 1993; na Inglaterra, foi reeditado como livro de bolso em 1962 e 1964. Nos países europeus do bloco socialista que traduziram *Quarto de Despejo* – Checoslováquia, Romênia, Polônia e Hungria – não consta reedição conhecida. Na Ásia, registram-se as traduções japonesa e soviética. Nas américas, além das quatro edições argentinas, registra-se a edição cubana, com a única reimpressão conhecida num país socialista, e a norte-americana, com várias reedições (PERPÉTUA, 2014, p. 89-90).

Sobre esta análise, lembro que alguns dos territórios passaram por divisões e alterações geopolíticas e sociais, por isso, hoje, é possível incluir um número maior de países de todas as regiões do continente europeu, como Portugal, Espanha, Bélgica e Holanda, que também contribuíram para as traduções de *Quarto de Despejo* e outras obras. Sobre os países socialistas da Europa, ao contrário da afirmação acima, localizei uma reedição na Checoslováquia, bem como, na Ásia, adicionei as edições do Irã, da Turquia e da Índia.

Assim, a partir da elaboração do Quadro 1, considerando o sistema literário nacional e internacional da década de 1960 e os processos tradutórios da época, percebi que a sequência das publicações, que segue ano a ano, e o sucesso internacional foram consequências da repercussão nacional, conforme já havia previsto Audálio Dantas (LEVINE; MEIHY, 1995, p. 103). Desta arte, no subcapítulo seguinte, discorro sobre a pesquisa quantitativa e qualitativa referente às publicações dos periódicos nacionais e internacionais, entre outros documentos, que contribuíram para o sucesso internacional de Carolina Maria de Jesus.

No mesmo ano de lançamento de *Quarto de Despejo*, as mídias divulgavam constantemente informações sobre os trâmites referente a *royalties* e direitos autorais de negociações sobre possíveis traduções do diário, conforme ilustrado pelos excertos extraídos de alguns dos principais periódicos:

Quadro 2: Manchetes sobre Quarto de Despejo

“Carolina lucra 10 milhões com livro: recorde” (CAROLINA LUCRA..., 1960, p. 10).
“Carolina já ganhou 600 mil cruzeiros: Quarto de Despejo” (CAROLINA JÁ..., 1960, p. 4)
“Carolina vai ganhar 3 mil dólares” (CAROLINA VAI..., 1960a, p. 14)
“Carolina Vai Ficar Rica. O escritor Paulo Dantas afirmou que Carolina Maria de Jesus, a favelado do livro ‘Quarto de Despejo’ deverá ganhar Cr\$ 10 milhões de editôras estrangeiras [...] (CAROLINA VAI..., 1960, p. 5).

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Em reportagem, no periódico *O Jornal RJ*, é previsto que “até junho do próximo ano [1961], o livro será lançado em 17 países do mundo, até no Japão. Mas Carolina teme o sucesso no exterior: ‘– Não sei se outros povos compreenderão que a favela é o quarto de despejo da cidade, onde [se colocam] as coisas imprestáveis’” (QUINTAIS, 1960, p. 1). E, de fato, o maior número de traduções ocorreu neste período, conforme demonstrado no Quadro 1.

O comentário de Carolina Maria de Jesus é pertinente, expressa a preocupação da escritora com a recepção do texto e foca no desejo de representar a favela, não apenas para ela, mas para a cidade de São Paulo e para o mundo, de modo fidedigno. Mas “o olhar dos EUA e da Europa para as culturas periféricas ainda era incipiente, porém o investimento político, econômico e cultural dos norte-americanos na América Latina após a revolução cubana, proporcionou a descoberta de muitas manifestações genuínas” (PERPÉTUA, 2014, p. 88).

Estas notas em revistas e jornais foram uma das estratégias para o sucesso nacional, pois, além de informar o público sobre a existência das traduções, também instigavam a curiosidade dos leitores e afirmavam a importância da obra dentro do círculo intelectual, haja vista o destaque conferido ao número de traduções e às disputas entre correspondentes estrangeiros. Logo, de acordo com Paulo Dantas, as traduções do primeiro diário não seguiram a nenhum planejamento de sua editora, mas sim, “eram os próprios países, espontaneamente, que pediam o livro” (PERPÉTUA, 2014, p. 87). E da mesma forma, o brasilianista Robert M. Levine respalda esses pontos de vista quando afirma que “*national press attention on Carolina, in turn, helped establish the context in which she went on to become an international success*”⁵⁸ (LEVINE *apud* PERPÉTUA, 2014, p. 87).

O principal argumento que li nos diversos artigos e teses foi o de que a atenção da mídia nacional dedicada à autora foi o que ocasionou o sucesso da escritora, por isso, dediquei parte de minha pesquisa para realizar um levantamento nos periódicos nacionais para compreender como ocorreu esta influência e se, de fato, ela produziu uma escritora.

Considerando o importante papel da imprensa na história editorial de Carolina Maria de Jesus, realizei um levantamento de reportagens e textos de diversos veículos de comunicação nacional e internacional. As principais bases escolhidas para pesquisar esses materiais de recepção foram o repositório da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e o *site* Vidas por Escrito, elaborado pelo professor pesquisador Sérgio da Silva Barcellos (2014), que reúne materiais digitalizados da coleção dos recortes de periódicos da própria escritora e bibliografias

⁵⁸ “A atenção da imprensa nacional em Carolina, por sua vez, ajudou a estabelecer o contexto no qual ela se tornou um sucesso internacional.” (LEVINE *apud* PERPÉTUA, 2014, p. 87, tradução minha).

sobre o tema. No entanto, os materiais de análise da recepção estrangeira foram obtidos através de diferentes fontes, desde visita a acervos físicos até os acervos digitais de periódicos internacionais. Por constituírem uma base menor, do ponto de vista quantitativo para análise em relação aos materiais da recepção nacional, também considerarei artigos produzidos por pesquisadores estrangeiros, além dos prefácios e posfácios das traduções.

Portanto, com o cotejamento de bibliografias de diferentes períodos, intenciono complementar a análise da representação e cultura disseminada na construção da imagem da escritora no Brasil e nos Estados Unidos e a relação com a tradução. A partir dos resultados, verificar-se-á quais foram os critérios estabelecidos pela mídia brasileira e estrangeira na promoção e divulgação da escritora e dos diários, além de identificar até que ponto estas estratégias estão associadas as escolhas dos tradutores.

3.1 A HEMEROTECA DIGITAL E O ACERVO INTERNACIONAL

Para esta etapa da pesquisa, realizei um levantamento das fontes baseada na metodologia de análise de conteúdo, que consiste em “técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo [...]” com a intenção de inferir “conhecimentos relativos às condições de produção (ou recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 2016, p. 44, grifo no original).

O levantamento inicial no *site* de buscas da biblioteca nacional foi realizado durante os últimos dois anos da pesquisa, devido ao extenso número de resultados e a problemas ocorridos com a base de dados, que ficou fora do ar após um ataque *hacker*. Ao mesmo tempo, a busca e pesquisa por bases bibliográficas de publicação estrangeira foram obtidas pela lista bibliográfica do *site Vida Por Escrito* e à medida que iam surgindo durante leituras dos próprios periódicos nacionais.

O campo de buscas da Biblioteca Nacional permite que a pesquisa seja filtrada por “Periódico”, “Período” e “Local”, conforme Figura 2:

Figura 2: Base de pesquisa da Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional

Fonte: acervo da autora, 2022.

Minhas primeiras buscas foram refinadas por períodos, desde 1910 até o ano de 2000, pois abrange desde o nascimento da escritora até os últimos períodos disponíveis no acervo. Uma segunda busca foi realizada para comparar os resultados, a partir do filtro “Local”, utilizando os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Os locais foram escolhidos pela relação com a história de vida e com as publicações da autora. Os dois primeiros estados sediaram o maior número de periódicos da época de lançamento de Quarto de Despejo, além de haver uma relação de vida e carreira da escritora com as principais capitais. Minas Gerais é o estado de nascimento da autora e o estado gaúcho foi incluído para identificar possíveis relações com a terra natal da pesquisadora. Os termos utilizados para busca foram: “Carolina Maria de Jesus” e “Carolina de Jesus”, entre aspas (Figura 2).

A análise de conteúdo de Bardin (2016) prevê etapas de pesquisa, às quais foram executadas. Iniciei a pesquisa com a pré-análise do material, conforme descrito anteriormente, e, na sequência, realizei a exploração dos documentos. Nesta etapa, identifiquei que um número muito pequeno de periódicos dispunha de acervos que compreendessem todas as datas estimadas, assim, centralizei a busca entre 1958 e 1980, pois é o período de veiculação da primeira reportagem sobre Carolina Maria de Jesus e o diário até a década de seu falecimento. Para os documentos de mídias e artigos internacionais o período foi estendido até os anos 2000 em decorrência do reconhecimento no campo literário ter ganhado intensidade nos últimos anos

da década de noventa. Estes materiais compõem as referências bibliográficas que embasam a tese. Todavia, o levantamento e a categorização foram realizados apenas nos periódicos nacionais, pois a hipótese entende que foi através deles que a escritora e a obra alcançaram o universo estrangeiro.

A exploração do material pré-analisado também revelou que a busca pelos termos escolhidos geravam resultados repetidos. Explorei o acervo utilizando os termos “Quarto de Despejo”, “Carolina Maria de Jesus”, “Maria Carolina de Jesus” e “Carolina de Jesus”. Em aproximação com os objetos de pesquisa, todos eles direcionavam para praticamente os mesmos resultados, assim, selecionei apenas os termos “Carolina Maria de Jesus” e “Carolina de Jesus” (Figura 2).

Os resultados encontrados para estas buscas foram comparados para excluir informações que não estavam relacionadas à autora ou que já haviam sido relacionadas através de um dos termos, evitando repetições e produzindo um resultado confiável, pois todo o processo foi realizado manualmente.

As repostas das buscas filtradas pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, foram diferentes, complementares e seguem nos Quadros 3, 4 e 5, que se baseiam na frequência de ocorrências dos termos selecionados e utilizados nos campos de filtro e de busca da hemeroteca digital. Logo, encaminho-me para a última etapa da análise de conteúdo que consiste no tratamento dos resultados obtidos, realizando as inferências e interpretações após a apresentação dos quadros quantitativos.

Quadro 3: Resultado da Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

(Continua)

Periódicos do Rio de Janeiro	RESULTADOS		
	“Carolina Maria de Jesus”	“Carolina de Jesus”	Total (exceto repetidas e não correspondentes)
1 - A Noite 1960 a 1964	23	8	29
2 - Tribuna da Imprensa 1960 a 1969	50	18	68
3 - Correio da Manhã 1960 a 1969	55	27	71
4 - Diário da Noite 1960 a 1969	23	17	36

Quadro 3: Resultado da Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

(Continua)

Periódicos do Rio de Janeiro	RESULTADOS		
	“Carolina Maria de Jesus”	“Carolina de Jesus”	Total (exceto repetidas e não correspondentes)
5 - Diário de Notícias	57	32	82
6 - Jornal do Brasil 1960 a 1969	70	24	90
7 - Jornal do Comercio 1960 a 1969	30	12	38
8 - O Jornal 1960 a 1974	51	24	70
9 - Revista Manchete 1960 – 1979	33	11	44
10 - Revista O Cruzeiro 1928 a 1985	18	11	24
11 - Jornal Última Hora 1951 a 1984	60	47	78
12 - O Globo* 1960 a 1979	94	43	137**
		Total	767
Periódicos de Menor Circulação e de Outras Áreas			
13 - A Ordem 1961 a 1962	1	1	2
14 - Revista Brasileira 1966	1	0	1
15 - Jornal de Letras 1962	1	0	1
16 - Intervalo 1963 a 1972	2	0	2
17 - Boletim da Associação Brasileira de Imprensa 1962	1	0	1
18 - Filme & Cultura 1967	1	0	1

Quadro 3: Resultado da Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

(Conclusão)

Periódicos do Rio de Janeiro	RESULTADOS		
	“Carolina Maria de Jesus”	“Carolina de Jesus”	Total (exceto repetidas e não correspondentes)
19 - Brasil Açucareiro: Revista Quinzenal dirigida pela Comissão de Defesa da Produção do Assucar 1966	1	0	1
20 - Niger publicação a serviço da coletividade negra 1960	2	0	2
21 - Novos Rumos 1960 a 1963	2	1	3
22 - Cinelândia 1960	3	3	6
23 - Revista do Rádio 1961	4	2	6
24 - Jornal dos Sports 1960 a 1965	4	2	6
25 - A Luta Democrática: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar 1960 a 1971	4	12	16
26 - O Fluminense 1960 a 1962	6	2	8
27 - Radiolândia 1960 a 1963	10	8	18
28 - O Semanário 1960 a 1962	11	1	12
29 - O Mundo Ilustrado 1960 a 1963	13	2	14
30 - Leitura 1960 a 1963	13	2	15
		Total	115

*Periódico com acervo independente, fora da Hemeroteca Digital.

**Resultado total, incluindo resultados repetidos ou não correspondentes.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Observando os resultados sintetizados em cada quadro, verifiquei que, apesar de Carolina Maria de Jesus ter lançado o diário *Quarto de Despejo* em São Paulo, o estado com o maior número de periódicos com resultados para a busca dos termos “Carolina Maria de Jesus” e “Carolina de Jesus” foi o Rio de Janeiro. A principal justificativa para esta constatação é o

fato de o estado carioca ter sediado os jornais e periódicos mais importantes na história da imprensa brasileira, entre eles cito a *Tribuna da Imprensa*, o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil* e a revista *O Cruzeiro*. O Rio de Janeiro, “apesar de não ser mais a capital nacional, ainda representava o centro do pensamento e dos movimentos políticos. Além disso, na década de 1960, 90% dos periódicos e revistas concentravam-se nestes estados [SP e RJ]” (GUARNIERI, 2021, p. 77358), chegando a publicar um exemplar por dia para aproximadamente 20 pessoas. Muitos desses periódicos também possuíam sucursais em outros estados e, inclusive, fora do país, ampliando a divulgação da escritora e da obra para outras capitais e reforçando a sua presença na mídia diária. Outro provável motivo da alta incidência dos resultados no Rio de Janeiro pode estar relacionado ao fato de a Biblioteca Nacional estar situada neste estado e cidade, o que favorece o número de acervos de periódicos locais, apesar de ser uma das maiores bases de pesquisa nacional.

A Hemeroteca Digital conta com um avançado sistema de busca por palavras em uma base muito ampla, a pesquisa e o acesso são gratuitos, observando-se os direitos autorais dos periódicos. Nesse sentido, outros jornais de maior circulação, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, não estão disponíveis para pesquisa nesta base, pois possuem suas próprias plataformas de acervo *online*, nas quais é necessário realizar assinaturas mensais para acessar os conteúdos, o que impossibilitou a filtragem dos resultados encontrados na etapa de exploração dos materiais dos periódicos *O Globo* (RJ) e *Folha de São Paulo* (SP).

Em relação aos termos utilizados na busca, a maior incidência foi para “Carolina Maria de Jesus”, e apenas um periódico de menor circulação que apresentou maior incidência no resultado para a busca do termo “Carolina de Jesus”. Muitas vezes, o resultado encontrado direcionava para a expressão “Maria Carolina de Jesus”, não sendo raro encontrar notícias que invertiam o nome da autora, fato este que motivou a introdução da tese a refletir sobre a identidade, o nome e as representações.

Utilizando o filtro “Período”, revisei todas as décadas disponíveis para cada periódico, assim, considerei relevantes limitar as datas de abrangência e cobertura dos periódicos entre 1958 e 1985, visto que os acontecimentos veiculados na mídia durante estes anos estão relacionados à escritora e às obras. Fato que dispensa comprovação, mas é importante ressaltar, é que a maior incidência de resultados está concentrada nos anos sessenta. Da seleção realizada na Hemeroteca Digital (+ o jornal *O Globo*), foram consultados 30 periódicos do estado do Rio de Janeiro, em um intervalo médio de 20 anos, consulta através da qual obtive um total de 882

ocorrências dos termos “Carolina Maria de Jesus” e “Carolina de Jesus”, resultado que permite uma média de quase 4 citações ao mês, durante todo este período.

Ao quantificar a análise e associá-la aos resultados qualitativos, fica evidente a intensidade com que Carolina Maria de Jesus ganhou notoriedade em tão pouco tempo. O maior número de ocorrências foi encontrado no jornal *O Globo* (137) – mas não consegui acessar as notícias de forma individual para filtrar repetições ou termos não correspondentes ao tema –, o segundo foi no *Jornal do Brasil* (90), seguido pelo *Diário de Notícias* (82); *Correio da Manhã* (71) e a revista *O Cruzeiro* (24), que, apesar de representar um número pequeno de ocorrências, foi o impresso responsável pela repercussão do sucesso do primeiro diário, pois publicou, em 1959, a segunda reportagem, que preparou o público para o lançamento do diário, dois anos mais tarde, como veremos no subcapítulo 3.2.1, que aborda a elaboração e tradução de *Quarto de Despejo*.

A análise dos periódicos foi dividida entre os de maior e menor circulação e os com maior ou menor resultados para as buscas. Esta divisão permitiu identificar que os jornais e revistas com poucas ocorrências possuem características diferentes dos grandes periódicos. Enquanto os grandes líderes das mídias mantinham o nome da escritora sempre vinculado aos estereótipos de classe (escritora favelada, mãe solteira, fome, pobreza etc.) ou relacionavam-na a todo o tipo de sensacionalismo que correspondesse aos mesmos fatores sociais, os impressos de menor circulação consideravam os aspectos literários e as questões sociais e políticas, no entanto, a partir da perspectiva vista de baixo (SHARPE, 1992), no intuito de chamar a atenção dos governantes ou de incentivar as classes mais pobres a reivindicar e a lutar pelos seus direitos. Estes jornais são segmentados e voltados para as classes de trabalhadores, como, revistas de literatura, rádio e cinema, com destaque para a revista *Niger* (1960)⁵⁹, que enfatizava o teatro, a literatura, a música e o cinema afro-brasileiro e afro-americano (NABOR JR., 2021), revista da qual Carolina Maria de Jesus foi capa, em setembro de 1960, na terceira edição.

O Quadro 4 apresenta os resultados da pesquisa realizada na Hemeroteca Digital, nos mesmos parâmetros realizados no Quadro 3, porém, utilizando o campo de filtro “Local”, pesquisando os periódicos do estado de São Paulo.

⁵⁹ Criada em 1960, teve apenas 4 números produzidos, mas é uma revista expressiva para o movimento negro (NABOR JR., 2021).

Quadro 4: Resultado da Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional – São Paulo

(Continua)

Periódicos em São Paulo	RESULTADOS		
	“Carolina Maria de Jesus”	“Carolina de Jesus”	Total (exceto repetidas e não correspondentes)
1 - A Tribuna 1960 a 1979	23	47	42
2 - Correio Paulistano 1960 a 1963	69	20	84
3 - Diário da Noite 1960 a 1969	55	19	73
4 - Folha de São Paulo * (Folha da Manhã e Folha da Noite) 1958 a 1980	50	107	157**
		Total	259
Periódicos de Menor Circulação e de Outras Áreas			
5 - Nosso Jornal 1960 a 1969	1	0	1
6 - Nossa Voz 1961	4	0	4
7 - Águas de São Pedro 1960 a 1969	1	0	1
8 - Suplemento Literário SP 1960 a 1985	4	2	6
9 - Cine Repórter: Semanário Cinematográfico 1960 a 1969	1	0	1
10 - Brasil Urgente: um jornal do povo a serviço da justiça 1960 a 1969	2	0	2
11 - HÍFEN – o traço de união da Elite 1962	3	1	3

Quadro 4: Resultado da Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional – São Paulo

(Conclusão)

Periódicos em São Paulo	RESULTADOS		
	“Carolina Maria de Jesus”	“Carolina de Jesus”	Total (exceto repetidas e não correspondentes)
12 - Letras da Província: Publicação Mensal das Casas de Cultura de Limeira e Jaú, oficializadas pela Associação Brasileira de Escritores de São Paulo 1960 a 1969	4	1	5
13 - A Cigarra 1961	1	0	1
14 - Fauna 1963	0	1	1
15 - Realidade 1966 a 1975	1	3	3
		Total	28

*Periódico com acervo independente, fora da Hemeroteca Digital.

**Resultado total, incluindo resultados repetidos ou não correspondentes.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Diferentemente dos resultados encontrados no quadro anterior, o período de incidências dos resultados nos periódicos paulista foi delimitado entre 1958 até 1975, com um total de 412 ocorrências dos dois termos de busca neste íterim, em 15 periódicos diversos. Também percebi um equilíbrio entre os resultados de “Carolina Maria de Jesus” e “Carolina de Jesus”, em contrapartida, há um número elevado de repetições e não correspondências, o que não ocorreu nos periódicos do Rio de Janeiro. A escolha da pesquisa pelas variações do nome da autora proporciona maior exatidão nos resultados quando se refere ao nome completo, já o termo constituído de primeiro nome e sobrenome acabou resultando em um número considerável de notícias que não correspondiam à escritora.

Assim como ocorreu com o periódico *O Globo*, a *Folha de São Paulo* também possui um acervo *online* com possibilidades de buscas que indicam ano e edição do jornal, mas não localiza o termo dentro da edição indicada, além disso, ainda há um número limitado de acessos gratuitos dentro do mês. Logo, é necessário folhear as edições digitais para achar a reportagem que contém os termos da busca, o que se tornou inviável de analisar uma por uma, assim, fiz

uma pequena amostragem para conferir se correspondiam aos objetivos da tese. O resultado da amostragem por períodos, indicou que a maior parte das reportagens, principalmente as que correspondem às décadas de 1960 e 70 referem-se à autora e ao diário.

Portanto, o periódico paulistano com maior número de ocorrências na busca pelos termos “Carolina Maria de Jesus” e “Carolina de Jesus” foi o *Folha da Manhã* (157), seguido pelo *Correio Paulistano* (84) e o *Diário da Noite* (73). O que chama a atenção nestes resultados é que as duas primeiras publicações de poemas realizadas antes da existência dos diários, na década de 1940, ocorreram na *Folha da Manhã* e no *Diário da Noite*, como mencionado no capítulo anterior. A pesquisa de Perpétua (2014), que também dedica um capítulo para as principais reportagens antes do lançamento do primeiro livro, da mesma forma, enfatiza o nome destes três periódicos como sendo os principais a continuar a noticiar informações sobre a assinatura do contrato com a editora Paulo Dantas e do recorde de vendas do *best-seller* de Carolina Maria de Jesus. O jornal *Folha da Noite* também publicou a primeira reportagem que originaria o destino e a escrita do diário de Carolina Maria de Jesus, em 1958, assinada por Audálio Dantas.

Assim como nos periódicos do Quadro 3, há um número maior de impressos de pouca circulação, mas que fizeram menção à Carolina Maria de Jesus na década de 1960, seguindo os mesmos parâmetros culturais, sociais e políticos dos periódicos do Rio de Janeiro.

Em 1960 até 1975, a imprensa brasileira passou por grandes mudanças, principalmente durante o regime da ditadura civil-militar, o que certamente impactou no número de periódicos que fecharam, foram vendidos, apoiaram determinadas causas políticas. Com este levantamento, confirmo a presença constante da escritora na mídia brasileira por muito tempo, mesmo que não tenha sido sempre relacionada às produções literárias, e ratifico o papel desempenhado por estes meios midiáticos para perpetuar o legado caroliniano para o exterior e através dos anos.

Certamente, mesmo ainda em circulação e tendo sido reeditado diversas vezes, *Quarto de Despejo* e sua autora sofreram as consequências sociais e políticas advindas da censura ditatorial. Ao ser colocado de lado pela imprensa nacional, as traduções realizadas mundo a fora foram mantendo esta literatura e documento histórico vivo e atemporal, até regressar para o Brasil, em outro momento de relevância sociopolítica.

Nesse sentido, após o levantamento nos principais polos do mercado editorial brasileiro, realizei a busca na plataforma da Hemeroteca Digital nos periódicos do estado de nascimento da autora, Minas Gerais, conforme os resultados do Quadro 5.

Quadro 5: Resultado da Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Minas Gerais

Periódicos de Minas Gerais	RESULTADOS		
	“Carolina Maria de Jesus”	“Carolina de Jesus”	Total (exceto repetidas e não correspondentes)
1 - A Estrela Polar 1960	1	0	1
2 - Folha de Nanuque: um jornal a serviço da região 1966	1	0	1
3 - Folha de Ituiutaba 1961 a 1962	3	0	2
4 - O Repórter 1961 a 1963	5	4	5
5 - Alterosa 1960 a 1963	16	1	16
	Total		25

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Analisando o Quadro 5, resultado da busca pelos periódicos de Minas Gerais, percebi que a quantidade não foi expressiva como nos demais estados. O período das ocorrências foi de apenas três anos, de 1960 a 1963, e o resultado da pesquisa pelos termos atingiu um total de 28 citações entre 5 periódicos. A maior concentração deu-se na revista mineira *Alterosa*, periódico de grande importância para a imprensa mineira da época.

Analisando de modo qualitativo, a falta de ocorrências também revela que pouca importância foi conferida à autora após a publicação dos dois diários, *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*. Por outro lado, entendo que a busca em outros estados deve ser feita em acervos locais, ao invés do acervo nacional. Porém, buscar em uma base ampla, permite compreender o cenário nacional da autora e das obras, que é o foco. Fiz uma tentativa de busca da revista *Alterosa* no acervo da biblioteca de Minas Gerais, mas não havia as edições dos principais anos correspondentes à pesquisa, nem ferramentas que facilitassem a busca, como é disponibilizado pela biblioteca nacional, a tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (*Optical Character Recognition – OCR*), por exemplo.

Neste sentido, a busca no estado do Rio Grande do Sul seguiu a mesma perspectiva, pois houve um resultado muito baixo de periódicos, e, por conseguinte, de resultados, na

pesquisa dos termos. Logo, não considere os resultados para a pesquisa, pois entendi que seria importante um levantamento nas bases próprias dos periódicos do estado.

Ao mesmo tempo, as hipóteses sobre a maior incidência de resultados de periódicos ter ocorrido no Rio de Janeiro pelo fato de a Biblioteca Nacional estar situada na capital carioca é confirmada, à medida que o número de periódicos de outros estados é muito menor em relação aos dois estados do sudeste brasileiro. Mas, reforço o papel importante destas regiões na história da imprensa nacional, que é o que considere para analisar o respaldo na mídia e a recepção internacional, assim, os resultados obtidos se fazem genuínos e válidos, de acordo com os objetivos e metodologias empregadas na pesquisa. E, em suma, foi localizado um total de 1.319 reportagens entre 1958 e 1985, nos três estados mencionados, que abordaram sobre Carolina Maria de Jesus.

3.2 AS TRADUÇÕES EM LÍNGUA INGLESA: CONTEXTOS E INFLUÊNCIAS

Após a análise das traduções nos diversos idiomas, percebi que há um papel importante desempenhado pelo ato de traduzir que ultrapassa o texto. Nem todas as versões foram vertidas diretamente da língua portuguesa, há um número expressivo de publicações que foram realizadas a partir de outra tradução, principalmente, vertidas da língua inglesa e do idioma russo. Esse processo é chamado de tradução indireta.

Para confirmar a origem de cada produção, é necessário, ainda, uma consulta aos exemplares físicos – caso estes possuam as informações de *copyright*, bem como uma pesquisa junto às casas editoriais. No entanto, durante a realização desta tese, por motivos de pandemia, foi inviabilizado o acesso aos acervos físicos, diminuindo o tempo de pesquisa que seria necessário para dar a devida atenção a tais documentos. Já o contato com as editoras, por outro lado, tornou-se um desafio, visto que muitas encerraram as atividades, e outras não possuíam os dados das épocas ou não desejam compartilhá-los, com receio de que as informações possam trazer à tona questões de direitos autorais, visto que sempre houve uma desconfiança em relação ao sucesso internacional do *best-seller* e os valores recebidos, ou não, por Carolina Maria de Jesus e seu espólio, por Audálio Dantas ou pela editora Paulo Dantas. Desta forma, optei por analisar estas questões em outro momento oportuno.

O objetivo da tese é analisar sob a perspectiva dos Estudos da Cultura a tradução do terceiro diário de Carolina Maria de Jesus: *Meu Estranho Diário* (JESUS, 1996), para tal, é preciso compreender que houve um caminho desenvolvido, não apenas na edição e publicação

dos livros em território nacional, mas também no processo de tradução para o idioma inglês. Por isso, nos próximos subcapítulos, apresento como as versões dos diários precedentes foram desenvolvidas, a fim de entender as escolhas tradutórias que levam até a última versão estadunidense do terceiro diário.

A mídia brasileira despertou o interesse internacional pelos diários de Carolina Maria de Jesus, seja pelo conteúdo social, pelo estilo inovador à época ou pelo impressionante sucesso de vendas. O Quadro 1 que lista as traduções do primeiro diário também relaciona, na última coluna, as traduções de outras obras da escritora. O que chama a atenção sobre os resultados deste estudo é justamente saber que o diário *Quarto de Despejo* teve diversas reedições nos Estados Unidos, o que possivelmente fomentou a tradução das obras seguintes: *Casa de Alvenaria* (1961), *Diário de Bitita* (1986), e, principalmente, *Meu Estranho Diário* (1999). Este título não entrou no levantamento de Perpétua (2014), talvez, por falta de conhecimento de sua existência naquela época, uma vez que a data de publicação do diário coincide com os períodos de estudo da referida pesquisadora, ou, talvez, por ter sido vertido apenas para o inglês, contudo, é um marco importante para as traduções de Carolina Maria de Jesus.

Ainda, o Brasil foi preparado pela mídia e imprensa nacional para receber o livro-diário, em um “processo de edição que se estenderia por mais de um ano depois da segunda reportagem. Entre ela e o lançamento do livro, as notícias dos periódicos vão continuar exercendo a função anunciadora, guiando os leitores pelas trilhas do processo e preparando a recepção” (PERPÉTUA, 2014, p. 59). No entanto, a preparação do público leitor estadunidense e britânico deu-se através dos paratextos inseridos nas diversas publicações e por meio de notícias veiculadas durante os dois primeiros anos após o lançamento no Brasil, mas em uma proporção menor em relação à mídia nacional.

Carolina Maria de Jesus publicou três diários que compreendem parte dos manuscritos e das folhas datiloscritas dos acervos. Entre os livros, figura o *best-seller Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, publicado no Brasil pela livraria Francisco Alves e Editora Paulo de Azevedo Ltda., em 1960; o segundo livro-diário, *Casa de Alvenaria: o diário de uma ex-favelada*, publicado pela mesma editora, em 1961. E, como parte final da tríade, tem-se o livro organizado pelos professores e pesquisadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine a partir dos manuscritos dos dois primeiros volumes, surgindo, assim, a terceira obra, *Meu Estranho Diário*, publicada em 1996.

No que tange às traduções, tem-se, respectivamente o diário *Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*, traduzido por David Saint-Clair e publicado em 1962; *I'm*

going to have a little house, traduzido por Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine, publicado em 1997; e *The United Diaries of Carolina Maria de Jesus*, traduzido por Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrrens, publicado em 1999. No Quadro 6, observa-se os títulos e datas das primeiras publicações de cada obra em língua inglesa:

Quadro 6: Datas de publicação no Brasil e nos EUA

Título	Ano da 1ª Publicação no Brasil	Ano da 1ª Publicação nos EUA
1 - Quarto de Despejo: diário de uma favelada	1960	
<i>Child of the dark: the diary of Carolina Maria De Jesus</i>		1962
2 - Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada	1961	
<i>I'm going to have a little house</i>		1997
3 - Meu Estranho Diário	1996	
<i>The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus</i>		1998

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Ao analisar as datas, três questões emergem: I) a tradução do primeiro diário acontece na sequência de seu lançamento no Brasil; II) apesar do segundo diário entrar no mercado editorial brasileiro logo no ano seguinte, sua tradução ocorre 36 anos mais tarde, um ano após a publicação do terceiro diário no Brasil; e III) há uma concentração das traduções na década de 1990.

Assim, há uma relação entre os livros que vai além do conteúdo e da sequencialidade das datas de lançamento, e é justamente o processo de pré-lançamento, a preparação do público para receber a obra, a forma de atuação da mídia e o modo como os diários foram promovidos no Brasil. Os reflexos destas ações no país impactaram e refletiram na conduta da imprensa e das editoras estrangeiras. O aspecto que aproxima as obras para esta análise são os contextos históricos nos quais elas foram publicadas e traduzidas. Tanto o contexto nacional quanto o internacional seguiram, entre outros indicadores, fatores sociais, culturais e políticos na tomada de decisão sobre o que e como publicar. O papel das mídias nesta relação mostra-se fundamental para a disseminação dos textos e para a manutenção da memória coletiva das sociedades nas quais foram consumidos.

3.2.1 Quarto de Despejo: diário de uma favelada e *Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*

O livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* narra a vida na favela do Canindé, em São Paulo, compreendendo um período de 15 de julho de 1955 a 1º de janeiro de 1960. Ele registra a vida cotidiana na favela, uma escrita particular, que revela traços, por vezes, ambíguo, de identidade e de posicionamento social e ideológico diante dos percalços vividos pela autora e protagonista da narrativa, Carolina Maria de Jesus. Sua escrita em caneta tinteiro ganhou visibilidade a partir de um encontro inusitado e uma fala premeditada entre ela e um jornalista em 1958.

As primeiras impressões das notícias nas mídias brasileiras da década de 1960, protagonizavam a história de vida da “mulher negra, favelada, mãe solteira de três filhos de pais diferentes” que escreveu um livro para sair da favela, em detrimento à obra e ao trabalho artístico. Segundo Perpétua (2014, p. 51, grifos no original),

a acolhida de **Quarto de Despejo** no Brasil fora precedida pelo recebimento da nascente crônica urbana e do jornalismo investigativo – chamada reportagem –, que apontavam as disparidades entre o progresso material do país e o empobrecimento da população. A cidade de São Paulo era então o centro de maior convergência de problemas sociais motivados pelo desenvolvimento industrial acelerado. [...] Nesse ambiente, a reportagem, ao exibir o outro ângulo do desenvolvimento, porque levava em conta o dia a dia dos miseráveis e anônimos vindos de todas as partes e espalhados pelo espaço urbano, ganhava sentido político.

A primeira reportagem publicada em 9 de maio de 1958, sob o título *O Drama da Favela Escrito por uma Favelada: Carolina Maria de Jesus Faz um Retrato sem Retoque do Mundo Sórdido em que Vive* (DANTAS, 1958), apresenta Carolina Maria de Jesus para os leitores, narrando a situação em que ela vive. Além de imagens da favela, a notícia reproduz grande trecho do primeiro diário de 1955, o qual inicia *Quarto de Despejo*. A preparação para receber a publicação futura inicia na promessa de que os “repórteres das Folhas editarão Carolina”. (DANTAS, 1958, p. 9). A segunda reportagem, *Retrato da Favela no diário*, publicada em 20 de junho de 1959 (DANTAS, 1959), pouco mais de um ano antes do lançamento do *best-seller*, ocupa 5 páginas inteiras da revista além de chamar a atenção pela riqueza de imagens que completam o texto. O conteúdo é similar à reportagem de 1958 e ainda publica mais do que o dobro de entradas do diário de 1955, que já havia sido revelado no ano anterior.

Assim, houve os que profetizaram, com tom de preocupação e alerta, seu deslumbramento e ingenuidade diante deste novo mundo da fama literária, dos jornais, das revistas, dos programas de rádio e televisão, mas foram minoria. Críticos das letras sempre

valorizaram sua escrita como testemunho, denúncia e até história e memória, mas colocavam em xeque a qualidade estética e os aspectos criativos da escrita como literatura. E foi da mesma forma que ela foi concebida nas mais de 24 traduções mundo afora. De acordo com Perpétua (2014), ao analisar os paratextos das edições estrangeiras, foi identificado a construção de uma “imagem filtrada e monovalente” da Carolina-autora-personagem, aspecto não condizente em sua totalidade com a Carolina Maria de Jesus dos manuscritos e do dia a dia dos programas, eventos e entrevistas.

A apresentação do diário também se volta para os aspectos da vida da autora, buscando meios de afirmar a escrita pelo conteúdo social. Sobre a literariedade, Dantas (1960), autor da apresentação do livro, faz um jogo de palavras alusivo à escrita precária, comenta as interferências no texto e refere-se à Carolina Maria de Jesus, como repórter, e, não, como escritora.

Após o sucesso de vendas nacional de *Quarto de Despejo*, ainda no ano de 1960, editoras estrangeiras já negociavam os direitos autorais junto ao editor Paulo Dantas. Livro mais vendido pelo período de um ano; novo gênero literário que apresentava uma escrita autobiográfica; representação de uma parcela da sociedade que não tinha visibilidade diante dos demais setores sociais, entre outros aspectos, chamaram a atenção do mercado editorial internacional. Além disso, junto à imagem da escritora figuravam outras personalidades literárias, como Clarice Lispector e Jorge Amado, por exemplo, que divulgavam obras ficcionais os quais, assim como Carolina Maria de Jesus, também tinham números significativos de vendas e atraíam os olhares internacionais para o Brasil. Deste modo, as casas editoriais que se interessaram em traduzir o diário, em sua grande maioria, publicaram o livro como parte de séries e coleções relacionadas às questões sociais, como habitação, pobreza, ou relacionados à escrita documental, negra e periférica. Temas, estes, que estavam recém surgindo nas discussões dos estudos sociais em função das grandes mudanças políticas e econômicas que se preparavam para eclodir na década de 1960 até 1970, em diferentes territórios.

Neste sentido, a tradução estadunidense de *Quarto de Despejo* foi gestada em um contexto que procurava vender o que se passava no território brasileiro ao gosto de um público claramente influenciado pelas premissas da segregação racial americana e que iniciava um movimento de combate ao avanço do comunismo em países europeus e em Cuba. A insatisfação do país norte-americano com as novas diretrizes político-ideológicas do país caribenho após a Revolução Cubana e a polarização mundial entre o capitalismo e o comunismo, na Guerra Fria, certamente foram fatores motivacionais para as escolhas de como representar o Brasil e a

situação social de um país subdesenvolvido, que também estava em vias de fortalecer o sentimento nacionalista, era uma oportunidade de promover as ações do governo estadunidense.

Nesse sentido, “a dimensão internacional, colocava em destaque a problemática de uma nação que emergia no cenário capitalista com potencial a ser testado. Carolina, neste espaço, negra, era o contraste perfeito de uma sociedade, branca, que queria exibir-se moderna, progressista, organizada” (MEIHY; LEVINE, 2015, p. 20-1). Portanto, o diário de Carolina Maria de Jesus era um documento que representava as consequências de um governo baseado em premissas da ação popular e comunista, basicamente, influenciando os leitores a tomar posições ideológicas favoráveis ao capitalismo para que não se chegasse ao mesmo ponto do que era narrado no depoimento da moradora da favela brasileira. Com base nestes aspectos, é compreensível as escolhas de prefácio, notas de rodapés e escolhas lexicais e semânticas realizadas por David Saint-Clair, tradutor de *Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*. Sobre ele e sua carreira, não encontrei muitas informações disponíveis, mas, ao que tudo indica, o encontro com Carolina Maria de Jesus ocorreu no início da carreira e nos primeiros anos que residiu no Brasil. Em breve resumo em um *site* de avaliação de livros, é informado que o tradutor tinha um círculo de amizades variado, o qual incluía o Presidente João Goulart e sua esposa Maria Teresa, o compositor Tom Jobim, o curandeiro Alberto Aguas, o jornalista Guy Lyon Playfair e a médium intuitiva Karen Grasham (LIBRARY..., 2022, n. p.), mas não cita a amizade que teve com a escritora.

David Saint-Clair (1932 – 1991) “foi um autor, palestrante, jornalista, romancista e vidente que escreveu extensivamente sobre fenômenos paranormais” (LIBRARY..., 2022, n. p., tradução minha)⁶⁰, entre os livros publicados, há diversos títulos que abordam o Brasil pela perspectiva cultural e religiosa, como por exemplo, *DRUM & CANDLE: First-hand Experiences and Accounts of Brazilian Voodoo & Spiritism*⁶¹ (1971). Porém, quando David Saint-Clair realizou a tradução de *Quarto de Despejo*, iniciava a carreira no campo dos fenômenos paranormais, e a predisposição para estes temas é identificado em algumas escolhas da tradução do diário.

Entre os trabalhos por ele realizados, o livro de Carolina Maria de Jesus foi a única tradução. Como correspondente no Brasil das revistas *TIME/LIFE*⁶² e *Manchete*, fixou

⁶⁰ “David St. Clair (1932-1991) was an author, lecturer, journalist, novelist, and psychic who wrote extensively about paranormal phenomena” (LIBRARY..., 2022, n. p.).

⁶¹ “TAMBOR E VELA: Experiências em primeira mão e relatos do vodu e espiritismo brasileiro” (Tradução minha).

⁶² As revistas *TIME* e *LIFE* são dois periódicos tradicionais, situados em Nova Iorque, com um grande alcance publicitário. A revista *LIFE* é mundialmente conhecida pelo fotojornalismo.

residência no país latino por algum tempo, durante o qual conviveu com a escritora brasileira, ainda na década de 1960. Notícias em diferentes periódicos nacionais anunciaram a presença do tradutor e os encontros profissionais com a autora. Logo, o início desta parceria foi tumultuado, pois Carolina Maria de Jesus, ao conhecer o repórter da *TIME*, para quem concedeu uma entrevista, assim descreveu o momento: “Ele interrogou-me na sala do diretor, perguntou-me onde nasci. [...] – Mas que reporter!/ Eu, tive a impressão que estava na presença de um juiz, coisas que eu queria ocultar tive que revelar-lhe: pensei é pungente ser escritora pobre.” (JESUS, 2021, p. 39). A exemplo da mídia brasileira, antes de publicar a tradução do livro, David Saint-Clair (1960) publicou na revista estrangeira *TIME* uma reportagem que gerou desconfiança e desconforto na autora, devido à forma como foi apresentada para o público estadunidense (ANEXO G). Em outubro de 1960, o periódico carioca *Última Hora*, noticia que Carolina Maria de Jesus iria processar a revista em função do teor da reportagem publicada (ANEXO H). Dias depois, em novembro do mesmo ano, o *Jornal do Brasil* (RJ) reporta que a escritora “vai escrever para o cinema americano de parceria com o jornalista David St-Clair, da revista *Time*” (CAROLINA, 1960, p. 4, grifo no original).

De fato, a publicação do jornalista norte-americano revela o posicionamento em relação à conduta da moral e dos bons costumes, a qual era esperada partindo de alguém com a bagagem cultural do tradutor e do público leitor da revista estrangeira, ao escolher detalhes sórdidos para compor a notícia, sem avaliar a qualidade do diário. Carolina Maria de Jesus, ao tomar conhecimento da tradução da reportagem, se manifesta através de carta ao jornal *Última Hora*, que, a meu ver, foi muito bem colocada, pois ela se posiciona contra o preconceito subentendido nas palavras escolhidas por David Saint-Clair. Por outro lado, em *Casa de Alvenaria* é possível identificar os meses que tradutor e autora se relacionaram e como esta desavença foi resolvida. A escritora é dissuadida por diversas pessoas sobre o real significado da reportagem, argumentando que ela desconhecia o idioma inglês, que não passava de um mal-entendido e de que o jornalista estava auxiliando no lançamento e tradução do livro nos EUA, logo, não seria de bom tom para os negócios que esta desavença tomasse seguimento. Assim, Carolina Maria de Jesus acaba se retratando, novamente, sobre as intenções de processar a revista norte-americana. Acompanhando o desenrolar e a forma escolhida de lidar com os fatos, fica evidente o sistema de mecenato que agia no entorno da escritora, delimitando as escolhas ideológicas, sociais e, por vezes, políticas que deveriam reger o processo de publicação do diário, mas também a própria desenvoltura da autora na sociedade, a fim de manter o sucesso editorial.

Em contrapartida, Carolina Maria de Jesus nutriu sentimentos pelo jornalista e teve com ele um breve envolvimento emocional, segundo registros (JESUS, 2021a). Enquanto escrevia as expectativas e desilusões desse quase-romance, também comentava sobre as dificuldades de negociar a tradução em língua inglesa, pois Audálio Dantas advertiu que o contrato concederia apenas 10% do valor das vendas, o que não parecia justo. A autora se sentia confusa, tudo era muito recente, havia muitas pessoas aconselhando ou advertindo mesmo fora do círculo de mecenato, por isso, é comum e recorrente a ambiguidade nos relatos dos diários.

Sobre o processo de tradução, nada é comentado no texto de Carolina Maria de Jesus, porém, no primeiro encontro entre escritora e tradutor, ela registrou as impressões de David Saint-Clair sobre a favela e os habitantes:

Ele ficou horrorizado da vida infausta do pobre do Brasil. A deficiência de água.
 - Nos Estados Unidos os pobres tem este aspecto de farrapo humano?
 - Não. **La é considerado pobre o que não tem automóvel e televisão.** Citei-lhe que os pobres do Brasil não tem vontade de estudar. Não gosta da lavoura. **Ele olhava tudo com expanto** e meneava a cabeça, dizia:
 - Este povo passa fome, são subnutrido, **é um quadro que eu desconhecia no mundo. Já vi miseria, mas assim...** é pungente. [...]
 Permaneci perto do jornalista norte americano para ver o que ele dizia, de suas observações contra a favela.
 - Sabe Carolina! Aqui no seu país, o governo é para alguns. E não é para todos. Este quadro comprova que, os governos brasileiros olha só a sala de visita. [...] **Da para perceber que quem vive neste antro não podera ser um cidadão decente amanhã. Este povo tem que ser reeducado.**
 O seu olhar percorria a favela. [...]
 Eu vinha pensando nas palavras do Audálio, ele disse, para o repórter dos Estados Unidos, que reprova o preconceito.
 Que o branco precisa dar apoio ao preto. Que preto quando tem capacidade pode coperar com o branco. Que os pretos dos Estados Unidos são mais atilados do que os nossos, e tem mais cultura.
Ele ouviu sem responder, pensei eles não critica o país de origem (JESUS, 2021, p. 42-3, grifos meus).

O trecho expressa a posição ideológica que está refletida no prefácio da e na tradução de *Quarto de Despejo* e na reportagem da *TIME*. Ao que tudo indica, esta aparição na mídia dos Estados Unidos⁶³ descreveu a autora de forma pejorativa, insultando-a, contando mentiras a seu respeito, a ponto de a própria escritora se manifestar sobre a publicação e ameaçar processar a revista. Tal descontentamento foi divulgado por diversos periódicos e também registrado no diário.

⁶³ Além dos periódicos *TIME*, *LIFE* e *The New York Times*, Robert M. Levine cita as críticas publicadas pela revista *Horizon* e pelo jornal *The New York Herald Tribune* (LEVINE, 2003, p. 179), porém não consegui acessar todas as notícias até a conclusão da tese.

A escolha de David Saint-Clair de representar uma mulher negra, mãe solteira, escritora, que emergiu da pobreza de um país subdesenvolvido confirma a visão estereotipada e exótica que se construía do Brasil e sua sociedade naquela cultura de recepção, principalmente no que tange à necessidade de sexualizar e objetificar o corpo negro. Assim, mantendo a herança colonial alimentada e perpetuada na cultura do colonizador, em detrimento da cultura do colonizado e confirmando o interesse inicial dos editores norte-americanos e britânicos pelo diário apenas como documento social e histórico, um relato de uma realidade que deveria ficar longe do país.

Após traduzir o diário de Carolina Maria de Jesus, o jornalista norte-americano dedicou-se a obras sobre temas motivacionais e paranormais, inclusive sobre o Brasil, relacionadas ao exotismo de cultos e rituais de religiões de matrizes africanas, reforçando o interesse do autor e do público-alvo, não pela história e cultura do país, mas, sim, como objeto de curiosidade.

O prefácio da tradução assinado por David Saint-Clair inicia contextualizando o leitor sobre a história do Brasil, desde o ano de 1500 até chegar na história de vida da escritora e no contexto político e social brasileiro, sobre o qual ele afirmou que

Politicians make big promises to the favelados. They're going to do all sorts of things if elected. But once elected they forgot about their problem children and spend their time thinking of pleasanter things.
*This breeds discontent among the people. **And discontent breeds Communism.***
*Middle- and upper-class Brazilians look with growing fear upon this powerful mass of hungry in the heart of their two richest cities. **If there should appear a Brazilian Fidel Castro, and if he should give these hungry illiterates guns...***
 (SAINT-CLAIR, 2003 [1962], p. VII, grifos meus)⁶⁴.

O excerto mostra o posicionamento político e ideológico do público que irá consumir esta tradução e se utiliza da escrita particular do diário para torná-lo um documento histórico que passa a representar, não apenas o Brasil, mas todo e qualquer território subdesenvolvido ou que seja regido por políticas diferentes do regime capitalista.

O lugar da enunciação ocupado por David Saint-Clair é o espaço das classes média e alta, que, segundo ele, têm medo do que a população pobre pode fazer [contra eles] se chegar a surgir uma figura que os lidere, ou, como citado, se um “Fidel Castro Brasileiro” apareça, e

⁶⁴ “Os políticos fazem grandes promessas aos favelados. Farão todo tipo de coisa se forem eleitos. Mas, uma vez eleitos, eles se esquecem dos filhos problemáticos e passam o tempo pensando em coisas mais agradáveis. Isso gera descontentamento entre as pessoas. E o descontentamento gera o comunismo. Brasileiros de classe média e alta olham com medo crescente para essa poderosa massa de famintos no coração de suas duas cidades mais ricas. Se aparecesse um Fidel Castro brasileiro, e se ele desse armas a esses analfabetos famintos...” (SAINT-CLAIR, 2003 [1962], p. VII, tradução minha).

cause uma revolução e use da violência para fazer valer as suas vontades. Essa figura, na visão do prefaciador, pode ser Carolina Maria de Jesus.

A associação ao líder da Revolução Cubana e o uso das reticências ao final do parágrafo são recursos empregados para estimular um leitor consciente e com determinado conhecimento de mundo, capaz de compreender o que está subentendido a partir da referência ao governante e que consiga completar a frase com a mensagem que não pôde [ou que não se quis] ser revelada. Tal estratégia confirma que o prefácio e tradução foram elaborados pensando em um leitor ideal, e, não apenas uma troca entre sistemas linguísticos com o objetivo de divulgar a obra no exterior.

Ainda sobre o prefácio, muito pouco é informado sobre o processo de versar o texto para o idioma inglês, apenas que não foi alterada a forma de escrever da autora, e é afirmado que

*Carolina's words are the words of the street. Her Portuguese is not the flowing classical language spoken by upper classes, but the short choppy urgent speech of the poor. She wasn't taught in school to make paragraphs or to be consistent with her tenses. **None of this has been altered in the translation, for to do it would be to alter the women herself.** She writes directly, roughly, and without artifice. She recorded what she saw in such a way that she makes the reader feel it too. No small feat (SAINT-CLAIR, 2003 [1962], p. XIV – XV, grifos meus)⁶⁵.*

Ao analisar o texto de partida e o de chegada de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, percebi, entre outros aspectos, alterações na construção e no sentido do discurso; a permanência de léxicos em língua portuguesa, por constituírem características específicas e culturais do país, além da presença de nomes próprios, de figuras públicas e ruas, por exemplo. Nestes casos, o uso da nota de rodapé fez-se necessário para explicar ao leitor o contexto na cultura de partida. Estes resultados já eram esperados, tendo em vista o processo de tradução que ocorre entre culturas e a necessidade de adequação para o público de chegada. Porém, as alterações auxiliam na recepção da obra como documento sociológico, sem atentar para o valor literário.

Feitosa (2008) analisou o diário *Child of the Dark* a partir da tradução de Termos Culturais Específicos (TCE) e concluiu que 58% da estratégia adotada nesta tradução corresponde ao recurso da repetição, de manter o termo no idioma de origem. Desta forma, a

⁶⁵ “As palavras de Carolina são as palavras da rua. Seu português não é a língua clássica fluente falada pelas classes altas, mas o discurso curto, intermitente e urgente dos pobres. Ela não foi ensinada na escola a fazer parágrafos ou a ser consistente com seus tempos verbais. Nada disso foi alterado na tradução, pois fazê-lo seria alterar a mulher em si. Ela escreve diretamente, de modo implacável e sem artificios. Ela registrou o que viu de tal forma que faz o leitor sentir também. Um feito considerável” (SAINT-CLAIR, 2003 [1962], p. XIV – XV, tradução minha).

pesquisadora concluiu que a obra, entre as analisadas no estudo, é, de longe, a que possui o maior número de TCE, levando ao entendimento de que é uma tradução na qual prevalece o estrangeirismo (VENUTI, 2019). Porém, os termos mantidos no português são, em sua grande maioria, nomes de ruas, lugares e pessoas, em oposição a um número menor de expressões culturais e religiosas, por exemplo. Desta forma, questiono até que ponto o estrangeirismo utilizado na tradução contribui ou não para uma representação positiva na sociedade de recepção, visto que há problemas nas explicações de algumas notas de rodapés e que termos culturais mais relevantes, como, por exemplo, “carnavalescos” (JESUS, 1960, p. 116) e “feira” (JESUS, 1960, p. 56) – traduzidos para “clowns” (JESUS, 2003, p. 114) e “street market” (JESUS, 2003, p. 60); ou expressões religiosas, como, “Tenda de Umbanda” (JESUS, 1960, p. 66); são naturalizadas, deletadas ou explicadas através da tradução, respectivamente. Portanto, o número de termos não é indicativo suficiente para estabelecer o estilo de estratégia adotado quando me refiro aos aspectos culturais. Mas, sim, a enunciação que é produzida pelo tradutor e a relevância dos termos escolhidos para cada uma das estratégias de tradução. A relevância dentro do contexto do texto de partida, assim como no texto de chegada.

Quando dialogamos com a escrita, estamos aludindo à cultura, linguagem e ideologia, e, na tradução de *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, observo que as diferenças existentes entre as línguas portuguesa e inglesa foram um fator determinante na representação da obra enquanto literatura, pois não se percebe a preocupação em manter a forma da escrita original, a qual se destaca por não estar de acordo com o padrão da norma culta, mas, por outro lado, possibilita novas discussões acerca da questão estética e criativa. A tradução estadunidense, *Child of the Dark*, a priori, não demonstra a intenção em manter o estilo da escrita ou ser fiel ao sentido expresso no discurso, ao contrário do que é anunciado no prefácio.

Logo, não é possível transpor para a língua inglesa o estilo de escrita de Carolina Maria de Jesus devido às disparidades entre os dois sistemas linguísticos. E, conforme demonstrei no artigo *Enunciação e Tradução em Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus* (SOARES; KUNZ, 2021), mudanças ocorridas pela necessidade de adequação à gramática inglesa, por si só, já causam alterações significativas no sentido do texto. Além disso, durante a análise entre a edição em português e a versão em inglês à luz dos estudos da Teoria da Enunciação, observei que houve uma falta de atenção e cuidado sob os aspectos culturais do idioma de partida e uma prevalência de domesticar o texto de chegada (VENUTI, 2019), resultado que diverge da predominância do estrangeirismo quantificado pelo estudo de Feitosa (2008). Entretanto, ratifica a importância de analisarmos as traduções sob todas as perspectivas

possíveis, desde o campo da linguística até o campo cultural, a fim de compreender mais e melhor como transpor os textos entre as mais variadas culturas.

É perceptível que a tradução intenta passar ao leitor ideal a representação dos fatos e a narração do cotidiano na favela, mas não consegue atingir a mesma intensidade do significado simbólico justamente por se ater a informar o leitor sobre uma realidade social precária de um país subdesenvolvido, esclarecer ou suprir as curiosidades das classes abastadas, não se preocupando com as características culturais, com as nuances poéticas e com a subjetividade da escrita.

Esta alteração no texto condiz com uma das maneiras de se manipular o conteúdo, o que nem sempre precisa ser visto com um aspecto negativo, pois a “reescritura é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade [...] podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos artificios” (LEFEVERE, 2007, 11-2) e novos sentidos. Logo, a ideia que permanece é sempre compreender as questões ideológicas, econômicas e de *status* que geraram a tradução.

Além dos obstáculos estéticos no texto, observo que existem divergências quanto ao emprego de determinados termos que, mesmo havendo uma tradução correspondente, não têm o mesmo significado dentro do contexto cultural no qual são empregados, e, ainda, a falta de alguns léxicos equivalentes na língua inglesa que podem prejudicar a compreensão da obra.

Assim, as notas de rodapés são, em sua maioria, explicações sobre personalidades brasileiras, principalmente políticos, e explicações sobre gentílicos, termos e expressões brasileiras como “pinga”, “farinha”, “virado”, “nordestino”, “baianos”, “pisa na fulô” e “guaraná”. Os textos curtos das notas cumprem a função de explicar para os leitores traços da cultura brasileira, mas alguns direcionam para estereótipos e generalizações. A exemplo, a definição de “nordestino” explica o fenômeno migratório de habitantes em busca de melhores oportunidades de vida, que, na tentativa de fugir da pobreza, acabam residindo nas favelas. Em contrapartida, a nota ignora o fato de que o termo se refere ao habitante natural ou residente do norte do país. Desta forma, cria uma generalização e um estereótipo de que todo cidadão pobre e migrante é chamado de nordestino, construindo uma representação equivocada das relações políticas e sociais do país, e, não esquecendo que esta construção de identidade está relacionada às informações e experiências do tradutor com a média e alta sociedade brasileira.

Além disso, a pontuação e as construções sintáticas do texto de Carolina Maria de Jesus também não foram mantidos. Mas as escolhas de léxico favorecem e reafirmam a construção de uma identificação da autora com um arquétipo vendido para o estrangeiro sobre a população

brasileira, principalmente a população carente. Por exemplo, as palavras “macumba” e “caipirinha”, ao invés de receberem uma explicação em nota de rodapé, são traduzidas por explicação para “*voodoo curse*” e “*pinga mixed with sugar and lemon juice*”, simplificando e domesticando o vocabulário da escritora.

Entre outras alterações, há trechos que mudam completamente o sentido, rebaixando ainda mais a condição social e o cenário descrito pela autora, como vemos a seguir: “Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. **Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado**” (JESUS, 1960, p. 13, grifos meus) e “*I was feeling ill and decided to cure my self. I stuck my finger down my throat twice, vomited. And knew I was under the evil eye*” (JESUS, 2003, p. 4, grifos meus). Talvez por desconhecer a cultura brasileira, o tradutor não soubesse que o ato de bocejar seguido, segundo a crença popular, é um sintoma de que a pessoa está com quebranto, ou mau-olhado, não compreendendo que “abrir a boca” referia-se a um bocejo. Assim, dramatizou a cena descrita ao colocar a personagem doente e vomitando ao invés de relacioná-la às crenças brasileiras. No outro trecho, por outro lado, estar indisposta é diferente de estar doente, bem como benzer-se não significa uma autocura, portanto, são indícios de que as escolhas do tradutor foram conscientes e não apenas equívoco ou desconhecimento.

Também identifiquei a supressão de diversos trechos que mostram uma atitude enérgica ou violenta por parte da autora-personagem, utilizando-se da estratégia da tradução como amortecimento, que

em situações muito tensas e conflituosas, tradutores, intérpretes e mediadores em geral são algumas vezes levados a suavizar os termos, ou o tom, ou qualquer outro aspecto de uma mensagem, por vários motivos. [...] A interpretação é um campo em que esse ato de amortecer acontece com frequência, porque em situações de interpretação pode haver muitos elementos que contribuem para criar a possibilidade de um choque iminente. Entretanto, autores de traduções escritas muitas vezes se veem levados, por algum motivo, a suavizar a rudeza de algumas palavras, usar cores menos vibrantes ao criarem um “quadro típico” de determinada cultura, ou até neutralizarem atitudes exaltadas de uma ou mais partes. Nessas situações, traduzir adequadamente significa muito mais do que traduzir com precisão ou ser fiel a um texto original. Em termos bem gerais, uma tradução adequada seria aquela que não agitasse ou estimulasse sentimentos de intolerância que pudessem levar a algum resultado violento (ESTEVEES, 2014, p. 281-2).

Porém, na tradução *Child of the Dark*, por exemplo, quando Carolina Maria de Jesus comenta que quer matar Jânio Quadros ou que ela deseja morrer por ser pobre, houve, novamente, a escolha de simplesmente excluir o trecho ao invés de contextualizar, explicar,

buscar uma saída “adequada”. Além disso, também, não há a indicação⁶⁶ para o leitor de que estes trechos foram suprimidos, afinal, para ele, a tradução é o original (LEFEVERE, 2017), e assim, paulatinamente, características da cultura brasileira e da identidade da autora são conscientemente apagadas. A imagem transmitida, da mulher dócil, sem reação diante das desgraças, como descreveu Robert Levine (1994), mais uma vez, coloca a escritora negra como protagonista da subalternização, afirmando um lugar de fala que é nitidamente o oposto no texto original, e mais pungente nos manuscritos, lembrando que o diário em português também foi editado por Audálio Dantas.

Para finalizar as representações veiculadas à recepção de *Quarto de Despejo* no idioma inglês, cito a matéria de Tad Szulc (1926 – 2001), correspondente do *The New York Times*, entre 1955 a 1961, que também escreveu sobre o livro que roubava a cena literária brasileira. ‘*Out of the Garbage Dump and Back Into the Human Race*’ (ANEXO I) é o artigo de meia página que apresenta o diário de Carolina Maria de Jesus junto a uma das fotos típicas da escritora com o lenço na cabeça, reforçando o estigma de favelada. Apesar de ser uma crítica que visa impulsionar a tradução, o último parágrafo corrobora as interpretações e análises que compilei neste subcapítulo, os interesses para além da literatura. Segundo o correspondente,

the book has been excellently translated by David St. Clair [...]. He also provided a useful introduction to the serious American reader: one value of the book lies in its vivid and dramatic reminder of why the United States has become engaged in the Alliance for Progress programs to help raise the living standards in Latin America. Even aside from its obvious political and sociological lessons, “Child of the Dark” can stand alone as a rarely matched essay on the meaning and the feeling of hunger, degradation and want (SZULC, 1960, p. [?])⁶⁷.

O jornalista elogia a tradução de David Saint-Clair e sua longa introdução sobre a história do Brasil na visão norte-americana e relembra o posicionamento do país em relação a situações como as descritas no diário, mencionando que estes são os motivos do país ter se

⁶⁶ A supressão é considerada uma estratégia legítima da tradução e não há a obrigatoriedade de informar o leitor, a não ser que seja a vontade do tradutor. No entanto, quando se trata dos motivos da supressão, a ambiguidade irá prevalecer. Ao omitir aspectos que revelariam características mais agressivas da escritora, o tradutor buscava a empatia do leitor, porém, ela é construída com base na identificação de uma autora-personagem subalternizada, por exemplo. Dessa forma, a percepção sobre a cultura da sociedade do texto de partida e do texto de chegada permite uma aproximação com os motivos e escolhas dos tradutores, que, por sua vez, questionam a legitimidade do ato de suprimir, colocando em discussão a diferença entre suprimir e omitir informações do texto original.

⁶⁷ “O livro foi excelentemente traduzido por David St. Clair [...]. Ele também forneceu uma introdução útil ao assíduo leitor americano: um dos valores do livro reside em seu vívido e dramático lembrete de por que os Estados Unidos se envolveram nos programas da Aliança para o Progresso para ajudar a elevar os padrões de vida na América Latina. Mesmo à parte de suas óbvias lições políticas e sociológicas, ‘Child of the Dark’ destaca-se como um ensaio inigualável sobre o significado e o sentimento de fome, degradação e necessidade” (SZULC, 1960, p. [?], tradução minha).

engajado na “Aliança para o Progresso” – medida executada durante o governo de John F. Kennedy (1917 – 1963) (Presidente dos Estados Unidos entre 1960 a 1963) para auxiliar financeiramente os países latinos que promovessem a democracia através de reformas sociais significativas, na tentativa de combater a onda comunista das alianças soviéticas pelo mundo.

Há também o reforço da ideia de um leitor-ideal mantida na crítica ao proferir que a introdução à história brasileira é “útil para o **assíduo** leitor americano” (SZULC, 1960, p. [?], tradução minha), o que sugere que a tradução foi direcionada para um público de classe média e/ou alta que, certamente, possui bagagem cultural para compreender o contexto histórico da obra, pessoas que possuem o hábito de consumir livros e ler com frequência literaturas específicas.

Assim, apesar da convivência entre o tradutor David Saint-Clair e Carolina Maria de Jesus, considero a tradução *Child of the Dark* insuficiente nos aspectos culturais e na construção da identidade da autora personagem do livro se considerar o sentido expresso no texto original.

Porém, se ponderar o período político e social, são compreensíveis as escolhas do tradutor e dos editores, e é justamente esta tradução que vai manter Carolina Maria de Jesus ativa nos estudos acadêmicos dos Estados Unidos, enquanto ela começa a ser esquecida no Brasil, em função da crise na imprensa e do golpe civil-militar que se encaminhava para acontecer.

Esta primeira impressão norte-americana provocou a atenção dos leitores que, mais adiante possibilitaria o sucesso editorial também na Grã-Bretanha, a partir da mesma tradução. Neste país, o tradicional jornal *The Times* (UK) publicou, em outubro de 1960, uma crítica literária por conta do lançamento da tradução de *Quarto de Despejo*, que recebeu o título *Beyond all pity – The diary of Carolina Maria de Jesus*⁶⁸ (JESUS, 1962a). Como visto, o texto vertido é idêntico ao texto da edição estadunidense, ambos assinados por David Saint-Clair, já a crítica no periódico inglês não tem autor. O periódico brasileiro *A Tribuna*⁶⁹, de São Paulo, também divulgou a crítica britânica, traduzindo a notícia para os leitores brasileiros, mas sem emitir posicionamento ou opinião, diferente do que ocorreu com a veiculação das notícias norte-americanas.

Dois aspectos são relevantes no tocante à tradução e à crítica: primeiro, sobre o livro, a escolha de um título diferente, apesar de manter o restante do texto igual. A diferença de sentido

⁶⁸ “Para além de toda a pena – O diário de Carolina Maria de Jesus” (JESUS, 1962a, tradução minha).

⁶⁹ “QUARTO de Despejo” na Inglaterra. São Paulo, *A Tribuna*, out. 1960, a. LXIX, n. 176. p. 13. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=61826>>. Acesso em: dez. 2022.

expresso por cada título ratifica a hipótese de que as edições em língua inglesa da década de 1960 foram construídas ao gosto das sociedades que as consumiram. Sendo o título a porta de entrada para o restante do texto, *Beyond All Pity* desperta a comoção e o sentimento que se espera ter ao ler o diário, assim como a crítica veiculada no jornal britânico ([ANEXO J](#)) sugere a mistura dos sentimentos de horror e compaixão (BRAZILIAN..., 1962, p. 16). E, ainda sobre a crítica britânica, o segundo aspecto está relacionado à forma de apresentar o texto para os leitores. Em oposição à crítica estadunidense do *TIME*, que se utiliza da exposição do trágico para prender a atenção dos leitores, o crítico literário britânico manifestou seu juízo de valor sobre a qualidade do texto e sobre o sucesso no Brasil de forma irônica, cínica e preconceituosa.

A crítica inicia pela negativa de que o texto chega à Inglaterra sem ser anunciado ou aclamado, apesar de todo o sucesso que teve no país de origem (BRAZILIAN..., 1962). Cita, também, a aclamação recebida por grandes nomes da literatura internacional e o título recebido por Carolina Maria de Jesus de “*Honoris Causa*” deixando subentendido que houve exagero por parte dos literatos e acadêmicos na repercussão da obra. Por isso, segue a estratégia de representação do estereótipo do brasileiro pobre e negro do texto de David Saint-Clair, e também enfatiza as qualificações morais e sociais da escritora, “uma mulher de côr, do interior, com dois anos de escola e três filhos ilegítimos (de pais diferentes)” (BRAZILIAN..., 1962, p. 16, tradução minha). Não cita que Carolina Maria de Jesus escreveu outros tipos textuais, não a referencia como escritora, autora ou até mesmo repórter. Neste sentido, o ápice da crítica, que diminui o texto da obra e deixa implícito que a fama e o interesse foram desencadeados pela figura da autora e não pelo conteúdo, é dirigido ao leitor em forma de questionamento: “Quem é que, na escola da pia de cozinha, tem metade das suas vantagens naturais? Mas isto seria simultaneamente cínico e indelicado” (BRAZILIAN..., 1962, p. 16, tradução minha). O próprio autor da crítica concorda que a pergunta é provocadora e inapropriada, faz questão de deixar a mensagem clara, de que o sucesso foi resultado do paradoxo entre o ato da escrita e a condição sociocultural da autora, curiosidade da sociedade em não compreender ou não aceitar que uma mulher negra, nas condições de Carolina Maria de Jesus (ou na falta delas) pudesse escrever algo que servisse a propósitos mais nobres, do que apenas saciar a curiosidade das classes média e alta. Para isso, atribui-lhe qualidades relacionadas aos afazeres domésticos e à cor de sua pele de forma conotativa, reafirmando a condição social inferior da escritora e de que o texto por ela publicado não passa de simples relatos da vida de uma mulher pobre, que, apesar de ser difícil de digerir, desperta a compaixão. E, para alívio dos leitores, a miséria retratada no livro não era “*à la mode*”, à moda antiga, referindo-se, talvez, ao estilo inovador de escrita pessoal em forma

de diário. E finaliza fazendo uma analogia da descrição do cenário feita pela autora com a presença dos quatro cavaleiros do apocalipse⁷⁰: a peste, a fome, a guerra e a morte.

Em pesquisa no arquivo digital do periódico britânico *The Times*, entre o período de 1960 a 1970, o único resultado encontrado para a busca dos termos “Carolina Maria de Jesus” e “Carolina de Jesus” foi esta crítica de lançamento do diário. Mesmo assim, o *best-seller* continuou a ser reeditado por muito anos, conforme se verifica no Quadro 1, sugerindo que o consumo na Inglaterra estava relacionado à curiosidade da população leitora e, não necessariamente ao valor intrínseco da obra, como foi esclarecido pela única crítica.

Diante do exposto, apresentei as principais características da versão do primeiro diário de Carolina Maria de Jesus, texto este que foi reimpresso e reeditado tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra até o ano de 2003, sem modificações ou revisões. Apenas a inclusão de um posfácio do brasilianista Robert Levine, a partir dos anos de 1990, que acaba corroborando os aspectos aqui apresentados. Porém, o pesquisador será a peça-chave para as próximas traduções.

Com o passar dos anos, a obra de Carolina Maria de Jesus encontrou terreno fértil na América do Norte, através do historiador norte-americano, brasilianista e professor da disciplina de estudos Latino-americanos da Universidade de Miami, Robert Levine que, em visita ao Brasil e Argentina, em 1962 e 1963, conheceu a obra e reconheceu seu potencial histórico e representativo das camadas populares. A partir de então, Levine passou a utilizar o diário como referência para compreender os países pobres e a situação de miséria e fome destas regiões. Os estudos encaminharam-se para vertentes antropológicas e sociais, hoje, notoriamente desatualizadas e imprecisas, mas que tiveram sua relevância naquele tempo. Para minha surpresa, as dúvidas que me intrigaram a realizar esta pesquisa são as mesmas que fizeram Levine aprofundar seus conhecimentos, reunir e produzir informações mais densas sobre a escritora e seus renomados diários, assim como as fontes de documentos. Na década de 1990, por insistência de Levine, o também historiador brasileiro José Carlos Sebe Bom Meihy reuniu estudantes pesquisadores que, sob orientação dos docentes, realizaram uma série de entrevistas com pessoas que conheceram a escritora pessoalmente, entre elas, os filhos, Vera Eunice de Jesus e José Carlos de Jesus, a assistente social que acompanhava a família quando residiram na Favela do Canindé. Este material rendeu artigos e dois livros que foram publicados em ambas as línguas dos organizadores: *Cinderela Negra: a saga de*

⁷⁰ Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse são personagens bíblicos descritos na terceira visão profética do Apóstolo João no livro de Revelação ou do Apocalipse. Para os cristãos, eles irão aparecer antes do fim de todas as coisas.

Carolina Maria de Jesus (MEIHY; LEVINE, 1994) e *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus* (LEVINE; MEIHY, 1995). Tem-se aqui o segundo marco da recepção de Carolina Maria de Jesus, uma vez que o livro publicado em língua portuguesa possui alguns textos de autoria da escritora, promovendo-a para um novo público leitor, agora, voltado para a academia.

Além destas duas obras fundamentais para a biografia da autora, o projeto também realizou a tradução de diversos livros para o inglês. O primeiro a ser traduzido foi o diário *Casa de Alvenaria*.

3.2.2 Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada e *I'm going to have a little house*

Nas mídias brasileiras, o segundo livro publicado não teve a mesma repercussão, nem em vendas, nem em atenção dispensada pelos tabloides. Afinal, Carolina Maria de Jesus esteve por muito tempo presente nos periódicos, rádio e TV, mas foi apenas no primeiro ano de sucesso que seu nome era relacionado ao *Quarto de Despejo*. Os convites para eventos começaram a cessar e as notícias, em um número significativo, citavam o nome da escritora sempre como referência a algum incidente relacionado à favela, à pobreza ou ao exotismo e ao absurdo. Na imprensa escrita, em 1961, o lançamento de *Casa de Alvenaria* foi noticiado, e as viagens internacionais da escritora disputaram espaço nas folhas dos jornais e revistas, mas sem grandes reportagens ou fotografias, apenas notas de lançamento de livros das editoras ou de mídias internacionais.

No panorama mundial, após a tradução do primeiro diário, alguns países também publicaram a versão da obra *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), a qual foi vertida para o espanhol, em 1963, para o francês, em 1964, para o alemão, em 1984, e, finalmente, para o inglês, em 1997. No entanto, em se tratando da mídia norte-americana, não localizei textos que a abordassem, com exceção dos artigos da época publicados pelos próprios tradutores, mas que também focavam a vida da autora e o famoso documento social.

Apesar do livro *Quarto de Despejo* ter sido reeditado muitas vezes, tanto nos Estados Unidos, quanto na Inglaterra, sendo reimpresso continuamente desde 1962 (LEVINE, MEYHI, 1995), a tradução do segundo volume da trilogia ganhou espaço no mercado editorial após a idealização e realização do projeto dos professores Levine e Meihy, no campo da história oral. A partir daí, a percepção dos estrangeiros sobre as obras e a primeira tradução mudou, despertando o interesse de outros países para traduzir a partir do idioma norte-

americano e a propensão em aproximar a imagem da autora-personagem daquela que foi narrada pela parentela e amigos no projeto de história oral.

O primeiro projeto de tradução executado após décadas da primeira versão de David Saint-Clair contou com a participação de Melvin S. Arrington Jr. que traduziu o texto caroliniano junto com Robert Levine.

O segundo diário retrata o dia a dia da escritora desde 5 de maio de 1960, meses antes da publicação do *best-seller*, até 21 de maio de 1961⁷¹. Apesar de a autora ser reconhecida e associada à primeira publicação, *Casa de Alvenaria* possui uma relevância maior ou igual se compreendido como um documento social, pois a realidade retratada e abordada pelo “olhar atento e crítico” de Carolina Maria de Jesus pode não chocar os leitores que se prepararam para ler sobre a pobreza e a miséria, as quais, infelizmente, fazem parte do cotidiano brasileiro há muitos anos. Mas, como já advertiu Audálio Dantas (1961) no próprio prefácio, elas são mais complicadas de se digerir, pois são veladas e refletem a maior parte da sociedade, não mais uma minoria. Neste sentido,

Entender um livro como testemunho significa dizer que a trajetória de vida do autor é percebida como tão ou mais importante do que a sua obra, e reservar a apreciação “estética”, que é marca da valorização social, à escrita dos autores de elite. Ou seja, a classe média descrevendo a classe média é literatura; pobre falando de pobres é testemunho; pobre escrevendo sobre a classe média, ou a elite, já seria um “despropósito” (DALCASTAGNE, 2009, p. 54, grifos no original).

Assim, os problemas ingenuamente relacionados no texto pela escritora revelam uma sociedade preconceituosa e intolerante, corrupta e movida pela troca de favores do antigo regime colonial, dos tempos do “sabe com quem você está falando?” (DAMATA, 1979). O segundo diário de Carolina Maria de Jesus não despertou o interesse do público que consumiu o primeiro livro, pois suscitou justamente a premissa de que o lugar de fala estaria descontextualizado. Porém, ainda como documento social e não literatura, o contexto dos escritos segue interessante para os estudos no exterior.

Assim, Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine vertem o texto para a língua inglesa, mas com o objetivo de “*capturing Carolina’s awkward writing style, which Brazilians often criticized*”⁷² (PREFACE, 1997, p. XII). Para isso, elaboraram um prefácio (sem autoria especificada) dedicado ao leitor, no qual detalham as escolhas tradutórias baseadas na escrita

⁷¹ As novas edições de *Casa de Alvenaria* - Volumes 1 e 2, (JESUS, 2021, 2021a) contemplam as entradas dos diários do dia 24 de dezembro de 1960 até 18 de dezembro de 1963.

⁷² “capturando o estilo de escrita desajeitado de Carolina, que os brasileiros muitas vezes criticaram” (PREFACE, 1997, p. XII, tradução minha).

de Carolina Maria de Jesus. Entre elas, destaco a intenção de manter o estilo, a pontuação, a capitalização de palavras específicas e a tentativa de manter o máximo possível da essência da autora, inclusive mantendo a indicação de partes de textos suprimidas por Audálio Dantas por meio do uso dos símbolos (...). Os tradutores levaram em consideração que o texto utilizado já havia sido editado pelo jornalista e deixaram em dúvida se as escolhas de utilizar letras maiúsculas em pronomes de tratamento era uma característica da escrita de Carolina Maria de Jesus ou interferência do editor brasileiro. Também foram fiéis ao texto, não omitindo partes, mas acrescentaram explicações e complementações de sentido entre colchetes [], em sua grande maioria, referentes a nomes de personalidades e políticos, completando datas históricas e/ou nomes de lugares.

Além dos colchetes, também foi utilizado o sistema de notas finais de texto, em oposição ao uso de notas de rodapé, utilizado em *Child of the Dark*. O conteúdo destas notas são explicações mais longas sobre as personalidades citadas, sobre os termos não traduzidos e, a maior parte, é reflexões e indagações sobre a forma de escrever da autora. Por um lado, as notas auxiliam na produção de sentido das frases, mas podem acabar exercendo a função oposta, pois estão localizadas no final do texto, e, muitas vezes, não atraem a atenção dos leitores, podendo deixar a recepção comprometida, causando o desinteresse pela leitura. A escolha por notas finais de texto deve-se ao uso dos colchetes e parênteses, uma vez que eles já interrompem a fluidez do texto, portanto, as notas podem ter sido consideradas como informações extras para leitores que desconhecem a realidade brasileira ou desejam aprofundar-se sobre o estudo da literatura em si. Robert M. Levine e Melvin S. Arrington Jr. foram professores universitário relacionados aos estudos latinos e hispânicos, respectivamente, arrisco sugerir que a tradução visava o público acadêmico das disciplinas que lecionavam, portanto, a recepção seria mais fácil à medida que já era esperado um conhecimento mínimo sobre o contexto brasileiro, e o objetivo era de cunho histórico e não literário. Assim, a escolha de inserir informações dentro do texto da escritora acaba indo exatamente de encontro ao objetivo de manter a essência da escrita, uma vez que ela é interrompida frequentemente pelo texto dos tradutores, naturalizando os termos.

De qualquer forma, a tradução, no que tange à questão do sentido, mostra-se mais elaborada e aproximada com o texto de partida. Apesar do título *I'm going to Have a Little House* destoar do título em português, ele busca produzir sentido e preparar os leitores para a sequência de uma leitura que deve iniciar com *Quarto de Despejo* ou *Garbage Room*, como muitas vezes foi traduzido em periódicos e artigos da década de 1990. O título, portanto, sugere a mudança de vida e de *status* da escritora, é quase que uma promessa que ganha força pelo

subtítulo *The second diary of Carolina Maria de Jesus*. A partir daí, pressupõe-se que o leitor já tenha conhecimento do primeiro diário, e o título do segundo livro gera expectativa de que os ideais de uma vida melhor e longe da fome serão concretizados pela autora-personagem, porém, “*the reader of ‘I’m going to have a little house’ comes away with the impression that Carolina is always fully aware that the sudden change in her status, from garbagedump scavenger to publish author, does not alter the fundamental outrage of her alienated condition*”⁷³ (LEVINE, 1997, p. 175). E com base nesta premissa, o pesquisador norte-americano continuou traduzindo Carolina Maria de Jesus, na tentativa de desconstruir a imagem que foi elaborada pela mídia brasileira.

Assim, ao comparar o processo tradutório e o texto vertido de *Child of the Dark* aos de *I’m going to have a little house*, percebo as diferenças de estratégias e de ideologias. O resultado da análise da segunda tradução é a convicção de que houve a preocupação em manter a essência da identidade da escritora e de aproximar os leitores da cultura brasileira, mas ao mesmo tempo o posfácio ainda carrega a generalização de aspectos, desta vez, exagerados para o outro lado da história, na tentativa de construir a imagem de mártir renegada pela própria nação. Sem dúvida, Carolina Maria de Jesus é uma escritora negra que sofreu as consequências de seu tempo, mas ratificou este *status* ao manter-se atemporal e indispensável para nossa atualidade através da escrita, não apenas pela mídia, mas pela arte representada em forma de história.

No próximo subcapítulo, abordo o processo de tradução do último livro da trilogia dos diários vertidos para a língua Inglesa, *Meu Estranho Diário* (JESUS, 1996).

3.2.3 Meu Estranho Diário e *The Unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*

Como visto, Meihy e Levine (2015) são historiadores que se dedicaram à pesquisa sobre a particular escrita da autora e seu contexto histórico-social, na década de 1990, período de grande concentração de pesquisas, artigos e publicações sobre o tema, que corroboram o surgimento de novas traduções para a língua inglesa. Levine acreditava na importância da tradução como uma possibilidade de mostrar para o mundo uma realidade social de desigualdade no país como reflexo de sua constituição cultural.

Ambos os teóricos, ao pesquisarem a história e as produções de Carolina Maria de Jesus, compreenderam que existe um posicionamento da autora em relação à favela e à pobreza que

⁷³ “O leitor de ‘Casa de Alvenaria’ fica com a impressão de que Carolina sempre tem plena consciência de que a mudança repentina de seu *status*, de catadora de lixo para autora de publicações, não altera o ultraje fundamental de sua condição alienada” (LEVINE, 1997, p. 175, tradução minha).

distingue da escrita como tentativa de denúncia ou de reivindicação de melhorias para um coletivo. Porém, os pesquisadores dividem suas opiniões sobre este aspecto e tecem “um olhar brasileiro” e um “olhar estrangeiro” (MEIHY; LEVINE, 2015) sobre Carolina Maria de Jesus. Meihy, como antropólogo, debruça-se para compreender acerca da sociedade brasileira e como ela agiu sobre a escritora, para ele,

a crítica internacional, afastada do dia a dia da escritora, a considerava melhor e mais do que a imprensa brasileira. A mídia estrangeira tratava sua experiência em termos mais humanos, cumprimentando a autora por dimensionar a miséria social e por ter a coragem de apresentá-la publicamente. Dela não foram cobradas virtudes literatas nem coerência (MEIHY; LEVINE, 2015, p. 36).

Já Levine tinha expectativas e uma imagem construída de que o diário mais conhecido da escritora era um protesto, uma reivindicação por mudanças sociais e políticas. Porém, ao conhecer os filhos da autora, ele compreendeu que Carolina Maria de Jesus sempre teve um ideal de vida, acima de qualquer outra circunstância (MEIHY; LEVINE, 2015). Mesmo assim, as produções acadêmicas do brasilianista foram se desenvolvendo e se ramificando por outros temas, como os direitos autorais, valores recebidos pela escritora como pagamento das traduções e os números de venda nos Estados Unidos, buscando compreender como ou por que Carolina Maria de Jesus não obteve êxito econômico e social que garantisse a melhoria permanente e estável na condição de vida da autora e sua família.

Levine revelou-se intrigado com a história desconhecida e as obras da autora e procurou fazer jus às produções através de um “movimento tendencial na produção norte-americana sobre o Brasil, de busca de uma história mais social que política, [...] voltada para a percepção do popular, [...] fazendo com que emergisse o registro de aspectos mais humanizados” (MEIHY, LEVINE, 2015, p. 64-5), para ele, Carolina Maria de Jesus “*never saw herself as a role model, or as a crusader. This is one of the main reasons that Brazilian intellectual rejected her: they saw herself as self-centered, looking out only for herself and her children*”⁷⁴ (LEVINE, 1997, p, 174). Nesse sentido, Levine publicou alguns artigos, escreveu os prefácios e posfácios de todos os livros e traduções que foram publicados a partir de seu projeto, sobre a perspectiva do olhar desenvolvido por um estrangeiro. Este movimento em favor da escritora foi um dos principais fatores que fizeram a academia brasileira, a partir do centenário da autora (2014), voltar a pesquisar sobre Carolina Maria de Jesus e as obras.

⁷⁴ “Nunca se viu como um modelo, ou como uma ativista. Esse é um dos principais motivos pelos quais os intelectuais brasileiros a rejeitaram: eles a viam como uma pessoa egocêntrica, preocupada apenas com ela e seus filhos” (LEVINE, 1997, p, 174, tradução minha).

Desta dicotomia, outras produções se originaram no Brasil e nos Estados Unidos, devolvendo à autora o lugar aos holofotes. O resultado desta parceria contou com as seguintes produções: José S. B. Meihy e Marisa Lajolo organizaram e publicaram a *Antologia Pessoal* (JESUS, 1996), compilação dos poemas da escritora que figuravam em meio aos fragmentos dos manuscritos do “estranho diário”, enquanto Levine projetou e executou outras traduções.

A organização de um terceiro diário surgiu a partir do conhecimento dos pesquisadores de que havia cadernos manuscritos em posse da filha caçula da escritora, conforme narrado:

In the late 1990s, Vera Eunice de Jesus Lima, Carolina's daughter, revealed to José Carlos Sebe Bom Meihy and me that she possessed more than forty of her mother's notebooks. Most were filled with original writing – short stories, plays, novels, poems – but some contained handwritten versions of her original diaries, probably drafts copied over by Carolina ten years after her initial success⁷⁵ (LEVINE, 2001, p. 64).

Até este período, os manuscritos de *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria* estavam em posse de Audálio Dantas, e as traduções até então existentes foram elaboradas a partir das versões já editadas pelo jornalista, publicadas em língua portuguesa. Dantas nunca negou sua participação na edição dos textos, ao contrário, sempre deixou claro nas apresentações dos livros que suprimia partes consideradas por ele irrelevantes e repetitivas. Porém, até então, os manuscritos ainda não haviam sido confrontados com as publicações⁷⁶, surgia a oportunidade de compreender em que medida o editor de Carolina Maria de Jesus havia alterado seu texto, bem como a possibilidade de uma tradução a partir dos originais escritos à mão.

Desta pesquisa, originaram-se as publicações póstumas, primeiro, em 1996, a edição em português: *Meu Estranho Diário*, editado por Meihy e Levine, e, depois, em 1998/9, a tradução: *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, realizada por Nancy P. S. Naro e Cristina Mehtens. O diário é editado nas duas culturas e, ainda assim, apresenta características distintas em relação à sua estruturação. Levine ainda editou o livro autobiográfico da infância da escritora, *Bitita's Diary* (JESUS, 1998), traduzido por Emanuelle Oliveira e Beth Joan Vikler, o qual encerra a contribuição da década e dos pesquisadores.

⁷⁵ “No final dos anos 1990, Vera Eunice de Jesus Lima, filha de Carolina, revelou a José Carlos Sebe Bom Meihy e a mim que possuía mais de quarenta cadernos de sua mãe. A maioria continha textos originais – contos, peças de teatro, novelas, poemas – mas alguns continham versões manuscritas de seus diários originais, provavelmente rascunhos copiados por Carolina dez anos depois de seu sucesso inicial” (LEVINE, 2001, p. 64, tradução minha).

⁷⁶ Nesta mesma época (1990 – 1995) Elzira Divina Perpétua (2014) realizava as pesquisas de mestrado e doutorado, baseando-se nos manuscritos cedidos por Audálio Dantas, a partir das quais revelaria as interferências muito além do que o jornalista atribuiu nas apresentações.

O enfoque do livro *Meu Estranho Diário* é amplo, há uma preocupação em construir e entregar ao leitor um texto coerente, que tenha um espaço na academia, por isso, os editores assumiram “um duplo dever: primeiro, de historiadores; segundo de pessoas preocupadas em diminuir lacunas abertas por circunstâncias de um tempo que julgamos superado” (PREÂMBULO..., 1996, p. 10), o que hoje compreendemos como reparação histórica. No preâmbulo, a organização do material é explicada, assim como os objetivos das reflexões que complementam a compilação dos manuscritos. Dessa maneira, o livro inicia pela história do projeto e pela contextualização dos editores, na intenção de situar para os leitores o lugar de fala que vai justificar as escolhas da edição. Assim como as demais publicações feitas em parceria entre o historiador brasileiro e o norte-americano, percebi textos reelaborados, mas que contêm a mesma mensagem e sentido já emitido nas publicações anteriores (*Cinderela Negra* e *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus*).

Na seção do livro dedicada aos fragmentos dos diários, por ser constituído de frações contidas em cadernos que têm grandes possibilidades de ser rascunhos/cópias dos que estavam com Audálio Dantas, as sequências das entradas do texto possuem lacunas muito grandes, assim, o material foi dividido em três períodos da vida da escritora: i) No Quarto de Despejo; ii) Na Casa de Alvenaria e iii) No Sítio. A divisão foi baseada nos anos dos registros relacionados com a biografia da autora, logo, o primeiro período compreende do dia 30 de outubro de 1958 a 4 de dezembro do mesmo ano; o segundo, inicia em 28 de outubro de 1961 e vai até 19 de novembro; e, o terceiro, começa em setembro de 1962 até dezembro de 1963.

Após as frações dos diários, a obra ainda conta com análises críticas individuais de cada um dos três períodos, afirmando que, mesmo incompletos, os trechos foram suficientes para mostrar uma outra Carolina Maria de Jesus, sem cortes ou edições. Mas esta autora-personagem, através da própria escrita, também revelou mudanças e alterações em seu comportamento ao longo dos anos, fato que dificulta a tentativa de estabelecer quando, como e onde as diferentes carolinas surgiram.

Outro fator interessante é que todos os textos adicionados ao livro, que compreendem outros capítulos, não possuem autoria atribuída e foram redigidos na terceira pessoa do plural “nós”. O que subentendo é que o texto, de maneira geral, expressa o posicionamento dos dois editores e organizadores, no entanto, a versão estadunidense foi publicada de forma muito diferente. Portanto, assim como ocorreu na publicação dupla de Levine e Meihy, acredito que cada edição, mais uma vez, revela muito do posicionamento ideológico, político e social de

cada um dos organizadores, a partir do qual, elaboraram versões distintas que fossem recebidas pelos públicos brasileiro e estrangeiro, em contextos sócio-históricos diferentes.

O título foi retirado de fragmentos do texto da escritora, a qual se refere aos próprios manuscritos como “estranho diário” (MEIHY; LEVINE, 1996, p. 288). A autora não justifica o apelido dado ao próprio texto, porém, arrisco sugerir que seja o sentimento em relação aos escritos, uma vez que ela nunca considerou publicar os diários, mas, sim, os textos ficcionais. Assim, o diário é o lugar de estranhamento da autora, pois é o sentimento provocado pelo não pertencimento à favela, pela recusa de viver na “malandragem” como os demais (FERREIRA; PONTES, 2016, p. 128).

Neste sentido, a versão norte-americana opta por um título comercial que anuncia a verossimilhança do conteúdo, em se tratando de uma tradução, utilizando a palavra “*unedited*” (não editado): *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (Os diários **não editados** de Carolina Maria de Jesus, tradução literal minha). É importante ressaltar que não há nenhuma menção das tradutoras dentro dos paratextos do livro traduzido, inclusive no que se refere às estratégias de tradução adotadas. O texto contém as características da escrita de Robert M. Levine, o qual tem grandes chances de ter se envolvido no processo tradutório apenas como editor e organizador.

Em evento *online* realizado no ano de 2022, pela Universidade College London, *Translating Carolina Maria de Jesus – New Perspectives on old dilemmas*, o qual pretendia discorrer sobre as traduções de Carolina Maria de Jesus, a tradutora Cristina Mehrrens participou como convidada de uma das mesas redondas, na qual, conversou com os presentes sobre o processo de tradução do livro em questão. Em seu relato, Mehrrens comenta que não se recorda muito sobre os detalhes deste trabalho de tradutora. Lembra que recebeu cópias físicas e que os textos foram divididos entre ela e Nacy P. S. Naro. A dificuldade de traduzir termos e expressões da cultura brasileira foram destaques em sua fala. No entanto, seja pela distância física e cronológica ou pelo simples fato de não desejar revelar detalhes sobre este processo de tradução, em particular, Mertens manteve-se imparcial o tempo todo abordando temas relacionados à tradução de forma a abranger todas as obras vertidas para qualquer idioma.

Na versão do idioma inglês, os textos pré e pós-textual da versão brasileira desaparecem e cedem espaço para treze imagens em preto e branco, todas de fontes desconhecidas, deixando em dúvida, ao menos, a veracidade de duas fotos, que retratam cenas pouco comuns no dia a dia da autora, imagens com mulheres negras de feições muito distintas das da escritora brasileira em cenas não narradas por ela.

Em contrapartida à ausência dos textos explicativos do projeto e dos textos interpretativos das frações de diários, a tradução possui um agradecimento assinado por Robert M. Levine, mas a introdução e o posfácio também não possuem autoria atribuída. Todavia, o estilo de escrita delata a intervenção (se não, completa autoria) do brasilianista norte-americano, reforçando a impressão de que há dois editores e duas edições.

Diferente da proposta do livro editado em português, mantém os interesses da cultura de recepção. A introdução ocupa 18 páginas e o posfácio, 38, e são os mais longos que percebi nas obras pesquisadas, fato também corroborado por Perpétua (2014). Robert M. Levine tentou fazer uma publicação que abordasse todos os principais pontos da vida e carreira da escritora. Inicia narrando o início da história de *Quarto de Despejo*, comenta sobre o processo de descoberta e elaboração do presente diário e aproveita para, assim como fez na tradução de *Casa de Alvenaria*, colocar seu leitor a par das escolhas tradutórias, apesar de a tradução ter sido realizada por outras profissionais, e não por ele mesmo.

Na sequência, narra a história de Carolina Maria de Jesus e finaliza com apontamentos sobre as características reveladas pelos diários não editados. O posfácio é uma redação mais densa que visa explicar ao leitor questões políticas, sociais e culturais do Brasil que contribuíram para a formação da primeira impressão causada pelos livros no âmbito internacional, sempre comparando com a recepção brasileira da década de 1960. Temas como o preconceito racial, a vida na favela até a fama e os princípios morais que regiam as ações da autora são abordados para, finalmente, discorrer sobre as características encontradas nas entradas não editadas das frações dos diários. E, uma característica fundamental entre as duas edições é a inclusão de algumas passagens do ano de 1966 que não foram incluídas na edição lançada no Brasil. Estes aspectos serão analisados com ênfase no Capítulo 4, que segue.

4 TRADUÇÃO - ANÁLISE E ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS EM *THE UNEDITED DIARIES OF CAROLINA MARIA DE JESUS*

Neste capítulo, abordo as teorias da tradução relacionadas às características e estratégias identificadas nas diversas obras de Carolina Maria de Jesus traduzidas para a língua inglesa, com ênfase de análise no título *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (1999), bem como desenvolvo sobre o contexto cultural da tradução de obras brasileiras para o referido idioma.

As obras literárias brasileiras dentro do sistema tradutório internacional estão há muito tempo buscando espaço e reconhecimento. Muitos autores, desde renomados nomes da literatura até escritores mais recentes, buscam a tradução para idiomas reconhecidos mundialmente pelo prestígio e pelo alcance internacional. Muitas vezes, o reconhecimento em solo nacional advém da tradução da obra, e não o contrário. Este tema é muito delicado, envolve muitas ramificações do sistema literário (autor, editor, público, recepção, linguagem, história...) e exige um estudo apenas sobre essas relações⁷⁷. Por isso, o importante neste momento, é compreender que a literatura mundial traduz obras do idioma inglês constantemente, quase que como uma atividade obrigatória, pois é um dos idiomas que tem o maior alcance mundial e pelo fato de os Estados Unidos serem, praticamente, o país mais influente no mundo economicamente e, principalmente na produção cultural e artística. Assim, obras literárias estrangeiras ganham visibilidade na cultura brasileira ao mesmo tempo que passam a influenciá-la⁷⁸.

Por outro lado, quando esse movimento tradutório ocorre no sentido oposto, existe grande comoção das mídias e da academia para compreender e estudar os motivos que levaram uma obra literária a ser vertida do idioma de origem para o inglês. E é neste contexto pouco usual que as traduções dos diários de Carolina Maria de Jesus se integram. Por conseguinte, quando falo sobre tradução, velhas questões ressurgem, mas a principal é sempre por que determinados textos são traduzidos e outros não? As perguntas frequentemente são as mesmas, mas as repostas têm se revelado diferentes, por isso a importância de manter atualizados os estudos da tradução. Por meio deles, é possível compreender “os problemas de ideologia, da mudança e do poder na literatura e na sociedade” (LEFEVERE, 2007, p. 12).

⁷⁷ A sociologia da tradução é a vertente nos Estudos da Tradução que aborda essas questões a partir de autores francófonos e brasileiros como, por exemplo, Gisèle Sapiro (2006, 2008, 2014); Jean-Marc Gouanvic (1999) e Lana Beth Ayres Franco de Araujo e Marcia A. P. Martins (2018), respectivamente.

⁷⁸ Sobre a Teoria dos Polissistemas, ver Even-Zohar (2013 [1990]) e Toury (1995).

Até o momento, entendi que a tradução é da ordem prática e dinâmica, através dela, ocorre a comunicação mundial, e, ao mesmo tempo, é por meio dela que a sociedade pode manter a sobrevivência de uma língua, um autor ou uma obra através dos tempos. Além disso, a dimensão linguística na prática tradutória é necessária, mas não é suficiente para que a tradução tenha sucesso, qualquer que seja seu objetivo. Traduzir também é a interpretação de signos linguísticos por meio de sistemas de signos não linguísticos⁷⁹ (OUSTINOFF, 2011) e vice-versa, o que faz recair sobre outras linhas de estudos da língua e das culturas o dever de se associar aos estudos da tradução a fim de desenvolverem percepções sobre a prática, a qual já foi vista como uma atividade menor por carregar o estigma de “não ser o original”. Na perspectiva cultural, os estudos da tradução abandonam o *status* de fenômeno marginal e passam a ocupar um lugar central e fundamental no sistema literário, não apenas nos dias atuais, onde a transculturalidade exige resiliência para se adequar a tantas mudanças, mas também na memória e na história, locais de desenvolvimento da compreensão social, política e cultural. Hoje, a sociedade está mais preparada para receber e entender as produções literárias, por isso que há uma tendência a revisitar textos, obras e autores que foram negligenciados pela ignorância e pelo preconceito, assim como há uma crescente onda de retraduições.

À vista disso, a relação entre o Brasil e o idioma inglês no âmbito da tradução iniciou no século XIX, quando ocorreram as primeiras traduções das obras do início do período do romantismo brasileiro, como, por exemplo, *Iracema – lenda do Ceará*, de José de Alencar (1865), traduzido por Isabel Burton, em 1886, sob o título *Iraçéma the Honey-Lips: A Legend of Brazil*. Desde então, o interesse na tradução das obras brasileiras sempre esteve relacionado à busca pelo exótico, à descrição da paisagem e a uma literatura nacional que revelasse as origens do país e o descrevesse para o entendimento e deleite do público leitor. A premissa é constatada ao observar a linha do tempo na Plataforma Richard Burton⁸⁰, que vem há alguns anos relacionando por ordem cronológica as obras traduzidas do português para o inglês. No levantamento, também é possível verificar os títulos, os autores, os tradutores e o ano de tradução. A listagem certamente ainda não está completa, mas os dados inseridos durante os

⁷⁹ Ao trazer o conceito de tradução intersemiótica para discutir o entendimento de tradução, chamo a atenção sobre a necessidade de compreender que a escrita caroliniana, por não seguir a norma padrão da língua portuguesa, pode, de certo modo, ser interpretada como uma literatura-arte que requer um olhar diferenciado ao traduzi-la, pois, além do texto, há conteúdos que, para serem traduzidos, precisam ser percebidos para além da escrita, como, por exemplo, a própria condição do texto negro, que é permeado de movimento, marcas de oralidade e histórias. Por isso, a relação entre traduzir a partir (mas não somente) de um sistema de signos não linguísticos.

⁸⁰ Plataforma leva o nome do explorador britânico, Richard Burton, que, assim como sua esposa, Isabel Burton, são considerados os primeiros tradutores da literatura brasileira para o inglês. Mais informações sobre o projeto: Disponível em: <<http://richardburton.canoas.ifrs.edu.br:8080/faces/search.xhtml>>. Acesso em: dez. 2021.

últimos anos já auxiliam os pesquisadores e demais interessados a perceber as tendências tradutórias na história da literatura brasileira.

Indo ao encontro dos resultados da plataforma, pesquisas também revelam que, desde o início das traduções das obras brasileiras para o inglês até a atualidade, existe uma tendência na seleção de títulos que, geralmente, estão associadas à identidade nacional e ao exotismo (VALIM DE MELO, 2017; BARBOSA, 1994), além de haver a preferência do mercado editorial de traduzir os livros que obtiveram sucesso no Brasil. Portanto, não há investimento em novidades na área da tradução. Nesse panorama, incluo a primeira tradução para o inglês, *Child of the Dark*, elaborada principalmente pelo sucesso atingido no Brasil.

Outra constatação importante, é que a literatura brasileira no exterior possa ter um público receptivo restrito ou que a pouca qualidade das traduções, como identifiquei até o momento, revelam que os tradutores de obras brasileiras (salvo exceções) parecem não ter comprometimento com as obras ou com o ofício, pois muitos verteram apenas uma obra do português. Assim, as traduções acabam sendo realizadas por interesses e motivações pessoais, por meio dos quais a escolha de autores e livros é realizada pelos próprios tradutores, grupos de tradução ou pesquisadores vinculados a universidade (VALIM DE MELO, 2017), assim como ocorreu com as traduções *I'm Going to Have a Little House*, *Bitita's Diary* e *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*.

Ao mesmo tempo, o interesse nos textos carolinianos também está relacionado ao momento importante na história dos Estudos da Tradução, a Virada Cultural (*The Cultural Turn*) (BASSNETT, 1998).

Iniciado nos anos de 1990, a Virada Cultural foi um movimento que passou a questionar as formas conservadoras e formalistas da tradução realizadas considerando apenas as funções textuais e conceitos por equivalências. A partir do movimento cultural, que também atingiu outros setores das ciências humanas, a tradução passa a atribuir importância para outros elementos envolvidos. Assim, os aspectos históricos, políticos e ideológicos começam a integrar o processo tradutório através das vertentes interdisciplinares que acabam se relacionando com os Estudos da Cultura, passando a influenciar a forma como a tradução é vista e produzida (VENUTI, 1998).

Essa vertente do panorama da tradução originou os principais estudos que têm embasado as pesquisas sobre tradução, que trazem entre os principais autores Lawrence Venuti, Susan Bassnett e André Lefevere, e, apesar de mais de três décadas terem se passado, ainda é um campo que necessita de mais contribuições.

Nesse sentido, ao escolher como objeto de análise a obra *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, observei que o ano da tradução foi próximo ao início da Virada Cultural, por isso, é possível que as pequenas diferenças detectadas na forma de traduzir entres os três diários de Carolina Maria de Jesus estejam relacionadas à influência da Virada Cultural.

Todavia, por se tratar de uma análise de literatura comparada, algumas observações sobre a organização dos tópicos se fazem necessárias. A análise foi realizada entre a obra em língua portuguesa *Meu Estranho Diário* e a obra, vertida para a língua inglesa a partir dos manuscritos, *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*. Assim, na dificuldade de acessar acervos e documentos no período de pandemia, absorvi como verdadeiras as palavras do pesquisador e editor Meihy (MEIHY; LEVINE, 1996) de que o livro em português foi publicado de acordo com os manuscritos. O processo analítico foi manual e visa uma análise qualitativa das estratégias de tradução utilizadas para verter o texto de partida para a língua inglesa. Em função das diferenças notáveis entre os planos editoriais dos dois livros e com foco no objetivo da tese, incluí na análise exemplos que comprovam os resultados encontrados, mas eles não representam a sua totalidade e não se esgotam nos excertos extraídos das obras. Para realizar uma análise quantitativa, talvez a aplicação da metodologia de linguística de *corpus* seja mais adequada, porém, não contempla os objetivos deste estudo que pretende identificar em que medida as traduções foram as responsáveis pela permanência e perpetuação das obras de Carolina Maria de Jesus.

A decisão do que expor foi baseada na tentativa de trazer exemplos das estratégias para auxiliarem a responder o questionamento da tese. Segui a divisão anual dos fragmentos dos diários escolhida por Robert M. Levine (LEVINE; MEIHY, 1999), assim, na medida em que foram encontrados, os exemplos dos itens 4.2 e 4.3 tentam prover amostras que servem para análises qualitativas referente aos aspectos culturais. A trajetória de análise seguiu a sequencialização dos diários, por isso inicia e encerra pelos paratextos.

Levando em consideração o provérbio italiano citado por Genette (2010 [1982]) - *traduttore, traditore* - de que a tradução é uma traição, aliado ao entendimento de que toda tradução é uma reescrita (LEFEVERE, 2007), e, portanto, “nenhuma tradução pode ser absolutamente fiel e todo ato de traduzir altera o sentido do texto traduzido” (GENETTE, 2010, p. 65), optei por dividir as estratégias utilizadas para verter os textos de Carolina Maria de Jesus em dois axiomas: 1) as estratégias de tradução e traição, as quais se ocupam das regras dos sistemas linguísticos para criar as representações dos sentidos que serão enunciados por esse novo sistema; e 2) as estratégias de manipulação e reescrita, as quais não deixam de ser

estratégias para traduzir um texto, porém, baseiam-se nas escolhas editoriais e dos próprios tradutores com mais ênfase do que as escolhas relacionadas à linguística. O fator principal do axioma da manipulação é que o tradutor, independente do nível de conhecimento que possui do idioma para o qual deseja verter o texto, terá plena ciência de que estas escolhas de tradução “inevitavelmente cria[m] uma representação do outro para uma cultura-alvo” (ESTEVES, 2014, p. 294). Desse modo, estão assumindo o risco e o poder da imagem construída a partir dessas escolhas.

O aforismo de que todo o tradutor é um traidor refere-se ao fato de que nunca se diz a mesma coisa ao se traduzir. Porém, minha proposta ao dividir as estratégias em dois axiomas é diferenciar as escolhas do tradutor das soluções resultantes dos entraves entre os sistemas linguísticos. Dessa forma, a traição seria do próprio texto que, de certo modo, induz seu tradutor a determinadas escolhas e reescritas.

4.1 OS PARATEXTOS: ALIADOS DA RECEPÇÃO E DA TRADUÇÃO

Como visto, no subitem 3.2.3, do capítulo anterior, a primeira análise entre as obras revela sem muito esforço traços que vão direcionar as escolhas editoriais para lados quase que opostos sobre a escritora.

Na edição em português, o cuidado dedicado pelo editor/organizador aos textos iniciais é fundamental para a forma com que os leitores irão receber o texto. Além disso, há um cuidado extremo em deixar esclarecido quais foram os critérios de edição dos manuscritos e por quê. Assim,

fizemos um apurado recorte de textos, obedecendo os seguintes critérios: **mostrar integralmente**, sem nenhum retoque, **a parte encontrada**; fazer uma seleção que iluminasse diversos momentos da produção de diários da autora; promover, com a discrição cabível, sugestões sobre as aberturas propostas pela obra de Carolina e principalmente sobre o seu consumo (MEIHY; LEVINE, 1996a, p. 28-9, grifos meus).

Além disso, o estado físico dos manuscritos, a organização e as primeiras impressões também são relatadas, pois, ao explicar para os leitores cada etapa do processo, expressa o sentimento de verossimilhança e o “horizonte de expectativas”, estratégias de recepção que auxiliam o leitor a entender os textos, desde os mais simples aos mais complexos. Sobre os manuscritos, que, pela primeira vez, eram comparados às edições já publicadas,

cabe ressaltar que o conjunto de textos guardados em cadernos são **fragmentados**. Os cadernos não apresentam nenhuma sequência lógica e num mesmo volume, pode-se encontrar diversos *gêneros*. O estado do material também é bem precário, faltando, em alguns casos, páginas. Ausência de numeração dos cadernos, bem como a existência de lacunas sugerem que podem ter “desaparecidos” alguns de seus textos (MEIHY; LEVINE, 1996a, p. 29, grifos meus e no original).

As revelações no texto prefacial de *Meu Estranho Diário* (JESUS, 1996) mostram a situação na qual Audálio Dantas, o primeiro editor, também encontrou os manuscritos. Arrisco dizer que os dilemas de escolhas editoriais (atividade que também é um tipo de tradução) foram mais severos, devido ao contexto social e político. Assim como as tentativas de Dantas, os editores do terceiro diário escolheram as entradas baseados na sequência de datas e que permitisse “verificar momentos definidos na trajetória vivencial” (MEIHY, LEVINE, 1996a, p. 30) e da obra publicada.

O resultado de todo este cuidado causa uma diferença significativa entre os textos publicados na década de 1960 e os fragmentos reescritos por Carolina Maria de Jesus.

Contudo, é nítido ao leitor do diário póstumo de que o texto foi publicado na íntegra, desde a ortografia, as opiniões expressivas da escritora, bem como foi mantida a sequência que está nos próprios manuscritos. O ponto de vista sobre a autora, as obras e a recepção são apresentadas a partir da percepção brasileira e a partir da visão norte-americana.

Por fim, as questões éticas que, porventura, pudessem ser abordadas quanto à publicação do teor dos textos foram acatadas e mantidas, uma vez que, ao censurá-las de alguma forma, estariam incorrendo sobre as mesmas questões que se deseja evitar nesta publicação.

Em contrapartida, a introdução norte-americana apresenta informações mais simples e sucintas, demonstrando pouco interesse em informar os leitores sobre o estado das fontes, mas com a atenção voltada para a vida da escritora e seu posicionamento social e político. Enfatiza que o material foi fotocopiado e microfilmado para poder ser manuseado. Dedicar grande parte do texto para afirmar de diversas formas que “*our translation of Carolina Maria de Jesus's newly discovered diary pages **deliberately preserves the author's distinctive writing style***” (LEVINE; MEIHY, 1999, p. 4, grifos meus).

Como discutido, Levine tem um perfil característico de pesquisador, resultante de sua linha de formação, que é o foco na história e o entendimento dos escritos de Carolina Maria de Jesus como documentos históricos. Por isso, o texto introdutório da tradução acaba por ser denso, além de extenso, pois narra toda a história da autora sob a perspectiva política do Brasil. Entre os trechos mais relevantes, destaco o interesse em mostrar que a autora escreveu no ano

de 1966, ainda período da Ditadura Civil Militar, e apresentou uma opinião ambigualmente favorável ao regime. Desse modo, sempre houve uma escolha editorial em como representá-la.

Por isso, mais importante que os fatos históricos associados à Carolina Maria de Jesus, são as considerações sobre a tradução. Criticando a tradução realizada por David-Saint Clair, a introdução considera o texto vertido para o inglês como fiel ao original. A tradução de *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* preserva a pontuação e a inconsistência do uso da capitalização das letras, a partir dos quais, busca chegar o mais próximo possível do sentido expresso pelo texto no idioma de origem (LEVINE; MEIHY, 1999). Algumas peculiaridades da escrita caroliniana, como o uso de pronomes de tratamento (Sr., Sra., Dona, Seu) ou a menção dos nomes de pessoas e lugares, por exemplo, também são explicadas.

Algumas informações relevantes foram inseridas no texto através da sinalização por colchetes ou em notas de glossário, ao final do texto. Da extensão das frações das entradas dos diários é esclarecido que se escolheu segmentos dos três períodos mais representativos (Quarto de Despejo, Casa de Alvenaria e No Sítio), os quais não são citados, em vez de tentar traduzir e publicar todo o diário. Essa seleção corresponderia a aproximadamente 1/3 do total das folhas dos cadernos entregues por Vera Eunice de Jesus Lima que foram traduzidas por completo, a não ser por falta de espaço (LEVINE; MEIHY, 1999).

Todas essas informações estão no paratexto inicial de *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (JESUS, 1999), e “sabe-se que cada elemento do paratexto oferece uma leitura parcial, e, portanto, uma visão reduzida do livro traduzido. [...] porém os elementos paratextuais acrescentam informações valiosas sobre o texto objeto e contexto de origem” (PÉRPÉTTUA, 2014, p. 128), é por meio dessas informações que posso analisar como uma tradução é apresentada na cultura receptora. Portanto, a partir das escolhas dos editores, elaborei as subcategorias das estratégias de tradução e de manipulação.

Desse modo, ficam as reflexões: “O que muda quando retrato Carolina Maria de Jesus como uma preta, pobre e favelada ou como uma escritora negra, poetisa e doutora?” Muda tudo. “*Why did Carolina Maria de Jesus mean so many different things to so many different readers?*” (LEVINE; MEIHY, 1995, p. 15).

É a forma de representá-la através das traduções e das edições que acaba direcionando sempre para interpretações ao gosto do sistema de mecenato⁸¹ que rege as obras, pois “o mecenato está comumente mais interessado na ideologia da literatura do que em sua poética” (LEFEVERE, 2007, p. 34), e essa foi a tendência tradutória identificada nas traduções das obras de Carolina Maria de Jesus.

4.2 AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO E TRAIÇÃO DO TEXTO

A escolha de dividir as estratégias em axiomas me permite analisar quais delas são relevantes para a obra caroliniana e se há seleções que prejudicam o texto, seja pelo contexto histórico e social ou literário.

Nas estratégias de tradução, incluí a escolha do editor e das tradutoras de manter as características da escrita de Carolina Maria de Jesus; exemplos de frases e palavras que foram reescritas ou criadas para tentar manter a estética ou para o entendimento do texto; e, por último, a análise da inclusão de explicações e complementações através do recurso dos colchetes e das notas explicativas ao final do texto.

O trabalho de tradução desenvolvido nos primeiros diários, assemelha-se à prática realizada pelas primeiras traduções da literatura brasileira: “a busca por autenticidades nas obras, [que] muitas vezes, era encontrada em obras não ficcionais de biografias, memórias e diários” (BARBOSA, 1994, p. 91). Já na tradução *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, busca-se autenticidade na forma de representar a sua escrita, mesmo que fora do campo da análise literária, mas compreendendo que o relato deve ser fiel para que seja aceito como autêntico. Mas o que está em jogo não é o documento social, e sim o papel da literatura no sistema social. “Esse último conceito influencia a escolha de temas que devem ser relevantes para o sistema social, para que a obra literária seja notada” (LEFEVERE, 2007, p. 35), desta forma, há atuação da interdisciplinaridade para que haja aceitação da tradução.

4.2.1 Manter-se fiel aos originais?

⁸¹“O mecenato poder ser exercido por pessoas, [...] mas também por grupos de pessoas, uma organização religiosa, um partido político, uma classe social, uma corte real, editores e, por último, mas não menos importante, pela mídia, tanto jornais e revistas quanto grandes corporações de televisão. Os mecenas tentam regular a relação entre o sistema literário e os outros sistemas que, juntos, constituem uma sociedade, uma cultura. Como regra, operam por meio de instituições montadas para regular, senão a escritura de literatura, pelo menos sua distribuição (LEFEVERE, 2007, p. 35).

A insistência do editor e tradutoras em manter o estilo da escrita de Carolina Maria de Jesus chamou a minha atenção, pois essa não foi a primeira obra traduzida para o idioma inglês, mas foi a primeira a ser vertida a partir de manuscritos. Também há um consenso entre os principais teóricos da tradução de que uma tradução literal ou fiel ao texto de origem esbarra em duas questões: primeiro, nem sempre é sinônimo de sucesso tradutório; e, segundo, não é possível ser fiel o tempo todo quando se está traduzindo entre sistemas linguísticos que, eventualmente, irão esbarrar em desafios de representação e transposição de léxico, semântica, e, principalmente termos culturais. Lefevere (2007, p. 85-6) chamou atenção para os tipos de tradutores, o “tradutor fiel e o tradutor espirituoso”, sendo que ambos acabam deixando a desejar por trabalharem nos limites opostos das estratégias de tradução e manipulação dos textos. Logo, além de levar em conta o objetivo da tradução e o público receptor, agir em um meio termo me parece uma decisão sensata e possível, pois cada unidade de sentido de um texto exigirá formas específicas de representação em diferentes sistemas culturais.

Assim, ao analisar o texto vertido por Cristina Mehrtens e Nancy P. S. Naro (*I'm going to have a little house*) em comparação ao texto editado por Meihy (*The Unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*), não identifiquei benefícios ao leitor da cultura de recepção em ler um texto que apresenta uma pontuação que não corresponde ao seu sistema linguístico e que não acrescenta nada na semântica. Ao contrário, a falta de pontuação acaba confundindo o leitor e tornando a leitura caótica, uma vez que exige atenção redobrada para compreender cada nova enunciação do texto traduzido.

Na sequência, disponibilizo alguns exemplos para ilustrar meu ponto de vista. No Exemplo 1, Carolina Maria de Jesus inicia uma nova frase após o ponto de exclamação utilizando letra minúscula; porém, a tradução não mantém a equivalência ao seguir a norma gramatical e iniciar a nova frase com a letra maiúscula.

Exemplo 1:

“Que suplicio! a minha lata esta furada...” (JESUS, 1996, p. 33).

“*What a torture! There is a hole in my can...*” (JESUS, 1999, p. 21).

Neste exemplo, o fato de haver a pontuação final, usar ou não a capitalização no trecho seguinte não influencia a compreensão e o entendimento do texto.

Exemplo 2:

“Cheguei em casa **C**ançada e triste...” (JESUS, 1996, p. 36).

*“I got home **T**ired and sad...”* (JESUS, 1999, p. 23).

O Exemplo 2 ilustra o uso da capitalização em uma palavra no meio de uma sentença, e ela é reproduzida na tradução. Observo que na mesma palavra há um erro ortográfico em português que não é transferido para o inglês. Certamente, ele não acrescentaria nada para a compreensão do texto, mas chamo a atenção para refletir na real intenção das tradutoras e do editor em manter outros aspectos da escrita que também não contribuem para uma boa tradução. Em casos como este, de letras maiúsculas no meio de frases, percebi que muitas delas, no diário em língua portuguesa, estão em um novo parágrafo. Para o processo de tradução talvez não cause efeito, porém, para entender a lógica do processo de escrita fragmentada de Carolina Maria de Jesus, percebo que ela capitaliza palavras ao iniciar novos parágrafos, mas, às vezes, se esquece de utilizar a mesma regra após um ponto final ou iniciar uma nova frase.

Agora, observemos os Exemplo 3, 4 e 5. Todos se relacionam com a capitalização (ou não) do pronome pessoal do caso reto da primeira pessoa do singular: “eu” e “I”.

Exemplo 3:

“Circula um **buato** que o **dr.** Adhemar esta no Rio de Janeiro. **penso:** que um politico quando impõe algo que agita o povo, não deve ausentar-se” (JESUS, 1996, p. 37).

*“There is **rumor** that **Dr.** Adhemar is in Rio de Janeiro. **I think:** when politician’s decisions displease the people he should not disappear”* (JESUS, 1999, p. 24).

Exemplo 4:

“Levantei as 6 horas o João, foi a aula **eu** dei-lhe um bilhête...” (JESUS, 1996, p. 119).

*“I got up at 6 o’clock João went to class **i** gave him a note ...* (JESUS, 1999, p. 79).

Exemplo 5:

“Vou fazer macarronada. **p**edi ao João para varrer a casa.” (JESUS, 1996, p. 120).

*I going to make macaroni. **i** asked João to sweep out the house.*” (JESUS, 1999, p. 79).

No Exemplo 3, a escrita da autora segue em letra minúscula após um ponto final, mas no idioma inglês não é possível redigir uma frase sem o sujeito, ou com o sujeito oculto, como ocorre em português. Assim, a estratégia foi incluir o pronome “*I*”, que também apresenta outra particularidade da gramática inglesa: precisa ser sempre redigido em letra maiúscula. Um caso simples de se resolver entre outros dilemas de tradução. Na mesma frase, destaquei que a abreviação de doutor (dr.) foi capitalizada na tradução, o que continua, à medida que avanço no texto e na análise, não seguindo uma constante nas escolhas e estratégias tradutórias.

Para entender essa inconsistência, os Exemplos 4 e 5 mostram que em situações iguais ou similares, ocorreram outras escolhas. No Exemplo 4, uma vírgula deslocada é excluída e não é substituída por um ponto final, por exemplo. E o pronome “eu” ganha seu equivalente, porém, agora, em letra minúscula “*i*”. Neste trecho, em particular, há mais de uma possibilidade de ajustar a tradução. Ao invés de compreender como uma nova frase, poderia ter sido compreendida como uma sequência de ações e empregado vírgulas, desta forma, manteria o pronome “*I*” maiúsculo (“*I got up at 6 o’clock. João went to class, I gave him a note ...*”). Ou simplesmente as tradutoras poderiam ter seguido a regra da gramática de recepção, deixando o pronome “*I*” maiúsculo. O mesmo é percebido no Exemplo 5, que mesmo com o ponto final e a regra de capitalização do pronome em inglês, escolhem mantê-lo em minúscula. Para o leitor do idioma da cultura inglesa, ver os pronomes em minúsculo constituem muito mais do que uma falta de prática ou de atenção ao texto, mas, sim, representa um erro grosseiro de gramática, e, através dele, a construção da imagem da escritora é comprometida e distorcida. Amplia a noção de falta de conhecimento de regras básicas da escrita, novamente, colocando-a a margem do sistema literário.

De um modo geral, no texto de partida, existem duas lógicas que se aplicam na relação pontuação e capitalização, as quais, até certo ponto, não atrapalham a construção de sentido, e dentro do idioma lusófono são automaticamente incorporados no processo de leitura, sem exigir do leitor prévias e extensas orientações pré-leitura.

Optar por manter a estética de um texto que se quer traduzir como documento social e político me parece uma escolha inapropriada, pois a ênfase deveria recair sobre o conteúdo e

não sobre a forma, no caso do diário em análise. O que aconteceu na aplicação desta estratégia é que a maioria das entradas dos diários, de fato, manteve a falta de pontuação, o uso de letras maiúsculas de forma aleatória e a falta de capitalização no início de novas frases, principalmente.

Porém, ao comparar o texto de partida com o texto de chegada, também identifiquei muitas passagens que foram redigidas pela escritora dentro da norma culta da língua portuguesa (ponto final seguido de letra maiúscula, por exemplo) que foram deturpados pela generalização de sua forma de escrever, aumentando a incidência dessas ocorrências e enfatizando o estereótipo da escritora de pouca educação. Esta escolha tradutória prejudica e ignora os esforços da autora em reescrever seus textos, buscando atualização e aprimoramento de seu vocabulário e escrita. Também me remete às traduções primordiais que têm o “foco no passado colonial e não na contemporaneidade” (BARBOSA, 1994, p. 91), negando a atualização e o acompanhamento de uma autora e obra através do tempo.

Outro item citado na introdução de *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* é que se manteve as entradas e sequências dos manuscritos, contudo, assim como a pontuação, os parágrafos, muitas vezes, não foram respeitados, talvez por falta de espaço, como o próprio editor admitiu (LEVEINE; MEIHY, 1999).

Por outro lado, o texto vertido se aproxima, quando possível, da tradução fiel e literal de algumas frases ou parágrafos. Mas isso ocorre quando a estrutura da oração está adequada já no idioma de partida, como, no Exemplo 6:

Exemplo 6:

“Acho que a pior coisa do mundo é tolerar o tal homem. Se os homens soubessem como eles torram a paciência das mulheres, não haviam de ser tão pretenciosos.” (JESUS, 1996, p. 34).

“I think the worst thing in the world is to tolerate such a man. If the men knew how they burn women’s patience, they would not be so pretentious.” (JESUS, 1999, p. 21).

A próxima estratégia de tradução identificada foi a adaptação das estruturas sintáticas e do léxico, que também se relaciona com a pontuação, parágrafos e demais elementos textuais. No entanto, diferentemente destes, a mudança da ordem dos termos de uma oração ou a escolha de um termo em detrimento de outro, estão associadas ao poder e à ideologia das tradutoras.

4.2.2 Adaptação das estruturas sintáticas e do léxico

Assim como o item anterior, reestruturar frases e realizar escolhas para atingir o sentido desejado na tradução consiste na reescrita do texto original. Nesse sentido, “*what the development of Translation Studies shows is that translation, like all (re)writings is never innocent. There is always a context in which the translation takes place, always a history from which a text emerges and into which a text is transposed*”⁸² (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p. 11). Portanto, são essas escolhas que serão divulgadas na cultura de recepção, por isso, atingir o sentido é sempre mais difícil do que encontrar termos equivalentes.

No Quadro 7, agrupei alguns exemplos de expressões e palavras que, dentro do contexto, poderiam ser substituídas por equivalências que correspondessem de forma mais próxima ao sentido expresso pelo texto de origem:

Quadro 7: Adaptação das estruturas sintáticas e do léxico

Palavra ou expressão em português (JESUS, 1996)	Palavra ou expressão em inglês (JESUS, 1999)	Sugestão de equivalência
Agitadas (p. 36)	<i>Upset</i> (p. 24)	<i>Agitated</i>
Não gostam (p. 33)	<i>Detest</i> (p. 19)	<i>Dont'like</i>
Ela ficou triste. (p. 34)	<i>She looked sad.</i> (p. 34)	<i>She got sad.</i>
Qualquer coisa (p. 34)	Everything (p. 34)	<i>Anything</i>
Casaco preto (p. 34)	<i>Black sweater</i> (p. 34)	<i>Black coat</i>
Palavras sensatas (p. 35)	<i>Sound words</i> (p. 22)	<i>Sensible words</i>
Educados (p. 35)	<i>Decent</i> (p. 22)	<i>Polite</i>
Infaustos (p. 36)	<i>Miserables</i> (p. 23)	<i>Unfortunate</i>
Infausta (p. 261)	<i>Unhappy</i> (p. 161)	<i>Unfortunate</i>

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Na primeira coluna, relacionei as expressões conforme constam no livro em português, na coluna central, está a escolha das tradutoras, e, na última, elaborei sugestões, que, de acordo com o meu conhecimento no idioma e cultura, preencheriam com propriedade a semântica do texto.

⁸² “O que o desenvolvimento dos Estudos da Tradução mostra é que a tradução, como toda (re)escrita, nunca é inocente. Há sempre um contexto no qual ela ocorre, sempre uma história da qual um texto emerge e para a qual um texto é transposto” (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p. 11, tradução minha).

Observando cada um dos termos, de forma individual, é possível agrupá-los por escolhas ideológicas. O primeiro grupo (*detest, everything, miserables, unhappy*) foram escolhas que preferiram enfatizar as emoções dentro do contexto da favela, torna a fala mais agressiva e o sofrimento mais comovente, afinal, trata-se de um espaço de condição degradante.

O uso dessas expressões acaba por simplificar o vocabulário de Carolina Maria de Jesus, o que denota uma tentativa de manter a imagem de mártir que os norte-americanos insistem em afirmar que os brasileiros não reconhecem na autora.

Já o segundo grupo de palavras (*upset, she looked sad, black sweater, decent, sound words*) exercem o sentido oposto de suavizar a enunciação, mas também intentam uma aproximação entre o vocabulário e a condição social da escritora. Lembro que a última coluna do Quadro 7 são sugestões que podem ou não ser acatadas de acordo com a bagagem cultural e linguística de cada profissional da tradução, pois “*translation as an activity is always doubly contextualized since the text has a position in two cultures*”⁸³ (BASSNETT, 2014, p. 30).

Até este ponto, não vejo dificuldades em realizar a tradução, pois este nível semântico ainda é possível de contornar utilizando recursos linguísticos, mas o conhecimento das culturas é fundamental para decidir a escolha de cada termo. Assim, as minhas escolhas de sugestões se baseiam na minha ideologia de representar a minha cultura e a escritora brasileira para contribuir com a cultura receptora, e não domesticar os sentidos para que a aceitação do texto ocorra de forma natural, sem o estranhamento da cultura do Outro.

Além da escolha de léxicos, transpor um texto para uma outra língua também comporta realizar alterações de ordem sintática. Reorganizar uma frase, omitir ou incluir termos e expressões auxiliares são ações muito comuns. O nível de interferência está associado à capacidade do tradutor de dizer (quase) a mesma coisa utilizando os artifícios de, pelo menos, duas culturas. Assim, o Exemplo 7 ressalta três situações (A, B, C) que se utilizaram de uma readequação da estrutura sintática, inevitavelmente, alterando a ordem do discurso:

Exemplo 7:

A - “Paguei o sapateiro. o concerto dos sapatos de Vera”. (JESUS, 1996, p. 36)

B - “**Eu incentivo** o João na leitura para ele ficar dentro de casa (JESUS, 1996, p. 39).

C - “– Quando êle perde nas urnas transforma a pele do povo em couro – por que do couro, sai a colmêias” (JESUS, 1996, p. 36).

⁸³ “A tradução como atividade é sempre duplamente contextualizada, pois o texto tem uma posição em duas culturas” (BASSNETT, 2014, p. 30, tradução minha).

A - *“I paid the shoemaker for fixing Vera’s shoe”*. (JESUS, 1999, p. 24).

B - *“I try to keep João indoors to read”* (JESUS, 1999, p. 26).

C - *“–When he loses at the polls he grabs the voters and tans their hides, and then, after using them in this way, forgets how they helped him get into office.”* (JESUS, 1999, p. 24).

Na letra A, as tradutoras optaram por não manter a pontuação do texto de Carolina Maria de Jesus em favor da compreensão da oração, assim, uniram as duas orações em uma relação de causa e consequência acrescentando a preposição *“for”*. Apesar de haver interferência na escrita, a ideia central é mantida, e a leitura flui com mais naturalidade.

Na letra B, a mudança de sentido é brusca. A frase em português expressa o cuidado materno para evitar que o filho saia para rua e fique exposto aos perigos da favela, para isso, a mãe tenta desenvolver o gosto do filho pela leitura, assim, talvez, ele não se interessaria em sair de dentro de casa. A leitura é um pretexto para que a criança não vá para rua. Enquanto a tradução inverte as prioridades da situação. O sentido expresso é que a mãe força a criança a ficar dentro de casa para ler, e não para protegê-la. Essa alteração de sentido também influencia na percepção do leitor em relação à personalidade de Carolina Maria de Jesus. A escritora quer proteger os filhos do submundo da favela e para isso tenta se utilizar da leitura. No entanto, na versão inglesa, a autora soa mais rude e enérgica em relação à leitura, sem fazer alusão aos perigos externos que são o principal foco de ela insistir na leitura.

Na letra C, surge um dos primeiros percalços da tradução envolvendo aspectos culturais com mais relevância. Antes de analisar a tradução, observo que pode ter ocorrido uma má compreensão dos manuscritos da autora, pois a expressão popular seria *“Do couro sai a correia”*. Este é um ditado popular empregado em situações que se deseja expressar a ideia de que se insiste até conseguir o que se quer, sem com que se invista mais esforços. Neste viés, a opção das tradutoras foi escolher uma expressão idiomática, além de estender a oração com mais explicações. Uma expressão idiomática, no inglês ou no português, é um recurso da língua falada ou escrita, é composta por palavras que, juntas, expressam significados conotativos diversos. Contudo, a expressão selecionada *“Tan someone’s hide”* parece apropriada para o ditado, no entanto, na cultura inglesa, a mesma expressão, hoje tida como em desuso, também possui conotação que indica ação violenta como *“surrar”* ou *“chicotear”*. Talvez por isso, as tradutoras optaram por, ainda, explicar o próprio ditado: *“after using them in this way, forgets how they helped him get into office”*. Este recurso, utilizar uma tradução explicativa, é abordado no próximo item.

4.2.3 A explicação ou complementação entre colchetes [] e glossário

As diferenças culturais entre o Brasil e os Estados Unidos da década de 1960 a 1970, certamente dificultaram, em alguns momentos, as tomadas de decisões durante a reescrita dos fragmentos dos diários de Carolina Maria de Jesus. Outros recursos da tradução mais convencionais são a utilização de notas, que podem ser explicativas ou de referência. Elas podem ser alocadas no rodapé dos livros ou repousar ao final dos textos, como notas finais. Além das notas, alguns editores e tradutores, preferem incluir as complementações ou inclusões no próprio texto vertido, para isto, utilizando-se dos recursos gráficos disponíveis, como os colchetes [], indicando a inserção de conteúdo, ou as reticências entre os parênteses (...), indicando exclusão ou supressão de textos.

No caso do livro *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (JESUS, 1999), a escolha editorial optou pelo uso dos colchetes para explicar nomes, expressões e lugares, ou para completar o nome próprio de pessoas e figuras públicas, entre outras utilizações, conforme selecionado no Quadro 8.

Quadro 8: Explicações em colchetes

Trecho em português (JESUS, 1996)	Trecho em inglês (JESUS, 1999)	Motivo do uso
Estou gastando 30 so de manhã. (p. 33)	<i>Just in mornings I am spending 30 [cruzeiros]. (p. 20)</i>	Explicação
Que desse gêito, não vae. Que foi dr. Adhemar quem aumentou as passagens (p. 33)	<i>It can't go on like this. It was [Mayor] dr. Adhemar [de Barros] who upper the bus fares (p. 21)</i>	Explicação e complementação
Tirou o chapéu (p. 34)	<i>The municipal worker took off his hat (p. 21)</i>	Retomada do sujeito na frase, ficou fora dos colchetes.
Eu tenho pavor dos mineiros por causa do “dêixa pra amanhã!” (p. 35)	<i>I am afraid of the mineiros [inhabitants of the state of Minas Gerais] because of their “leave it for tomorrow!” [attitude]</i>	Explicação de termo em português (gentílico) Explicação de expressão
Não sei como haveras de fazer se a gente trabalha passa fome se não trabalha passa fome. (p. 38)	<i>I don't know what we are going to do [if] people work they are hungry [and] if they don't work they are hungry. (p. 25)</i>	Incluído no colchete sem necessidade. (pode ser que nos manuscritos não tenha) Complementação
Dêixei o leito as 5 e 44 . (p. 38)	<i>I got up at 5 and 44. [5:44 A. M.]</i>	Explicação
pensei: em vez de dois zeros , devia ser 3. (p. 54)	<i>instead of two [z]eros, there should be 3. (p. 41).</i>	Retificação, mas consta no texto original (pode não estar nos manuscritos)

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Devido à linguagem e aos problemas de tradução, a qualidade e a compreensão das obras traduzidas são afetadas e isto pode contribuir para a dificuldade da promoção da literatura brasileira entre os falantes da língua inglesa, sem que haja um apelo histórico-social ou comercial para atrair a atenção para a tradução. Por isso, utilizar este recurso de complementar o texto vertido direto do original através do uso de colchetes pode parecer uma alternativa interessante para manter a proximidade entre os leitores da cultura de recepção e a cultura de partida. Todavia, muitos dos termos e expressões que foram incluídos ou complementados, também foram relacionados na no glossário final, que abrange 28 termos específicos da cultura brasileira, não traduzidos, os quais, foram mantidos em itálico no corpo da tradução.

O Quadro 8 traz exemplos de utilização do recurso dos colchetes para explicar e complementar o sentido de frases que são difíceis de compreender ou estão cortadas, frases sobre as quais os leitores precisariam ter conhecimento prévio da cultura brasileira para conseguir realizar as inferências do que fica pressuposto e do que fica subentendido na linguagem de Carolina Maria de Jesus. A exemplo da tradução realizada no diário *I'm Going to Have a Little House* (JESUS, 1997), o qual também se utiliza dos colchetes e notas finais, o texto de Cristina Mehrrens e Nancy P. S. Naro possui um número muito pequeno de citações deste estilo, conforme foi advertido na introdução. E, ao final, um pequeno glossário auxilia os leitores menos assíduos da cultura latino-americana. Este número é pequeno, considerando que a primeira tradução do *best-seller* da escritora teve 29 notas de rodapé; a segunda tradução, além de uma quantidade elevada de expressões em colchetes, também deixou ao final do texto 48 notas explicativas.

Analisando os termos escolhidos para englobar o glossário, elaborei um quadro dividindo-os por categorias de uso:

Quadro 9: Termos do Glossário de *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*

(continua)

Expressões culturais	Gentílicos	Pronomes de tratamento	Nomes, Lugares e Siglas	Culinária	Moeda / Outros
Bola	Gaúcho	D.	João	Cachaça	Cruzeiro
Favela	Mineiro [<i>inhabitant of the state of Minas Gerais</i>]	Da.	José Carlos	Feijoada	Fazendeiro, s [<i>ranchers</i>]
Favelado, -a	Paulista [<i>residents of the city of São Paulo</i>]	Dona	Vera, Vera Eunice	Linguiça	<i>Kilogram</i>
Macumba [<i>voodoo</i>]	Portenho [<i>Buenos Aires</i>]	Dr. ou [dr.]	Catete Palace [<i>The presidency</i>]		Pátria

Quadro 9: Termos do Glossário de *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*

(conclusão)

Expressões culturais	Gentílicos	Pronomes de tratamento	Nomes, Lugares e Siglas	Culinária	Moeda / Outros
		Senhor	Villas Miserias		
		Seu [familiar form of Sr. 'Mr'.]	Fazenda [farm]		
			Granja [farmhouse]		
			SENAI [a government-run training institute]		

Fonte: elaborado pela autora (2022) com base em (LEVINE; MEIHY, 1999).

A categoria com maior incidência no glossário são nomes, lugares e siglas, seguida pela categoria dos pronomes de tratamento. Junto a essas duas categorias de termos do idioma português e da cultura brasileira, coadunam outros tantos nomes de políticos, vizinhos e pessoas que se relacionaram com a escritora, mas que não foram listados porque receberam as devidas explicações através dos colchetes. No Quadro 9, as palavras em negrito também foram explicadas dentro do texto, além de estarem no glossário. Entendo, assim, que o glossário foi elaborado como peça acessória do livro e não com a finalidade de consulta durante a leitura, como cogitei. Além disso, há doze notas de rodapé indicadas por “*” que fornecem explicações não relativas às questões culturais do Brasil, mas, sim, são informações adicionais sobre outros termos estrangeiros, comentários sobre possíveis palavras que Carolina Maria de Jesus se referia, além de contextualizações de nomes e lugares que ficariam muito extensas para incluir em colchetes.

Portanto, “*language is not the problem. Ideology and poetics are, as are cultural elements that are not immediately clear, or seen as completely ‘misplaced’ in what would be the target culture version of the text to be translated*” (LEFEVERE, 1990, p. 26), e para contornar esses impasses existem diversas estratégias nem sempre satisfatórias, como visto. Pois, apesar de prever a reação e a recepção dos leitores, os editores e tradutores só terão retorno do seu trabalho depois de publicado.

Quando as estratégias anteriormente analisadas não são suficientes ou satisfatórias para realizar a versão de um texto, é o momento de incluir de forma considerável os aspectos culturais e ideológicos para, de fato, reescrever um novo texto, para uma nova cultura.

4.3 ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO E REESCRITA

Traduzir não é uma tarefa simples, exige muito dos tradutores que realmente se ocupam do ofício e da responsabilidade de reescrever todo o tipo de obra. Seja

produzindo traduções, histórias da literatura ou suas próprias compilações mais compactas, obras de referência, antologias, críticas ou edições, reescretores adaptam, manipulam até um certo ponto os originais com os quais eles trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológica ou poética dominante de sua época” (LEFEVERE, 2007, p. 23).

Assim, a questão da tradução ainda é pouco desenvolvida na esfera dos estudos sobre Carolina Maria de Jesus e obras. A falta de interesse repousa nos conceitos que gestaram e publicaram os diários pelo mundo. O ofício do tradutor não era reconhecido, dele se exigia ser invisível, não aparecer no texto, e o perfil do profissional estava sempre associado a jornalistas, escritores ou pessoas que tivessem o conhecimento do idioma de partida o suficiente para verter palavra por palavra. A (pouca) qualidade das traduções eram justificadas nos paratextos, contornadas por notas de rodapé ou inclusões no próprio texto.

Apesar de haver um número significativo de traduções para muitos idiomas, são poucos os países que revisitaram os textos e realizaram mais de uma versão das obras carolinianas, os Estados Unidos é um exemplo. Desde 1962, os mesmos textos são publicados e consumidos como uma representação atual e não de uma época.

Robert M. Levine e José Sebe Bom Meihy foram pessoas importantes no marco da história traçada pela escritora negra. As traduções, apesar de possuírem introduções e prefácios muito completos e éticos, também estão defasadas e inadequadas para o consumo do mundo atual. Atribuo essa afirmação após analisar *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (JESUS, 1999) e perceber que o texto foi traduzido da mesma forma pela qual ele foi concebido pela crítica nacional e estrangeira, apenas um documento histórico.

Dessa forma, as teorias dos Estudos da Cultura e da Tradução encontram dificuldades de se identificar com as estratégias identificadas, pois o foco não está na tradução, mas nos paratextos. Porém, ao mesmo tempo, encontrei resultados promissores no tange à possibilidade de repensar a tradução de Carolina Maria de Jesus, assim como está sendo feito com os diários em português.

Pensando, modestamente, na futura possibilidade de contribuir para que este movimento em favor da tradução da literatura marginal brasileira ganhe forças e se concretize é que senti a

necessidade de dividir o resultado da análise do último diário vertido para o inglês em tópicos específicos de tradução e tópicos específicos de manipulação e reescritura.

O que foi apresentado no subcapítulo anterior (4.2) não mostra ineditismo no campo da tradução ou da literatura, mas é a permanência da obra no sistema, mesmo com traduções de baixa qualidade. Porém, é isso que me intriga, aquilo que não comunica na superfície pode revelar grandes belezas no interior, logo, há muito para ser revelado sobre as traduções. Portanto, esta etapa da análise está distribuída em quatro itens: i) a aplicação de diferentes traduções para a mesma palavra; ii) os cortes, omissões e supressões conscientes, iii) os equívocos em relação ao cuidado com a palavra do outro, e as iv) reescritas dos poemas.

4.3.1 Diferentes traduções para a mesma palavra

Não posso deixar de repetir que, segundo Cristina Mehrrens, as cópias dos manuscritos foram divididas entre ela e Nancy P. S. Naro. Apesar de haver a troca de ideias e de conhecimento, não deixo de questionar se as diferenças que encontrei durante o avanço na análise comparativa são reflexos dos estilos de traduzir e das seleções editoriais de cada uma delas.

Apesar de identificar recursos e estratégias empregadas na produção do texto em língua inglesa, não foi possível quantificar manualmente devido à inconsistência dessas estratégias. Nos fragmentos dos primeiros anos, por exemplo, encontro um texto com mais explicações, preocupado em não deixar nenhuma informação incompleta, uma escrita que visa se aproximar o máximo permitido pelas discrepâncias linguísticas do original. Em contrapartida, nos fragmentos dos anos finais há uma incidência maior do uso do pronome “I” em minúsculo, e a tradução é mais fluída.

Não me detive a realizar esta análise comparativa, mas essas e outras características chamaram a minha atenção, pois nos textos introdutórios da tradução, fala-se sobre a identidade e personalidade de Carolina Maria de Jesus, que se modificou através das edições de Dantas, mas que estava prestes a ser revelada pelos manuscritos selecionados, com o texto íntegro e contínuo na medida do possível.

Os resultados de minha análise comparativa revelam que a imagem da autora nunca será representada de acordo com a realidade esperada, pois sempre haverá disputas de poder, de espaço e de ideologias que vão embasar os estudos identitários a partir do que se deseja representar em determinada sociedade, pois

no passado, assim como no presente, reescretores criaram imagens de um escritor, de uma obra, de um período, de um gênero e, às vezes, de toda uma literatura. Essas imagens existiam lado das originais com as quais elas competiam, mas as imagens sempre tenderam a alcançar mais pessoas do que a original correspondente e, assim, certamente o fazem hoje (LEFEVERE, 2007, p. 14).

À vista disso, as imagens construídas pelas mídias, pelas publicações dos anos de 1960 e pelas traduções sempre irão permanecer ao redor das demais identidades e representações nas quais Carolina Maria de Jesus se encaixou ou foi encaixada. Esta é a maior intriga em relação à escritora, ela tem espaço em todos os setores das sociedades, mas é muito difícil permanecer por muito tempo (MEIHY, LEVINE, 2015).

Nesse sentido, as predileções e as dualidades para traduzir termos ou expressões iguais estão relacionadas à representação da imagem da escritora, logo, o Quadro 10 reúne exemplos das palavras que circulam no texto em língua portuguesa, mas que na língua inglesa foram atribuídas a mais de uma tradução:

Quadro 10: Diferentes traduções para a mesma palavra

Palavras em português (JESUS, 1996)	Palavras em inglês (JESUS, 1999)
infaustos (p. 36)	<i>miserable</i> (p. 23)
infausta (p. 261)	<i>unhappy</i> (p. 161)
nervosa (p. 38)	<i>irritable</i> (p. 25)
nervosa (p. 43)	<i>agitated</i> (p. 30)
favela (p. 36)	<i>shantytown</i> (p. 23)
favela (p. 53)	Favela (p. 39)
favelada (p. 150)	<i>Favelafied</i> (p. 109)
favelados (p. 73)	Favelados (p. 50)
fui carregar água (p. 54); fui carregar água (p. 36); fui carregar água (p. 45).	<i>went to haul water</i> (p. 40), <i>went to fetch water</i> (p. 24), <i>went for water</i> (p. 32)

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Analisando o Quadro 10, as palavras “infaustos” e “infausta”, referem-se, respectivamente, ao povo e à vida. Em posse do contexto, verifico que a escolha das traduções está relacionada aos termos que referencia (povo = *miserable*, vida = *unhappy*), por isso, apesar de perder a característica do vocabulário pomposo da autora, a seleção está adequada ao contexto gramatical e na relação de sentido que constrói com as demais palavras.

Ambas as palavras “nervosa” selecionadas referem-se à própria autora-personagem, e o nervosismo expresso é o reflexo da preocupação de não ter o que comer. As traduções em inglês, apesar de distintas, traduzem o mesmo sentimento de ansiedade, impaciência e aflição. Neste caso, novamente, o sistema linguístico mostra que não é possível realizar uma tradução de qualidade através de termos isolados, pois o contexto de uso das palavras é que vai predominar na escolha de um ou de outro termo. O uso do adjetivo “*irritable*” é aplicado no entendimento de um contexto no qual a personagem está inserida no meio de mais pessoas, e a percepção destas pessoas em relação ao sentimento dela seria o sentido expresso por “*irritable*”. O uso do adjetivo “*agitated*” dá-se no contexto em que a personagem está sozinha, pensando nessa sensação de nervosismo que frequentemente lhe atinge quando não há comida para alimentar os filhos ou a si mesma. Então, a percepção da personagem sobre si mesma é expressa pelo sentido da palavra “*agitated*”. Porém, para ela, nos dois momentos, o sentimento descrito era de estar (ou não) “nervosa”, sem distinção do que sentia.

Com isso, reflito sobre a importância das escolhas de palavras numa reescrita e o poder que essa escolha emana sobre a feitura de um novo de texto. Junto a isso, a responsabilidade de reescrever⁸⁴ que recai sobre as tradutoras. Mesmo que estas não tenham feito as escolhas sozinhas, o compromisso com o texto será sempre do nome que assina junto do/a autor/a. Nesse sentido é que recai a importância da tradução de qualidade quando entendo que

*the translator, according to [Walter] Benjamin, works like an archaeologist putting together fragments of a vessel in order to restore it to its original shape, and has to reassemble it in such a way as to incorporate the mode of signification of the original. If this task is accomplished, then the translator has to bear the responsibility for the continued existence of the original but in another context. A translation, seen from this perspective, becomes the afterlife of a text, ensuring its existence in another time and place, effectively saving that text from extinction*⁸⁵ (BASSNETT, 2014, p. 13).

Em vista disso, as traduções das obras de Carolina Maria de Jesus podem ser consideradas traduções de sucesso, pois permitiram que a obra continuasse existindo tanto nos Estados Unidos e na Inglaterra, como no Brasil. Contudo, não significa que os textos não possam vestir outras roupagens que acompanhem as mudanças da sociedade e da literatura, a

⁸⁴ A partir daqui, entendo reescrever como uma das formas de se traduzir um texto. E no caso em análise, a forma que acredito ser a mais adequada, no momento, para abordar os textos de Carolina Maria de Jesus.

⁸⁵ “O tradutor, segundo [Walter] Benjamin, funciona como um arqueólogo reunindo fragmentos de um vaso para restaurá-lo à sua forma original, e tem que remontá-lo de modo a incorporar o modo de significação do original. Se esta tarefa for cumprida, então o tradutor tem que arcar com a responsabilidade pela continuação da existência do original, mas em outro contexto. Uma tradução, vista dessa perspectiva, torna-se a vida após a morte de um texto, garantindo sua existência em outro tempo e lugar, salvando efetivamente esse texto da extinção” (BASSNETT, 2014, p. 13, tradução minha).

prova disso são as tentativas de tradução seguintes, já com outras diretrizes e esta própria tese, que abre portas para mais uma possível versão atualizada.

Outro exemplo deste trabalho de arqueologia são as palavras que foram mantidas em língua portuguesa em todas as edições. Favela-s, favelado-a e suas derivações são palavras que, em 1960, não existiam no vocabulário inglês. Nos três diários vertidos para este idioma, expressões como *slum* ou *shantytown* foram usadas como sinônimos, mas não representavam a semântica de Favela. Por isso, hoje, o termo já está incluído no dicionário da língua inglesa como “*a very poor and crowded area of a city in Brazil*” (FAVELA, 2023), e não necessita de tradução, pois é um termo que faz referência exclusiva ao Brasil. Em *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, a palavra foi utilizada normalmente, e, algumas poucas vezes, utilizado o sinônimo “*shantytown*”, assim como o termo derivado “Favelado -a”. No Quadro 10, destaco o neologismo empregado para fazer a tradução de um poema, no qual foi utilizado a palavra “favela” + o sufixo inventado “-ied”, da língua inglesa, retirado da palavra “*stupefied*” para compor a rima, ao mesmo tempo que ambas as palavras se mantêm como adjetivos.

Por último, analiso as formas encontradas pelas as tradutoras para referenciar as repetições da frase “Fui carregar água”. As primeiras entradas dos dias do diário ano de 1958 são repetitivas, iniciam com Carolina Maria de Jesus levantando e indo buscar água, pois esta era a sua rotina. Desse modo, Mehrtens e Naro selecionaram diferentes expressões para iniciar cada entrada, adequando-as ao contexto e ao sentimento e evitando a exaustão da leitura. As três expressões selecionadas foram sendo intercaladas ao longo de todo o diário.

Esta estratégia, do ponto de vista da análise estética, foi adequada, no entanto, se houve a intenção de não alterar o texto da escritora, foi uma escolha arriscada. A exaustão da leitura e o vocabulário limitado para determinadas representações são características fundamentais dos primeiros manuscritos que compõem o diário *Quarto de Despejo* (JESUS, 1960). Essa repetição também foi criticada por Audálio Dantas, que, igualmente, fez cortes e edições para evitar os mesmos impasses. Nesse sentido, em *Meu Estranho Diário*, Meihy comenta, nos textos finais de análise, que é possível identificar o desenvolvimento da linguagem e do estilo de escrita de Carolina Maria de Jesus com o passar dos anos (MEIHY, LEVINE, 1996), cada um dos períodos representa uma fase de vida e carreira literária, e uma das características para qual o pesquisador chama a atenção é que a repetição inicial dos diários vai gradativamente desaparecendo, pois a autora passa a selecionar o que considera relevante para registrar.

4.3.2 Supressões, omissões e escolhas editoriais

Um dos maiores dilemas enfrentados até o momento sobre a publicação dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus são as edições. Editar é uma forma de tradução, mesmo que ela seja realizada para uma publicação no idioma original. Dentro da edição, os vilões são os conteúdos acrescentados e os conteúdos excluídos, cada um ocupando seu lugar de acordo com o posicionamento editorial.

É compreensível quando explicações ou complementações se fazem necessárias para dar fluidez e sentido ao conjunto da obra, mas, a meu ver, excluir é sempre uma violência textual, principalmente quando me refiro a textos afro-diaspóricos. Nesse sentido, dedico este item para a análise da manipulação do texto caroliniano para compreender quais, como e por que as entradas dos manuscritos cedidos por Vera Eunice para Meihy e Levine foram excluídas.

A exclusão sempre esteve presente nas edições das obras da autora como uma forma de silenciamento, escolha consciente dos editores, tradutores e tradutoras, mas o ato tradutório em si também pode ser considerado uma forma de violentar o texto, pois

*the violence of translation resides in its very purpose and activity: the reconstitution of the foreign text in accordance with values, beliefs and representations that preexist it in the target language, always configured in hierarchies of dominance and marginality, always determining the production, circulation, and reception of texts. Translation is the forcible replacement of the linguistic and cultural difference of the foreign text with a text that will be intelligible to the target language reader*⁸⁶ (VENUTI, 1992, p. 209 apud BASSNETT, 2014, p. 46).

E quando se torna difícil fazer essa transposição entre culturas ou quando o conteúdo da tradução não condiz com a cultura de chegada, a violência ultrapassa o campo simbólico e se materializa nas supressões.

Sobre o processo de edição do livro *Meu Estranho Diário* (JESUS, 1996), no item 3.2.3 desta tese, entendemos que houve a intenção e a realização de apresentar fragmentos dos manuscritos de forma a selecionar as partes com a maior continuidade, sem cortes ou interrupções do próprio processo de escrita da escritora. No mesmo item, sobre a seleção dos fragmentos para compor *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, comentei que houve diferenças significativas no processo, as quais analiso neste subcapítulo.

⁸⁶ a violência da tradução reside em sua própria finalidade e atividade: a reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações que lhe preexistem na língua de chegada, sempre configuradas em hierarquias de dominação e marginalidade, sempre determinando a produção, circulação, e recepção de textos. A tradução é a substituição forçada da diferença linguística e cultural do texto estrangeiro por um texto que seja inteligível ao leitor da língua de chegada (VENUTI, 1992, p. 209 apud BASSNETT, 2014, p. 46, tradução minha).

É relevante lembrar de que estou comparando a tradução com a edição publicada no Brasil, e não com os manuscritos, pelas razões já apontadas. O que isto representa é a possibilidade de que haja também questões editoriais na produção nacional, que podem vir a impactar nos resultados desta análise, por isso, quando entendi que isso seria possível, sinalizei dentro do texto.

No caso das supressões, o contrário também pode ser real. Comparar a tradução com os manuscritos poderá trazer uma visão muito mais apurada do processo editorial, mas no momento, me ateno aos documentos físicos que tenho acesso.

Assim, no Quadro 11 relacionei as entradas dos diários que não foram consideradas pelas tradutoras, em comparação com a edição brasileira.

Quadro 11: Entradas dos Diários editadas em *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*

Data da entrada do diário	Tipo de ação
Início do diário de 1958. (sem data)	Excluída entrada sem data.
7 de novembro de 1958.	Excluído último parágrafo que se refere ao dia 24 de julho.
10, 11, 12, 13 e 14 de novembro de 1958.	Excluído completamente.
16 de novembro de 1958.	Excluído completamente.
18 e 19 de novembro de 1958.	Excluído completamente.
22 e 23 de novembro de 1958.	Excluído completamente.
25 de novembro de 1958.	Excluído completamente.
27 de novembro de 1958.	Excluído completamente.
Início do diário de 1961. (sem data)	Excluída entrada sem data.
(...) sem data.	Incluída data [4 November 1961]
(...) novembro de 1961.	Incluída data [5 November 1961]
9 e 10 de novembro 1961.	Excluído completamente.
16 de novembro de 1961.	Excluído parcialmente.
17 (?), 18 e 19 de novembro de 1961.	Excluído completamente.
Início do diário de 1962. (sem data)	Excluída entrada sem data.
11 a 20 de outubro de 1962.	Excluído completamente.
Dezembro de 1962.	Excluído completamente.
9 de dezembro de 1963.	Excluído parcialmente.
10 a 13 de dezembro de 1963.	Excluído completamente.

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Observando as datas, percebo que há um número significativo de entradas dos diários que foram deixadas de lado na tradução. Levei em conta em minha análise as prerrogativas do editor que informou que houve cortes em função do espaço e que o conteúdo traduzido representa 1/3 do material consultado. Assim, a análise considerou os conteúdos das passagens que não foram traduzidas para compreender as escolhas.

Logo, a organização dos fragmentos ter sido realizada por anos e não por períodos da vida da autora mostra o objetivo da publicação, que é histórico e não literário. Os diários organizados dessa forma passam uma sensação de impessoalidade e distanciamento da autora-personagem de seus próprios textos, e colocam os fatos alheios em posição de destaque maior do que a obra em si. Deste modo, a mensagem transferida para o leitor de chegada é que conhecer o contexto histórico é mais relevante do que conhecer a literatura em si.

Nesse viés, ao se escolher dividir os anos, fez-se necessário elaborar uma pequena introdução antes de cada um dos capítulos, a fim de contextualizar os leitores sobre qual período da vida de Carolina Maria de Jesus cada ano se refere. A explicação também é resultado da fragmentação e dos cortes realizados que acabaram deixando cada um dos períodos desconectados de si mesmos. Além disso, houve a prevalência do interesse estético de como apresentar os diários sobre a opção de apresentá-los o mais fiel aos originais.

Como é sabido, os fragmentos estavam fora de ordem, soltos e foi necessário reordená-los para construir a coerência no discurso. As datas das entradas foram fundamentais para este processo. Mas, muitas vezes, o diário iniciava sem data e já com a continuação de um outro fragmento. Essas “sobras” foram excluídas de todas as entradas dos anos traduzidos na tentativa de deixar o livro esteticamente apresentável. O conteúdo destas entradas suprimidas provavelmente não era relevante para o objetivo da tradução, por isso, elas foram deixadas de lado.

Os diários de 1961 e 1962 foram os que mais sofreram supressões e as últimas entradas de cada ano foram interrompidas antes de se encerrarem. O texto foi interrompido em trechos que terminassem com exclamações e comentário sentimentais da autora.

No Quadro 11, listei as datas das entradas para mostrar que os cortes foram feitos no meio da sequência dos diários. Isto comprova que a seleção dos dias remanescentes é consciente e não apenas por falta de espaço. A exemplo, dos fragmentos do ano de 1958, no mês de novembro, foi excluído, pelo menos, 11 entradas – registros de 11 dias de diário dentro de um mês. Nesse intervalo do dia 1º até o dia 30 de novembro de 1958, houve sete cortes. Essas interrupções causam, de certo modo, uma descontinuidade no texto, pois acabam omitindo informações relevantes.

Mas esta não pareceu uma preocupação do editor e das tradutoras, ao contrário, as entradas mantidas contêm informações de ordem política e social que interessam para construir a imagem desejada de uma autora que foi rejeitada pelo próprio país. Por exemplo, entre os dias 10 e 17 de novembro, o único fragmento que ficou foi do dia 15, o qual relata discussões e

confusões na favela causadas pelos moradores, onde o teor da discussão e as imagens descritas remetem às práticas de relacionamentos sexuais que ocorriam naquele ambiente. Por outro lado, o editor escolheu suprimir vários dias do ano de 1962 nos quais Carolina Maria de Jesus realizava encontros e atividades intelectuais com alguns políticos e com a escritora Eva Vastari.

Comparando essas duas escolhas, o posicionamento colonial do olhar norte-americano sobre a autora é claro. Logo, entendo que o discurso das páginas de introdução e posfácio acabam se opondo à prática da tradução, pois a segunda deixa transparecer a opinião que foi veiculada pelas mídias estadunidense e inglesa. Portanto, essa tradução, enquanto obra completa, é contraditória e paradoxal, pois critica as edições realizadas por Dantas, mas reconhece que sem ele, Carolina Maria de Jesus nunca teria sido descoberta, no entanto, pratica as mesmas ações quando projeta a ideologia nas escolhas tradutórias e nas supressões. Nesse sentido, a tradução pode ser entendida como um efetivo instrumento do colonialismo (BASSNETT, 2014), pois o texto marginal que ganha espaço no território do colonizador acaba funcionando como mecanismo de afirmação das práticas coloniais ao ter seu discurso distorcido no processo de reescrita.

Nesse sentido, o diário de 1966 – que não foi incluído no diário em português, talvez pelo mesmo motivo de espaço; pela pouca extensão, ou por ser um período que já dificultaria fazer associações com os diários já editados, pois eram manuscritos nunca antes publicados – foi uma das escolhas norte-americanas. Logo, a escolha em não divulgar este período, por parte da edição brasileira, mostra um comprometimento com os objetivos estabelecidos pelo projeto, de publicar partes que, apesar de também terem sido selecionadas, fizessem sentido para os leitores.

Já escolha de publicar o diário de 1966, inclusive enfatizando sua existência, é uma tentativa muito explícita de associar a imagem de Carolina Maria de Jesus à política do Brasil. O conteúdo do diário, de fato, é relevante, pois percebo o amadurecimento na escrita da autora, mesmo através da tradução. O texto reitera a inclinação artística para a produção dos textos literários de gêneros mais líricos através da forma com que a autora descreve as situações que o país atravessou nos últimos anos e o seu desfecho pessoal:

[No month and date, 1966] Brazil. He is a 62" young man who considers himself a mature man whose heart is weak. This person feels very ill and discouraged because he used the cruzeiro to heal his disease and this treatment proved to be ineffective. He remained anemic.

Therefore, it was decided to bring a doctor from the United States. This physician gave Brazil some dollar injections. He got better for a while but the treatment didn't heal him. Since Brazil wanted to be wealthy and strong he went to see an English

doctor who gave him some pound [£] pill medication. This remedy didn't bring the desired result and Brazil was almost losing his hopes of gaining back his strength. Nevertheless Brazil didn't give up and he consulted a German doctor who gave him some pills made from marks. Brazil's hopes were renewed and he felt like being competitive again. However, after a while, his hopes started to fade again. Then, Brazil was advised to consult a Russian doctor but he refused to do so. He was afraid of taking the ruble medicine which was similar to a bandage which would restrict his movements. As a result, he preferred to remain weak rather than to become impaired by this medication. This medication wouldn't allow Brazil and his peers to play the three-day Carnival festivity and would make them work during the three-day party dedicated to the [carnival] Momo king.

*Anyway, Brazil is now considering heart transplant surgery. He wants to change his military heart into a civilian heart. [In it smaller but bolder handwriting:] Brazil went under a transplant surgery even before [Dr. Christian] Barnard, when he changed his civil heart and put a military heart in its place. **Brazil is getting better from his inflation disease and the tropical anemia is already cured. However he still has tuberculosis, a disease he acquired from his old times of starvation. . . .***

*There are ill-bred and insolent daughters whose sorrowful parents regret their birthday. I wrote *Quarto de Despejo*, the book that made me known. According to others, that book was worth millions. However, it brought me, the author, no financial independence. The reason was that it was contracted to the international publishing houses that [do not] give me a dime. My royalties were irritants and disappointments-*Fatal Royalties* (JESUS, 1999, p. 184, grifos meus) (APÊNDICE A).*

As exclusões dos diários dos anos anteriores abriram espaço para a inclusão do diário que contém este trecho, pois a obra foi construída com base na história do Brasil associada à vida de Carolina Maria de Jesus, descrevendo-a como um mero acaso do destino, que revelou a condição do pobre, por isso, foi consumida e esquecida na mesma medida, mas sobreviveu através dos tempos pelo trabalho (paradoxal) de um estrangeiro. Portanto, as supressões da tradução são tão significativas quanto o texto que a compõe ou os textos que substituíram aquelas lacunas. Assim, analisá-los mostra que

os discursos universalizantes da Europa e dos Estados Unidos modernos, sem nenhuma exceção significativa, pressupõem o silêncio, voluntário ou não, do mundo não europeu. Há incorporações; há inclusão; há domínio direto; há coerção. Mas muito raramente admite-se que o povo colonizado deve ser ouvido e suas ideias conhecidas (SAID, 2011, p. 101).

Toda a tradução sobrevive pelo reconhecimento, e este se revela ou pela qualidade do texto ou pelas incoerências que este suscita. A tradução de *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (JESUS, 1999) é resultado dos discursos universalizantes que tentavam silenciar as ideais dos povos colonizados, mesmo que seja utilizando o próprio discurso contra eles.

4.3.3 Equívocos

O valor intrínseco de uma obra possui um papel menor nos casos da tradução (LEFEVERE, 2016), pois, por ser um produto de outra cultura relido e reescrito para se encaixar na cultura de recepção, seu valor estético, valor de mercado e como ela vai (ou não) afetar esta sociedade são mais importantes. Logo, obras que passam a ser republicadas ou traduzidas, não é o valor intrínseco do texto que está em jogo, ou até mesmo a falta desse valor (LEFEVERE, 2007). O texto de Carolina Maria de Jesus não deixou de ser menos impactante, de retratar a realidade da miséria da fome ou de ser um documento social e histórico, mas o fato de ele estar voltando à cena da literatura brasileira mostra que agora há bases suficientes para incorporá-lo, e essas bases são os valores extrínsecos.

Entretanto, os sentimentos que geraram o texto ou os sentimentos que ele desperta em seus leitores irá gerar novos valores intrínsecos a partir das traduções, por isso, é fundamental depreender atenção para revisar o texto e esclarecer qualquer obstáculo e, no caso de ser uma aporia, ela pode ser dividida com o leitor, mas não se pode negligenciar o texto do Outro.

Assim, dediquei um subcapítulo para mostrar alguns equívocos da tradução. Chamar de erros consistiria em afirmar que foram conscientes ou propositais, no entanto, há diversos fatores que podem ter contribuído para que eles ocorressem, desde problemas de compreensão do idioma a ser traduzido, erros de digitação, e, mais uma vez, situações que são desencadeadas pelas questões culturais, conforme o Quadro 12.

Quadro 12: Equívocos de Tradução

Trecho em português (JESUS, 1996)	Trecho em inglês (JESUS, 1999)	Sugestão/ Obs.:
Esporte saez (p. 39) [soez?]	<i>Healty sport.</i> (p. 26)	<i>Worthless sport.</i> Problema de compreensão.
... e comecei a limpar o barro. (p. 38)	... <i>and began to clean the clay pots.</i> (p. 26)	... <i>and began to clean the dirty off the floor.</i> Problema de compreensão.
-Ele sorriu. percebi que devia dizer-lhe isto! (p. 57)	- <i>He smiled. i sensed that i that was a good thing for me to have said to him!</i> (p. 43)	- <i>He smiled. I sensed that was a good thing for me to have said to him!</i> Erro de digitação.
- peguei o chinelos (p.120)	- <i>I grabbed the leather [belt]</i> (p. 81)	- <i>I grabbed the sandals.</i> Alteração pelo contexto cultural?
Ela e harmenia. (p. 123)	<i>She is harmony.</i> (p. 83)	<i>She is Armenian.</i> [gentílico]. Problema de compreensão.
Dana de Tefé (p. 263)	Dana [Dona?] de Tefé (p.165)	Dana de Tefé Problema de contexto cultural.

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

O número de equívocos é ínfimo, mas significativo no quesito relação e conhecimento do idioma e da cultura de partida. Entre as situações listadas, destaco os problemas que identifiquei como da ordem da compreensão. Os fatores de conservação dos manuscritos também podem ter contribuído para essas incidências, porém, reflito que tais erros mostram pouco envolvimento com a cultura específica que é retratada nos diários. Carolina Maria de Jesus está comentando que tenta deixar o filho mais velho dentro de casa para que não saia na rua brincado de lutar com outros meninos, pois ele é muito forte. Comenta que o filho quer ser lutador de Boxe e desdiz o esporte, chamando de “soez”. Na tradução, em um momento que o esporte também já atingia outros reconhecimentos, talvez a dificuldade de ler e diferenciar “saez” e “soez” levou as tradutoras a representar o posicionamento de uma Carolina “dócil”, como muitas vezes foi descrita nos ensaios de Robert M. Levine. Mas o contexto de sua fala deixa pressuposto de que lutar, mesmo como esporte, não era algo aprovado por ela.

Outra questão de compreensão é a tradução de “barro” para “clay pots”, carolina não tinha utensílios domésticos, apenas latas improvisadas para cozinhar, fazia sentido limpar a louça de barro enquanto preparava o jantar. Porém, em outros momentos, a autora já escreveu sobre o barro vermelho do qual a favela era feita e a rotina da casa consistia em acordar, buscar água, cuidar dos filhos, cozinhar, limpar a casa etc. Outro aspecto é que a louça também era lavada no rio Tiete, assim, acredito que esta interpretação também esteja equivocada, o barro se refere a poeira do chão, e não a potes.

O mesmo posso dizer que ocorre na tradução de um gentílico como um substantivo no sentido figurado. O contexto não permite que a pessoa seja elogiada ou comparada com este sentimento (*harmony*), conhecendo a autora, sabe-se que ela considera muito a origem das pessoas, logo, uma professora formada e com experiências de viagem certamente teria um atributo especial, não ser brasileira (de acordo com a ideologia de Carolina Maria de Jesus), logo, o erro de escrita pode ter influenciado as tradutoras a associar com a palavra “harmonia” ao invés de Armênia.

Sobre a tradução de chinelos para um cinto de couro, previ diversas possibilidades que possam ter levado a este desfecho. De qualquer forma, o significado do que estava acontecendo foi compreendido: alguém apanhou com alguma coisa. Talvez as tradutoras não tenham identificado o significado da palavra “chinelos” e substituíram pelo instrumento comum nas culturas utilizado para surrar as crianças naquele tempo.

Pesquisas em bases de dados, mesmo em 1990, poderiam ter esclarecido estes equívocos, assim como o caso Dana de Tefé. Neste impasse, as tradutoras optaram por deixar

entre os colchetes um sinal de interrogação, mostrando que tinham dúvidas sobre este termo, ao invés de simplesmente alterar ao gosto do público receptor, ou dos editores ou das tradutoras.

4.3.4 A reescrita dos poemas de Carolina Maria de Jesus

O último tópico do capítulo de análise é tão importante quanto todo o restante das estratégias que vieram sendo demonstradas e interpretadas. Em meio aos excertos dos relatos cotidianos, Carolina Maria de Jesus incluía poemas. Nos dois primeiros diários, alguns dos poemas foram suprimidos, outros poucos permaneceram em meio aos registros. Como um dos objetivos de ambas as edições editadas na década de 1990 era a fidelidade à escrita e ao estilo, estes poemas foram mantidos e traduzidos para a língua inglesa.

Inicialmente não me detive a analisá-los para não perder o foco nos estudos da cultura e da tradução, porém, observando-os com mais atenção, encontrei verdadeiras raridades traduzidas.

Assim como percebi em outras partes do livro, acredito que a tradução dos poemas também tenha sido realizada de forma individual por cada uma das tradutoras, pois também é possível perceber condutas diferentes frente às aporias.

O objetivo deste tópico ainda é mostrar as estratégias de manipulação, reescrita e tradução, no entanto, em alguns momentos, é possível que minha análise se confunda com a análise do próprio poema. Na sequência, apresento os poemas Humanidade (Poema 1), sem título (Poema 2) e Quarto de Despejo (Poema 3), respectivamente:

Poema 1

Humanidade	Humanity
Depois de conhecer a humanidade suas perversidades suas ambições Eu fui envelhecendo E perdendo as ilusões o que predomina é a maldade porque a bondade: Ninguém pratica Humanidade ambiciosa E gananciosa Que quer ficar rica! Quando eu morrer... Não quero renascer É horrível, suportar a humanidade Que tem aparência nobre Que encobre As pesimas qualidades	<i>After getting acquainted with humanity its perversity its ambitions I was aging And disengaging from its illusions what prevails is badness because goodness: Nobody practices Humanity ambitious and avaricious They want to get rich! When I die ... I don't want to be reborn It is horrible, to put up with humanity That has a noble appearance That covers up its terrible qualities</i>
Notei que o ente humano É perverso, é tirano Egoista interesseiros Mas trata com cortêzia Mas tudo é hipocrisia São rudes, e trapaceiros (JESUS, 1996, p. 137-8)	<i>I noted that humanity Is perverse, is tyrannical Self-seeking egoists Who handle things politely But all is hypocrisy They are uncultivated, and trickers (JESUS, 1999, p. 97-8)</i>

Poema 2

Nada mais pra mim, existe Em nada encontro beleza Não há coisa mais triste Do que a tristeza. (JESUS, 1996, p. 149)	<i>Nothing more exists for me In nothing find I beauty Nothing as sad then can there be as plain old melancholy. (JESUS, 1999, p. 108)</i>
---	--

Poema 3

(continua)

<p>Quarto de despejo</p> <p>Quando infiltrei na literatura sonhava so com a ventura Minhalma estava chêia de hianto Eu não previa o pranto. Ao publicar o quarto de despejo Concretisava assim o meu desejo. Que vida. Que alegria.. E agora... Casa de Alvenaria. Outro livro que vae circular As tristêsas vão duplicar. Os que pedem para eu auxiliar A concretisar os teus desejos penso: eu devia publicar.. - so o 'quarto de despejo'.</p> <p>No inicio vêlo adimiração O meu nome circulou a Nação. Surgiu uma escritora favelada. Chama: Carolina Maria de Jesus. E as obras que ela produs Dêixou a humanidade habismada No inicio eu fiquei confusa. pareçe que estava oclusa Num estajo de marfim. Eu era solicitada Era bajulada. Como um querubim.</p> <p>Depois começaram a me invejar. Diziam: você, deve dar os teus bens, para um assilo Os que assim me falava Não pensava. Nos meus filhos.</p> <p>As damas da alta sociedade. Dizia: praticae a carioadade. Doando aos pobres agasalhos. Mas o dinheiro da alta sociedade Não é destinado a caridade É para os prados, e os baralhos</p>	<p>(sem título)</p> <p><i>When I infiltrated literature I dreamed of an adventure My soul was full I didn't foresee the commotion When I published Quarto de Despejo I realized my desire. What a life. What happiness ... And now ... Casa de Alvenaria. Another book circulates My sadness duplicate. Those who come to ask for aid To fulfill their desires solely i think: publications should I have made ... of `quarto de despejo' only.</i></p> <p><i>In the beginning came admiration My name circulated about the Nation. There emerged a writer favelafied. Called: Carolina Maria de Jesus. And the works that she produces Left humanity stupefied At first I became confused. it seems that I was imprisoned In an ivory container. I was sought after I was exalted. As a cherub</i></p> <p><i>After they began to envy me. They said: you should give your possessions, to an asylum Those who spoke to me that way Didn't think. About my children.</i></p> <p><i>The women of high society. Said: practice charity. Giving clothes to the poor. But the funds from high society Are not aimed at charity It is for the Prados [an elite family] and for playing cards</i></p>
--	---

Poema 3

(conclusão)

<p>Quarto de despejo</p> <p>(...)</p> <p>E assim, eu fui desiludindo O meu ideal foi regredindo igual um corpo envelhecendo. Fui enrugando, enrugando.. petalas de rosa, murchando, murchando E... estou morrendo!</p> <p>Na campa silente e fria Hei de repousar um dia... Não levo nenhuma ilusão porque a escritora favelada Foi rosa despetalada. Quantos espinhos no meu coração.</p> <p>Dizem que sou ambiciosa Que não sou caridosa. incluam-me entre os usurários porque não critica os industriais Que tratam como animaes. - Os operários...</p> <p>(JESUS, 1996, p. 150-2)</p>	<p>(sem título)</p> <p>(...)</p> <p><i>And so, I became disillusioned My ideal was retracting just like a body aging. I was getting wrinkled, wrinkled... petals of roses, wilting, drying up And ... I am dying!</i></p> <p>In the graveyard silent and gray I will rest my bones one day... I don't suffer any illusion because the writer from the shantytown Was the rose by petals shunned. So many thorns in my heart.</p> <p>They say I am ambitious that I am not charitable. They count me among the usurers Why don't they blame the industrialists Who treat the workers like animals? -The workers ...</p> <p>(JESUS, 1999, p. 109-10)</p>
--	--

Os poemas foram transcritos fielmente como estão dispostos nas publicações. Neles também é possível verificar algumas questões como a não reprodução do título “Quarto de Despejo”, no poema 3, e a questão da capitalização das palavras. Na maior parte do tempo, os poemas traduzidos seguem pontuação e organização das estrofes conforme o texto no idioma português e apresenta os mesmos dilemas que analisei sobre isto.

Por outro lado, percebo que os poemas receberam maior atenção no processo de tradução, pois apresentam rimas e sonoridades muito semelhantes aos originais. “A reescritura manipula e é eficiente” (LEFEVERE, 2007, p. 24), principalmente quando há dedicação e interesse em desenvolver um bom trabalho, que seja igualmente reconhecido e valorizado na cultura de recepção. A reescrita e a manipulação dos poemas não só foram eficientes como também mostraram que é possível traduzir Carolina Maria de Jesus sem ser necessário reproduzir os erros de ortografia, mas com ênfase na semântica do texto.

“A tradução é a forma mais reconhecível de reescritura e a potencialmente mais influente por sua capacidade de projetar a imagem de um autor e/ou de uma (série de) obra(s) em outra cultura, elevando o autor e/ou as obras para além dos limites de sua cultura (LEFEVERE, 2007, p. 24-5), mas isto só é possível com o trabalho do tradutor.

No poema 2, uma inversão nos termos da oração possibilitou uma rima e um tom lírico para o pequeno texto, que mesmo não tendo sido traduzido literalmente e ter sido complementado por expressões e palavras para conseguir reproduzir o enunciado do texto de partida, não deixa a desejar na entrega dos significados e na musicalidade. A criação de uma palavra para manter a rima e a sonoridade do extenso poema 3, que já abordei anteriormente, encerra as características e estratégias de manipulação de textos que conseguiram atingir bons resultados finais, considerando a complexidade dos textos de originais. É claro, a tradução é uma reescrita de um original, e, no entanto,

rewritings can introduce new concepts, new genres, new devices and the history of translation is the history also of literary innovation, of the shaping power of one culture upon another. But rewriting can also repress innovation, distort and contain, and in an age of ever-increasing manipulation of all kinds, the study of the manipulation processes of literature as exemplified by translation can help us towards a greater awareness of the world in which we live⁸⁷
(BASSNETT, LEFEVERE, 2016, p. 7).

Toda a tradução perde alguma coisa, mas ao mesmo tempo existe a refração⁸⁸, que, de acordo com Lefevere (1982), acontece com o trabalho de todos os escritores. É quando a obra é recebida e interpretada em determinado contexto, podendo ou não ter suas refrações multiplicadas quando a interpretação ultrapassa as fronteiras da cultura de recepção.

Assim, o diário de Carolina Maria de Jesus traduzido para o idioma inglês, *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (JESUS, 1999), certamente favoreceu a sua divulgação pelo mundo, ao mesmo tempo que subsidiou o seu retorno no Brasil, através da vertente da História. E foi a partir dela que os estudos literários retomaram os estudos acerca desta intrigante escritora Brasileira.

⁸⁷ “As reescritas podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos recursos e a história da tradução é também a história da inovação literária, do poder modelador de uma cultura sobre a outra. Mas a reescrita também pode reprimir a inovação, distorcer e conter, e em uma era de manipulação cada vez maior de todos os tipos, o estudo dos processos de manipulação da literatura exemplificados pela tradução pode nos ajudar a ter uma maior consciência do mundo em que vivemos” (BASSNETT, LEFEVERE, 2016, p. 7, tradução minha).

⁸⁸ Para o autor, *refração (refraction)* é adaptar um texto, uma obra, para determinado público, com o objetivo de influenciar na recepção desse texto ou dessa obra (LEFEVERE, 1982). Mais adiante, dentro dos estudos de Lefevere, o próprio autor retoma esse conceito, o qual passa a denominar de *reescrita (rewriting)*.

A análise da tradução permitiu identificar as estratégias utilizadas para que o sucesso no exterior fosse mais duradouro do que no Brasil. Além das questões históricas e políticas que envolveram todo o contexto de publicação da autora, a ideologia dos processos e das pessoas neles envolvidas foram fundamentais para a construção da imagem de Carolina Maria de Jesus nos Estados Unidos.

As tentativas dos estudos norte-americanos de colocar o país da escritora como vilão ou como incapaz de reconhecer a importância do legado caroliniano esconderam nos detalhes a herança colonial, de fazer emergir do mundo desenvolvido a construção do outro baseada nas suas premissas culturais e ideológicas de silenciamento e construção de arquétipos estigmatizantes disfarçados de reconhecimento e de valorização da escrita negra testemunhal. Também foi construído e reforçado os estereótipos sobre a cultura brasileira e resumiram a escritora em imagem figurativa para representar o resultado de péssimas escolhas políticas e sociais por parte dos regimes governantes.

A tradução atingiu seu objetivo, afinal vendeu centenas de milhares de exemplares nos Estados Unidos.

5 OS PÁSSAROS CANTAM NA LINGUAGEM CERTA... (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

“...na linguagem correta e sincera que a própria Mãe Natureza lhes deu. Falar é bonito quando se fala certo. A linguagem só tem valor quando se trata de nomações estranhas. Digo estranhas para vocês, mas não para nós. Esquecer os dissabores é o nosso dever, pois se nós considerarmos isto como uma estrada em que viajamos e se estamos chegando ao local designado, não vejo motivo para lembrar e comentar o trecho da estrada ruim”.
Carolina Maria de Jesus (2019, p. 121)

Carolina Maria de Jesus transformou o infortúnio da história de vida em memórias multifacetadas: suaves, fantásticas, por vezes, cômicas, e, ao mesmo tempo, verossímeis, quando escancarou as violências contra a mulher negra, o descaso pelos marginais, e narrou o esforço cotidiano para ter um teto sobre a cabeça e um prato de comida, sem saber se “o astro rei” testemunharia a batalha do dia seguinte. E entre um caso e outro, ela costurou as lacunas em meio aos fatos, uniu uma ponta a outra, introduzindo associações e assimilações ficcionais que justificaram a necessidade iminente de rimar e versar. O que alimentou o desejo de transferir para as linhas do papel o princípio de sua vida por meio de memórias proféticas é o fato de que, durante a fase adulta que coincidiu com o auge da popularidade, tais informações sobre a pessoa humana por trás da personagem criada pela imprensa de “escritora favela” nunca foram consideradas. A autora buscava, além de redenção e aprovação, uma oportunidade de revelar a outra face da poetisa e da escritora que foi suprimida e banalizada, a idealização pessoal como escritora, que lhe foi tolhida muito antes do sucesso de *Quarto de Despejo*, visto que as tentativas de publicar foram inúmeras e o retorno veio tardio.

Carolina Maria de Jesus narrou-se brasileira, patriota, honesta e crítica, também se narrou um ser predestinado a sofrer e a fazer versos, incompreendido, solitário em meio a multidão por ser diferente, mas o diferente profanado pela cor de sua pele associado ao seu sexo e ao conhecimento. A confusão mental, as borboletas na cabeça, a tal doença do verso, aquietaram-se, libertaram-se, na maturidade e velhice, quando ela pôde pensar e escrever em paz, quando melhorou a gramática, assemelhando-a à retórica, sempre tão elogiada, e passando a corrigir os manuscritos. Certamente, ao oposto do que as notícias expuseram nos anos finais de sua vida, a escritora não estava na pobreza, estava na riqueza e na paz de espírito de quem batalhou uma vida para encontrar sossego para a alma, o corpo e as ideias.

Salvo seu passado, fica a convicção de que o nome e os escritos de Carolina Maria de Jesus marcaram a sociedade brasileira nos anos de 1960, em meados de 1990, e intensificaram-se no meio popular e acadêmico a partir do centenário da autora, em 2014, na urgência da reparação histórica e da valorização daquilo que é brasileiro, negro, feminino, marginal.

O levantamento na hemeroteca digital e em outros periódicos nacionais e internacionais foi peça-chave para as pistas de onde encontrar materiais e informações sobre a escritora. Ao mesmo tempo, foi possível observar a dimensão da influência de Carolina Maria de Jesus nas mídias e reconhecer o importante papel que jornais, revistas, televisão e rádio desempenharam na carreira da artista. A autora buscava a opinião de quem considera especialista para saber se devia ou não dar continuidade ao verso, encontrou muitos não, e tinha receio de entrar neste mundo que sempre observara de fora. Assim, por outro lado, a mídia também foi responsável por criar a imagem da escritora que foi exportada para o estrangeiro, tornando-a sucesso internacional.

A pesquisa enveredada pelo ambiente virtual em busca das edições e traduções da obra de Carolina Maria de Jesus possibilitou a atualização e a continuação de outras pesquisas que talvez se acreditasse que pudessem estar encerradas. Mas o legado da escritora ainda é um vasto oceano pelo qual se navega e, quanto mais fundo se consegue ir, mais rico e encantador é a beleza do que se encontra. Também foi possível encontrar esses exemplares conectando as informações disponibilizadas nas notícias e no próprio texto caroliniano.

Deste levantamento surgiram notícias importantes, traduções e edições desconhecidas levando a um total de 24 países que traduziram Carolina Maria de Jesus. Também identifiquei que algumas traduções foram vertidas do inglês, e, não, do português, o que reforçou a importância da tese de analisar as traduções do idioma inglês.

Produções atuais na Europa também foram listadas, com destaque para a primeira publicação em Portugal, que apesar da proximidade histórica e da língua, até então, nunca havia demonstrado interesse na literatura marginal da autora brasileira.

Carolina Maria de Jesus deixou um rastro na história brasileira e na mídia (MEIHY, LEVINE, 2015), a Favela do Canindé é apenas uma parte dessa história, e, para unir as peças deste mosaico discursivo foi necessário adentrar em todos os campos que ela percorreu. O foco da tese foi direcionado para as traduções no idioma inglês, mas a pesquisa intensa sobre outros processos de tradução e outros idiomas, além do entendimento dos contextos político, social, cultural e histórico tornaram-se fundamentais para desenvolver um

caminho metodológico e para entender a diversidade e a pluralidade que a imagem da escritora representa atualmente.

Assim, o objetivo desta tese foi demonstrar que as traduções para a língua inglesa de *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e *Meu Estranho Diário* são corresponsáveis pelo reconhecimento mundial da obra e pela construção de uma representação da autora-personagem em um *locus* de enunciação divergente do espaço de onde sua escrita se originou, com o foco de análise na tradução do terceiro diário sob a perspectiva dos Estudos da Cultura.

Assim, identifiquei que cada uma das traduções expressa e preserva o desenvolvimento de diferentes estratégias de tradução, visto que o processo tradutório é complexo e inventaria aspectos culturais, pois transcende as línguas e linguagens aqui estudadas.

Quarto de Despejo, vertido para *Child of the Dark*, seguiu uma tendência do mercado editorial de traduzir os livros mais vendidos, ação que foi influenciada pelo contexto social político dos Estados Unidos aliado aos momentos de grandes mudanças no Brasil subdesenvolvido. As escolhas do tradutor são facilmente associadas às necessidades de se utilizar do sistema linguístico em favor da cultura de recepção. Apesar de muitos termos não terem sido traduzidos, o estrangeirismo não favorece a cultura do texto de partida, pois há a presença da estereotipação e marginalização da cultura do Outro.

Casa de Alvenaria, sob o título de *I'm Going to Have a Little House*, recebe nova atenção dos norte-americanos depois de mais de trinta anos. O interesse de um brasileiro estrangeiro consegue iniciar uma cadeia de pesquisas, produções acadêmicas e livros que se tornaram as principais fontes de consulta sobre a biografia da escritora brasileira, apesar do posicionamento de colonizador velado no teor dos textos. O inconformismo com o tratamento recebido pela mídia do Brasil uniu-se, novamente, às correntes de estudos voltados para posicionamentos mais humanizados, populares e sociais nas produções norte-americanas, favorecendo a perpetuação do legado de Carolina Maria de Jesus.

Com proposta inovadora e desafiadora, *I'm Going to Have a Little House* é traduzido visando um público leitor e uma sociedade estadunidense com nova roupagem, mas, que, na verdade, ainda reproduzia pensamentos e ideologias dos países com cultura e atitudes de soberania frente à cultura de sociedades menos favorecidas pelo capitalismo. Ao mesmo tempo que a pobreza e a injustiça são denunciadas pelas palavras da escritora brasileira, o discurso do colonizador emitido pela interpretação da escrita documental (não reconhecida como literatura) critica a população brasileira que não é capaz de reconhecer o esforço e a

coragem da autora de romper com os padrões e moralismos do “mundo selvagem” da América Latina, precisando de um estrangeiro para dar visibilidade.

Os tradutores optaram pela tentativa de se manterem fiéis ao texto de partida (já editado para a publicação em solo nacional). Para isso, incluem nas estratégias já realizadas na versão do primeiro diário, um prefácio que esclarece aos leitores as mudanças necessárias para conseguir verter o texto de forma satisfatória do ponto de vista do entendimento dos sentidos expressos pela agressividade, originalidade e aspereza da escrita de Carolina Maria de Jesus. Em análise, constatei que o objetivo foi alcançado, levando-se em consideração que nunca será possível transpor as características da escrita para qualquer outra língua sem deixar algum tipo de resíduo (VENUTI, 2019). Porém, a interferência com explicações e complementos, mesmo que sucintos, prejudicou o ritmo e a fluidez do texto traduzido. Suas características literárias se apagam, chegando a se aproximar de uma tradução que verte palavras, mas esquece dos sentimentos, sons, movimentos despertados pela combinação de fatores estéticos, estes, nunca considerados nestas duas versões.

Assim, a tradução do segundo diário é característica de um trabalho acadêmico realizado com a finalidade de manter vivo um documento social, um registro histórico, para facilitar o acesso ao leitor pesquisador, ou estudante, e para isso, cumpre seu papel com maestria. Todavia, é uma tradução que talvez não tenha alcançado a população de leitores inexperientes, pois quem lê uma tradução a toma por um original.

E por fim, a tradução de *Meu Estranho Diário*, principal objeto de pesquisa, foi produzida no mesmo contexto social e político de *Casa de Alvenaria*, no entanto, há três principais fatores que mostram uma nova estratégia tradutória: 1) o principal foi a possibilidade de uma tradução vertida diretamente dos originais⁸⁹, dando liberdade de interpretação às tradutoras e, ao mesmo tempo, maior responsabilidade; 2) os paratextos incluídos na edição estadunidense buscaram revelar toda e qualquer informação disponível sobre a fortuna crítica internacional e brasileira com foco apenas social e político muito mais evidente do que as demais traduções; e, por último, 3) foi a primeira vez que duas mulheres assumiram a tarefa de traduzir⁹⁰ os diários de Carolina Maria de Jesus para o inglês.

⁸⁹ Acredito que os únicos livros de Carolina Maria de Jesus traduzidos a partir dos manuscritos originais foram, em ordem de publicação, *Journal de Bitita* (1984), publicado em francês - mas que sofreu um processo editorial severo -, e *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (1999).

⁹⁰ A primeira tradução realizada por mulheres foi a publicação em francês, *Journal de Bitita* (1982). A segunda foi em 1998, do mesmo livro, *Bitita's Diary*, e, na sequência, em 1999, o diário *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus* foi publicado também tendo como tradutoras apenas mulheres.

Com base neste caminho de estratégias tradutórias, também percebi as diversas Carolinas construídas ao gosto dos públicos, ao mesmo tempo em que todos que a circundavam intentavam “revelar a verdadeira”. Da objetificação da mulher negra, favelada, mãe solteira, dócil e conformada a imagem de Carolina Maria de Jesus transformou-se na mulher forte, mão zelosa, escritora afro-brasileira, determinada e resiliente.

De um depoimento pessoal e individual, suas palavras revelaram muito mais do que qualquer estudo social e antropológico poderia captar, mesmo sem a intenção de se tornar uma representante de causas sociais, ou sem o desejo de lutar pela coletividade, como muitas vezes foi acusada, Carolina foi e é revolução, logo, é literatura. A literatura permite “averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que ela exerce” (CANDIDO, 2006).

Assim, as traduções e o interesse internacional acolheram o texto caroliniano, mesmo que por interesses particulares, e as estratégias acabaram desviando as atenções de volta para o Brasil, pois não é possível controlar a recepção, apesar de ela poder ser manipulada. As tentativas de novas traduções para o inglês que prezassem por se manter fiéis ao original, ainda assim, sofreram situações inevitáveis, como as aporias da tradução, escolhas de reescrita e manipulação. Mas essas estratégias favoreceram a construção de imagens estereotipadas da cultura brasileira e da própria personalidade de Carolina Maria de Jesus. A atenção aos aspectos políticos se sobressai à existência da própria escritora enquanto ser humano. A atenção do leitor de chegada é desviada da prevalência do conteúdo político quando o texto enfatiza que o Brasil e a mídia brasileira a abandonaram e nunca a reconheceram. O que corrobora essa prerrogativa é o fato de que a mídia internacional, no âmbito mundial, apenas deu atenção para a escritora e as obras no momento de ascensão da década de 1960. Depois, obra e autora foram seguindo caminhos desvinculados do Brasil, o que implicou nas questões de direitos autorais, talvez, nunca recebidos. Já nos Estados Unidos e na Inglaterra, o livro continuou sendo publicado e vendido por um longo período, principalmente, após o desenvolvimento acadêmico dos estudos da cultura e dos estudos sobre a América Latina.

Deste modo, foi a tradução que permitiu que a obra sobrevivesse ao longo dos anos, e, a partir dela, que a escritora não caísse no total esquecimento. Mas também foi ela que possibilitou as diversas construções de imagens sobre Carolina Maria de Jesus e iniciou o

movimento de repatriação da escritora, que novamente encontra terreno fértil que favorece seu ressurgimento, agora, sob outros olhares e perspectivas do mundo literário, inclusive.

A tradução manipula, reescreve e cria um novo texto, uma nova enunciação a partir da visão de uma outra cultura. O livro-diário *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* representa, portanto, um conjunto de estratégias que visou ser fiel aos originais manuscritos, mas, como visto, não é possível ser totalmente fiel a um texto de partida, pois sempre se perde alguma coisa. A opção eticamente considerável é a tradução que reescreve, assim como foi ensaiado na tradução dos poemas do diário.

Nesse sentido, ao pensar na tradução como reescrita, volto a reiterar o lugar de fala de quem reescreve e proponho a reflexão sobre a tradução do texto negro discutida por Carrascosa e autores (2017), no livro *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas Afrodiaspóricas para Travessias Literárias*.

Além de considerar os aspectos linguísticos e culturais de uma tradução, as escolhas ideológicas precisam ter a capacidade de descentralizar, deslocar e rearticular as possibilidades de sentidos⁹¹ do texto negro,

a partir de uma práxis que considera a tradução como processo performativo que envolve organicamente corpo, discurso e memória dx tradutorx e sua inscrição localizada no espaço histórico e geopolítico como ponto de partida para a projeção de diálogos com outras subjetividades interculturalmente inscritas em outros pontos da diáspora (FARANI et al., 2017, p. 27).

Desafio posto, reforço que as estratégias sutis que destaquei na versão dos poemas são o caminho para uma tradução que seja capaz de valorizar o texto literário, e não apenas os conteúdos documentais, e permitir que a refração das novas possibilidades de tradução possa gerar valores intrínsecos e extrínsecos complementares às culturas envolvidas.

Do ponto de vista dos Estudos da Tradução, todas as versões dos diários carolinianos aqui apresentadas, de certo modo, obtiveram sucesso nas escolhas editoriais e na recepção, visto que foram reeditadas sem modificação por muitos anos na sociedade estadunidense, mesmo que, do ponto de vista dos Estudos da Cultura, possam ter sido insuficientes (quando analisamos a partir do lugar de fala do texto diaspórico negro). Portanto, para atualizar este posicionamento cultural, a tese propõe uma retradução que tenha uma proposta editorial e literária diferente dos textos aqui analisados.

⁹¹ Nas últimas duas décadas, os Estudos da Tradução vêm questionando a manutenção de sentido dos textos traduzidos através de autores como Jacques Derrida, Rosemary Arrojo, Kanavillil Rajagopalan e Adail Ubirajara Sobral, por exemplo.

No fim das contas, ler o original sempre será a melhor opção para se conhecer a cultura do texto de partida, mas para aqueles que não tem como acessar esses originais, a tradução sempre será um original. Logo, os textos encontram sempre um meio de chegar nas sociedades que deles possam fazer uso. Assim, a intensidade da fama, das especulações, dos mais diversos interesses que se estabeleceram ao redor das obras e da autora mantiveram a perpetuação e a sobrevivência através dos tempos. Mas é indispensável traduzir respeitando leitores e autores, e esta é e sempre será a aporia da tradução.

Os resultados obtidos nas pesquisas são contribuições importantes para o legado da escritora Carolina Maria de Jesus e para a literatura brasileira, ao mostrarem a dimensão do alcance da recepção e ao confirmarem novas edições e versões traduzidas. Assim como as análises dos diários em língua inglesa através da relação entre a cultura e a linguagem também contribuíram para fomentar novas pesquisas e acrescentar aos estudos já publicados, enriquecendo a fortuna crítica da escritora negra.

E a principal contribuição desta tese para uma nova tradução (ou retradução) repousa sobre a relação interdisciplinar entre os Estudos da Cultura e a Tradução. Ao analisar o que já foi produzido, perceber que houve uma linha de desenvolvimento de estratégias, entender o contexto sociocultural, são ações que mostraram que há uma iminência em produzir uma reescrita que possa ser recebida pela comunidade estadunidense e pelos demais conhecedores do idioma inglês ao redor do mundo a partir da perspectiva da sociedade brasileira, permitindo que outra versão das mesmas histórias possa ser contada ao gosto de outros horizontes de expectativas. E, assim, quem sabe, permitir que uma versão mais estrangeirizada e menos domesticadora seja produzida.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Flávia. SP: população em situação de rua cresce 31% em 2 anos, mostra censo. *Agência Brasil*. São Paulo, 24 jan. 2022. [recurso eletrônico]. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-01/populacao-de-rua-cresceu-31-em-dois-anos-indica-censo>>. Acesso em: jan. 2022.
- ACERVO IMS. *Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus*. 1960. 1 fotografia digitalizada p&b. Disponível em: <<https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-carolina-maria-de-jesus/>>. Acesso em: nov. 2022.
- ARAÚJO, L.B. A. F.; MARTINS, M.A.P. Um Olhar sociológico sobre a tradução. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 34, p. 2-11, 2018. Disponível em: <<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/468/470>>. Acesso em: mar. 2023.
- ARRUDA DE BARROS, G.; FORTES, R. “A grande revista de Minas para todo o Brasil”: o lançamento de *Alterosa* e a repercussão na imprensa belo-horizontina. *Lumina*, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 185–201, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/30942>>. Acesso em: nov. 2022.
- AS MEMÓRIAS de Carolina. *A Tribuna da Imprensa*. Revista da Tribuna. Rio de Janeiro, a. XIII, n. 2.900, p. 5, 17-18, nov. 1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq=%22carolina%20maria%22&pagfis=11496>. Acesso em: jan. 2022.
- AURELI, Willy. Carolina Maria, poetiza preta. *Folha da Manhã*. São Paulo, a. XV, n. 4.898, p. III, fev. 1940. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=21600&anchor=141712&origem=busca&originURL=&pd=e3b5eb6743993cece51b74eeb39b5ff6>>. Acesso em: out. 2021.
- BAHIA, Luísa Arantes. *Traduzindo culturas? O olhar estrangeiro sobre o Quarto de Despejo*. 79 f. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Juiz de Fora Faculdade de Letras Bacharelado em Letras – Tradução. 2019. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/bachareladotraducao/wp-content/uploads/sites/166/2021/05/Luisa-Arantes-Bahia.pdf>>. Acesso em: ago. 2021.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *The Virtual Image: Brazilian literature in English translation*. 463 f. 1994. Tese. Doutorado em Estudos da Tradução. University of Warwick. 1994. Disponível em: <http://wrap.warwick.ac.uk/56829/1/WRAP_thesis_Barbosa%2C%20Heloisa%20Goncalves.pdf>. Acesso em: jun. 2021.
- BARCELLOS, Sérgio da Silva. *Vida por escrito - Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*. *Ebook*. Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015.
- BARCELLOS, Sérgio da Silva. *Vida Por escrito*. 2014. [Site]. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/>>. Acesso em: ago. 2021.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASSNETT, Susan. *Translation*. New York: Routledge, 2014. [Ebook].

BASSNETT, Susan. The translation turn in cultural studies. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. *Constructing cultures: essays on literary translation*. Londres: Multilingual Matters, 1998, p. 123 – 140.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. General editors' preface. In.: LEFEVERE, André. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. New York, NY: Routledge, 2016. [Ebook].

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. *Constructing cultures: essays on literary translation*. Londres: Multilingual Matters, 1998.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. *Translation, History, and Culture*. 1 ed. London: Cassel, 1990.

BERNARDO, Ana Cláudia dos Santos São. A construção do outro nas edições e traduções da obra de Carolina Maria de Jesus. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [On-line]*. n. 56, 2019. Acesso em: ago. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-40185622>>.

BRASIL, Bruno. *A Noite (Rio de Janeiro, 1911)*. 31 de julho de 2014. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>>. Acesso em: dez. 2021.

BRASIL. Biblioteca Nacional. *Luiz Gama, ativista abolicionista*, 13 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/luiz-gama-ativista-abolicionista>>. Acesso em: mar. 2022.

BRASIL. Biblioteca Nacional. *21 de abril, dia de homenagear Tiradentes*, 21 de abril de 2020a. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/21-abril-dia-homenagear-tiradentes>>. Acesso em: mar. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Construtores do Brasil: Henrique Dias*, [20--?]. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/tv/170887-henrique-dias/?pagina=4>>. Acesso em: mar. 2022.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. *Retrato das Desigualdades de Raça e Gênero*. 2.1a1 - Famílias chefiadas por mulheres, segundo cor/raça da chefe de família e localização do domicílio - Brasil e Regiões, 1995 a 2015. 2015. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html>. Acesso em: out. 2021.

BRAZILIAN Slum. *The New York Times*. London, UK, n. 55.514, p. 16, out. 5, 1962. [Arquivo]. Disponível em: <<https://www.thetimes.co.uk>>. Acesso em: jan. 2023.

BROCHIER, Christophe. Traduire Carolina Maria de Jesus. *Caletroscópio*. Estudos Literários. v. 9. p. 136 – 159, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/4742/3807>>. Acesso em: ago. 2021.

CAMPOS, Paulo Mendes. A autora mais cara do ano. *Revista Manchete*, n. 485, p. 42-43, ago., 1961. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=%22Carolina%20Maria%20de%20Jesus%22&pagfis=40369>>. Acesso em: nov. 2022.

CANDAUI, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo, SP: Contexto, 2014.

CANDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In.: CANDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ouro Azul, 2011, p. 171 – 193.

CANDIDO, Antônio *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. [Ebook].

CAROLINA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, n. 263, p. 4, nov. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=11897>. Acesso em: dez. 2022.

CAROLINA reclama pelo “gesto indemocrático”. *A Tribuna do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, a. XIII, n. 2378, p. 6, fev. 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq=%22carolina%20maria%22&pagfis=4694>. Acesso em: jan. 2023.

CAROLINA JÁ ganhou 600 mil cruzeiros: Quarto de Despejo. *Jornal do Brasil RJ*. n. 220, p. 4, set. 1960, Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=%22carolina%20de%20jesus%22&pagfis=10092>. Acesso em: dez. 2022.

CAROLINA LUCRA 10 milhões com livro: recorde. *O Jornal RJ*. a. XXXIX, n. 12332, p. 10, nov. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&Pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pagfis=8973>. Acesso em: dez. 2022.

CAROLINA MARIA de Jesus e Companhia das Letras. *Blog da companhia*, [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Carolina-Maria-de-Jesus-na-Companhia-das-Letras>>. Acesso em: dez. 2021.

CAROLINA MARIA de Jesus prepara um novo livro. *O Globo*. Matutina, Geral, p. 17, out. 1972. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=&ordenacaoData=relevancia&allwords=1972&anyword=&noword=&exactword=Carolina+Maria+de+Jesus&decadaSelecionada=&anoSelecionado=&mesSelecionado=&diaSelecionado=>>>. Acesso em: dez. 2021.

CAROLINA NO RIO: descobri que minha doença era verso. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, a. XII, n. 2.289, 2º Caderno, p. 5, nov. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154083_02&pagfis=3394>. Acesso em: jan. 2022.

CAROLINA PEDE sossêgo para escrever “livro de verdade”. *O Globo*. Rio de Janeiro, p. 3, fev. 1970. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700204>>. Acesso em: nov. 2022.

CAROLINA VAI ficar rica. Rio de Janeiro, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 5, nov. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pagfis=3474>. Acesso em: dez. 2022.

CAROLINA VAI ganhar 3 mil dólares. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, p. 15, nov. 1960a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_04&Pesq=%22Carolina%20de%20Jesus%22&pagfis=8139>. Acesso em: dez. 2022.

CARRASCOSA, Denise (Org.). *Traduzindo o Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017, p. 33-63.

CASTRO, Eliana de Moura. *Muito Bem, Carolina! A biografia de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2007.

CARVALHO, Antonio José de; DEUS, João de. *Diccionario Prosodico de Portugal e Brazil*. 5 ed. Porto, RJ: Lopes & Cia e Frederico Augusto Schmidt, 1895. Disponível em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/26044/diccionario-prosodico-de-portugal-e-brazil.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: jan. 2022.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra J. (Org). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

COMPAGNON, A. A Literatura. In: *O Demônio da Teoria. Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CONDÉ, José. Escritores e Livros. Várias. *Correio da Manhã, RJ*. n. 21.608, p. 2, set. 1963. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=43686&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: dez. 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. Encruzilhadas da narrativa brasileira contemporânea. In: GOMES, Carlos Magno. *Língua e Literatura: propostas de ensino*. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

DAMATA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DANTAS, Audálio. Nossa irmã Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*. 1 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

DANTAS, Audálio. Casa de Alvenaria – História de Uma Ascensão Social. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria – Diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

DANTAS, Audálio. Retrato da Favela no Diário de Carolina. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, n. 36, p. 92-98, 20 jun. 1959. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=124938>>. Acesso em: dez. 2022.

DANTAS, Audálio. O drama da favela escrito por uma favelada: Carolina Maria de Jesus faz um retrato sem retoque do mundo sórdido em que vive. *Folha da Noite*. São Paulo, a. XXXVII, n. 10.885, p. 9, mai. 1958. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitordo?numero=45159&anchor=5458361&origem=busca&originURL=&pd=1a24ab1e2ebb8c09b8489a1607cfc02f>>. Acesso em: dez. 2022.

DICIONÁRIO de nomes próprios. Verbetes: Carolina. 2021. [On-line]. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomespropios.com.br/carolina/>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

DICIONÁRIO de nomes próprios. Verbetes: Maria. 2021a. [On-line]. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomespropios.com.br/busca.php?q=maria/>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. 22 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2007.

ESTEVEVES, Lenita Maria Rimoli. *Atos de Tradução: éticas, intervenções, mediações*. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, dez. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: fev. 2022.

EVEN-ZOHAR, I. Teoria dos Polissistemas. [1990]. Tradução de Luis Fernando Marozo; Carlos Rizzon; Yanna K. Cunha. *Revista Translatio*, n. 5, p. 1-21, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/42899>>. Acesso em: mar. 2023.

FAÉ, Walter José. Favelada Mineira no Mundo das Letras. *Alterosa*, n. 332, p. 64-66, ago. 1960. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=060135&pasta=ano%20196&pesq=%22Carolina%20Maria%20de%20Jesus%22&pagfis=21252>>. Acesso em: nov. 2022.

FARANI, Ana. et al. Rotas, Bússulas, Sextantes, Faróis, Sotaventos, Porões, Portos, Nós nos traduções de textos literários Negros. In: CARRASCOSA, Denise (Org.). *Traduzindo o Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017, p. 17-33.

FARIAS, Tom. *Carolina – uma biografia*. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Malê, 2017.

FAVELA. In: Cambridge Dictionary. Dicionário de Língua Inglesa. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. [On-line]. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/favela>>. Acesso em: jan. 2023.

FEITOSA, Lilian Passos Wichert. *Brazilian women writers in English: Translation of culture and gender in works by Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, and Ana Maria Machado*. 2008. 490 f. Tese. Doutorado em Filosofia. Universidade de Massachusetts. 2008. Disponível em: <<https://scholarworks.umass.edu/dissertations/AAI3325275>>. Acesso em: jan. 2023.

FERNANDES, Pádua. Quarto de despejo chega a Portugal: Carolina Maria de Jesus pelo VS Editor. 29 de maio de 2021. *O palco e o mundo*. [Blog]. Disponível em: <<http://opalcoemundo.blogspot.com/2021/05/quarto-de-despejo-chega-portugal.html>>. Acesso em: dez. 2022.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. A. *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*. [Ebook]. 1 ed. Brasília, DF: Edições Carolina, 2018.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Entrevista com Clélia Pisa. *Scripta*, v. 18, n. 35, p. 297-304, dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/8821/pdf>>. Acesso em: set. 2021.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Entrevista com Ane-Marie Métailié. *Scripta*, v. 18, n. 35, p. 293-6, dez. 2014a. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/8820/pdf>>. Acesso em: set. 2021.

FERREIRA, Nathalia Bezerra da Silva; PONTES, Veronica Maria de Araujo. Quarto de Despejo: revisitando a crítica de Carlos Vogt. *Identidade!* São Leopoldo, v. 21, n. 1, p. 122-130, jan.-jun. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2746/2644>>. Acesso em: dez. 2023.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Segunda Voz, 2010.

GETULIO será presidente. *O Defensor*, [S.l.], 17 de junho de 1950. Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/_files/ugd/92f547_53dca8cb46c84ad1b776d8a6fe7fb999.pdf>. Acesso em: nov. 2021.

GODINHO, Marta Teresinha. Expressão de dentro da favela. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

GOLDANI, A. M. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu*. Campinas, SP, n. 1, p. 68–110, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1681>>. Acesso em: jan. 2022.

GOUANVIC, J. M. *Sociologie de la traduction*, Arras: Artois Presses Université, 1999.

GUARNIERI, Dayane Cristina. Os periódicos brasileiros e sua trajetória na década se 1960. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v.7, n. 8, p. 77357-77375, ago. 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/33944>>. Acesso em: 24 dec. 2022.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais, 1990. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4618536/mod_resource/content/1/Maurice%20Halbwachs%20%20A%20mem%C3%B3ria%20coletiva.pdf> . Acesso em: 5 abr. 2019.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 103-133.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5 ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001.

JAUSS, Hans Robert. *A História da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo, SP: Ática, 1994.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria – Volume 1: Osasco*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. (Cadernos de Carolina 1).

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria – Volume 2: Santana*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a. (Cadernos de Carolina 1).

JESUS, Carolina Maria de. *La Stanza dei rifiuti e altre opere*. Trad. Rita Ciotta Neves. Roma: Alpes Italia, 2021b.

JESUS, Carolina Maria de. *Círis: poemas recolhidos*. FERNANDEZ, Raffaella Andréa; PIMENTEL, Ari (Orgs.). Rio de Janeiro: Desalinho, Ganesha Cartoneira, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. *Minha vida... Prólogo*. In.: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 2 ed. Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. *Onde estaes Felicidade?* Dinha e Raffaella Fernandez (Orgs). São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. *Favela*. In: JESUS, Carolina Maria de. *Onde estaes Felicidade?* Dinha e Raffaella Fernandez (Orgs). São Paulo:Me Parió Revolução, 2014a.

JESUS, Carolina Maria de. *Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus [1962]*. Trad. David St. Clair. Nova York: Signet Classics, 2003.

JESUS, Carolina Maria de. *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*. LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Orgs). Trad. NARO, Nancy P. S.; MEHRTENS, Cristina. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1999.

JESUS, Carolina Maria de. *Bitita's Diary: the childhood memoirs of Carolina Maria de Jesus*. Trad. Emanuelle Oliveira e Beth Joan Vinkler. Nova York, Londres: M. E. Sharpe, 1998.

JESUS, Carolina Maria de. *I'm going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus*. Trad. Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine. Lincoln, USA: University of Nebraska Press (Bison Books), 1997.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. (Orgs). São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia Pessoal*. MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996a.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Trad. Mario Merlino. Madri: Alfaguarra, 1984.

JESUS, Carolina Maria de. *Journal de Bitita*. Trad. Régine Valbert. Paris: A. M. Métailié, 1982.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. Trad. Lidia Roccavilla. Milano: Casa Ed. Valentino Bompiani, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. *Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus; the story of slum life in São Paulo that explodes as a vivid and terrifying social document*. Trad. David. St. Clair. Londres: A Four Square Book, 1962a.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria – Diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*. 1 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, José Carlos De. A minha mãe realizou um sonho. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015a.

LAJOLO, Marisa. *Literatura Comparada e Literatura Brasileira: Circulações e Representações - Mesa com Regina Zilberman (UFRGS), Marisa Lajolo (UNICAMP/Mackenzie) e José Luís Jobim (UFF)*. ABRALIC. Youtube, 8 set. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=91Ya6OUpJHE>>. Acesso em: set. 2020.

LAPOUGE, Maryvonne; PISA, Clélia. *Brasileiras: Voix Écrites du Brésil*. Paris: Des femmes, 1977.

LEFEVERE, André. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. New York, NY: Routledge, 2016. [Ebook].

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LEFEVERE, André. Mother Courage's Cucumbers: Text, System and Refraction in a Theory of Literature. *Modern Language Studies*. v. 12, n. 4, Autumn, 1982, p. 3-20. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3194526>>. Acesso em: jan. 2023.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEVINE, Robert M. Different Carolinas. *Luso-Brazilian Review*, v. 38, n. 2, 2001, p. 61-73. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3513964>>. Acesso em: jan. 2023.

LEVINE, Robert M. Afterword: “a fish out of the water”. In: JESUS, Carolina Maria de. *I’m going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus*. Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine (Trad.). Lincoln, USA: University of Nebraska Press (Bison Books), 1997.

LEVINE, Robert M. The cautionary tale of Carolina Maria de Jesus. *Latin American Research Review*, v. 29, n. 10, p. 55-83, 1994. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2503644>>. Acesso em: maio 2019.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Sebe Bom. Introduction. In: JESUS, Carolina Maria de. *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*. LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Orgs). Trad. NARO, Nancy P. S.; MEHRTENS, Cristina. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1999, p. 1-18.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Sebe Bom. *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus*. 1 ed. Albuquerque, New Mexico: University Of New Mexico Press, 1995.

LIBRARY Thing. *David St. Clair (1932–1991)*. [Site]. 2022. Disponível em: <<https://www.librarything.com/author/clairdavidst>>. Acesso em: dez. 2022.

LIMA, Vera Eunice de Jesus. Esta história é meio minha e meio de minha mãe. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

LISPECTOR, Clarice. *Outros escritos*. (Org.) Teresa Montero, Lícia Manzo. 1ª ed., Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015. [recurso eletrônico]. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/528624885/Outros-Escritos-Clarice-Lispector>>. Acesso em: jan. 2022.

LITERÁRIA. *Diário da Noite, RJ*. n. 11862, p. 12, set. 1963. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_04&Pesq=%22%20arolina%20de%20Jesus%22&pagfis=22576>. Acesso em: dez. 2022.

LONGE DE TUDO e de todos Carolina escreve dramas. *Notícias Populares*. [S.l.], s/n., n. p., jul. 1967. Disponível em: <https://www.vidapoescrita.com/_files/ugd/92f547_668ff3341f9246cb823aa376ffa2cc99.pdf>. Acesso em: dez. 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 2 ed. Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. A Integridade das Frações. In: JESUS, Carolina. *Meu Estranho Diário*. MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. (Orgs). São Paulo: Xamã, 1996, p. 285-8.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. A história do projeto. In: JESUS, Carolina. *Meu Estranho Diário*. MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. (Orgs). São Paulo: Xamã, 1996a, p. 12-30.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 1 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

NABOR JR. *Luz e Breu: reminiscências do jovem Oswaldo de Camargo e a oculta história da revista Niger*. Menelink 2º Ato [Site], nov., 2021. Disponível em: <<http://www.omelick2ato.com/artes-literarias/luz-e-breu-reminiscencias-do-jovem-oswaldo-de-camargo-e-a-oculta-historia-da-revista-niger>>. Acesso em: dez. 2022.

NASCIMENTO, Raquel Alves Dos Santos. *Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus na Alemanha: Mesma Tradução, Diferentes Leituras - Uma Análise a partir dos Paratextos das Diversas Edições sob a Ótica da Linguística de Corpus*. 2022. 407 f. Tese. Doutorado em Estudos da Tradução Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11447786>. Acesso em: out. 2022.

NEVES, Rita Ciotta. Da Tradução Italiana de Quarto de Despejo. *Coletivo Leitor* [Site]. 12 de ago. 2020. Disponível em: <<https://www.coletivoleitor.com.br/da-traducao-italiana-de-quarto-de-despejo/>>. Acesso em: dez. 2022.

NIGER: publicação a serviço da coletividade negra, ano 1, n. 3, set. 1960. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845159&pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=41>>. Acesso em: dez. 2022.

OGONEK Digital Archive. 2023. Disponível em: <<https://www.eastview.com/resources/gpa/ogonek/>>. Acesso em: jan. 2023.

OS PRIMEIROS 20 anos de Sua Vida Carolina Revelará (Honestamente). *Última Hora (RJ)*, a. XII, n. 1.001, p. 10, nov. 1962. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22Carolina%20Maria%22&pagfis=79626>>. Acesso em: jan. 2022.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: história, teorias e métodos*. São Paulo, SP: Parábola, 2011.

PACHECO, Matos. Carolina Maria, Poetisa Negra do Canindé. *Última Hora*. São Paulo, n. p., 27 de maio de 1952. Fac-símile. Acervo Público do Estado de São Paulo.

PENTEADO, Regina. Carolina: vítima ou louca? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 31, dez. 1976. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6051&keyword=Carolina%2CJesus&anchor=4269735&origem=busca&originURL=&pd=5d1ad3e63b8a85a71804652b6ab9a72f>>. Acesso em jun. 2021.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *Traços de Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de "Quarto de despejo"*. 2000. 285 f. Tese. Doutorado em Estudos Literários Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE/UFMG e Biblioteca Universitária da UFMG.

PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia: a construção da autoimagem do Grupo Folha (1978/2004)*. 2008. 132 f. Dissertação de Mestrado. PUC-SP. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/13081/1/Elaine%20Muniz%20Pires.pdf>>. Acesso em: fev. 2022.

PISA, Clélia. Depoimento. *Travessia*. n. 14, p. 174-177, 1987. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/17516/16095/54002>>. Acesso em: set. 2021.

POESIAS, Fogões e panelas... *A Noite*. Rio de Janeiro, 9 jan. 1942, p. 5, a. XXXI, n. 10.745. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&Pesq=%22carolina%20de%20Jesus%22&pagfis=12978>. Acesso em: jan. 2022.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

PONTES, Renata Thiago. *Opressão, resistência e ativismo: o desafio da tradução de textos afro-descendentes em Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus, Lucy de Jamaica Kincaid e Passing de Nella Larsen*. 2015. 179 f. Tese. Doutorado em Letras Instituição de Ensino: Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Educação e Humanidades.

PREÂMBULO... In: JESUS, Carolina Maria de. *Meu Estranho Diário*. MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. (Orgs). São Paulo: Xamã, 1996.

PREFACE. In: JESUS, Carolina Maria de. *I'm Going to Have a Little House: the second diary of Carolina Maria de Jesus*. Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine (Trad.). Lincoln, USA: University of Nebraska Press (Bison Books), 1997.

PUERTA, Dona Maria. Eu vivi com Carolina seu drama. IN: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

QUINTAIS, Roberto. Escritôra Negra Vai Ter Livro Traduzido Para Dezessete Línguas. *O Jornal*. [S. l.], a. XXXIX, n. 12339, p. 1, 27 de novembro de 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_06&pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=9231>.

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Trad. Patrícia Ravelle. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

RICOSTI, Neide. Carolina de Jesus. *Manchete*. Rio de Janeiro, a. 20, n. 1096, p. 36-37, abr. 1973. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=Carolina%20Maria%20de%20Jesus&pagfis=132553>>. Acesso em: dez. 2021.

- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SAINT-CLAIR, David. BRAZIL: Life in the Garbage Room. *Time*. Nova York, p. 43, set. 1960. Disponível em: <<https://content.time.com/time/subscriber/printout/0,8816,897607,00.html>>. Acesso em: jan. 2023.
- SAINT-CLAIR, David. Translator's Preface. [1962]. In: JESUS, Carolina Maria de. *Child Of the Dark – The diary of Carolina Maria de Jesus*. Trad. David St. Clair. Nova York: Signet Classics, 2003.
- SALAZAR PROIBIU “Quarto de Despejo. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, n. 10020, p. 11, fev. 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq=%22carolina%20maria%22&pagfis=4694>. Acesso em: jan. 2023.
- SANTOS e Ícones Católicos. *A História de São Benedito*. 2021. [Site]. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-benedito/129/102/>>. Acesso em: dez. 2021.
- SAPIRO, G. *Sciences humaines en traduction: les livres français aux Etats-Unis, au Royaume Uni et en Argentina*. [Rapport de recherche] Institut français; Centre européen de sociologie et de science politique (CESSP), 2014. Disponível em: <<https://shs.hal.science/halshs-01621157>>. Acesso em: mar. 2023.
- SAPIRO, G. *Translatio*. Le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation, Paris: CNRS, 2008.
- SAPIRO, G. Les professions intellectuelles entre l'État, l'entrepreneuriat et l'industrie. *Le Mouvement social*, n. 214, p. 3-18, jan.-mar. 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/249914038_Les_professions_intellectuelles_entre_l'Etat_l'entrepreneuriat_et_l'industrie>. Acesso em: mar. 2023.
- SILVA, Ana Cláudia Suriani da; ULIANA, Elton; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Demystifying the Stigma in the Writings of Carolina Maria de Jesus: Translation strategies in translating “Favela”. *Linguagem & Ensino*, Pelotas. v. 25, n. 1, p. 9 - 29, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/22209>>. Acesso em: nov. 2022.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, SP: UNESP, 1992.
- SOARES, Poliana; KUNZ, Marinês Andrea. Enunciação e tradução em Quarto de despejo: diário de uma favelada e Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus. *Revista Letras Raras*, [S. l.], v. 10, n. 4, p. Port. 155-180/Eng. 156-179, dez. 2021. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/2239>>. Acesso em: nov. 2022.
- SOUSA, Germana Henriques Pereira de. A tradução francesa da linguagem compósita de Carolina Maria de Jesus. *Cadernos de Tradução*. v. 2 n. 28, p. 121-139, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v2n28p121/20386>>. Acesso em: ago. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. 1a reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SZULC, Tad. Out of the Garbage Dump and Back Into the Human Race. *The New York Times*. 23 de setembro 1962. [Acervo Biblioteca de Miami digitalizado].

TEMAS Internacionais. *Tribuna da Imprensa, RJ*. n. 5681, p. 9, set. 1968. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq=%22carolina%20maria%22&pagfis=37532>. Acesso em: dez. 2022.

TERRA, Ernani. *Curso Prático de Gramática*. 7 ed. São Paulo: Editora Scipione, 2017.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

VALIM DE MELO, Cimara. Mapping Brazilian Literature Translated into English. *Modern Languages Open*, 2017, n. p. Disponível em: <<https://www.modernlanguagesopen.org/articles/10.3828/mlo.v0i0.124/#>>. Acesso em: jan. 2021.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. [Recurso digital].

VENUTI, Lawrence. *The Scandals of Translation: towards an ethics of difference*. London/New York: Routledge. 1998.

VIVEK, V. सरिता पदकी यांचे निधन (Sarita Padki faleceu). *लोकसत्ता - Loksatta*. 5 de janeiro de 2015. [Site]. Disponível em: <<https://www.loksatta.com/pune/sarita-padki-poet-marathi-1058153/>>. Acesso em: dez. 2022.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual - O Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. In.: SCHWARZ, Roberto (org.). Os pobres na literatura brasileira. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

WAGNER, Roy, *A invenção da Cultura*. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2012.

WIKIPÉDIA. *Worldcat*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/WorldCat>>. Acesso em: dez. 2022.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo, SP: Ática, 1989.

ANEXO B – REPORTAGENS SOBRE O LIVRO DE MEMÓRIAS

**os Primeiros 20 Anos de Sua Vida
Carolina Revelará (Honestamente)**

Pretendendo reeditar o sucesso e repercussão de "Quarto de Despejo", Carolina Maria de Jesus tem pronto um novo livro. Seus originais deverão ser entregues na próxima semana ao editor, a Francisco Alves, e reúnem recordações da escritora-lavelada desde sua infância, passada em Sacramento, cidadezinha de Minas Gerais, onde nasceu. A seu convite, a jornalista finlandesa, Eva Vastari, correspondente do "Social Democrata", da Finlândia, em nosso país, esteve cerca de um mês hospedada na residência de Carolina e, ontem, concluiu o trabalho de datilografar as notas tomadas em vários cadernos.

"Reminiscências"

A autobiografia da escritora negra denominar-se-á "Reminiscências" e deverá conter 250 páginas. Seu epílogo dá-se em São Paulo, onde ela chegou aos 20 anos como empregada doméstica de D. Romélia, que fora residir na Rua Almirante Brasil. Aliás, uma má empregada, como frisou Carolina ao descrever algumas passagens da sua obra, pretendendo encontrar sua ex-patroa para pedir-lhe desculpas. Seu relato, que diz ser dos mais honestos, começa aos 4 anos e, portanto, desfila 16 anos de sua vida, desde quando era chamada "nega assanhada", sem esquecer as "gafeiras" e sua admiração por ver os pretos caminharem 4 quilômetros para dançar.

Releva à reportagem seu desejo de que a jovem e simpática jornalista Eva Vastari escrevesse o prefácio, o que depende do editor. E justifica esse desejo por julgá-la entusiasta dos seus escritos porque os considera de profunda objetividade na descrição do mundo dos humildes. Eva contou à reportagem que manteve absoluta fidelidade aos originais de Carolina, não modificando sequer a acentuação. Sua grande admiração pelo Brasil e seu povo talvez tenha determinado sua aproximação a Carolina. Há cinco anos entre nós também pretende escrever um livro para contar aos finlandeses "tão carentes de informações sobre nós", o que é "este grande e belíssimo país". Para isso vem reunindo observações durante estes anos em que tem viajado desde o Norte até o Sul. Endossando opinião do editor, Eva antevê para "Reminiscências" um sucesso ainda maior do que "Quarto de Despejo" e o considera melhor do que este.

OS PRIMEIROS 20 anos de Sua Vida Carolina Revelará (Honestamente). *Última Hora (RJ)*, a. XII, n. 1.001, p. 10, nov. 1962. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22Carolina%20Maria%22&pagfis=79626>>. Acesso em: jan. 2022.

LIVROS
**As memórias
de Carolina**

1 Carolina Maria de Jesus está com novo livro pronto: **Reminiscências**. Cerca de 250 páginas de autobiografia, abrangendo os primeiros vinte anos de sua vida: a infância na cidadezinha de Sacramento; as gafeiras da adolescência; o primeiro emprego; a mudança para São Paulo, etc. **A**

Editôra Francisco Alves acredita que Carolina, com as suas Reminiscências, obterá êxito equivalente ao que alcançou com Quarto de Despêjo.

AS MEMÓRIAS de Carolina. *A Tribuna da Imprensa*. Revista da Tribuna. Rio de Janeiro. a. XIII, n. 2.900, p. 5, 17-18 nov. 1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq=%22carolina%20maria%22&pagfis=11496>. Acesso em: jan. 2022.

ANEXO E – SEGUNDA REPORTAGEM E PUBLICAÇÃO DE CAROLINA MARIA DE JESUS – 1942

POESIA, FOGÕES E PANEIAS...

Queimou a feijoada por causa de um verso — Com a cabeça cheia de borboletas! — Tem o "vício da poesia" — Um a palestra pitoresca com o "poetisa negra"



— Carolina Maria, poetisa negra. Com este cartão de visita verbal apresentou-se em nossa redação a estranha criatura com quem os leitores vão trocar conhecimento através desta reportagem.

Alta, esguia, cor de pêscoço, mostrava ao sorrir uma fila de dentes sólidos e alvos. Os olhos de Carolina Maria têm o brilho singular e sintomático das pessoas de espírito inquieto e presencioso.

Pondoo-nos à sua disposição para auxiliá-la, a visitante desencadeou a palestra, falando com desembaraço e fluência:

— Sou uma infeliz! exclama. — Por quê? perguntamos. — Eu lhe conto a tragédia de minha vida. Tenho o vício da poesia... A isso devo toda a minha desdita. A poesia, senhor, é todo o meu sonho e todo o meu tormento.

— Bonito! — Acha bonito? O que? — E sem esperar a resposta que lhe dava, continuou:

— Tenho sofrido tanto só por amor à Musa, que me persegue e me inspira como uma obsessão inercial. Tudo tenho feito para torcer a linha do meu destino e esquecer a tortura dos versos que brotam do meu pensamento e eu não tenho outro remédio senão dar-lhes expansão. Está aqui o fruto das minhas idéias!

E desembalhando do papel um album horato exibiu o manuscrito. Lemos algumas páginas, a esmo. Letra firme, masculina, e os versos, alguns, a nossem parecer de fôlego, afiguraram-se nos folículos.

Precisamos acalmar a agitação da poetisa negra, que em voz trêmula o seu olhar interrogativo.

Disse que vinha à redação de um jornal que conhecia há muito e apreciava. Era amigo de juvenalidades e entre eles se sentia bem, pois de certo modo os considerava "colégas".

O "pedigrêe" da poetisa

Era interessante pesquisar os antecedentes genealógicos da estrota, e eis nos diz, sem reboar:

— Sou de condição humilde. Nasci em Sacramento, Minas Gerais. Não conheci meu pai e fiquei órfã aos 11 anos e hoje tenho 27 primaveras. Cursel uma escola primária, apenas, e não contel ai meus estudos.

Desde pequenina sentel em minha coléga um bando de idéias "românticas borboletas" a esvoaçar e a pedir que eu as libertasse desse "vício" das idéias.

Um dia arrumei minhas roupas num baú e fui para Franca, em São Paulo. Lá desembarguei com

o baú e as "borboletas na cabeça". Trabalhei, sonhei e sofri.

Depois fui para a Paulicéia, já com 25 anos e a mesma tortura da poesia. Tive horas de alegria; fiz versos e os vi publicados nos jornais paulistas. Sentel a sensação da glória, vendo as minhas produções estampadas em letras de forma.

Uns me animavam; outros me desanimavam — diz Carolina Maria. Minha cor, certamente, concorria para que eu não pudesse realizar as minhas aspirações. Revoluções, que não sei muito, muito, o português, mas duvidei que haja por aí pessoa mais bem inspirada do que eu.

E para dar vazão ao seu recalcado racial, a poetisa negra abre de novo o seu manuscrito e lê este verso intitulado "Negros": Negros tem todos defeitos; Sofrem sempre humilhação; Se reclamam seus direitos; Nunca os negros tem razão.

Os negros não tem defeito; Tem qualidade e valor. (O Judas não era preto E vendeu Nosso Senhor)

A poesia é incompatível com as panelas

Conta-nos Carolina Maria a razão de sua vinda ao Rio. — Quis conhecer a "Cidade Maravilhosa", centro de maior cultura e campo amplo para quem tem aspirações como eu.

— Ah! meu bem! — exclama ela. Quando desiluído me espantava aqui.

Para viver honestamente tive de me empregar. Não sei se já lhe disse que sou boa cozinheira? Pois é. Fui para uma cozinha aqui no Rio, quis ver se fazia bons quitutes, assim como faço bons versos, mas nesta profissão a inspiração falhou miseravelmente!

Entre o fogão e as panelas, só o diabo da poesia me tentava. Certo dia, enquanto escrevia um poema, a panela do feijão queimou e a patroa me mandou embora...

Arranjei outro emprego, mas eu esqueci tudo para fazer um verso que me vinha à cabeça e acabei sendo outra vez despedida!

Por isso eu disse ao senhor que a poesia e a minha desgraça. Por causa dela eu ando ao léu, pensando e ruminando versos.

Isso é uma perseguição ou não? Diga?

E para afugentar a sua própria anarquia, Carolina Maria, declara esta "súplica da poetisa":

Minha vida é indolosa, Sem amor, sem alegria; Quisera eu ser como a rosa; Nascer e morrer sem só dia.

grandes inventos, atlas nem interessantes e curiosos. Porém o Sr. Gollnarde, cavalheiro ilustre que trajava um elegantíssimo terno de tropical worsetex que a nobreza uruguaiana nosenta e cinosa está vendendo a vinte e oito mil réis o metro, afirmou que inventou um papagalho modelo pipa, que atinge a 28 mil metros de altura, empregando um baricane especial. Sem dúvida com esta descoberta, foi batido mais um record de altura.

SANAGRYPPE

Para influenza e constipações

RIO COMPRIDO Prédio à rua Campos da Paz n. 45

PALLADIO venderá em leilão dia 14 de Janeiro de 1942, às 16 horas, em frente ao prédio, que póde ser visto de 13 às 15 horas.

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris

Doenças sexuais do homem

MINHA DO ROSARIO, 172. Das 1 às 7

Mas não é crime se amar. Nem crime se querer bem; Eu vivo sempre a esperar Por um amor que não vem...

Quisa este meu coração Como uma flor sob a brisa; Eu vivo a buscar em vão Quem compreenda a poetaisa.

Minha Santa Aparecida, filha a quem de ti preciso; Torna feliz minha vida, Tem dó da pobre poetaisa.

De onde vem a inspiração

— Não sei! afirma a poetaisa. Faço meus versos sem saber porque, obedecendo a uma força estranha e, às vezes, sem saber, também, a significação das palavras que emprego.

Já me disseram — continua — que sou um fenômeno espirita, mas não pode ser porque eu sou católica. Como se explicar isso?

Gosto, também, de improvisar. Há pouco, visitando um jornal pediram-lhe para dizer uns versos de improviso. Como sou uma grande admiradora do presidente Getúlio Vargas, tirei da minha cabeça estas quadrinhas:

Orgulho de nossa gente, É a opinião brasileira Que temos um presidente Que honra a nossa Bandeira.

Getúlio, heróico e valente É a grande alma nacional; Devia ser presidente Desde o tempo de Cabral!

— Gostou? Eu sou patriota e amo o nosso Brasil!

"Minha terra é calvinista, Nosso céu é cor de anil; E a poetaisa, a todo instante, Se orgulha do seu Brasil".

Folheando o album da "poetisa negra" encontramos poemas de exaltação ao Brasil e à sua gente. São bons? São maus? Não importa. São sinceros e espontâneos.

Quer enriquecer o vocabulário

Carolina Maria confessou-nos que tem vontade louca de publicar o seu livro de poesia. Já escolheu até o título: "Ghies".

— Que significa isso? — indagamos. — Não sei, responde ela ingenuamente. Achei bonito a palavra, mas não encontro no dicionário. Mas isso não tem importância; será mais uma contribuição minha à riqueza do nosso vocabulário.

Mas, afinal

A palestra já ia longe, quando a "poetisa negra", fechando o seu album mudou de assunto.

— Mas, afinal, ninguém vive de alimento de poesia, não é? Assim sendo, eu quero arranjar um "botante" como dizem os cariocas, mas longe dos fogões e das panelas, entre os quais a poesia não se dá bem.

Que? — continua — um emprego, por exemplo, numa casa editora, onde eu pudesse escrever, escrever e só escrever... Compreendeu?

Tenho de desatarragar a cabeça de toda esta inspiração que me atormenta dia e noite. Já sei que as patroas não gostam de cozinheira que saiba fazer versos, como eu. Talvez haja nisso um pouco de inveja... É o que eu preciso agora aqui na Cidade Maravilhosa, concibe a "poetisa negra", estendendo-nos a mão numa despedida cordial. Será o Benedito!

POESIAS, Fogões e Panelas...

A Noite. Rio de Janeiro, 9 jan. 1942, p. 5, a. XXXI, n. 10.745.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&Pesq=%22carolina%20de%20jesus%22&pagfi s=12978>. Acesso em: jan. 2022.

ANEXO F – REPORTAGENS A PARTIR DE 1950 A 1955 – PUBLICAÇÃO DE POEMAS

O DEFENSOR
17 06 50

Getulio será Presidente

Pela redação a dentro, não houve espontâneo e sincero, chegou a nós nos a sra. Carolina Maria, inspirada de dentro, com as colunas e ilustrações espidas por dentro, que veio trazer um testemunho de arrebatado, admirável homenagem pelo falecido estadista Getulio Vargas. Em poucos momentos escreveu o artigo abaixo e alguns versos que transcrevemos.

"Nobre povo brasileiro, para eliminarmos a prepotência dos políticos sem noção devemos unirnos e votar incondicionalmente no Ilustre nobre senador Getulio Dornelas Vargas. Presenciamos de perto de seu tempo, a organização individual e toda direção política para dirigir o futuro de nosso país tão sacrificado pela incompetência dos políticos irresponsáveis. O nosso Brasil está necessitando de um homem para dirigi-lo e não para delatá-lo e continuar a fazer os galangamentos que dia a dia aumentam as dívidas e os rendos de primeira mão e a miséria de milhares de famílias. O Brasil é um país rico e fecundo, mas de produzir de tudo, não possui nenhuma oportunidade de melhoria de nível de vida. A situação atual é desoladora e a vida atual é um pesadelo e recordar com saudade os

anos cívicos presidenciais. Assim pelos últimos anos de governo do Ilustre Getulio Vargas, quando ainda existiam com um abundante e poliglota mas em conta apesar da guerra. Hoje, vivemos apertados ou espremidos no toralço dos tubarões. Os filhos dos operários não tem infância, não tem brinquedos, não tem distrações e tão logo terminem o curso primário são obrigados a trabalhar nas fabricas, onde muito cedo perdem os sonhos tão próprios da poeira. Muitos se esforçam para estudar, mas desanimam e interrompem os estudos quando sentem a pobreza e embaraçada situação, seja pela dificuldade financeira com que lutam, seja pelo grande esforço físico dispendido. O estudante não tem propósito, não tem desentos nos livros didáticos, as aulas esboçadas aumoharam extorcionamente. Se precise lutar por seu país foram sobre que estudar, auxiliando-o, pois precisamos de homens cultos e experientados no porvir que garantam um futuro melhor para nossa terra. Essas razões e inumeros outros problemas é que nos impellem a almejar um governo democratico, lúbuo da essência da alma nacional, que realice apenas o bem estar da coletividade, não oprimindo o seu já tão martirizado povo. O Brasil sem o Presidente Vargas enriqueceu-se ao extremo. O Presidente Vargas não fez nada de mais, depoliado, toda a sua vida foi o decreto do Presidente Dutra que favoreceu aos pobres? — O aumento da carne, do café, do pão, dos viveres, dos alugueis de casa etc. Até agora ele só tem assinado decretos oprimindo o povo em favor dos tubarões. Não devemos e nem podemos votar nessas politicas incoerentes. Devemos usar nossos votos ao grande e inesquecível Getulio Vargas, o maior dos brasileiros, a quem já conhecemos e em quem o Brasil muito confia. Ele pertence ao núcleo dos inteligentes e observadores que medem suas palavras e não enganamos os que lhe depositam confiança. Nos os humildes, pobres operários de cor, ficamos imensamente satisfeitos com a candidatura do eminente estadista a quem tanto devemos. Si Deus quiser, ELE VOLTARÁ".

Endor Vargas, os seguintes versinhos:

É o Brasil que eu penso
É o Brasil Brasileiro
Esperamos um presidente
Que honre a nossa bandeira

Getulio heróico e potente
Grande alma nacional.
Devia ser presidente
Desde os tempos de Cabral.

O Getulio é competente
Para guiar a nação
Foi um grande presidente
Deixou um boa impressão.

Nas minhas orações peço
Ao bom Deus justo e Clemente
Para ter breve regresso
O Getulio à Presidência.

Carolina Maria

Reações Getulistas

Das nossas que estão com H. Borja. Afirmado seja o mesmo nome, venha a tua e nosso governo, seja feita a vossa vontade tanto no Caleté como no Brasil. A vossa candidatura nos dá agora perdão as nossas distrações assim como nos perdamos aos intralços que trapoçeira e coverdeamente vos tiraram do Caleté. Não nos deixei cair em novas ciladas, mas Hyrr-vos e a nos também dos seus políticos.

Assim seja.

Ave Getulio, chefe de patriotismo, o povo é convosco, bendito aos vus entre os marinheiros e bendito será o fruto do vosso governo. Filho dos pobres e pai dos pobres, oita par nos trabalhadores, agora e em hora

GETULIO será presidente. *O Defensor*, S.I., 17 de junho de 1950. Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/_files/ugd/92f547_53dca8cb46c84ad1b776d8a6fe7fb999.pdf>. Acesso em: nov. 2021.

Mora na casa 9 da favela: cata papéis e faz versos

CAROLINA MARIA, Poetisa Negra DO CANINDÉ

CAROLINA MARIA, com os filhos do Canindé, em sua casa, na favela, onde mora e faz poesia.



Descobriu sua inclinação para a literatura quando se transferiu para a metrópole - Amor, humorismo, problemas sociais e política, as preocupações da poetisa - Seu sonho: escrever para o rádio - Machado de Assis, Lobato e Euclides da Cunha os autores prediletos - Reportagem de MATOS PACHECO Fotos de NORBERTO ESTEVES

Humbilde, com um ar cansado, Carolina Maria, carregando os dois filhos no colo - João José e José Carlos - entrou até a redação e perguntou pelo reporter. Com simplicidade, ate muito humilde, ela entregou dois livros, duas cadernetas, com todas as folhas escritas com uma tinta de um azul bem claro, com letra redonda, bem desenhada.

"São meus. Gostaria de saber uma opinião. Se vale a pena continuar escrevendo". Carolina Maria, mãe de dois filhos, pobre, moradora na "favela" do Canindé, cadeteira de papel, que tem sofrido muito, que tem tido uma existência de luta e sacrifício, que sempre padeceu e trabalhou, apesar de tudo acredita na poesia. E escreve. Faz versos.

"De manhã, acordo cedo, deixo os pequenos em casa e saio para fazer um biscoito, calar papel na rua. Algumas vezes lá vou roupa. Volto ao meio dia para minha casinha de madeira, que eu mesmo ajudei a construir, num terreno na beira do Tietê que o prefeito não deu. Fui a convidada dos pequenos. Depois... escrevo. Gosto bastante de ouvir rádio. Lento também, um pouco, só livros emprestados. Tudo custa tão caro. Mas o que eu gosto mesmo é de escrever. Fico noiva e lavas, entretida, escrevendo dramas ou poesia".

DOIS REPORTERES NUM "CIELO" Carolina Maria deixou os filhos na redação, com os dois pequenos. Ficamos de aparecer lá pela sua casa para conversarmos melhor. E já lá fomos, num "jeep" de ÚLTIMA HORA, buscamos para o Canindé a poetisa em sua favela do Canindé. Lá a entrada do caminho do S. Paulo, encontramos a rua. E no fim dela, numa casinha tortuosa, à beira do rio, a favela. Onde mora dona Carolina? — perguntamos.

E nos indicaram uma casinha, de madeira, frágil, parecendo feita de tábua de calado. Carolina humilde pede licença a poetisa Carolina Maria, uma pobre mulher que em meio de tanto trabalho, de tanta luta, ainda encontra tempo de fazer versos.

INDICAÇÃO: CASA NOVA A poetisa mora na favela de mesmo nome, ali a porta. É uma casa pequena, de um único cômodo. Poderia, a sala, o quarto, a cozinha, tudo se confundir num único espaço. Numa casa de casal, dividida em dois filhos. O mais novo, acredita com o barulho. Chora.

Não há cadeira. Mas Carolina não nos aponta para um canto. Serve. Sentamos. Ela relata um dia de sua vida. Contamos o que nos aconteceu. Ela nos conta o que ela fez para dar uma entrevista. "Pobre e negro não foi feita para dar entrevistas...".

O RÁDIO, SEU SONHO Depois, num desabafo, nos contou sempre foi pobre, mas sempre procurou estudar. O meio sempre foi pobre. Ela nos contou de seus estudos. Contamos de seus estudos. Contamos de seus estudos. Contamos de seus estudos.

CAROLINA CONTRA SI "Você quer saber sobre minha vida? Pois eu tenho tudo escrito. Nunca esqueço de levar o meu caderno autógrafo. Veja o meu caderno. É um livro, uma velha cadeteira. O reporter foi solheando, anotando, e sempre com interesse de quem ouve. Curioso quanto à vida de quem escreve. Era fascinada com o que ela escrevia. Ela nos contou de sua vida. Ela nos contou de sua vida. Ela nos contou de sua vida.

"A CARTA" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.



NA FAVELA, na casa 9, bem próximo ao Tietê, mora Carolina Maria, seus filhos, e a poesia

"OLHOS E O VALENDEIRO" Dia e noite, eu escrevo. Eu escrevo a poesia. Eu escrevo a poesia. Eu escrevo a poesia. Eu escrevo a poesia.

"OLHOS E O VALENDEIRO" Dia e noite, eu escrevo. Eu escrevo a poesia. Eu escrevo a poesia. Eu escrevo a poesia. Eu escrevo a poesia.

"OLHOS E O VALENDEIRO" Dia e noite, eu escrevo. Eu escrevo a poesia. Eu escrevo a poesia. Eu escrevo a poesia. Eu escrevo a poesia.

"RISO DE PORTA" Pura, pura, por que chorar? Que triste melancolia! E que melancolia triste! O repórter de aluzia. Este sorriso que eu não tinha nunca. Nunca, nunca, nunca.

"RISO DE PORTA" Pura, pura, por que chorar? Que triste melancolia! E que melancolia triste! O repórter de aluzia. Este sorriso que eu não tinha nunca. Nunca, nunca, nunca.

"RISO DE PORTA" Pura, pura, por que chorar? Que triste melancolia! E que melancolia triste! O repórter de aluzia. Este sorriso que eu não tinha nunca. Nunca, nunca, nunca.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

JOÃO JOSÉ E JOSÉ CARLOS, os filhos de Carolina Maria. Ela tem grandes planos para os dois

"PENSAMENTO DE PORTA" Escava-se a vagueira que que existe anjo. E não mais que anjo. E não mais que anjo. E não mais que anjo.

"PENSAMENTO DE PORTA" Escava-se a vagueira que que existe anjo. E não mais que anjo. E não mais que anjo. E não mais que anjo.

"PENSAMENTO DE PORTA" Escava-se a vagueira que que existe anjo. E não mais que anjo. E não mais que anjo. E não mais que anjo.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

"O RÁDIO, SEU SONHO" Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão. Ela estava assim sentada e refletida. A sombra de um anjo. Uma carta em sua mão.

CRIMES QUE O BR O CRIME I Reportagem retr Josmar Morei Ilustração de

PACHECO, Matos. Carolina Maria, Poetisa Negra do Canindé. Última Hora. São Paulo, n. p., 27 de maio de 1952. Fac-símile. Acervo Público do Estado de São Paulo.

ANEXO G – REPORTAGEM TIME, DE DAVID SAINT-CLAIR

...the black bands for police-violence victims turned out to demonstrate. They found cops waiting, shouted, "Killers!" Police opened fire. A 19-year-old university law student and two other demonstrators fell dying. That night the knifed corpse of a cop was found with the word *Revenge* painted across the chest.

Although Salvadoran supporters of Cuba's Fidel Castro were feeding the ferment, Lemus did not have to look beyond his borders for its cause. El Salvador, Latin America's tiniest country, has its second densest population (305 per sq. mi.). The average agricultural wage is 60¢ a day, and 20,000 are unemployed in the capital alone. As much as any other country in the hemisphere, El Salvador is in need of the social reforms proposed by the U.S. to the inter-American development conference in Bogotá a fortnight ago.



Manchete
CAROLINA MARIA DE JESUS
Rats in the wrapper, cats at the cage.

BRAZIL Life in the Garbage Room

Carolina Maria de Jesus, a tall Negro woman with three illegitimate children, each by a different man, lived in a teeming *favela* (slum) in São Paulo. At dawn she queued up for water at a public spigot, an empty oil can on her head. To buy bread and rice, she scavenged scrap paper, selling it to a junkman and getting as much as 30¢ "on good days." But Carolina's nights, in recent years, were quite untainted by the brawling and raw sex that surrounded her. By kerosene lamp in her 4-ft. by 12-ft. shack, she wrote down the vivid details of slum life, filling 26 notebooks gleaned from trash piles. To her neighbors, this seemed putting on airs. While Carolina was out tramping streets, one slattern would regularly empty her chamber pot into Carolina's window.

One day 2½ years ago, when a play-

ground was being inaugurated, *favela* adults chased children off the new teeter-totters and seasawed up and down themselves. "This is the kind of animal I have to live with," Carolina whispered bitterly to a friend. "I'll put them in my diary so they will not be forgotten." Audálio Dantas, a reporter for *Folhas de São Paulo*, who was covering the inauguration, overheard, asked: "What diary?"

Last week Carolina's diaries, compiled by Reporter Dantas into a 182-page book called *Quarto de Despejo* (*Garbage Room*), her epithet for the *favela*, broke over Brazil as its biggest literary bombshell. The first 10,000 copies were sold in a week—a record. Rolling off presses were 20,000 more, and a 50,000-copy* third edition is planned. Carolina appeared on TV. Earning \$60 a day in royalties, she no longer hunts streets for paper.

Fetid Mysteries. To middle-class residents of Rio and São Paulo, the fetid *favelas* are cities apart, mysteriously alive but best not entered. In her book, Carolina tells them what life there is like. She recalls that for her daughter Vera Eunice's birthday, she dug a pair of shoes out of the garbage. "I washed them and gave them to her." Of the death of a two-month-old boy in the *favela*, Carolina notes: "If he had lived he would have gone hungry." She says, "How horrible it is to see your children eat and then ask, 'Is there more?'"

To Carolina, President Juscelino Kubitschek is a "wise man living in a golden cage." She warns, "Be careful, wise man. We of the *favelas* are the cats. And we are hungry." One time a *favela* woman knocked on a rich woman's door, Carolina recalls. "The *senhora* of the house told her to wait. Soon she returned with a wrapped package." The beggar woman carried the bundle back to her hovel and eagerly opened it. Inside were two dead rats.

Unashamed at her own unwed state (she lost seven jobs as a maid because she "used to slip out of the house at night and make love"), Carolina is scornful of men. "Today is Father's Day," she wrote. "What a ridiculous day!"

"You Black Whore!" Upon the success of her book Carolina moved out of the *favela*. Ordering a truck, she loaded up her children, table, two cots, mattresses, bookshelf and six cooking pots. Neighbors surrounded the truck. A man yelled, "You think you are high-class now, you black whore! You write about us and make lots of money, and then leave without sharing it." A drunken woman hurled a rock that gashed one of Carolina's two sons. Rocks struck Daughter Vera Eunice. As curses and the hail of stones grew, Carolina pounded on the hood, leaped aboard, and the driver roared through the mob. The *favela*-dwellers gave chase, brandishing clubs and rotten vegetables until the truck neared a police station. Then they fell away, and headed home.

* These 80,000 copies equalled the 80,000 copies of U.S. bestseller *Lolita* printed in its first month two years ago.



WALK RIGHT INTO
Comfort



The ESQUIRE
Silk Label Series.
Model 124.
Hi-Riser Slip-On
in Black or Brown
Imported Calfskin.

HERE'S
THE
SECRET!



In Porto-Peds, you walk and stand on an air-cushion carpet of soft sponge rubber.

Porto-Ped

Air Cushion Shoes

It's a walkaway, again this season, for PORTO-PED shoes! With every air-cushioned step, you'll find that they *feel* better than any shoes you've ever worn. With fine leathers, new colors, and brisk, manly design, they're styled to *look* better than any you've ever seen. Check on it, soon, at your nearest PORTO-PED Dealer, or write us for his name. From \$15.95 to \$23.95.

PORTAGE SHOE MFG. CO., Milwaukee 1, Wis.
A Division of Weyenberg Shoe Mfg. Co.

TIME, SEPTEMBER 26, 1960

43

SAINT-CLAIR, David. BRAZIL: Life in the Garbage Room. *Time*. Nova York, p. 43, set. 1960. Disponível em: <<https://content.time.com/time/subscriber/printout/0,8816,897607,00.html>>. Acesso em: jan. 2023.

ANEXO H – CAROLINA DE JESUS PROCESSARÁ “TIMES”

SÃO PAULO, 24 (UH) — “Vou processar o jornalista do “Time”, David St. Clair, pelos disparates que escreveu em sua reportagem para os americanos”, disse Carolina Maria de Jesus, famosa autora de “Quarto de Despejo”, em carta dirigida a UH. Acrescenta ainda que o referido reporter é “pretencioso, prepotente e pernóstico” e que as pessoas que leram seu artigo e a conhecem ficaram horrorizadas porque o texto não condiz com seu caráter. “Os norte-americanos estão habituados a ferir a sensibilidade dos pretos”, comenta.

Não Prova

Em sua carta, escrita a mão, em três laudas, diz Carolina textualmente: “Lendo a reportagem que o jornalista dos Estados Unidos fez para mim, fiquei horrorizada com os disparates que ele escreveu. Ele disse que eu tive mais de 30 empregos e que eu não parava nos empregos porque saía à noite para dormir com os homens. Ele mentiu e não pode provar o que escreveu”. Diz então que saía à noite para ir as redações de jornais principalmente no “O Dia”, onde bons amigos como Chico Sá lhe ensinavam o português. Saía muito também para ir aos teatros, pois gosto do drama”.

Não Admite

— “O que não admito é que um jornalista estrangeiro venha me atacar e diminuir, visando minha moral — continua. — É sabido que os norte-americanos não gostam das pretas e quando escrevem sobre elas é para diminuí-las”.

Conta seu encontro com David St. Clair, que esteve na favela, almoçou com ela, indo depois até sua nova residência, em Osasco, onde teve em mãos todos seus originais. E acrescenta a autora de “Quarto de Despejo”:

— “Ele me disse que ia para os E.E.U.U. ver sua mãe e que quando voltasse, se eu tivesse novo livro com sucesso maior, me levaria para lá também. Pretendo recusar este convite, porque não gosto dos norte-americanos. Acho-os desumanos demais”. Carolina está tratando de arranjar advogado que leve sua causa para a frente.

CAROLINA DE JESUS PROCESSARÁ “TIMES”

CAROLINA PROCESSARÁ “TIMES”. Rio de Janeiro, *Última Hora*, out.1960, p. 7.

Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=%22carolina%20maria%20de%20jesus%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=62194>>. Acesso em: dez. 2022.

ANEXO I – CRÍTICA NO THE NEW YORK TIMES

'Out of the Garbage Dump and Back Into the Human Race'

CHILD OF THE DARK: The Diary of Carolina Maria de Jesus. Translated by David St. Clair from the Portuguese, "Quarto de Despejo," illustrated. 190 pp. New York: E. P. Dutton & Co. \$4.50.

By IAD SZULC

THE literal translation of the Portuguese title of this moving and poignant chronicle of misery in a Brazilian city slum is simply "Garbage Dump." And it is precisely the hopeless story of people living amidst garbage, eating garbage and often themselves becoming human garbage that is told in this diary by an articulate and strangely poetic Negro slum dweller, rag-picker and abandoned mother of three children.

It is both an ugly book and a touchingly beautiful book. It is full of the utter despair of children awakening hungry, their parents preferring suicide to another day of filthy existence in the "Garbage Dump" and then suddenly of the exploding savage vitality, hope for a better day and an animal attachment to life. It carries protest, and it carries compassion. There is even bitter humor, as when Carolina wryly notes in

Mr. Szulc, who served for many years as a Times correspondent in South America, is now based in Washington.

her diary: "August 10, Father's Day. What a ridiculous day!" In a passage describing an evening in her hillside world of slum shacks, she remarks matter-of-factly, "The stars were in the heavens. How disgusting it is to step in mud."

As a fast-paced and sharply observant account of sheer misery, "Child of the Dark" is an immensely disturbing study of what can happen to a segment of the population in one of the world's potentially wealthiest nations. It is also an extraordinary sociological document on the life in the "favelas," the depressing slum towns that grow like mushrooms after a rain, on the hillside of Brazilian cities and on every scrap of available urban land as masses of starved and unemployed peasants pour in from the countryside in search of work and food.

Though the favelas have existed for generations, the rate of their growth has become one of Brazil's principal and most dangerous social problems. Known to visiting tourists as just a remotely picturesque aspect of Brazilian cities, the favelas are social dynamite of incalculable explosive power. In São Paulo, a relatively prosperous industrial city where Carolina's favela is located,

there are no more than 50,000 hillside slum dwellers. But in Rio de Janeiro there are a half-million of them—this speaks for itself.

Thus, when Carolina's diary, first obtained from her by a friendly Brazilian newspaper reporter, was published in Brazil, it immediately became a runaway best seller—perhaps as the response of the Brazilian conscience to its worst human sore. Carolina's own reaction to her sudden fame (she was socially lionized, photographed for newspapers and magazines, interviewed on television and almost reckoned with as a political force) was a fitting postscript to the diary she doggedly kept for five years, writing at night after a day of scurrying for food in garbage heaps. After having been photographed on one occasion, she suggested as a caption under the photo: "Carolina who used to eat from trash cans now eats in restaurants. She has come back into the human race and out of the Garbage Dump."

In her narrative Carolina combines a crisp and simple style with amazing perception and something almost akin to nobility. Telling of a dream, she writes: "I'm so poor. I can't afford to go to a play so God sends me these dreams for my

aching soul. To the God who protects me, I send my thanks." Carolina's waking hours, however, are a story of rising before dawn to fetch water from the village's one spigot, of spending the day in São Paulo's garbage cans in quest of rotten but edible food for her children, of nights of drunken promiscuity, crime and combat among the "favelados." She tells of politicians who discover the hill people only on the eve of elections. One quotation from Carolina's little daughter Vera tells more than pages of social research: "Mama," she implores, "sell me to Dona Juilta, because she has delicious food."

The book has been excellently translated by David St. Clair, an Australian reporter employed in Brazil by a New York news magazine. He has also provided a useful introduction to the serious American reader: one value of the book lies in its vivid and dramatic reminder of why the United States has become engaged in the Alliance for Progress programs to help raise the living standards in Latin America. Even aside from its obvious political and sociological lessons, "Child of the Dark" can stand alone as a rarely matched essay on the meaning and the feeling of hunger, degradation and want.



From "CHILD OF THE DARK," Carolina Maria de Jesus in her shack in the slums of São Paulo, 1960.

ANEXO J – CRÍTICA NO THE TIMES, LONDRES

uched on
; the long
: over dis-
t Britain's
h commit-
Common

ocial man-
onological
-is a little
ents; but,
s are well
it on Sir
: is sharp:
n to wage
o good to
hes of the
could not
them even
in his or

Mackin-
d the nub
which he
e", mean-
Union had

er the war
most effec-
country is
t Moscow
s not want
nines why
ted moves
ch as the
p against
focused
The out-
blockade
ich failed
concludes,
o provoke
y will not

Brazilian Slum

CAROLINA MARIA DE JESUS: *Beyond all Pity*. Translated by David St. Clair. 190pp. Souvenir Press. 21s.

Beyond all Pity comes, neither unheralded nor unsung; it is said to have shocked Brazil, where it was a literary sensation; it has been acclaimed by Alberto Moravia; and after its publication São Paulo Law University decided that the title of "Honorary Member" should be conferred not on M. Sartre but on the author, a negress from the interior with two years of schooling and three illegitimate children (all by different fathers) to her credit. Her book is a day-to-day account of life in a São Paulo favela, or slum, written on scraps of paper and brought to light through the shrewdness of a newspaper reporter whose function, he insists, has been not that of rewrite man but of editor.

It could be argued that in this day and age the author had a flying start in the literary race. Who of the kitchen sink school had half her natural advantages? But this would be both cynical and unkind, for whatever reservations one may have about *Beyond all Pity* its squalor, at least, is not squalor à la mode. The picture which the author paints is a convincing one in which the presence of the Four Horsemen is palpable. The sweat and strain to support even the lowest standard of life; the combing of the garbage, the begging; the queueing at the tap; the lusts and jealousies of the socially submerged; all these she sets down with a peasant simplicity and directness inspiring both horror and compassion.



THE FULL
OF MAU
STATE
EMERG
Fred Ma
Author of C
"One of our fi
writers... a
dry prose and
fact. He paint
and violences
(Kenya) in a v
make them u
able." Jan Col
TELEGRAPH
Illustrated

Fonte: Acervo *The Times* (BRAZILIAN..., 1962, p. 16)

Brazilian Slum

CAROLINA MARIA DE JESUS: *Beyond all Pity*. Translated by David St. Clair. 190pp. Souvenir Press. 21s.

Beyond all Pity comes neither unheralded nor unsung; it is said to have shocked Brazil, where it was a literary sensation; it has been acclaimed by Alberto Moravia; and after its publication São Paulo Law University decided that the title of "Honorary Member" should be conferred not on M. Sartre but on the author, **a negress from the interior with two years of schooling and three illegitimate children (all by different fathers)** to her credit Her book is a day-to-day account of life in a São Paulo favela. or slum. written on scraps of paper and brought to light through the shrewdness of a newspaper reporter whose function. he insists. has been not that of rewrite man but of editor. It could be argued that in this day and age the author had a flying start in the literary race. **Who of the kitchen sink school had half her natural advantages?** But this would be both cynical and unkind, for whatever reservations one may have about *Beyond all Pity* its squalor, at least, is not squalor "à la mode". The picture which the author paints is a convincing one in which the presence of the Four Horsemen is palpable. The sweat and strain to support even the lowest standard of life; the combing of the garbage, the begging; the queueing at the tap; the lusts and jealousies of the socially sub- merged; all these she sets down with a peasant simplicity and directness inspiring both horror and compassion.

BRAZILIAN Slum. *The New York Times*. London, UK, n. 55.514, p. 16, out. 5, 1962. [Arquivo]. Disponível em: <<https://www.thetimes.co.uk>>. Acesso em: jan. 2023.

APÊNDICE A – DIÁRIO DE 1966 – TRADUÇÃO LIVRE

Na época da elaboração da tese, não foi possível acessar os originais, e o texto em língua portuguesa não foi publicado em *Meu Estranho Diário* (1996). Por isso, o texto a seguir é uma tradução realizada por mim do diário de 1966 que está no livro *The Unedited Diaries Of Carolina Maria de Jesus* (JESUS, 1999).

[Sem mês e data, 1966] Brasil. É um jovem de 1,88 m que se considera um homem maduro cujo coração é fraco. Esta pessoa se sente muito doente e desanimada porque usou o Cruzeiro para curar sua doença e este tratamento se mostrou ineficaz. Permaneceu anêmico.

Portanto, decidiu-se trazer um médico dos Estados Unidos. Este médico deu ao Brasil algumas injeções de dólares. Ele melhorou por um tempo, mas o tratamento não o curou. Como o Brasil queria ser rico e forte, ele foi ver um médico inglês que lhe deu algumas pílulas de Libras [£]. Este remédio não trouxe o resultado desejado e o Brasil estava quase perdendo as esperanças de recuperar as forças. Mas o Brasil não desistiu e consultou um médico alemão que lhe deu uns comprimidos feitos de Marcos. As esperanças do Brasil renovaram-se e ele se sentiu competitivo novamente. No entanto, depois de um tempo, suas esperanças começaram a desaparecer novamente. Por isso, o Brasil foi aconselhado a consultar um médico russo, mas recusou-se. Ele estava com medo de tomar o remédio Rublo que era semelhante a uma atadura que restringia seus movimentos. Como resultado, ele optou por permanecer fraco em vez de ser prejudicado por esse medicamento. Esse remédio não permitiria que o Brasil e seus pares brincassem durante os três dias de Carnaval e os faria trabalhar durante os três dias de festa dedicados ao Rei Momo.

De qualquer forma, o Brasil agora está considerando uma cirurgia de transplante de coração. Quer transformar seu coração militar em um coração civil. [Em caligrafia menor, mas em destaque] O Brasil passou por uma cirurgia de transplante antes mesmo do Barnard, quando ele mudou seu coração civil e colocou um coração militar em seu lugar. O Brasil está melhorando da doença da inflação e a anemia tropical já está curada. No entanto, ele ainda tem tuberculose, uma doença que adquiriu em seus velhos tempos de fome. . .

Há filhas mal-educadas e insolentes cujos pais tristes lamentam seu aniversário. Escrevi Quarto de Despejo, o livro que me fez conhecida. De acordo com outros, esse livro valia milhões. Porém, não trouxe para mim, autora, nenhuma independência financeira. A razão era que foi

contratado por editoras internacionais que me pagam centavos. Meus *royalties* eram irritantes e decepcionantes - *Royalties fatais* (JESUS, 1999, p. 184, tradução minha).